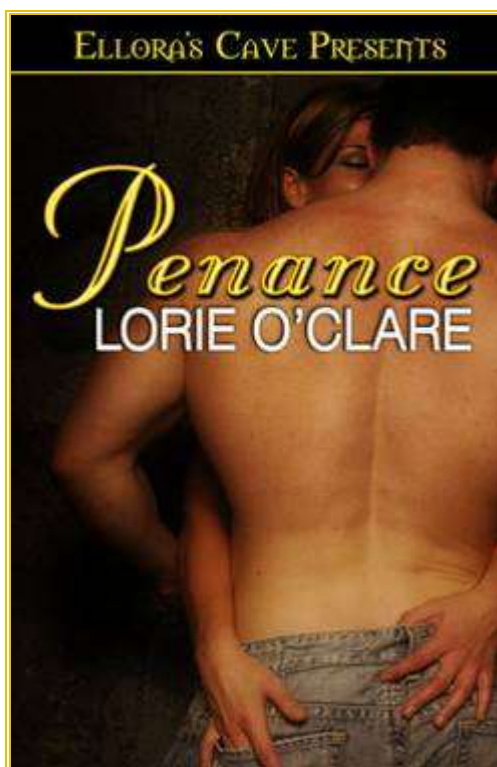


Tiamat-World apresenta:



Lorie O'Clare

Penitência

Os sonhos do Susie Winestone estão cheios de drogas e armas de terroristas, mas o autêntico pesadelo é seu ex-marido... um pesadelo que nunca parece poder escapar. Aterrorizada pelo que seu ex possa fazer, Susie fugiu de sua antiga vida. Agora, com uma nova identidade e um novo lar no mais profundo do Meio Oeste, tenta levar uma vida singela e tranquila. Não importaria se fosse uma em que Luke Rogue, o sexy carpinteiro da cidadezinha, estivesse comprometido. Mas seu passado volta para ela e começa de novo o pesadelo. Nem sequer o turbulento tempo da primavera mantém a raia o perigo que representa seu ex-marido. Luke descobre a verdade oculta no passado de terror de Susie e está decidido que seu ex a deixe em paz, sem importar o preço a pagar. Mas nada sai como esperava e em seguida Susie e Luke encontra-se presos em uma situação que ameaça destruir seus sonhos para sempre.

Disp em Esp: Elloras Digital

Envio do arquivo: Gisa

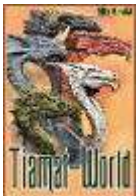
Revisão Inicial: Cris Reinbold

Revisão Final e Formatação: Greicy

Tiamat - World

Comentário da Revisora Cris Reinbold: Que homem é esse... Pode ser classificado como





categoria 5¹ de olhos fechados, é intenso em tudo que faz e sente. Perfeito.

Comentário da Revisora Greicy: O livro é maravilhoso. Recheado de amor, cenas hotíssimas e perseguição. Uma história bem construída, com personagens fortes e o protagonista... *Aff...* d+!

Capítulo 1

A cidade Lake Front Estates seguia tal qual recordava. Luke Rogue dirigiu pela estrada perfeitamente asfaltada que rodeava o lago Pearl. Quando eram pequenos, seus irmãos e ele levaram ali seus barcos e suas geladeiras portáteis para desfrutar da paisagem de biquínis minúsculos. Onde o lago Pearl estava rodeado das melhores casas da zona, mas também era um território de primeira, para caçar algum bonito traseiro de juvenzinha. Sendo assim, as únicas ferramentas que precisavam eram um vidro de bronzeador, e umas cervejas geladas.

Luke sacudiu a cabeça e franziu o cenho. Essa era outra vida. Uma vida de fantasia. Mas isso não levou a nada.

Reduziu a velocidade para cumprir o limite de quarenta quilômetros por hora, trocou de marcha e escutou com atenção o rugido de seu Bronco². Certamente ia necessitar uma transmissão nova antes que acabasse o ano. Começou a notar um suave batimento à altura da têmpora esquerda, mas o ignorou.

Preocupar-se por uns gastos que ainda não realizou era uma perda de tempo. Havia trabalhos para fazer que eram remunerados, e isso, era no que devia pensar agora.

Luke deu uma rápida olhada na sua prancheta que estava ao seu lado, sobre o assento do acompanhante e entrecerrou os olhos para poder ver o que estava em cada uma das caixas de correio que passou, enquanto conduzia em torno do lago. Se não estava enganado, a casa com o número vinte e um estava do outro lado.

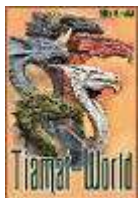
A decisão de voltar a viver na casa familiar em Windy Hills, Nebraska, não foi fácil. Foi como se estivesse retrocedendo no tempo. Mas depois da morte de seus pais, seus irmãos e ele herdaram a casa em que cresceram e as opções eram vendê-la ou habitá-la. Peggy já estava fora de sua vida. Ela aspirava a mais, ou isso havia dito.

—Fomos muito jovens quando nos conhecemos — foi sua explicação enquanto encolhia os ombros.

E assim acabou seu casamento, sem uma lágrima sequer. Preferiu as luzes da cidade, ir atrás de sua carreira de modelo e lidar com gente falsa e pretensiosa. Isso não era para ele, e não ficou

¹ Os tornados são classificados por categorias de intensidade. De categoria 1 como fracos a categoria 5 como devastadores.

² Ford Bronco foi inicialmente produzido como um concorrente do Jeep, é um carro de tração nas quatro rodas.



mais remédio que admiti-lo.

Mas seguia doendo. Poderiam tentar que seu casamento funcionasse. Mas isso não era o que Peggy queria. *Demônios*, deveria dar graças a Deus pelo tempo que passou com ela. Houve alguns anos bons, embora Peggy não quisesse admitir agora. Nem todo o homem podia dizer que experimentou uma felicidade tão autêntica como a que ele teve.

Ignorou a pontada de dor em seu coração enquanto subia pelo caminho de acesso ao número vinte e um. O caminho de entrada era exatamente igual à estrada pavimentada que rodeava o lago (uma exigência da comunidade de proprietários). Luke nunca entendeu por que as pessoas podiam desejar que todas as suas casas fossem iguais. Parecia ser a renúncia de sua liberdade. E isso não era para ele.

O caminho girava e subia. Luke pôs o Bronco em primeira e seguiu em direção da casa. A estrada bifurcava a ambos os lados de uma casa com o exterior de madeira ao estilo das cabanas tradicionais. Ele tomou uma das bifurcações, estacionou ali e pegou sua prancheta.

—Susan Whittaker, por favor? —perguntou quando uma mulher mais velha, abriu a porta.

A mulher olhou Luke de cima abaixo. Um pouco redonda, com o cabelo grisalho muito curto e a pele curtida e com algumas rugas, parecia mais uma habitante de algum dos ranchos rurais que rodeavam Windy Hills, e não de uma cidade como Lake Front Estates.

—O quê deseja? —perguntou.

—Contrataram-me para fazer um orçamento para um terraço de madeira. Meu nome é Luke Rogue. —Esperou pacientemente enquanto a observava durante um momento.

Voltou a ter a sensação de que essa mulher estava fora do lugar. A cidade Lake Front Estates representava a ideia que “cidade teve que viver no campo”, algo pensado para empresários no auge em Lincoln, Nebraska. A aparência dessa mulher e seus gestos tranquilos e mesurados encaixavam com as pessoas que ele cresceu.

—Susie não disse nada de construir um terraço. —A mulher fechou a porta no nariz.

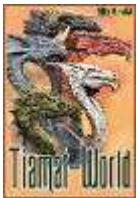
Luke deixou escapar um suspiro. Deu as costas à porta e ficou olhando o grande jardim que rodeava o caminho circular onde estava estacionado o Bronco. Era um dia quente, mas umas nuvens começaram a formar redemoinhos pelo oeste, o que podia significar que possivelmente chovesse. A primavera em Nebraska era mais imprevisível que uma mulher.

Susan Whittaker, uma mulher com voz juvenil e fala tranquila, ligou ontem para perguntar se podia ir a casa para dizer quanto custaria construir um terraço de madeira.

—E possivelmente também uma jacuzzi — acrescentou depois de um momento de vacilação.

Desde que havia tornado a abrir o negócio familiar com o fim de relançar o que para seu pai foi tão lucrativo, ele mesmo se ocupava de atender todas as chamadas. Sua mãe foi à recepcionista de seu pai quando Luke e seus irmãos eram pequenos. Formavam uma equipe incrível e isso deu a Luke esperança de que o amor verdadeiro existia e de que um homem e uma mulher podiam converter-se nos melhores amigos e viver feliz em uma vida juntos.

Não podia suportar pensar no que podia ter sido, em sua incapacidade para encontrar uma mulher que queria caminhar a seu lado para sempre. Tirou um cartão de visita do porta-luvas de



seu Bronco e voltou para deixá-la sujeita à porta principal. Possivelmente a próxima vez a tal Susan Whittaker recordasse avisar a seu pessoal de que tinha um encontro.

Estava tentando encaixar o cartão no canto da porta fechada quando alguém a abriu lentamente.

—É você o das Construções Rogue? —A voz tranquila correspondia com a mulher que chamou pelo telefone. A maioria das vezes as pessoas pronunciavam mal seu sobrenome; terminavam em ch. Entretanto, ficou impressionado quando essa mulher, que fugia do contato visual com ele, disse corretamente: com um som g seco ao final.

Luke estendeu seu cartão. A mulher, que teria possivelmente trinta no máximo, agarrou. Seus dedos eram simples, nada de comprimentos e com as unhas pintadas como esteve sempre Peggy.

—E você é Susan Whittaker? —perguntou ele observando enquanto examinava seu cartão brevemente e logo o olhava.

Uma ligeira brisa levantou e trouxe os aromas do lago e das flores da primavera.

—Sim, sou eu. —Ela conteve a respiração, como se odiasse ter que admitir sua identidade.

Ele conheceu todo tipo de gente nesse trabalho. Cresceu junto com seus irmãos vendo seu pai trabalhar e recordava como ele simplesmente sacudia a cabeça quando via diante dele alguma pessoa assim.

—Siga-me para que possa mostrar o que tenho em mente. —Ela saiu e fechou a porta ao sair.

Por um momento ela ficou parada junto a ele antes de ir pelo caminho circular. Levava o cabelo acobreado enroscado, formando uma espécie de coque. Ele perguntou até onde chegaria quando o levasse solto. Sempre gostou de cabelo comprido.

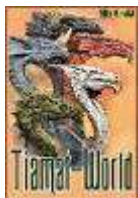
—Não tem que ser nada muito luxuoso — disse enquanto guiava para um lado da casa.

A senhora Whittaker usava umas calças de moletom e uma jaqueta que dissimulavam completamente sua figura. Luke encontrou tentando averiguar se era magra ou bem rechonchuda, como a mulher que abriu a porta. Quando chegaram à parte de trás, ela voltou e olhou com uns grandes olhos verdes que harmonizavam com a cor de seu cabelo. A mulher era bastante bonita, mas a verdade é que ocultava-se, como se tratasse de alguma classe de pecado.

Luke separou a vista rapidamente. *Merda*. Estava se comportando como seus irmãos; nem todas as mulheres precisavam ser examinadas e colocadas em uma escala que as classificava em graus de sexy e acessível. Depois de Peggy, não topou com nada parecido a uma mulher acessível. Centrou sua atenção no jardim e obrigou a fazer cálculos mentais para averiguar se seria possível construir ali um terraço de madeira.

—Quero algo singelo. —Susan caminhou para a porta traseira e olhou em direção aos jardins dos vizinhos, bastante ocultos por árvores e vegetação— A comunidade de proprietários não permite instalar cercas nos jardins traseiros. Assim pensei que poderia construir um terraço de madeira, possivelmente com um parreiral ou algo assim para que ninguém pudesse ver quando estiver fora, acredita que é possível?

Luke anotava em sua prancheta e não deixava de caminhar ao redor de Susan enquanto



tomava medidas e apontava suas especificações quanto à privacidade. Deu conta de que mais de uma vez ela olhava ao redor com nervosismo, como se preocupasse que alguém pudesse aproximar deles de surpresa.

—Acaba de mudar para esse lugar? —perguntou sem deixar de rabiscar medidas.

—Nos centremos na construção do terraço. —Sua voz ainda soava tranquila, mas havia ficado firme de repente— Pagarei. Não se preocupe.

—Só tentava ser amável — resmungou ele.

"Não incomode o cliente", disse a si mesmo e recordou que as mulheres são seres misteriosos o que é melhor deixar em paz. Mas necessitava o trabalho, se queria arrumar a casa da família e reativar o negócio de seu pai... Bom, o seu agora.

Por seu sotaque diria que era de algum lugar do Leste. As poucas vezes que foi com Peggy a Nova Iorque notou a mesma atitude direta e cortante dessa gente da cidade grande. Nada que ver com a fala tranquila e repousada do Meio Oeste que cresceu ouvindo.

Susan aproximou da casa, cruzou os braços e apoiou na porta traseira olhando o chão. Apertava contra o mosquiteiro³ como se não pudesse esperar para voltar para dentro.

Ele olhava de vez em quando enquanto dava pressa em acabar o desenho. Definitivamente estava boa, mas parecia que estava fazendo todo o possível para que o mundo não se dessa conta, levava roupa larga que escondia sua figura, seu rosto sem maquiagem, embora seguisse sendo muito bonita sem e recolhia o cabelo suspenso atrás da cabeça. Não ocorria uma maneira melhor de esconder a beleza natural de uma mulher.

Seus pescoço era esbelto, maçãs do rosto altas e lábios carnudos, quase proeminentes. Umas pestanas largas batiam asas sobre seus olhos verdes e apostaria que a acobreada era a cor natural de seu cabelo.

Sim, Susan Whittaker poderia ser tremendamente sexy se esforçasse um pouco.

Mas havia algo mais nela, um escuro segredo que ela lutava por ocultar. A maneira em que refugiou perto da porta traseira, como se quisesse fundir com a casa, o fato de que não deixasse de olhar ao redor assustada de que alguém pudesse vê-la... Talvez fosse uma estrela de cinema incógnita.

Se esse era o caso, não tinha nada que temer dele. Podia perguntar a Peggy e ela seria a primeira em anunciar aos quatro ventos que Luke não tinha nem ideia de quem eram as pessoas famosas. E ele seria o primeiro em admitir que importassem um nada os ricos e famosos. As pessoas não eram mais que pessoas.

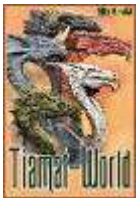
—Preciso saber os preços exatos do material — disse quando acabaram os cálculos— O que parece se a chamo mais tarde e dou o preço final?

—Quero que construa a terraço. Quando poderia começar? —A pergunta direta o pegou de surpresa.

Luke inclinou a cabeça. Susan Whittaker era uma mulher rara.

—Bom, tenho que comprar os materiais e encomendar a madeira. Esta bem na segunda-

³ Porta com uma espécie de tela que antecede a porta da residência. Protegendo de mosquitos e outros insetos.



feira?

—Na segunda-feira está bem — disse, voltou e desapareceu no interior da casa, fechando a porta atrás de si sem sequer se despedir.

—Que interessante — disse entre dentes. Ficou olhando a porta fechada durante um momento e finalmente voltou para seu Bronco.

Por alguma razão sentia a necessidade de saber mais de Susan Whittaker. Gostava dos mistérios e esta mulher parecia personificar um bastante estranho.

Capítulo 2

Susie Winestone se apoiou contra a porta traseira com o coração pulsando ainda a cem por hora. Estendeu a mão e viu como tremiam os dedos.

Não havia maneira de livrar de tudo isso!

—Pode fazer — disse sua tia com firmeza. Estava de pé junto a pia e secava as mãos com um pano.

Susie conteve o fôlego.

—Não posso evitar tia Lisa. Tenho medo de que alguém me reconheça. Duvidei quando ele me chamou Susan Whittaker. Se Rick me encontrar...

—Nem mencione! —Tia Lisa se aproximou rapidamente a seu lado, rodeou-a com um braço e a separou da porta traseira. — Seu pai esteve de acordo em que mudar a uma cidade pequena do Meio Oeste e começar de novo seria o melhor para você. Seu pai se enganou alguma vez?

—Não. —Susie odiava o olhar que viu nos olhos de seu pai quando finalmente confessou as atrocidades que viveram. E isso que não contou os terríveis pesadelos que sofreu durante seu casamento.

—Não vai voltar com ele. —Alfred Winestone usou esse tom que não admitia réplica. Sua expressão era dura, mas ocultava dor.

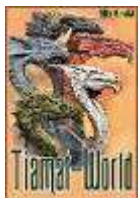
Susie sua menina, sua única filha e herdeira não podia suportar ter decepcionado seu pai. Sua escolha por um marido foi simples e sinceramente um desastre. Richard Angsthworth III parecia reunir todas as qualidades que seu pai apreciava; era o candidato a genro perfeito. E Susie jogou pelo muro sua carreira empresarial e decidiu ignorar a todos os rapazes agradáveis que tentaram sair com ela, para sair com o bonito e elegante Rick que a levou para jantares, festas e a todos os lugares adequados, um após o outro.

Estremeceu ao pensar em seu marido e a tia Lisa a estreitou contra si.

—Está segura aqui. Confia em seu pai. —tia Lisa soava convencida e Susie desejou poder compartilhar essa segurança.



À manhã seguinte Susie estirou sob o grande edredom da cama de casal. Olhou a seu redor, ao descomunal dormitório principal da casa e deu conta de que não havia sentido tão só em sua



vida. Estava muito longe de casa, da única vida que conheceu. Seu pai pensou que se sua tia a acompanhava em sua fuga, ela se sentiria mais agasalhada. Tia Lisa era uma mulher maravilhosa, mas Susie não podia desfazer do nó na sua garganta. Os olhos encheram de lágrimas enquanto pensava na única vida que conheceu e na forma em que estragou tudo.

E o vazio que estava em seu interior não desapareceu nem depois de tomar banho e comer madalenas que tia Lisa fazia para o café da manhã.

—Tenho que fazer algo. Se ficar mais outro dia dentro desta casa, vou ficar louca. —Olhou a sua tia que estava na mesa da cozinha, concentrada no jornal e tomando um café.

—Não vejo nenhum mal em que vá a Windy Hills. —Sua tia não levantou a vista.

—O que é Windy Hills?

—Se pergunta algo como isso, alguém começará a suspeitar, não duvide. —Sua tia franziu o cenho e olhou a sua sobrinha enquanto tomava um gole de café. Seus claros olhos azuis brilharam divertidos. — Windy Hills é a cidade mais próxima. Com isso pude saber, trata de uma pequena comunidade de granjeiros, mas suponho que terão alguma loja. Alguém que tenha comprado uma casa aqui deve conhecer a cidade mais próxima... Não quererá que ninguém se dê conta de que nem sequer visitou a propriedade antes de comprá-la, não é?

—E se alguém me reconhece? —Quando era mais jovem, sua foto apareceu em mais de uma coluna social. E mais recentemente também foi a atos e jantares beneficentes com seu pai e seu marido. À imprensa parecia encantada com sua foto junto a suas colunas, embora os artigos fossem tão aborrecidos que não acreditava que alguém perdesse tempo em lê-los.

—Ninguém vai reconhecê-la aqui, tão longe de casa e em uma comunidade tão pequena. — Sua tia queria tranquilizá-la.— Parecerá mais normal que saia, abra uma conta bancária e faça algumas compra.

Não era a primeira vez no mês que vivia ali, que tia Lisa sugeria que saísse. Mas só dar o passo de chamar alguém para que fosse ali e tentar converter essa casa em algo que pudesse chamar de lar, já colocou os nervos a flor da pele.

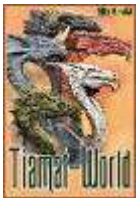
Se Rick a encontrava, mataria.

Susie ficou de pé rapidamente e atirou sua madalena meio comida no triturador de lixo. Precisava fazer algo, o que fosse, ou ficaria louca de tanto pensar no medo que sentia.

—Certo. Vamos ver essa cidade. —Não pôde evitar sorrir ao ver sua tia dobrar o jornal quase imediatamente. Parecia totalmente emocionada.

Manteve trancada nessa grande casa muito tempo. Tia Lisa sempre foi muito ativa. Quando Susie, sendo adolescente, perdeu sua mãe por causa de um ataque cardíaco, estava acostumada a passar muitos fins de semana e verões no rancho de sua tia e ela conseguia esgotá-la. Sempre estava fazendo algo, rindo e alegre acontecesse o que acontecesse. Nesse momento, seu entusiasmo era contagioso e chegou a doer os músculos das bochechas de Susie, de tanto sorrir. Vá... Passou muito tempo da última vez que relaxou e tentou desfrutar da vida. Sorrir não deveria doer... *que triste*.

O pequeno carro compacto que seu pai aconselhou comprar ia bem pela estrada de mão dupla que levava a Windy Hills. Se as coisas fossem diferentes, Susie teria dirigido a Lincoln sem



pensar. Tudo o que ela conhecia até o momento eram grandes cidades.

Mas agora estava começando uma nova vida e não ia estragar tudo esta vez.

No centro de Windy Hills havia algumas lojas com boa aparência. O ânimo de Susie melhorou rapidamente e de fato conseguiu animar a ir às lojas.

—Ficam preciosas. —Tia Lisa admirou a saia e a blusa que Susie acabava de provar em uma pequena loja de roupas que cheiravam a cedro— por que não leva isso vestida e vamos comer algo por aí?

—Vi um pequeno café no final da rua — disse Susie uns minutos depois quando conseguiram colocar todas as bolsas no assento traseiro do pequeno carro.

Tia Lisa sorriu.

—Parece que reviveste desde que pusemos o pé na cidade — disse sua tia carinhosamente. — Inclusive tem as bochechas rosadas, querida.

—Talvez deversem ter feito isto antes. —Olhou um e outro lado da rua e deu conta de como era tranquilo tudo por ali comparado com a agitação da cidade que estava acostumada.

Mas, mesmo assim, gostava daquilo. Era como se tivesse toda a cidade para ela. Enquanto foram passeando até o café, perguntou como seria a vida em um lugar pequeno como esse. Não via nem uma alma.

Seus agradáveis pensamentos desapareceram de uma vez como a brisa quente, assim que entraram no café climatizado. A primeira pessoa que viu foi Luke Rogue, o construtor que esteve em sua casa no dia anterior.

Susie não deu conta de que ficou parada olhando até que tia Lisa agarrou o braço. Alto e de constituição forte, era o homem mais sexy que viu em sua vida.

Susie piscou. A boca secou de repente. No dia anterior entreteve olhando como agachava e estirava para medir a parte do jardim onde ia instalar o novo terraço. Jogou outro olhar rápido e furtivo enquanto seguia sua tia a uma mesa vazia. Luke Rogue destacava bastante entre outros clientes do café.

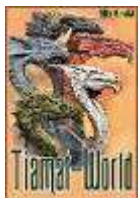
Seu cabelo era castanho revoltado pelo ar e o rosto bronzeado. Fixou imediatamente em seus olhos brilhantes e azuis e em uns dentes muito brancos que descobriu ao rir de algo que havia dito o outro homem que estava com ele na mesa. E essa risada... tão segura e tão cheia de vida, como se fosse o dono de tudo o que havia ali.

—Parece bem esta mesa? —perguntou sua tia, arrancando de seus pensamentos.

—Ummmm... Sim, claro. —O local não era muito grande. Se sentassem onde sentassem, podia seguir vendo Luke e babando.

Mas essa era exatamente a forma de pensar que podia criar problemas. A última coisa que podia permitir nesse momento era sentir-se atraída por um aldeão. Esse mundo não era para ela. Não havia nenhuma possibilidade de que ela desfrutasse da relaxada existência desse pequeno lugar, nem de que chegasse a ser uma habitante desse lugar.

De repente perdeu o apetite. Não era justo. Olhou a seu redor, às pessoas sentadas nas mesas do café desfrutando de sua comida. Todos pareciam felizes e satisfeitos. O que seria necessário para ter uma vida como esta?



—Olá, tudo bem? —Uma mulher mais ou menos da idade de tia Lisa passou uns menus plastificados e pôs um copo de água com gelo diante de cada uma delas— O prato do dia é pedaço de frango frito. Vocês estão de passagem?

Susie estudou a mulher de aparência maternal. Não era muito alta e tinha o corpo robusto; parecia a típica mulher de fazendeiro americano. Pela cabeça de Susie passavam imagens estereotípicas das pessoas. E não foi por julgar Rick por sua boa aparência o que a meteu nessa confusão?

—Estivemos fazendo algumas compras — disse Susie sem responder diretamente à pergunta. Depois se concentrou no cardápio.

—Tenho muita fome. O pedaço de frango frito me parece perfeito. —tia Lisa deixou o cardápio na mesa e sorriu à garçonete— E para beber, me traga um chá gelado.

—Tia Lisa — sussurrou Susie— pensa nos carboidratos. E a gordura...

—OH, você é uma dessas, já vejo — disse a garçonete entre risadas. Agarrou o cardápio de Susie e deu a volta para assinalar uma pequena seção no dorso— Temos alguns pratos baixos em gordura. Embora eu pessoalmente dissesse que você não tem por que preocupar-se por isso.

Tia Lisa emitiu um som depreciativo.

—É sua geração. Matam de fome quando onde o único seria sair e fazer um pouco de exercício de vez em quando.

—Estou completamente de acordo. —A garçonete pegou o cardápio de tia Lisa e o apertou contra o peito enquanto esperava que Susie decidisse— De onde são vocês? Parece como se viessem de Nova Iorque ou algum lugar por aí.

Susie engasgou e esteve a ponto de afogar. De repente o coração começou a bater tão rápido que quase não podia respirar e começaram a suar as mãos. O medo a envolveu como uma manta úmida e áspera. Era a primeira vez que saía de casa e só queria passar uma tarde tranquila fazendo algo divertido e em um segundo a garçonete já descobriu de onde vinha exatamente.

Tia Lisa aproximou o copo de água com gelo que Susie tinha diante.

—Somos dali — disse sorrindo.

A Susie só deu tempo de tomar um gole de água antes de voltar a engasgar. Olhou sua tia, assombrada de que acabasse de revelar de onde vinham.

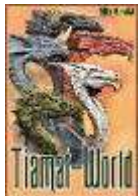
—Nunca estive ali. O que traz para Nebraska?

—Acabamos de mudar aqui. —Tia Lisa olhou a Susie.

—OH. —Conseguiu recuperar parte da compostura e recordou que tinha que pedir algo— Eu comerei uma salada da casa e nada mais para beber. Basta a água.

Tia Lisa não disse nada e pareceu entreter-se olhando pela janela uma vez que a garçonete foi. Sua conversa com ela foi bastante normal. Susie teria sido menos sociável, mas isso certamente tivesse levantado mais suspeitas.

Suspirou o que atraiu a atenção de sua tia. Susie não olhou a ela, mas sim dedicou a observar o acolhedor café. Toalhas de quadros vermelhos e brancos cobriam cada uma das mesas quadradas. Umas grandes samambaias em vasos de barro cobriam as paredes e cresciam em ambos os lados das enormes janelas dianteiras. Cruzando o café de um lado a outro destacava um



comprido balcão com vários tamboretos giratórios diante e, na parede que havia atrás dele, um enorme cardápio anunciava quase tudo o imaginável.

—Uma conversação singela com as pessoas chamar a menos a atenção — apontou sua tia.

Susie assentiu, passando agora a observar às pessoas das mesas. Já não havia muita gente e o homem que foi a casa para tratar sobre o terraço, Luke Rogue, já não estava ali. Perguntou onde teria ido.

—Tem razão. —Tomou um gole de  gua. O coração seguia pulsando muito depressa— Mas acredito que levará algum tempo para acostumar a ser outra pessoa.

Susie não deu conta da fome que tinha até que a garçonete p s a comida em sua frente. Quando terminou sua salada, que era enorme, se acomodou no assento e começou a morder uma parte de pão torrado com satisfação; seu ex a teria golpeado ao voltar para casa por comer algo tão pecaminoso como isso. E muito pior, como ela acreditava, era manteiga de verdade o que passou sobre a torrada.

—Precisamos combinar sobre o que vamos responder às perguntas t picas para não nos contradizer — disse em voz baixa, embora não havia ninguém sentado o suficientemente perto para poder ouvi-la.

—  boa ideia. —Sua tia lambuzou o pão no suco da carne e fechou os olhos ao colocá-lo na boca— Esta comida está estupenda.

Uma risada masculina atraiu sua atenção e viu Luke Rogue e a outro homem atravessar uma porta que dava para cozinha. O outro homem deu a Luke uma palmada nas costas enquanto falava com ele. Luke olhou em sua direção e a atravessou com seus grandes olhos azuis que brilharam assim que a viu. Despediu-se do homem e dirigiu para elas sem deixar de olhá-la fixamente. Os compridos e fortes músculos marcavam sob o tecido dos jeans enquanto se aproximava.

De novo o coração de Susie começou a pulsar muito rápido.

Quando chegou a sua mesa, Luke deteve e agarrou o respaldo de uma cadeira que havia entre elas. Teve que conter o fôlego ao pensar que sua intenção era tirar a cadeira e sentar com elas. Ficou olhando seus largos dedos e notou que algo em seu interior despertava ao ter tão perto.

—Justo estávamos falando de você. —Sua profunda voz de barítono fez que um calafrio percorresse as costas.

Mas não são era sua voz: suas palavras provocaram algo mais que calafrios. Com quem estava falando dela? E o que era o que havia dito?

—Ah, sim? —obrigou a levantar a vista, passando diante de todo seu fabuloso corpo, tão perfeitamente esculpido e sem um grama de gordura.

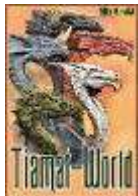
—Sim. Não está acostumado a ter pessoas novas por aqui. —Sorriu e seus olhos azuis lançaram um brilho.

A boca de Susie secou.

A garçonete se aproximou deles e p s a conta sobre a mesa.

—Luke, conhece estas senhoras?

—Tudo bem, Betty? —Tinha um sorriso encantador— As conheci esta manhã. Vou construir



para Susie, aqui presente, um novo terraço de madeira.

—Pois contratou ao melhor para esse trabalho — disse a Susie enquanto recolhia os pratos e os empilhava sobre o braço da mesma forma que o havia feito virtualmente toda sua vida—Onde disseram que vivem agora?

—Em uma das casas do lago Pearl — respondeu Luke antes que Susie pudesse dizer alguma coisa.

A garçonete olhou a ambas as mulheres de uma maneira estranha e seu sorriso apagou, embora não de tudo.

—OH, pois quero agradecer que tenham parado em nosso pequeno café. Não estamos acostumados a ver gente da cidade grande por aqui.

Luke ficou ali de pé até que Betty terminou de limpar a mesa.

—Não façam caso — disse Luke de uma vez que girava a cadeira, sentava com o respaldo para frente e o rodeava com os braços. Os músculos duros estiraram sob a pele bronzeada e coberta por um sutil pelo escuro. *Deus*. Luke era terrivelmente sexy— Os que vivem no lago Pearl não tem muito trato com os habitantes de Windy Hills. A maioria das pessoas dali gasta seu dinheiro em Lincoln.

Falava tão aberta e cordialmente como se os três fossem amigos de toda vida. Susie sentiu que formava um nó no estômago, como se a enorme salada que se acabava de comer não estivesse sentando tão bem como pareceu fazer um momento.

—Nós não somos pessoas da grande cidade. —Susie se surpreendeu ouvindo dizer isso.

O coração golpeava tão forte no peito que estava segura de que ele podia ouvir de onde estava. Agarrou a conta e olhou a sua tia.

—Devemos ir. —Não queria soar mal educada, mas sua tia dedicou um olhar divertido e Luke jogou atrás sua cadeira.

—É obvio. Não queria incomodar. Só comentei ao velho Beaux que ia construir um terraço. É o marido de Betty. São os proprietários do estabelecimento.

Susie assentiu com a cabeça e ficou em pé. As pernas quase não a sustentavam. *Merda*. Tinha que controlar-se ou passaria o resto de sua vida escondendo-se das pessoas.

Foram à caixa onde esperava Betty, que sorriu enquanto cobrava a comida.

— Deixem-me dizer que algo construído por um Rogue será o melhor do melhor.

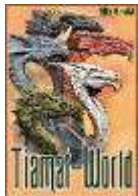
—Alegro-me em saber. —Susie tinha os dedos suarentos, o que a obrigou a manipular torpemente para abrir a carteira.

Elas acertaram para pagar a conta e deixar o pequeno café sem que Susie ficasse completamente em ridículo. O que mais chateava é que não sabia se sua confusão vinha pelo medo a que alguém a reconhecesse ou por que se excitou observando Luke.

—Não estou segura —murmurou sua tia rompendo o silêncio— mas acredito que gosta de Luke Rouge.

—Tia Lisa! Estou casada. —Susie voltou para o carro e nesse momento se deu conta de que Luke estava justo atrás delas.

Ele deteve em seco e seu sorriso desapareceu enquanto ficava olhando-a fixamente.



Capítulo 3

Luke deveria saber. Recuperou rapidamente, pigarreou e sorriu a Susie e a sua tia.

—Aproveitando que está aqui, eu gostaria que me confirmasse o dia que quer que comece a trabalhar em seu terraço. —Sabia que já haviam dito que começaria na segunda-feira e que isso não era o que ia dizer, mas foi o melhor que ocorreu no momento.

Merda, por que não ocorreu que ela podia estar casada? Estava tão boa... E esse ar tranquilo e sedutor sugeria sofisticação e uma boa educação. Susie tinha tudo o que atraía em uma mulher. E algum dia teria que aprender que as mulheres como essa não eram para ele. Ele era um menino de uma pequena cidade de Nebraska e as mulheres como sua ex e como Susie nunca veria nele nada mais que isso.

—Quando você possa, não há problema. —Susie soou quase tímida.

Ela não olhou diretamente, mas sim fixou a vista em suas botas. Havia algo nela que não sabia muito bem o que era. Susie dava a impressão de ser tímida, mas havia algo mais que isso, algo além de que estava casada. E onde estava o marido?

Estava-se escondido em algum lugar da casa e era ela que se ocupava de contratar o pessoal e organizar as melhorias da casa, possivelmente se tratasse de um inválido ou algo assim. Pode ser que fosse muito antiquado, mas no lugar de onde ele vinha, um homem deve ocupar-se da casa e de convertê-la em um lugar feliz para sua família, a menos que não possa fazê-lo.

De todas as formas, Susie Whittaker não usava aliança. E ele precisava saber.

—Não pude evitar ouvir que está casada — soltou.

Ela levantou a vista rapidamente para olhá-lo, algum sentimento intenso cruzou aqueles preciosos olhos verdes. Sua tia voltou para observar. Obviamente queria que sua sobrinha respondesse por si mesma. Susie mordeu o lábio e fixou a vista de novo nas botas dele.

—Sim, estou. —voltou para o carro, abriu a porta, entrou e fechou atrás dela.

—Desculpem se me coloquei onde não me chamam. —Mostrou seu melhor sorriso à mulher mais velha.

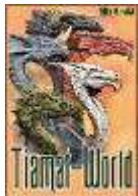
Ela cruzou para o outro lado do carro. Luke viu que tinha matrícula de Nebraska e perguntou por que não tinha matrícula de outro estado se acabavam de mudar? Betty, a do café, informou (a ele e a qualquer que queria escutá-la) de que a bonita moça era de Nova Iorque.

—As coisas não foram fáceis para Susie ultimamente. Não se preocupe não se colocou aonde não o chamavam. Veremo-nos em casa quando puder começar com a construção. —A mulher mais velha piscou os olhos e entrou no carro.

Ele observou enquanto se afastavam.

Interessante. Um carro novo. Uma casa nova. Algo passava com Susie Whittaker e ele tinha a firme intenção de descobrir o que era.





O primeiro dia da construção do terraço de madeira Luke não viu Susie. Contratou um dos meninos dos Wilson para que ajudasse e o desengonçado moço demonstrou ser um aprendiz bem disposto e um bom trabalhador.

A segunda manhã, quando parou para fazer um descanso, deu conta de que com a enérgica ajuda do menino ia poder acabar a terraço muito antes do que ele pensou. Então olhou ao céu e observou que umas escuras nuvens se foram apinhando pelo oeste.

—Acredita que vai chover? —Jimmy Wilson passou os dedos por seus largos cachos.

—É difícil de dizer. Segundo o homem do tempo, há risco de tempestades elétricas. Nós iremos com calma e se virmos que a coisa fica feia, deixamos por hoje.

Jimmy nasceu na zona, como Luke. Os céus escuros e ameaçadores eram parte da primavera. As notícias anunciavam risco ou alerta de tempestades quase cada dia até que chegava o verão. Nada pelo que alarmar-se. Os dois voltaram para trabalho.

Duas horas mais tarde, Susie saiu da casa. O frio do ar condicionado a acompanhou enquanto cruzava os braços e olhava nervosamente ao céu.

—Acabam de dar um boletim meteorológico atualizado na televisão. —Soava nervosa e abraçava a si mesmo.

Luke caiu na conta de que os nova-iorquinos provavelmente não estavam acostumados a esse clima.

—Vem um tornado? —perguntou. Os bonitos olhos verdes se fizeram ainda maiores e ele imediatamente sentiu mal por seu comentário sarcástico.

—Dizem que as condições são propícias para a formação de um tornado. Também dizem que estamos em alerta por tornados. —Olhou ao céu nervosamente outra vez— Possivelmente deveriam deixar por hoje.

A densa umidade que notava era tudo o que Luke necessitava para saber que algo estava gerando. O que dissesse um homem do tempo na televisão não importava muito.

Sorriu e tentou soar tranquilizador.

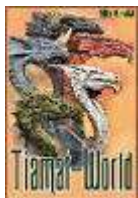
—Este tempo é normal por aqui. Acredito que podemos continuar outra hora mais antes que nos alcance a tempestade. —Soltou o martelo e ajustou o cinturão das ferramentas em torno de sua cintura.

Depois, antes de dar conta do que estava fazendo, aproximou-se dela. Isso: o melhor para cativar a uma mulher é o aroma de suor.

Está casada, grande homem. E não nos dedicamos a seduzir a mulheres casadas.

—Os tornados são algo normal por aqui? —Seu tom elevou um pouco e passou a língua pelos lábios— Pensava que era em Kansas onde tinha tornados.

Ficou com a mente parada quando viu passar a língua pelos lábios dessa maneira. Foi somente um leve movimento, mas tão sexy... Não era seu estilo fixar-se dessa forma em uma mulher casada. Antes de casar e inclusive agora depois de seu divórcio, as mulheres casadas estavam fora de toda questão porque tinha todo o respeito do mundo à instituição do casamento. Por que então não podia fazer que seu corpo também aceitasse o simples fato de que Susie Whittaker não estava disponível?



—Nós sofremos muitos mais tornados que Kansas. —Jimmy Wilson soava orgulhoso disso.

—OH. —Ela mordeu o lábio inferior sem apartar o olhar Luke. Parecia tão terrivelmente vulnerável— Vai haver um tornado?

—Eu não me preocuparia com isso. —Não ia dizer que não havia muito que pudesse fazer para preparar para um— É provável que tenhamos uma tempestade. Tudo o que supere a isso... Bom, não há razão para assustar por algo que não se pode controlar.

Surpreendeu ver que ela erguia e deixava cair às mãos aos lados. Seu peito elevou fazendo que o tecido de seu vestido de algodão estirasse por cima de seus redondos seios.

Hoje não levava roupa larga. E a pequena vista proporcionava...

—Não tenho medo, Luke Rogue. —Apertou os lábios até que formaram uma fina linha e o olhou entrecerrando os olhos— Se não preocupar o tempo, continuem trabalhando. Perdão interrompê-los.

E deu a volta, seu cabelo acobreado caindo sobre os ombros e balançando por suas costas enquanto entrava na casa. Afligiu a fortíssima necessidade de dar um golpezinho nas costas e seguir brincando um pouco mais com ela. Fechou a mão até formar um punho. Estava de saco cheio porque parecia incapaz de aceitar que ela não estava disponível.

Com um humor tão escuro como o céu, deu a volta e agarrou seu martelo. A senhorita Sabichão tinha muito gênio; viu o fogo em seus olhos. A mulher que mostrou tão tímida quando perguntou por seu matrimônio se transformou. Mas não importava qual fosse à faceta de seu caráter mostrasse: cada vez a encontrava mais atraente.

Algo ia mal com ele. Golpeou os pregos fortes o bastante, mais que o necessário, tentando descarregar sua energia no trabalho. Conheceu algumas mulheres casadas e atraentes antes, mas nunca reagiu diante delas como fazia diante de Susie.

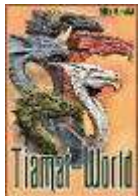
Depois de trabalhar com os nervos ao extremo durante quase uma hora, um forte trovão não ajudou precisamente a temperá-lo. Nunca babou por mulheres casadas. Assaltavam continuamente imagens e sensações: como estaria com o cabelo caindo pelas costas nuas, que sensação produziria seus peitos ao senti-los em suas mãos... Olhou ao céu com o cenho franzido e soube que o melhor seria recolher e sair dali antes que começasse a chover. Assim provavelmente teria que bater na porta e informar a Susie de que terminariam amanhã. E essa não parecia má ideia; talvez chegasse o momento de conhecer o senhor Whittaker.

—Acredito que deveríamos deixar por hoje — disse ao rapaz.

—Isso é justo o que estava pensando. —Jimmy já começou a recolher as ferramentas— Carregarei o caminhão.

Um raio sulcou o céu e a umidade de repente descendeu. A tranquilidade rodeava e nem sequer os pássaros emitiam som algum, o que era um sinal muito claro de que algo estava a ponto de acontecer.

Luke tomou um momento para observar o céu. As nuvens se foram juntando lentamente por cima de suas cabeças: um potencial tornado começava a crescer. Nunca se cansava de admirar a beleza de uma boa tempestade, não importava quantas tivesse suportado em sua vida (e viu um bom número de tornados). Era a natureza em sua forma mais pura: indômita e selvagem, justo



como ele acreditava que devia ser uma mulher de verdade.

Sacudiu a cabeça e olhou ao chão. Não pôde evitar sorrir. Era óbvio que as mulheres sofisticadas e refinadas eram mais do que podia dirigir, assim certamente não necessitava uma tão selvagem como uma forte tempestade.

Uma grossa gota de chuva caiu na cabeça e mesclou quase imediatamente com o suor que o cobria. Menos de um minuto depois dessa primeira gota, já estava chovendo.

—É melhor que avise de que voltaremos amanhã para terminá-lo. —Luke voltou para Jimmy, que simplesmente fez um gesto de conformidade enquanto corria para a caminhonete.

Luke encaminhou para porta traseira e chamou com os nódulos. Ninguém respondeu. Chamou de novo, esta vez um pouco mais forte. Chovia muito já, e a água fazia que a camisa pegasse no corpo. Ao não obter resposta tampouco agora, Luke provou o trinco para descobrir que não estava fechada com chave.

Pareceu bastante raro tendo em conta quanto valorizava Susie Whittaker sua intimidade.

O som da forte chuva que caía fora se apagou assim que fechou a porta atrás de si ao entrar. A casa estava bem construída. Jogou uma olhada à cozinha: tudo estava em seu lugar e as bancadas virtualmente vazias. Se não estivesse seguro de que não era assim, teria jurado que ninguém usava nunca esse local. As pias resplandeciam e o chão parecia tão limpo que poderia comer nele, à exceção do atoleiro que ia crescendo ao redor de seus pés enquanto ele estava ali parado.

Merda.

Então ouviu uma conversa que vinha da outra sala. Era Susie que falava e soava preocupada. Isso estava mau; tinha que chamar sua atenção sobre sua presença ou partir.

—Tia Lisa, se me encontrar, me matara. Você também estará em perigo. —As palavras de Susie o deixaram parado no lugar.

—Isso não vai acontecer. Não ouviu o que disse seu pai? —Tia Lisa falava muito baixo e resultava difícil ouvi-la.

—Sei. Ele acredita que papai está gastando todo seu dinheiro na investigação. Mas papai deveria ter em conta que ele não é de confiança. —A voz de Susie tremia enquanto falava.

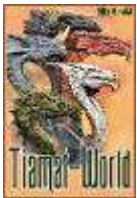
—Acredite-me, todos sabemos que não é de confiança. Mas seu pai está trabalhando também com a polícia.

—Eles não devem vir aqui. É o que não entendem? —Susie subiu o tom. O que estava contando gelou o sangue nas veias de Luke. — Se a polícia vier aqui e começa a fazer perguntas, isso atrairá a atenção sobre mim. Juro, tia Lisa, que há dias nos que o único que quero é desaparecer outra vez. Não se ofenda, mas possivelmente se ninguém soubesse onde estou, poderia sentir segura ao fim.

Luke já ouviu suficiente. Lutou com o impulso de entrar na sala e pedir respostas. Respostas a perguntas que não eram absolutamente de sua incumbência.

Olhou ao atoleiro que se formou ao redor de seus pés. Era impossível que fosse sem que ninguém soubesse que esteve na casa. E não via nenhum pano na enorme cozinha.

Retumbou um trovão e em seguida seguiu um raio. Esse caiu perto.



Susie chiou na outra habitação e logo riu nervosa.

—Bom pelo menos não tenho que me preocupar que a polícia apareça na porta hoje. Ninguém vai vir aqui com este tempo.

A televisão passou a dar outro preocupado boletim do tempo que anunciava que divisaram tornados na fronteira do estado. Isso estava ao sul dali e provavelmente não se moveriam nessa direção porque o clima não estava acostumado a comportar assim habitualmente.

—Possivelmente deveríamos comprovar as pilhas de todas as lanternas — sugeriu Tia Lisa.

—Nem sequer esta tempestade faz que deixe de pensar em Rick. Posso ouvir sua risada, burlando do tempo como se estivesse desafiando a enfrentar a ele. —O tom de Susie mudou completamente.

Soava triste, como se algo ou alguém a atormentasse. Era esse Rick, seu marido?

—Susie, ninguém está sugerindo que você soubesse no que ia se converter. Recorda que todos nós o conhecemos antes que casassem. Já sabe que seu pai teria cancelado as bodas se tivesse tido algum indício de que Rick se voltaria um monstro.

—Isso que disse é um insulto para os monstros. —A risada de Susie pareceu de tudo menos alegre— E o fato de que saibamos do que é capaz, não faz menos perigoso. Se a polícia vier a me fazer perguntas, ele se inteirará e utilizará aos mesmos agentes para me encontrar.

—Isso não vai acontecer — asseguro tia Lisa.

—Com Rick, tudo é possível.

—Seu pai não teria levantado as Empresas Winestone se não fosse um homem ardiloso. Confia nele. Assegurará de que permaneçamos a salvo. —A voz de tia Lisa foi apagando à medida que movia para outra sala. Pelo som de seus passos, as duas mulheres deviam caminhar por um corredor que entrava na casa.

Luke ouviu suficiente. Com atoleiro ou sem ele, chegou o momento de ir. Girou, abriu a porta silenciosamente e saiu da casa. Esta vez assegurou de que a porta ficava fechada com chave ao sair.

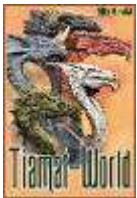


Mais tarde, Luke reclinou na cadeira de seu escritório e ficou olhando fixamente a tela do computador. Mas não estava ocupando-se de seu correio eletrônico. A conversação que ouviu por acaso entre Susie e sua tia o preocupou.

Já tinha algumas respostas. Mas também, centenas de perguntas. Susie fugiu. Aparentemente um marido molestatador foi à causa que acabasse perdida no Meio Oeste. Ela ainda estava morta de medo, aterrorizada por um monstro chamado Rick.

Nada disso era assunto dele. Ele não deveria ter entrado em sua casa e muito menos ter ficado ali escutando.

Mas se realmente o perigo era tão grande, certo é que qualquer um poderia entrar naquela casa. Construíram-na tão bem que não rangia nenhuma só tábuas do chão. Se voltasse a esquecer de fechar a porta, poderia entrar alguém que não fosse simplesmente dizer que voltaria o dia



seguinte para acabar o terraço.

Incorporou-se na cadeira e decidiu bisbilhotar um pouco mais. Não escrevia nada bem com um teclado (tinha os dedos muito grandes), mas conseguiu teclar Empresas Winestone. Surpreendentemente só apareceram umas poucas páginas. Deslocou para baixo cravando em cada enlace e examinando as páginas que apareciam na tela.

Alfred Winestone, empresário, possuía muitos negócios prósperos. Em uma página que encontrou informação pessoal. Abriu uma página de sociedade e Luke encontrou olhando a Susan Winestone, a preciosa filha de Alfred Winestone.

Susie Whittaker era realmente Susie Winestone.

Isso atraiu sua atenção e fez que Luke entrasse em algumas páginas mais. Finalmente localizou um artigo nas páginas de sociedade de um jornal recente que dizia:

"O bem-sucedido milionário Winestone declarou em uma entrevista recente que pôs os melhores detetives para procurar sua filha desaparecida. Os rumores que poderia estar percorrendo a Europa e que seu marido seria quem estivesse financiando essa temporada sabática."

O repórter acrescentava que as más línguas diziam que o magnata Winestone e o marido da bela jovem não levavam muito bem. Havia suspeitas de que estavam em meio algum assunto nebuloso. As forças de segurança locais não fizeram comentários.

Soou o telefone e Luke o pegou com ar ausente.

—Como vai, irmão mais velho? —Matt Rogue soava como acabassem de contar uma piada boa— Acabo de ver as notícias e pensei que devia chamar para ver se o velho coberto segue aguentando as tempestades.

O irmão mais novo de Luke, Matt, sempre foi uma galinha poedeira. Também era um carpinteiro extraordinário, quase tão bom como Luke.

—Já coloquei todas as painéis de mamãe na cozinha para recolher a água das goteiras — brincou— Assim terei água fresca para beber o resto da semana.

Matt riu.

—Não acha que te imagino fazendo isso?

—Falando sério, por agora aguenta bem. Papai sabia como construir uma casa. —De fato Luke era consciente de que seu pai participou da construção de algumas das casas que rodeavam o lago Pearl.

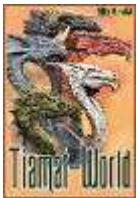
—Bem, pode ser que passe por aí mais para o meio do mês. Robin tem outra viagem de trabalho e diz que poderia mandar os meninos com sua mãe. É melhor dar a lata a você que andar por aqui todo o fim de semana comendo comida congelada.

Luke perguntou pela solidez do casamento de seu irmão, mas não disse nada.

—Sabe que é bem-vindo sempre. Mamãe e papai deixaram a casa para todos.

Falou com seu irmão alguns minutos mais e logo pendurou o telefone.

Ao voltar a olhar a tela do computador encontrou perguntando que deveria fazer com a informação que acabava de obter sobre Susan Winestone, aliás, Susie Whittaker.



Capítulo 4

Susie olhou fixamente o atoleiro no chão da cozinha. Sua tia optou por tomar uma sesta agora que a tempestade parecia haver acalmado um pouco, mas Susie estava cheia de energia. Muita energia.

Foi até a gaveta onde guardavam os panos de cozinha e tirou dois pequenos. Era um atoleiro de bom tamanho.

A princípio pensou que tinham uma goteira. Mas o teto não parecia estar úmido por nenhuma parte. Agachou e começou a secar o atoleiro. A conversa que teve antes com sua tia seguiam dando voltas na cabeça. Não podia seguir com sua vida assim, aterrorizada pensando que Rick podia aparecer a qualquer momento. Isso a afundaria e a deixaria louca. Converteria em uma anciã antes de fazer trinta e cinco.

—E isso não vai acontecer — disse com convicção enquanto esfregava os ladrilhos com mais força.

Seu pai estava fazendo tudo o que estava em suas mãos para protegê-la e o mais seguro é que Rick estivesse contente de que foi. Agora poderia colocar uma mulher diferente em sua cama cada noite.

Embora ela não fosse tão idiota para acreditar que ele simplesmente ia deixar as coisas como estavam. Não. Rick teria alguém a procurando. Não confiaria em seu pai; Rick não confiava em ninguém. E apesar de que ela nunca quis saber, Susie possui suficiente informação sobre Rick para colocar entre grades pela vida toda.

Era um senhor da droga e um ladrão. Ele fazia tudo a sua maneira sem preocupar absolutamente sobre a lei. Tudo o que ele se envolve a punha com os cabelos em pé. Só estavam casados uns meses quando ela começou a escutar por acaso conversas, a breves olhadas a cartas em seu escritório, a ver correios eletrônicos que não deveria ter visto. Oxalá não soubesse tudo o que sabia. Seria estupendo simplesmente poder divorciar-se dele sem nenhum escândalo e deixar que ele seguisse seu próprio caminho.

As pessoas como Rick sempre acabavam caindo mais cedo ou mais tarde. A lei o apanharia. Jogaria a seus sujos jogos até que um dia não escaparia. E ela não queria ter nada que ver com isso.

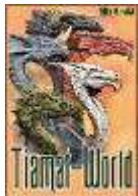
Levantou e levou os panos empapados para máquina de lavar roupa. Não havia suficiente roupa ainda para enchê-la, mas os colocou dentro da máquina de todos os modos e ficou olhando-os um minuto.

Por que haveria um atoleiro tão grande ao lado da porta traseira?

Girou com um nó no estômago e olhou os ladrilhos que até fazia um momento estiveram cobertos de água. De repente a embargou o medo e pôs a andar lentamente para esse lugar. Voltou a olhar o teto. Não havia sinais de umidade por nenhuma parte. Possivelmente passou por debaixo da porta traseira. Se esse era o caso, teria que pedir a Luke que a arrumasse.

Passou seus dedos pela madeira da porta; parecia seca.

De onde veio a água?



Susie agarrou o trinco para abrir a porta e ficou gelada quando se deu conta que estava fechada. O fecho estava baixado. Um estremecimento incontrolável a atravessou e deu um tombo no estômago.

—Deixei aberta! —Olhou a porta fixamente, duvidando antes de abrir o fecho.

Deixou sem fecho intencionalmente para que Luke e seu ajudante pudessem entrar correndo em caso de que a tempestade ficasse muito feia.

Tremiam as pernas quando abriu a porta, muito assustada para sair. Em seguida a fechou outra vez e correu o fecho.

Alguém esteve na casa. O atoleiro do chão era de pés molhados. Só duas pessoas poderiam ter entrado: Luke ou o adolescente que trabalhava com ele. Susie cruzou rapidamente o saguão em direção à habitação de sua tia. Parou na soleira. Tia Lisa dormia profundamente em sua cama, roncava e parecia tranquila e relaxada. Para sua tia tampouco estava sendo fácil; abandonou sua vida, uma vida que não estava pronta a perder como a de Susie. Só isso fazia que merecesse uma boa sesta.

Susie afastou da soleira mordendo o lábio inferior enquanto caminhava lentamente pelo corredor. Ela e a tia Lisa estiveram falando de Rick e de seu pai antes. Se Luke ou o menino entraram em casa e ouviram acidentalmente a conversa... *OH, merda!*

Pegou o telefone. Não dava tom de linha.

—OH, demônios! —Susie pendurou o telefone e olhou fora. A forte chuva criava fios de água que desciam pelo cristal da janela. Cruzou a habitação e acionou o interruptor da luz. Nada. Correu à cozinha e olhou os eletrodomésticos que deveria ver brilhar à hora.

—Deve ter acabado a luz.

O vento soprava fora e ela tentou com seu telefone celular. Com uma simples olhada comprovou que não tinha cobertura.

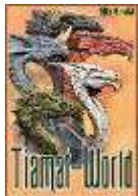
Era impossível que pudesse aguentar toda a tempestade perguntando-se continuamente se Luke entrou na casa e as ouviu falar. Voltaria louca; de fato, nesse mesmo momento já não faltava muito. Se fosse a cidade, poderia usar um telefone público para chamar Luke. Tudo o que precisava saber era se foi ele quem entrou na casa. A ele não tinha por que sentir se mal pela pergunta: todo mundo quereria saber se alguém entrou em sua casa sem avisar. Não daria muita importância, só perguntaria de maneira casual. Dizia-se que esteve dentro da casa, então poderia estar segura de que ouviu sua conversa com Tia Lisa.

E se a ouviu, o que?

Em um impulso pegou as chaves e a bolsa. Rabiscou uma breve nota para que sua tia não se preocupasse, pegou a bolsa e o celular e saiu correndo pela porta.

O alto nível de umidade fez que sua roupa ficasse empapada antes que pudesse chegar ao carro. O chão estava molhado e a umidade penetrou pelo tecido de seus sapatos rapidamente. Para quando chegou ao carro e regulou o ar condicionado para que expulsasse ar frio, já estava coberta de suor.

Árvores tão altas que deviam ter mais de cem anos, flanqueava ambos os lados da estrada de dupla direção que ia a cidade. O céu era de um perigoso azul escuro e as nuvens



estavam tão baixas que teria jurado que podia tocar se baixava a janela. Apesar de que aquele tempo a colocava nervosa, tinha que admitir que o contraste de cores resultada na contraposição do profundo verde do campo com os diferentes tons de azul do céu era incrivelmente formoso.

Poderia acostumar a viver assim: uma cidade pequena, uma casa no campo e uma vida um pouco mais lenta e sossegada que a que teve antes. Uma calma tranquilizadora instalou nela enquanto reduzia a velocidade para cumprir com limite estabelecido no interior de Windy Hills.

A pequena cidade estava diferente de quando esteve ali antes. O lugar parecia uma cidade fantasma. Não havia pessoas pela rua e todas as lojas pareciam vazias. Enquanto entrava no pequeno estacionamento da loja de comestíveis, a chuva cessou e ela pôde ver um telefone público junto à entrada.

Ao sair do carro voltou a golpeá-la a umidade tão densa que podia cortar com uma faca. O singelo vestido pegou no corpo imediatamente. Só andar o trecho que havia entre o carro e o telefone público fez que formassem gotas de suor entre os peitos.

—Maldita seja. —Não tinha o número de telefone.

Uma rajada de vento rápida e quente passou junto a ela enquanto dirigia à porta da loja.

—Poderia me emprestar um guia telefônico? —perguntou à mulher que estava depois da grade do balcão do que parecia uma pequena agência de correios.

—Teve uma avaria no carro? —A chapa que a mulher possuía presa a sua camisa de poliéster dizia Maudine.

—Não. —Susie sorriu. O ar condicionado que saía da loja esfriava seu corpo úmido— Estou fazendo umas reparações em casa e necessito alguém que me ajude.

Já deu conta de que nessa pequena cidade às pessoas gostavam de se inteirar dos assuntos de outros. Dar à mulher um pouco de informação podia evitar que fizesse mais perguntas.

Maudine olhou sentida saudosa.

—Vive aqui, em Windy Hills?

Susie sacudiu a cabeça.

—Não. Fora, no condomínio Front Lake Estates.

Agora a mulher franziu o cenho. Separou da grade e procurou sob o balcão.

—Os telefones não funcionam?

Susie assentiu.

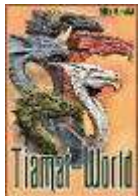
—Precisava vir a cidade de todos os modos, assim pensei que poderia fazer as chamadas daqui.

Maudine tirou um guia telefônico muito magro e a pôs sobre o balcão.

—Bom, sei que o velho Danny Rogue participou da construção da maioria das casas que rodeiam o lago antes de morrer. Luke Rogue voltou para cidade depois de divorciar-se dessa afetada com a que se casou. Ele é a pessoa adequada para qualquer classe de trabalho que queira fazer em sua casa. Hão-me dito que tornou a abrir o negócio familiar dos Rogue.

—Não sabia que estava divorciado — disse Susie em voz baixa e logo mordeu o lábio quando Maudine arqueou uma sobrancelha com interesse.

—Assim conhece nosso Luke... —disse. De repente soava como sua mãe— É um homem



muito bonito e bastante manhoso para as coisas de casa. Mas esteve realmente enganchado com essa garota, Peggy. Ela tinha a cabeça cheia de pássaros; as luzes da grande cidade e tudo isso. Não era boa para ele. Todos sabiam.

Susie assentiu, aceitou o pequeno guia e procurou entre as páginas. Os dedos morenos de Maudine agarraram o exemplar e passaram algumas folhas com ele de barriga para baixo.

Assinalou um anúncio.

—Ainda o anúncio de seu pai, mas o número é o mesmo. Chame Luke se necessitar algo.

Uma rajada de luz vinha do exterior captou a atenção de Susie. Ao mesmo tempo, um trovão rugiu tão forte que sacudiu o edifício.

—Sabe que estamos em alerta por tornado, não é? —Maudine saiu correndo de detrás da grade e caminhou para as portas de cristal que davam para o estacionamento— passamos de aviso a alerta. Divisaram um voltado ao sudoeste.

—Não sabia. —Olhou para o exterior por cima de Maudine enquanto pensava que a mulher acreditaria que era uma idiota por aventurar a sair com esse tempo tão terrível— Vi o tempo na televisão antes de sair, mas não sabia que avistou um tornado.

—São tão imprevisíveis como os homens — disse Maudine rindo— E não há nada que possa fazer para mudar nem a uns nem aos outros.

Fora, parecia de fato noite.

Apagou a televisão quando sua tia deitou. O tempo a colocava mais nervosa e depois de discutir com sua tia a difícil situação a que tinha que enfrentar, necessitava uma pausa. Apagar a televisão foi como apartar as preocupações sobre o tempo de sua cabeça. Infelizmente, igual ao resto dos problemas de sua vida, dar as costas não fazia que desaparecessem.

Maudine voltou atrás da grade e jogou uma olhada à loja.

—Tenho um rádio aceso sob o balcão. Já veremos se os tornados chegam até aqui. A metade das vezes passa de comprimento.

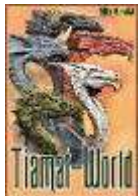
Os olhos de Maudine brilhavam como se um tornado não fosse mais que uma distração em sua rotineira vida. Susie quase não podia mover só de pensar que podia ser alcançada por um fenômeno meteorológico tão intenso; embora nunca pensasse nos tornados até então, pelo pouco que sabia, não era algo que queria experimentar.

—Se eu fosse você, voltaria para casa correndo. Ali é onde estaria eu se não tivesse que trabalhar. —Maudine desapareceu depois da grade e Susie voltou para o guia telefônico. O número de Luke estava frente a ela, assim que o memorizou rapidamente.

Apressou a sair. Custava acreditar na mudança tão drástica que do tempo. Em vez de azul escuro, agora o céu estava coberto por uma espécie de neblina esverdeada. E a chuva parou. Tudo ao redor estava muito tranquilo. Era como se não houvesse nenhuma pessoa nem um pássaro nenhum esquilo nem qualquer outra coisa em quilômetros.

Entrou no carro e sorriu quando se deu conta de que o celular recuperou a cobertura. Marcou o número de Luke. Ela sentiu que a mesma calma abatia também sobre ela. Luke Rogue ocuparia de tudo. A mulher da loja tinha fé nele e Susie também sentia que podia confiar nele.

Possivelmente ele pudesse instalar um sistema de alarme em casa. Cresceu rodeada deles e



deveria ter instalado um assim que mudou ali.

Luke já sabia que ela era da grande cidade. Não perguntaria por que queria um. O mais seguro é que pensasse que todas as pessoas da grande cidade os tinham, o que era certo.

O telefone deu um tom de chamada e Susie sentiu que relaxava ainda mais. Ele era o tipo de homem em que podia confiar. Forte e capaz, não parecia nada com Rick. Luke era honesto e trabalhador. Provavelmente não tivesse infringido a lei em toda sua vida. Levava seu próprio negócio, um negócio familiar. E pelo que viu até o momento, a cidade o tinha em alta estima.

— Diga? —disse uma profunda voz de barítono. Uma onda de calor que não era nada que ver com o clima a percorreu da cabeça aos pés. De repente começou a sentir um batimento entre as pernas e teve que trocar de posição para evitar o desejo de acariciar-se até fazê-lo desaparecer.

Limpou a garganta.

—Luke? —perguntou com a boca repentinamente seca e a vagina muito úmida.

—Sim. Quem é? —Soava preocupado.

Devia soar como uma mulher desesperada e incapaz de cuidar de si mesmo.

Susie inspirou profundamente e deixou escapar o ar com rapidez, tentando imprimir determinação a sua voz. Não queria parecer uma mulher necessitada.

—Olá, Luke. Sou Susie Whittaker. —Falou lentamente e com tranquilidade.

Como se os elementos quieram desafiá-la, um vento perverso sacudiu o carro e grossas gotas de chuva começaram a golpear o para-brisa.

—Onde está? —Quase gritou pelo telefone, o que fez que ela desse um coice.

Susie ergueu. A chuva começava a cair mais forte, mas conservou sua dignidade e manteve o tom de voz tranquilo.

—Acabo de chegar à cidade e me ocorreu chamar porque quero que faça algumas coisas mais em minha casa. —Agora tinha que encontrar a forma de tirar a conversa do atoleiro de sua cozinha.

—Está na cidade? Não dá conta de que vem um tornado aqui? —Algo em sua forma de fazer insistência na palavra tornada à fez forçar a vista através da chuva para tentar ver o céu.

Todo se via muito negro.

—Onde está? Irei buscá-la.

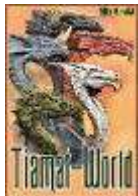
—Encontro-me perfeitamente. Estou na loja de comestíveis de Windy Hills e decidi sair para olhar alguns preços para pôr um sistema de alarme na casa. Acredito que alguém entrou faz um momento e eu dou muita importância a minha intimidade. Havia um atoleiro no chão da cozinha, mas nós não sabíamos de que havia alguém ali.

—Fui eu que estive em sua casa e deixei o atoleiro, se for isso o que a preocupa. Desculpe-me.

Um feroz calafrio fez que Susie esticasse todos os músculos. Luke poderia ter ouvido falar de Rick. Se pudesse perguntar...

—Por que entrou em minha casa sem me dizer nada? — quebrou a voz e estremeceu por causa de um medo que não podia controlar.

—Sinto ter te assustado — disse com ar tranquilizador— Queria avisar que estava ali, mas



ouvi que você e sua tia estavam falando e não quis interromper. Não tenho desculpa. Susie sei quem é realmente.

Um raio estalou tão perto que fez que arrepiasse o pelo dos braços e escapou um grito quando um trovão o seguiu imediatamente, sacudindo o carro e deixando-a tremendo.

—Susie? —perguntou Luke através do telefone ao ver que não respondia.

De repente a chuva golpeava o carro com tanta intensidade que não podia nem ver nem pensar. Nunca viu gotas de chuva como essas. Era como se alguém atirasse cubos de água aos vidros cada vez mais fortes e mais rápidos.

—Falaremos mais tarde — disse e pendurou o telefone. Os raios cruzavam o céu e suas potentes cargas elétricas atravessavam o corpo. Iluminaram o mundo durante um breve momento, mostrando uma escura cidade açoitada por uma intensa chuva.

Não havia nem uma alma ao redor. Todos outros possuíam suficiente sentido comum para ficar em casa durante a tempestade. Sentiu-se estúpida e nervosa enquanto ficava sentada contemplando a forte tempestade. Não podia conduzir nessas condições.

A chuva açoitava tão forte o carro que custava pensar. Soava como uma multidão de minúsculas baterias que golpeavam grosseiramente o teto e os vidros. Não conseguia ver nada. Acender os faróis não melhorou muito as coisas. No momento não podia mover do assento do condutor do carro estacionado diante da pequena loja de comestíveis.

A cansativa sensação de estar apanhada fez que sentisse algo mais que inquieta, assim demorou um momento em dar conta de que seu móvel estava soando. Olhou no interior da bolsa em busca da luz e localizou o telefone. Suspirou quando reconheceu o número de sua tia na tela. Tia Lisa provavelmente estaria perguntando onde demônio encontrava e o que estava fazendo aí.

—Olá.

—Está bem? —O tom preocupado de sua tia fez que Susie sentisse mal por andar perambulando por aí com esse tempo.

—Quando fui não acreditei que fosse fazer um dilúvio assim. E sim, estou bem. Mas parece que vou ter que ficar aqui sentada até que passe esta tempestade. —Susie tomou fôlego para acalmar— O telefone não funcionava quando saí de casa.

—Agora funciona. Onde está?

—Em Windy Hills, em frente à loja de comestíveis.

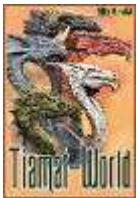
—Susie estava vendo a televisão. Dizem que há um tornado voltado a uns oito quilômetros daqui. —O tom tranquilo de sua tia alarmou a Susie mais que suas palavras.

Tia Lisa estava muito assustada.

Como queria acrescentar gravidade à conversa, uma rajada de vento sacudiu o carro de Susie e ela teve que aferrar ao volante. O estômago deu um tombo e olhou pelos vidros com os olhos como pratos. Não podia ver absolutamente nada, nem sequer a loja de comestíveis, porque a chuva caía muito forte. O carro estava sendo golpeado pela chuva mais intensa que ela viu em sua vida e fora tudo cinza, como se uma densa nuvem tivesse descendido para rodeá-la.

—Nestas condições não posso conduzir. —Nem sequer via o extremo do capô.

—Como ocorreu sair com este tempo?



—Não estava assim quando saí. Estarei bem, tia Lisa. —Decidiu não contar nada do atoleiro nem da conversa que acabava de ter com Luke.

O que havia dito a pôs mais nervosa que a tempestade. Só entrou em contato com uma pessoa em sua nova vida e já inteirou de quem era ela realmente.

— Vou tentar sair daqui, tia Lisa. Liguei quando melhorar o suficiente o tempo para poder conduzir.

—Tome cuidado. —O tom preocupado de sua tia seguiu ressonando em sua cabeça inclusive depois de desligar e guardar o telefone no bolso traseiro.

Tentou tomar cuidado desde que deixou Nova Iorque. Apoiou a cabeça no assento e deixou escapar um suspiro de frustração. Começava a arder todo o corpo por causa da roupa úmida que pegou ao corpo. Seu traje não era o mais apropriado. E os pensamentos que a invadiam faziam que desejasse com todas suas forças desaparecer, fugir de toda aquela situação, largar, ir a qualquer parte. De momento voltaria para a loja. Se é que conseguia distinguir o edifício...

Fechar os olhos tampouco a ajudou. A conversa telefônica que teve com seu pai, a discussão com sua tia depois e as inquietantes palavras de Luke flutuavam ainda em seu cérebro. Não havia forma de escapar.

Já fugiu no meio da noite uma vez. Fugir não resolvia nada; seus problemas vieram com ela. Susie esfregou as pálpebras úmidas e abriu os olhos. Rick era um homem terrivelmente perigoso, mas ela precisava resolver de algum modo. Se não fazia, sua vida iria ao poço e nunca voltaria a ser feliz. E não ia dar a Rick a satisfação de destruí-la. Ou pior ainda, de matá-la por tudo o que sabia.

Pelo para-brisa pôde ver dois facho de luz que apareceram e desapareceram de seu campo de visão. Susie fixou neles: viu desaparecer de sua vista e depois brilhar outra vez. Necessitou um momento para dar conta de que eram faróis. Seu brilho foi aumentando até que começou a preocupar de que o condutor do outro carro não pudesse vê-la e jogasse em cima. Tocou a buzina, mas nem sequer ela mesma pôde ouvir com o tamborilar da chuva contra o carro, assim não havia forma de que outra pessoa ouvisse.

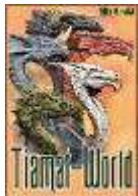
De repente abriu a porta do condutor, o que arrancou um grito enquanto escapava para o assento do acompanhante. Não viu ninguém aproximar para onde estava ela. Um as mãos grandes e empapadas a agarraram pelo braço e escorregaram por sua pele enquanto a arrastavam fora do carro.

Cegada pela chuva, invadiu o pânico. O coração estava a ponto de estalar no peito enquanto abria a boca em busca de ar, mas tragando água em cada um de suas tentativas.

—Vamos. —O tom exigente de Luke a envolveu enquanto ele colocava a mão no carro, tirava sua bolsa e fechava a porta.

Não podia ver por causa do vento que fazia que o cabelo golpeasse a cara e a chuva que caía sobre ela tão forte que chegava a fazer dano.

A água salpicava suas pernas enquanto caminhava com dificuldades. Luke em parte a levava e em parte a arrastava através da tempestade. Queria lutar para liberar e ao mesmo tempo aferra a ele. Não queria ter que enfrentar a essa tempestade sozinha, mas a última conversa que teve



com o Luke gelava o sangue e não estava segura se podia esperar dele um refúgio ou seria um perigo maior.

Depois Luke a meteu no assento do acompanhante de seu Bronco e fechou a porta atrás dela. De novo no interior de um veículo, este maior e cheio de um tênue aroma de madeira nova e azeite de motor apartaram o cabelo da cara. Estava tão molhada que parecia que no mundo não havia mais que água.

—Pelo menos teve o sentido comum de não dirigir em meio disto — disse Luke enquanto subia ao assento do condutor e punha a caminhonete em marcha.

—Aonde vamos? —Não podia apartar os olhos dele.

Empapado, tinha o cabelo pego à cabeça e gotejava sobre os ombros. A camiseta era como uma segunda pele e mostrava uns músculos duros que esticavam contra o tecido. Luke era todo um homem. E estava sentado muito perto dela. Os jeans que envolviam as pernas musculosas estavam tão molhados como o resto. Alguém tão forte podia confrontar uma tempestade como essa sem passar medo. Sua mandíbula mostrava determinação e sua boca formava uma magra linha. Gotas de água foram formando em suas pestanas ao fixar os olhos na estrada, as enormes mãos segurando o volante enquanto conduzia com uma visibilidade nula como se o fizesse todos os dias.

—Vai a minha casa. Está mais perto que a tua.

—OH. —Olhou através do para-brisa, mas não conseguiu ver absolutamente nada.

Os limpadores de para-brisas moviam tão rápido que olhá-los provocava que enjoasse. Mas tampouco podia ver mais à frente. E a outra opção era olhar a Luke e a ideia fazia que formasse um nó no estômago.

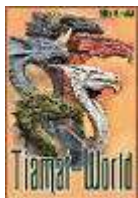
Levava a sua casa. Nunca perguntou se vivia sozinho; não havia razão para isso. Mas supunha que sim, já que estava divorciado. Estariam a sós, empapados e passariam a tempestade juntos.

Mariposas começaram a bater as asas em seu já revoltado estômago. De repente suportar essa tempestade já não parecia para tanto. Sua mente baralhava possibilidades a respeito do que seria estar a sós com o Luke Rogue.

Não deveria pensar nisso. Seu divórcio não era definitivo. Nesse momento a efeitos legais ainda estava casada, apesar de que estivesse desejando que seu pai chamasse dizendo que aos papéis só faltava sua assinatura. Os enviaria por fax assim que estivessem terminados. Atreveu a olhar a Luke. Suas maneiras agressivas enquanto conduzia decidido através da tempestade faziam que o ambiente dentro do Bronco estivesse muito esquentado.

Quando chegaram, Luke parou o motor, voltou e a olhou. Estava tão escuro fora que seus olhos azuis pareceram brilhar de satisfação quando ficou olhando fixamente durante um momento. Não havia maneira de saber no que pensava, mas ela juraria que parecia satisfeito de si mesmo. Não podia apartar o olhar dele. Tragou o nó da garganta e atreveu a estudar sua esplêndida musculatura, suas altas e proeminentes maçãs do rosto e o intenso olhar que dirigia.

Sem dizer uma palavra, Luke deu as costas, abriu a porta do carro e desapareceu na tempestade.



—Espera! —chiou ela voltando para abrir sua porta.

Ele estava o seu lado antes que desse tempo para sair do carro. Outra vez voltou a pôr suas enormes mãos sobre ela. Rodeou-a com um braço e a atraiu para si. Incapaz de ver por aonde ia, agachou a cabeça e deixou guiar através da chuva.

O vento levantou e soprava tão forte que a fez cambalear. Esteve apanhada em umas pares tempestades elétricas ao longo de sua vida, mas nada do que experimentou antes se assemelhava à intensidade desta tempestade. Inclusive cegada pelo frio e a neve foi capaz de arrumar sozinha. O coração golpeava no peito e tragava água ao respirar. Parecia que caminhavam de lado. Tentava andar e o vento atirava dela, tentando separar de Luke. Ele a apertou mais contra si e gritou algo, mas a chuva torrencial e o forte vento a impediram de ouvi-lo.

Subiram uns degraus de uma vez e embora o vento seguisse pegando o cabelo à cara, pôde ver que estavam em um grande alpendre dianteiro. Pesava tanto a roupa que custava mover. E estava gelada, completamente congelada.

Ao momento estavam dentro e Luke fechava a sólida porta de madeira atrás dela.

—Agora pode tomar a revanche do atoleiro e deixar igual em minha porta — disse ele deixando plantada ali enquanto entrava correndo na escuridão da casa.

Suas palavras puseram os nervos de ponta. Tentou desesperadamente livrar dos estremecimentos e os calafrios enquanto dedicava a apartar o cabelo da cara. Estava tão molhado que pesava uma tonelada. Não gostava da despreocupação com que o havia dito nem seu tom casual, como se brincasse.

Olhou a ao redor para ver um chão de madeira nobre e um mobiliário robusto e velho que enchia a grande sala de estar. Perguntou uma vez mais que seria exatamente o que ouviu enquanto estavam de pé em sua cozinha umas horas antes. O fulgor dos raios iluminou brevemente a sala, o que permitiu descobrir que uns quadros penduravam das paredes e que havia uma grande chaminé no outro extremo da habitação. Tremeu perguntando onde teria ido ele.

—Luke? —Olhou ao redor. Os nervos faziam que estivesse a ponto de estalar o coração no peito.

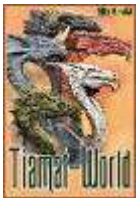
Estava tão molhada que já duvidava de que pudesse voltar a ter em calor alguma vez.

—Não tem luz — informou quando voltou para a sala de estar— Venha aqui. Seque-se e coloque isto. O banheiro está do outro lado do vestibulo. Acenderei o gerador de emergência.

Ela tragou saliva e pegou com ar distraído a grossa toalha e o penhoar que estendia. Trocou de roupa e agora levava uma calça de moletom folgado e ia sem camisa. Um espesso pelo escuro cobria o peito; um torso tão musculoso e bem formado que fez que secasse a boca.

—OH, está bem.

Deixou-a sozinha outra vez para entrar na escuridão da casa. Ela atravessou a grande sala de estar e seguiu pelo corredor para uma porta aberta que felizmente era o banheiro. Ao fechar a porta se encontrou sumida na mais absoluta escuridão. Foi toda uma odisseia tirar a roupa molhada, secar com a toalha e colocar dentro do grande penhoar. Colocou a toalha sobre os ombros para que seu cabelo empapado não molhasse o penhoar e sentiu um pouco idiota ao sair



da escura habitação, descalça e virtualmente nua, em busca de Luke.

Capítulo 5

—Vai ser uma tempestade muito forte. —Luke levava na mão um pequeno gerador cheio de dúvidas— Faz anos que não uso isto. Esperemos que ainda funcione.

No exterior ouviu um intenso ruído e isso fez que ela esticasse todos os músculos do corpo. Susie deu um salto e agarrou o pescoço do grosso penhoar para fechar e envolver melhor nele.

—Quanto tempo estará sem luz? —Parecia que estava custando muito acender o gerador.

Em Nova Iorque também havia tempestades fortes, portanto viveu infinidade de cortes de luz; o que estava acostumado a fazer era simplesmente esperar até que a companhia elétrica solucionava.

—Quando fui procurar você pareceu que a maior parte da cidade estava sem luz — disse. Pode que demorem um dia mais ou menos em restabelecer o fornecimento de toda a zona.

—Ah. —Susie jogou uma olhada à escura cozinha enquanto Luke desembulhava com facilidade, abrindo gavetas e empilhando coisas na mesa.

Colocou o poeirento gerador no chão ao lado da mesa. A chuva golpeava as janelas sacudindo os cristais. Os trovões faziam tremer a velha casa. O mais seguro era que esse lugar tivesse suportado muitas tempestades. E a maneira em que Luke movia, como se houvesse feito muitas vezes com antecedência, tranquilizava um pouco.

Luke pegou um pequeno rádio branco que parecia ter mais de vinte anos.

—Toma. Olhe e vê se pode sintonizar a 94.5. Quando há uma tempestade como esta, eles só falam do tempo.

Agradecida por ter algo que fazer, desdobrou a antena e sentou em uma das cadeiras da cozinha. Na escuridão demorou um pouco em encontrar o botão de aceso e o controle do volume, mas em seguida conseguiu que a habitação enchesse do ruído de estática e no final sintonizou a emissora.

“Repito. Todos os habitantes dos condados de Clay, Fillmore e Saline têm que ir para os refúgios imediatamente. —O locutor tinha um tom premente e soava como se estivesse virtualmente sem fôlego— Se viu um redemoinho em terra justo na fronteira do condado de Saline que muda de lugar a uns oitenta quilômetros por hora em direção noroeste.”

Luke deixou o que estava fazendo e ficou olhando o rádio. Não gostou nada da expressão de sua cara.

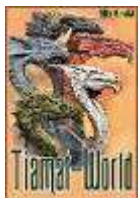
—O que? —perguntou.

—Vamos. —Agarrou-a pelo braço, recolheu a lanterna da mesa e foi para o corredor.

—É mau? —Ela aferrou ao rádio enquanto o locutor continuava dando indicações sobre a forma correta de refugiar de um tornado.

—Sim. —Abriu uma porta e colocou em uma sala escura— Caminha com cuidado.

Quase não teve tempo de dar conta de que estavam ao início de um lance de escadas. Um ruído estremecido sacudiu a casa. Luke ficou gelado, soltou um par de maldições entre dentes e



depois mandou que Susie baixasse as escadas. Um ar úmido e mofado encheu os pulmões.

O rádio perdeu o sinal.

—Essa maldita coisa nunca funciona aqui embaixo — murmurou ele e acendeu a lanterna.

Mais ruídos surdos sacudiram a casa.

—Estaremos bem, não?—Ela seguiu o feixe da lanterna que iluminava estantes cheias de vidros de cristal vazios e enormes quantidades de dúvidas.

—Sinto muito, estou há pouco tempo aqui e não pude arrumar este porão ainda. Assim que este é o melhor alojamento que posso oferecer no momento. —Quando olhou, a luz da lanterna destacou suas fortes maçãs do rosto. Seus olhos azuis brilhavam na escuridão.

Algo rugiu por cima de suas cabeças; soava como o estrondo do metrô. O ruído de cristais quebrados a fez saltar, escapou um grito e tampou a boca com a mão.

Luke voltou para as escadas com uma expressão que era de tudo menos de satisfação. A casa inteira parecia tremer. Ela estava olhando o teto coberto quando alguns trovões pareceram impactar diretamente sobre eles.

O porão era arrepiante, mas seu medo não era por estar apanhada aí na escuridão, mas sim pelos ruídos que vinham do andar de acima, que soavam muitíssimo pior que algo que pudesse haver nesse porão.

Um estranho som sussurrante enchia tudo. Então abriu bruscamente uma porta no piso de cima e golpeou contra a parede. Susie deu um coice; o coração ia tão rápido que doía.

Luke a abraçou e seu calor a envolveu enquanto seus fortes músculos excitavam seus sentidos.

—Não passa nada, Susie — sussurrou contra seu cabelo.

Ela levantou a vista e viu seus olhos preocupados. Passou a língua pelos lábios enquanto a acomodava em seus braços. O pesado penhoar abriu e ela sentiu o áspero pelo de seu peito contra a pele. Percorreu um comichão que a fez estremecer apesar de não ter frio.

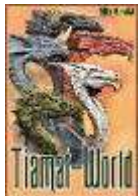
Luke aproximou a boca e roçou os lábios. Susie suspirou e respondeu ao beijo. Os golpes que ouviam acima estavam compassados com o martelo de seu coração. O medo se desvaneceu de uma vez que seu sexo começava a pulsar e a inchar. Os braços dele a estreitaram mais fortes e inundou em sua boca com um grunhido. Tudo retumbou através dele enquanto seus músculos esticavam e flexionavam contra ela. Deveria fechar o penhoar, colocar de tal forma que seu corpo não ficasse exposto dessa maneira.

Porque se sentia exposta. Todos os pensamentos que ver com a tempestade desapareceram enquanto afundava em sua boca e sentia apertado contra ela. Sentiu vulnerável e os joelhos estiveram a ponto de falhar. Então, em vez de agarrar o penhoar e fechar seus dedos percorreram o peito nu dele.

Seus músculos se estremeciam com o contato. O grosso pelo escuro fazia cócegas nos dedos. Ferviam as vísceras e o calor concentrava entre suas pernas. Assaltou-a uma imperiosa necessidade que nunca experimentou um pouco tão intenso, tão forte, que a deixou enjoada.

E tudo por um beijo.

Meu Deus.



A mão de Luke percorria as costas por cima do penhoar abrasando a pele. Sentir seu contato nublava os sentidos, roubando a capacidade de pensar ou de ouvir nada que não fosse sua respiração. Acariciou a nuca e inclinou a cabeça com uns dedos suaves, mas firmes para fazer o beijo mais profundo.

Ela agarrava fortemente a seus ombros, sentindo os grossos e fortes músculos sob seus dedos. Sua força a alimentava fortalecia. Tanta confiança e tanta tranquilidade a voltavam decidida. Era como se Luke tivesse sabido quando a levou ali em baixo que ela acabaria em seus braços, virtualmente nua, deixando que a devorasse.

Deixou de beijá-la e começou a riscar um atalho quente que baixava por um lado de seu rosto até chegar ao pescoço.

—Tem um sabor incrível. Melhor do que acreditava.

Saber que ele esteve pensado nela fez que sua temperatura interior alcançasse o ponto crítico em um tempo recorde. Mordiscou um lugar muito sensível do pescoço. O penhoar estorvava; apoiou mais contra ele, esta vez sem preocupar por que o objeto abrisse mais ainda.

Músculos de duro aço cobriam cada centímetro de seu corpo. Seus braços eram toda fibra, desde seu nascimento nos ombros, junto à base de seu pescoço, até o extremo das mãos. Os dedos de Susie faziam cócegas pelo pelo de seus antebraços enquanto desfrutava da exploração.

—Vejo que também passou pela sua cabeça.

O calor de suas bochechas demonstrou a veracidade dessas palavras.

—Pode que sim — confessou e deixou cair à cabeça para trás para que ele pudesse beijar o pescoço.

Roçou a carne com os dentes. Calafrios percorreram todo seu corpo e ficou arrepiada. As mãos de Luke se moveram para tocar a pele. *Já abriu tanto o penhoar?*

—Luke?

—Ummmm...

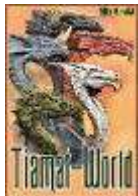
O penhoar deslizou de seus ombros. Luke levou a mão na parte baixa de suas costas, o que impedia que o penhoar caísse a seus pés. Sua mente estava cheia de um torvelinho de pensamentos. Ia pedir que continuasse? Talvez o melhor fosse pedir que parasse.

Realmente não conhecia de nada a esse homem, a esse tal Luke Rogue. Mas a maneira em que a beijava, o que sua boca o fazia a seu corpo...

—OH, Deus — gemeu quando ele baixou a boca até seu mamilo.

Seus dentes o apanharam para puxar dele brandamente e deixou de importar o mundo que os rodeava. Não sabia se os trovões rugiam por cima de suas cabeças ou se o barulho vinha de seu interior. Ficou quieta e cravou as unhas em seus sólidos músculos, aferrando a ele porque tremiam os joelhos. Ele chupava e lambia, deleitando como se levasse anos desejando-a.

Ele segurou com força os quadris. O penhoar caía sobre suas mãos e o tecido enrugava ao redor de sua cintura e pendurava sobre as pernas, acariciando sua pele hipersensível. Moveu os pés com cuidado: o chão estava úmido e frio. Todo seu corpo se converteu em puras fibras nervosas extremamente sensíveis diante do seu contato, seu fôlego, seus dentes e seu poderoso abraço.



—Eu adoro seu sabor, o tato de sua pele... — ele sussurrou entre seus peitos e depois começou a criar outro atalho em direção a seu ventre.

Nublava a vista, mas olhou para baixo. O cabelo castanho claro formava aí uns pequenos redemoinhos. Susie moveu uma mão e acariciou a cabeça. Deu conta de que com seus gestos estava animando e duvidou se continuava ou parar.

Luke grunhiu e colocou a língua no umbigo. Ela tentou separar, não estava acostumada que invadissem esse pequeno buraco. Ele ronronou de satisfação, acomodando seu enorme corpo para ficar de joelhos diante dela e seguiu com o que estava fazendo até que ela pensou que ia partir pela metade.

—Está fazendo cócegas — gemeu ela — Acredita — acrescentou com um ofego.

Ele riu sem deixar que o estivesse fazendo, mas abandonou o umbigo, úmido e formigante, para continuar seu caminho para baixo. Luke moveu as mãos para que o penhoar abrisse um pouco mais. Agarrou a parte traseira das coxas com os dedos estendidos, justo sob o traseiro e abriu as pernas. Teve que ser ele, porque ela estava certa de não ter aberto voluntariamente para convidar a entrar.

Mas uma vez que chegou a sua zona mais sensível, ela desejou que não se detivesse nunca. Esse homem fazia magia com a língua e com a boca. Agarrou a cabeça com força para que não apartasse e projetou seu sexo para frente. Necessitava, desejava o que estava dando.

Ele gemeu e acariciou o clitóris brandamente. Depois internou mais dentro, separando seus já empapados lábios com a língua.

Susie acreditou morrer ou desmaiar ou perder o sentido completamente ali mesmo, em cima dele. Nunca havia sentido nada tão incrivelmente maravilhoso. Ele a devorava, lambendo seus fluidos e introduzindo neles. Sua língua era como um pênis em miniatura, suficientemente dura para fazer que o interior de sua vagina ficasse hipersensível.

Então seus lábios encontraram o clitóris e chupou. Essa quente sensação de sucção ao redor da parte mais sensível de seu corpo gerou uma pressão que atravessou suas vísceras.

Susie agarrou pelo cabelo e puxou, sem saber o que queria era fazer que apartasse ou aproximar mais sua cara. Gemeu e sua voz provocou um eco no escuro porão enquanto seu interior estalava. A pressão liberou em forma de ondas de sensações embriagadoras que ocorriam uma atrás de outra.

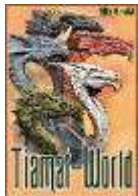
Algo que soou como uma explosão sacudiu o mundo. O chão de concreto do porão estremeceu. Os painéis de madeira que havia sobre sua cabeça rangeram e gemeram. Mas ela logo que pôde ouvir o ruído de cristais fazendo pedacinhos enquanto deixava cair em cima de Luke com o sexo ardendo e empapado. O orgasmo a deixou sem fôlego, as pernas não a sustentavam e tremia dos pés a cabeça.

Luke segurou, mantendo-a erguida contra ele enquanto de algum modo arrumava para voltar a pôr o penhoar.

Ficou rígida em seus braços. Tinha o corpo intumescido, excitado e estremecido.

Que demônio fez?

Uma tempestade, um tornado, um homem que dizia conhecer sua verdadeira identidade...



Deus bendito. No que estava pensando?

Sua mente bulia cheia de toda classe de pensamentos. Separou de Luke e fechou o penhoar. Então chegou o silêncio. Ele tinha a respiração tão acelerada como ela, mas, além disso, não ouvia nada. Nem vento, nem trovões, nem coisas quebrando.

Só silêncio.

—Não quero nem pensar o que nos espera no piso de cima. —Sua boca brilhava ainda úmida com seus fluidos. Vê-lo assim fez que o desejasse. *Merda* queria que a penetrasse.

—Já acabou? —perguntou ela. Sua voz era apenas um sussurro rouco.

Luke aproximou, colocou a mão entre suas pernas e acariciou seu sexo úmido com um dedo caloso.

—Não, não acabou. Até que não a foda não terá terminado.

O coração parou em momento.

Ela levantou a vista para olhá-lo, mas ele voltou, agarrou a lanterna e encaminhou para as escadas. O feixe de luz brilhou sobre os degraus de madeira enquanto ele subia depressa.

Não ia a deixar ali em baixo às escuras...

Apressou a segui-lo e quase chocou contra suas costas quando chegaram ao corredor e ele parou em seco.

Um assustador silêncio enchia a casa às escuras.

Luke percorreu tranquilamente os quartos para avaliar os danos. Uma janela da cozinha arrebentou e a bancada e a pia estavam cheias de vidros. Só jogou uma olhada antes de seguir para o resto da casa. Quando chegou à sala de estar parou.

Havia uma enorme árvore caída onde antes esteve o vestíbulo dianteiro. Parte de um ramo atravessava uma das janelas da sala de estar e a água que gotejava de sua casca e de suas folhas empapava o chão e os móveis.

—Vamos sair pela porta traseira. —voltou e olhou um instante, para avaliar a ela também—. Será melhor que ponha os sapatos.

Uma vez que estiveram corretamente providos para sair para dar uma olhada, dirigiram à porta traseira. Susie não viu em sua vida um céu como o que encontraram: as nuvens estavam tão baixas que parecia que podia as tocar e incluíam todos os tons de verde, rosa e azul e, embora fossem pequenas, pareciam girar como centenas de pequenos espirais.

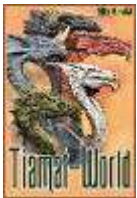
E o ar em torno deles estava cheio de contrastes entre frio e calor. Seguiu Luke para dar uma volta na casa, pisando em pequenos ramos que poderiam recolher facilmente mais tarde. Quando alcançaram a parte dianteira da casa, Luke gemeu.

O vestíbulo dianteiro desapareceu.

—Olha. —Ela ajustou o penhoar e olhou a enorme árvore que foi arrancada pela raiz, suas truncadas raízes apontando ao céu como uma disforme mão artística. O tronco da árvore sobressaía bastante do chão e seus ramos enroscavam em torno da parte dianteira da casa.

—Perguntou como terá ido a outros... —Luke observou o céu com uma expressão inescrutável no rosto.

—Meu celular está com minha roupa. —Precisava chamar sua tia e assegurar de que estava



bem.

—Você não vai a nenhuma parte ainda. —Ele não a olhava, mas sim seguia examinando os danos da casa.

O comentário fez que todo seu corpo visse atravessado por correntes elétricas. Cada centímetro de sua pele pedia a gritos mais dele. Mas foi um engano vir à cidade. E um ainda mais grave permitir que a levasse a sua casa. Se tivessem ido a casa dela, seguro que não teriam estado a ponto de arrancar a roupa um do outro. Não queria um homem com que provavelmente não ia chegar a nada. Atar com alguém nesse momento era um maior equívoco.

—Tenho que ir a minha casa.

Olhou e apertou os lábios até formar uma fina linha.

—Não.

—Não pode me segurar aqui.

—Posso por agora. A tempestade não passou ainda.

Como se tivesse ouvido, um grande raio estalou no céu.

Susie olhou a seu redor e envolveu melhor no penhoar, junto mais ao corpo. Dava igual para onde olhasse, era como se visse um céu diferente cada vez. Muitas cores mesclando. As nuvens de diferentes tons de verde que convertiam em azuis e de cor lavanda com toques de rosa faziam que a panorâmica fosse incrível.

O céu turbulento casava muito bem com o que enchia sua cabeça e as correntes elétricas não abandonaram seu interior. Se ele não ia levar para casa, não tinha mais alternativa que ficar.

A casa de Luke elevava no alto de uma colina com terreno aberto em todas as direções. Só árvores rodeavam a casa e nada bloqueava a vista, o que fazia que pudessem ver vários quilômetros, ou ao menos dava essa sensação. Ela esteve no campo muitas vezes, na casa de sua tia, mas ali o campo estava constituído por uma sucessão de ondulantes colinas. Esta era uma terra plana e aberta. Inclusive com esse céu ameaçador sobre a paisagem, tudo era belo e intenso.

Luke estendeu a mão para tocá-la e ela quase deu um coice. O coração deteve um segundo antes de começar a pulsar com rapidez.

—Olhe ali — disse abraçando e girando para a direção que indicava ao mesmo tempo.

As costas dela pressionavam contra seu peito enquanto os braços dele rodeavam como um cinturão. Tinha uma de suas enormes mãos estirada sobre seu ventre e o calor de seu contato filtrava através do grosso penhoar. Assinalou com a outra mão e pôs o rosto de tal forma que sua bochecha quase tocava a dela.

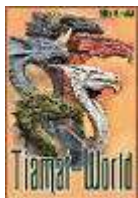
Susie olhou para onde ele assinalava. No horizonte, uma magra linha marrom baixava desde céu, curvando ligeiramente como uma corda e dançando enquanto avançava pela terra.

—O que é isso? —perguntou ela.

—É um tornado.

—Merda! —Ela deu um salto e revolveu furiosamente entre seus braços.

Por um momento foi como se tentasse subir sobre ele. Os tornados eram algo mau. O pior. E esse homem assinalava um como se estivesse mostrando uma árvore ou uma flor especial. Ele a



agarrou e esta vez tocou a pele porque o penhoar abriu de novo. Segurou sob os braços, os polegares roçando o início da curva dos peitos e ela ficou quieta.

—Não passa nada, Susie. Esse não vem para cá— sussurrou ao ouvido.

Seus polegares começaram uma lenta e endemoninhada dança por sua pele. Por um momento não pôde mover. Seu queixo descansava contra seu peito de forma que pôde inalar profundamente seu aroma, tão masculino, tão seguro; cheirava a uma mescla de sabão e amaciante com um toque de sua essência única.

Deveriam entrar. Deveriam fazer algo.

—Passou? —sussurrou ela.

—Não. Ainda posso vê-lo.

O polegar apenas roçava a base de um dos peitos. Susie saltou; invadiam muitas sensações de uma vez. O perigo os rodeava, mas também havia perigo no roce desse polegar.

Desejava que não parasse de tocá-la e pôr a correr ao mesmo tempo. Apartou um pouco dele e fechou o penhoar.

Ela era uma mulher de ação. Não gostava de ter que deixar que outra pessoa ocupasse de tudo se ela podia cuidar sozinha. E com sua vida de cabeça para baixo, deixar dominar por esse estranho, esse homem que deslumbrava, era mais do que podia permitir.

—Vou ver se meu celular funciona. —Foi o primeiro que ocorreu, mas pareceu uma boa desculpa para pôr distância entre eles.

Não olhou para onde estava o tornado enquanto voltava sobre seus passos em direção a casa. Luke não a soltou. Abria a marcha sem separar, mantendo perto de si.

Enquanto encaminhavam à entrada traseira, levantou um vento furioso que quase a joga de costas. Luke agarrou a mão e correu para a casa. Quando alcançaram o extremo e giraram para a porta traseira, o vento ficou mais forte, esticando a pele do rosto.

Luke gritou algo, mas não ouviu. Quando chegaram à porta, Susie viu outro tornado.

Este estava muito mais perto, no outro extremo do campo que chegava até o pátio de atrás. A ponta levantava a terra enquanto percorria o campo como uma escavadeira, abrindo o chão e lançando escombros em todas as direções em seu caminho.

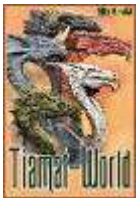
A porta mosquitoeiro abriu de repente assim que Luke pôs a mão em cima e golpeou a parede da casa. O forte ruído fez voltar em si. Correu dentro da casa com Luke, e apressou a baixar as escadas do porão. A chamada para sua tia teria que esperar.

Esse mesmo dia, mais tarde, enquanto conduzia de volta a cidade, Susie olhou à hora no celular. Ao fim havia retornado a cima e não podia acreditar que hora que era. Passaram muitas horas desde que deixou a sua tia. Rapidamente pulsou as teclas e a chamou. O alívio a invadiu quando esta respondeu.

—Perguntava onde estaria. —Sua tia soava surpreendentemente tranquila. Nada que ver com a histeria que Susie esperava.

—Estivemos apanhados no porão de Luke durante o tornado, isso parece, muitas horas.

—Luke, o carpinteiro? Apanhados em seu porão? —O tom de sua tia se voltou brincalhão. Susie já previu quando a chamou— E o que estava fazendo em seu porão?



— Protegendo dos tornados. — Entre outras coisas— Chegaram até ali?

—Tornados? Não. Não acredito. A luz piscou um pouco e chovia tão forte que quase não podia ouvir nem meus próprios pensamentos. —Sua tia fez uma pausa e logo perguntou— Mas está bem, não é?

—OH sim. Estou bem. —Ela olhou a cidade através do guichê do Bronco de Luke enquanto dirigiam lentamente para a loja de comestíveis onde ela rezava para que seu carro seguisse ainda estacionado.

Havia árvores caídas por toda parte. As vidraças das lojas estavam quebradas e havia escombros nas ruas e as calçadas. As pessoas avaliavam os danos.

—Mas Windy Hills não esta muito bem — acrescentou.

Luke pôs a luz de alerta e rodeou um sinal de rua sem saída para entrar no estacionamento da loja de comestíveis. O carro sacudiu ao passar sobre parte da calçada e Susie ficou boquiaberta.

—OH, Meu deus — exclamou ao ver o carro.

—O que acontece? —Sua tia soava cada vez mais preocupada quanto mais falava com ela.

Havia uma enorme árvore, com raízes e tudo, caído diante da loja de comestíveis; o edifício de um andar era apenas visível atrás dela. Uma das luzes caiu justo em cima de seu carro. Vidros quebrados e partes do rótulo da loja estavam feitos pedacinhos a seu redor. O veículo estava esmagado pela metade e agora tinha forma de V.

—Meu carro está... Destroçado.

—O que? —Sua tia não gritava. Em vez disso sua voz soava muito tranquila— Vamos ter que chamar seu pai.

O que atrairia a atenção sobre ela.

—O seguro está em meu nome. Podemos fazer tudo daqui.

Luke a olhou quando estacionaram ao lado de seu carro. Deu as costas e desceu do Bronco.

—Voltarei a chamar tia Lisa. —Agora que sabia que sua tia estava bem, tinha outras coisas de que preocupar.

Já era de noite para quando apareceu a polícia. Luke conhecia o oficial, o que não se admirava. Os dois estiveram mais tempo falando dos danos na cidade e nos arredores do que de seu carro. Finalmente o oficial, Dan Murphy segundo a pequena chapa dourada presa de seu uniforme, terminou o relatório policial e o estendeu a ela.

—As reclamações levarão semanas — disse.

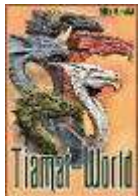
Supôs que teria repetido essa afirmação muitas vezes nas passadas horas.

—Chamarei à companhia de seguros pela manhã. —E teria que rezar para que toda a papelada da reclamação fosse para seu novo endereço.

Por agora, quanto menos correspondência trocasse com seu pai ou com alguém de Nova Iorque, melhor. Esperava poder voltar a restabelecer a estreita relação que tinha com seu pai algum dia, mas no momento precisava arrumar-se sozinha.

Esse pensamento deixou um vazio em seu interior, mas ao olhar seu carro destruído e a cidade devastada a seu redor, algo fortaleceu dentro dela. Podia obtê-lo.

Inclusive na escuridão, As pessoas se reuniram e caminhavam pelas ruas recolhendo



escombros. O oficial disse que tinha outra chamada que atender e os deixou. Ficou ali parada só entre o Bronco de Luke e seu carro quando este a deixou e cruzou o estacionamento para ajudar a uns homens a tirar o rótulo destroçado da loja de comestíveis.

As pessoas perderam suas casas, seus negócios e se uniram em meio da noite para ajudar a limpar o desastre. Sua vida também era um desastre, mas ela possuía casa e dinheiro em sua conta. Poderia superá-lo. Ao igual às pessoas que a rodeavam que não duvidavam nem um momento antes de sair e ficar a recolher os pedaços, Susie tampouco ia ficar parada olhando. Recolheria os pedaços e seguiria adiante.

Aproximou para onde estava Luke, agarrou uma parte do enorme rótulo de plástico e ajudou aos homens a mudá-lo para a grama que rodeava o estacionamento.

Capítulo 6

—O pior de tudo isto é que há outro em caminho. —Beaux Miller esfregou sua enorme barriga e olhou por cima de Luke para a rua entreabrindo as pálpebras.

Susie estava de pé ao lado deste último, com sua roupa, antes úmida e agora enrugada e suja. Esteve conduzindo por toda a cidade e parando em muitas ocasiões para ajudar; ela esteve colaborando com Luke em todas as paradas. Era óbvio que ele não estava com nenhuma pressa para devolvê-la a casa com sua tia. Com outra tempestade encaminhando para ali, seria uma noite longa. Tê-lo com ela assegurava que estaria a salvo.

—Vai haver mais tornados? —perguntou Susie com incredulidade— Esta cidade não suportará.

Beaux riu o que fez que sua barriga tremesse. Os anos que levava na cozinha do café havia feito dele um homem francamente gordo.

—Sobrevivemos a coisas piores que esta. Mas é difícil saber se vier para cá ou não. Só sabemos o que disse o homem do tempo — explicou com uma piscada tranquilizadora— Mas não se pode dar credito a esses homens do tempo. Nem sequer foram capazes de predizer isto — disse com um gesto da mão que abrangia tudo a seu redor— Não soubemos nada dos tornados até meia hora antes que nos alcançassem.

Luke sacudiu a cabeça.

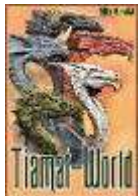
—Não acredito que isso que acaba de dizer tranquilize muito a Susie...

Beaux deu de ombros e olhou por cima de seu ombro quando Betty, sua mulher, gritou da entrada do café.

—Acredito que vamos ter que fazer o quarto do porão, como em 93 — disse ela com o cenho franzido.

—O que disseram? —Luke caminhou para onde estava ela com Beaux e Susie pisando os talões.

—Pearl me chamou dos apartamentos Gaslight. Nenhum tem luz e ali todos têm cozinhas elétricas. Sem geladeira nem cozinha, haverá muitas famílias que terão dificuldades para dar de comer a seus filhos. Estou segura de que teremos muito movimento aqui esta noite. —Olhou a



Susie um momento, mas em seguida voltou para seu marido— Temos que ligar os geradores. Alguns não vão ter casa onde dormir esta noite.

Beaux se arranhou a cabeça e olhou a Luke.

—Tem tempo para me dar uma mão ao transladar algumas coisas aí abaixo?

—Eu também posso ajudar — disse Susie.

A sua ex-mulher nunca teria ocorrido oferecer para fazer o trabalho de um homem. De fato, a última vez que houve uma grande tempestade empenhou em conduzir até Lincoln, reservar um luxuoso quarto de hotel e converter tudo em uma excursão. Susie seguiu quando Beaux e ele encaminharam ao enorme porão sob o café. Ela agarrou o móvel, chamou sua tia e explicou por que ia se atrasar ainda mais.

Depois baixou as escadas com eles e ficou a ajudar a mudar caixas de canudos, guardanapos e todo tipo de coisas que se usavam no café. Quando Beaux e ele puseram mãos à obra com as caixas mais pesadas, ela desapareceu, mas voltou em seguida com uma vassoura para varrer o chão.

—Se as pessoas forem estar aqui embaixo um momento, gostarão de ver limpo — disse timidamente. Tinha uma mancha na bochecha que fazia que parecesse ainda mais adorável.

Ele queria tomá-la em seus braços e apagar esse sorriso tímido da cara à força de beijos. Quando voltaram para cima, o café estava cheio. As famílias desalojadas estavam sentadas nas mesas falando umas com as outras, averiguando os danos que sofreram outros.

Betty demorou só um minuto em servir café.

—É bom e está quente. Desfrutem. Sem luz, ou seja, quando forem pode tomar outro café decente.

Susie deu um gole de seu café ali de pé, em um extremo da barra, enquanto olhava ao negrume que cobria o exterior.

—Está chovendo outra vez — disse quando ele apareceu junto a ela.

A porta do café abriu e um casal entrou correndo. Isso empurrou dentro o vento que soprava com força. A água penetrou pela porta e todos os que estavam dentro deixaram de falar e voltaram para saudar o casal. A camaradagem florescia quando a tragédia golpeava Windy Hills. Isso era algo que Peggy nunca valorizou. E algo que fazia que Luke amasse mais esse lugar. As pessoas se apoiavam e faziam esforço para ajudar quando as coisas estavam mal.

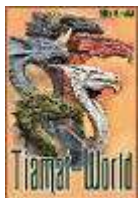
—Há um tornado nos subúrbios da cidade — gritou Beaux através da janela da cozinha que normalmente utilizava para tirar os pratos— Todo mundo abaixo!

Luke abriu passo até ficar junto a um dos geradores que mantinham a eletricidade do café. Atraiu Susie a seu lado e observou como Betty acalmava os meninos e guiava às famílias para as escadas do porão. As grandes vidraças dianteiras do café fizeram barulho quando a fúria do vento balançou com elas.

Um dos filhos de Polly Olson começou a chorar a seu lado. Susie se agachou e agarrou à menina pequena.

—O que acontece, céu? —Seu tom tranquilizador pretendia acalmar à pequena.

—Perdi a minha mamãe — disse a menina entre soluços.



—Tem que estar aqui. Vamos ver se achamos — disse Susie colocando à menina em um lugar onde podia ver melhor às pessoas que corria para as escadas.

Luke viu Polly correndo em direção à cozinha detrás de um de seus meninos. Parecia que essa mulher tinha um filho cada ano. Chamou a atenção de Susie e assinalou as costas de Polly.

— Ali. A do rabo de cavalo — disse. Teve que rodeá-la com o braço para poder dizer ao ouvido e que ouvisse em meio da comoção.

—Olhe! Ali está mamãe! —A pequena revolveu nos braços de Susie, lutando por baixar e correr para sua mãe.

Susie a segurou até que Polly chegou onde estavam eles com um bebê em um braço e outro pego na mão.

—Quer que ajude a baixá-los pela escada? —ofereceu Susie.

Se não tivesse visto o braço de Luke em torno de Susie, certamente Polly não teria aceitado. Polly e Luke foram ao colégio e ao ensino médio juntos. Ele foi a seu casamento com Billy. Sorriu a Susie; parecia exausta.

—Agradeceria isso.

Susie afastou dele sussurrando à pequena em seus braços enquanto seguia aos outros pela escada.

Beaux apoiou no balcão esperando que todo mundo abandonasse o restaurante para apagar os geradores. Algo chocou contra uma das vidraças, que explodiu pulverizando pedaços de vidro por todos os lados. Algumas mulheres que ainda estavam nas escadas gritaram. Beaux correu para a cozinha e apagou um gerador que deixou a metade do café às escuras. Luke foi para o outro e também o desconectou enquanto o vento e a chuva golpeavam.

—Isto vai ficar feio — gritou Beaux correndo para Luke.

Os dois ficaram parados no alto das escadas do porão. Todo mundo estava a salvo em baixo e Luke entendia a necessidade de Beaux de ficar ali em cima vigiando seu negócio enquanto passava o pior.

—Tem um rádio? —Luke não queria perder nada do que acontecesse.

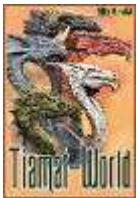
Seu pai era assim também; empurrava a toda a família abaixo durante as grandes tempestades e logo ele as passava sozinho no alpendre dianteiro. Agora seu pai já não estava e era o turno de Luke passar a tempestade à intempérie. Tudo o que precisava era uma família a quem proteger.

E Susie parecia dar muito bem com os meninos.

Apartou esse pensamento ridículo de sua cabeça e concentrou na tempestade, na intensa chuva que açoitava o edifício e no assobio do vento que arrastava tudo a seu passo.

—Há uma rádio na cozinha. Estava escutando antes que cortássemos a corrente. Vamos. — Beaux foi depois do balcão e encontrou o rádio— Pra ver se tinha pilhas —acrescentou entre risadas.

Havia uma grande ilha no meio da cozinha com conchas de sopa e facas afiadas pendurando sobre ela que se moveram de um lado a outro e tilintaram enquanto Beaux tentava pôr o rádio em marcha.



— Betty não guarda pilhas por aqui? — perguntou Luke quando viu que o aparelho não ligava.

— Sim, em algum lugar. — Beaux arranhou a cabeça.

Algo caiu fora no restaurante enquanto os dois começavam a abrir gavetas e armários na escuridão em busca das pilhas.

— Encontrei uma lanterna — anunciou Luke e logo sorriu de orelha quando ao acendê-la produziu um feixe de luz suficiente.

— E aqui estão as pilhas — acrescentou Beaux rompendo o plástico com os dentes enquanto Luke sustentava a lanterna.

Soava como se no restaurante as cadeiras e as mesas estivessem dançando enquanto o vento uivava. Do exterior chegava o som da buzina de um carro cujo ruído não cessava.

O café inteiro parecia sacudir o que não era nada bom tendo em conta que formava parte dos edifícios do centro da cidade que estavam unidos uns aos outros. Algo rangeu na porta e os dois homens voltaram a olhar. Uma das cadeiras estava atravessada, bloqueando o caminho.

O rádio crepitou e começou para ouvir estática. Beaux rodou com o dial, mas finalmente se deu por vencido.

— Acredito que a estação local de rádio não funciona — aventurou.

— Será melhor que baixemos. — Luke apontou o feixe da lanterna para a porta que levava a parte principal do café — Se morrermos aqui acima, dará às mulheres um ataque porque terão que limpar todo o desastre elas sozinhas.

A cadeira estava cruzada na soleira, assim Luke a apartou e a jogou a um lado. Havia escombros entre as cadeiras e as mesas e ambas as vidraças estalaram. Os guardanapos ondeavam pela habitação como um bando de pássaros perdidos que tentando encontrar o caminho de casa.

— Merda — disse Beaux detrás dele.

— E provavelmente é pior do que parece — disse Luke e se deu conta de que falava como seu pai.

Quando começaram a baixar começaram para ouvir os murmúrios com as inquietações e as perguntas de todo o mundo. A temperatura aumentou gradativamente no úmido porão com tanta gente apinhada. Uns poucos tinham lanternas e enfocaram aos dois homens quando chegaram a baixo.

— Deus bendito, homem, já pensava que passou algo — gritou Betty a Beaux quando chegaram ao porão.

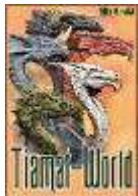
Luke encontrou a Susie sentada só em uma das caixas. Quando se aproximou, ela levantou a vista para olhá-lo com os olhos muito abertos.

— Está ficando feio verdade? — perguntou.

— Sim. — Não podia mentir — Mas suportaremos.

— Me alegro de que esteja aqui — sussurrou ela tão baixo que quase não ouviu.

Agarrou-a entre seus braços e ela não protestou, mas sim rodeou a cintura com os braços para aferrar a ele.



—Eu te protegerei — disse ele contra seu cabelo.

Dizia a sério. Não conhecia toda sua história, mas ele asseguraria de que estivesse a salvo sempre, inclusive depois da tempestade. Sentia que aquilo que ela fugiu era muito pior que alguns tornados que estavam devastando a cidade.

Ela não respondeu, mas assentiu com a cabeça. Isso era suficiente para ele. Ter sua confiança era um princípio. Uma vez que o drama da tempestade ficasse par trás, manter sua confiança seria sua provação. E sempre gostou das provações.

O ruído de madeira partindo sobre eles, seguido de um golpe, ressonou no porão. Os chiados encheram o úmido local e todo mundo falava e gritava de uma vez.

—Fiquem contra os muros — gritava Betty por cima do ruído— Tampem os meninos com mantas.

—Faz calor. Não quero me tampar — disse um dos meninos com uma voz alto que pôs Luke com os nervos à flor da pele.

Mas não era culpa do menino. O medo prolifera nos espaços pequenos. E havia muita gente aí em baixo.

—Vamos morrer! OH, Deus! Vamos morrer! —O pânico estendia enquanto em cima continuavam os golpes.

Luke olhou para as escadas e viu a porta fechar de repente quando algo chocou contra ela, deixando apanhados. Fez um nó no estômago e abraçou mais forte a Susie. Uma sensação de impotência invadiu, retorcendo as vísceras. Esse sentimento não era próprio dele, mas estavam sendo enterrados vivos entre os tijolos e o morteiro de uns edifícios que tinham mais de cem anos.

Susie revolveu em seus braços para liberar e rodeou a cintura com os braços, abraçando. A cara brilhava pelo suor. A sujeira manchava suas bochechas congestionadas e seus olhos verdes se voltaram maiores e brilhantes ao olhar às escadas e depois ao teto.

Ele seguiu seu olhar e estudou as vigas que tinham sobre eles. O lugar era sólido, construído para durar.

—Estaremos bem — sussurrou.

O olhar que devolveu estava cheio de preocupação.

—Sim.

O ruído parecia reverberar através de seu corpo. Ouviam comentários de frustração e desespero a seu redor, meninos chorando, os golpes acima... Tudo isso alterava os nervos de Luke. Se deixasse levar e rendia ao pânico que flutuava no ar a seu redor, perderia o controle.

—Escutem — disse alguém.

Fez silêncio no grupo do porão.

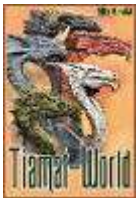
—Não ouço nada — disse um dos meninos.

—Exato — disse Beaux abrindo passo entre as pessoas.

Luke alcançou as escadas antes que Beaux.

—A porta está inclinada. E há algo fazendo pressão contra ela.

—OH, não! Estamos presos aqui embaixo. —A que soluçava a suas costas parecia à mulher do velho Rob Peterson.



—Que todo mundo mantenha a calma — Luke voltou do alto das escadas para enfrentar às pessoas que olhavam com expressão ansiosa— Não estamos presos. A porta está presa e pode ser que demorem uns minutos, mas sairemos daqui. Quanto mais tranquilos estejamos, antes sairemos. Por favor, tranquilizem enquanto movemos estes escombros.

—Escombros... —murmurou alguém— Tudo está destruído.

—Espero que minha casa siga em pé — gemeu outro.

Luke voltou a centrar no que estava fazendo e comprovou que a porta do porão já não sustentava em suas dobradiças, mas sim estava cruzada contra o marco.

—Acredito que o congelador está bloqueando a porta — disse a Beaux que estava atrás dele.

—Merda — exclamou Beaux— Essa porcaria está cheia de carne congelada.

—Tenta subir aqui comigo — disse Luke fazendo lugar na escada— Possivelmente possamos separá-lo.

Beaux era um homem grande e Luke sabia que podia mover muito peso. Os dois empurraram a porta, mas sem muito êxito.

Luke olhou o pequeno oco aberto. Não havia maneira de que pudesse passar por ali. Um menino poderia provavelmente, mas não queria mandar um dos meninos aí fora sem saber o que ia encontrar.

—Luke? —Susie chamou do pé da escada.

Ele voltou para tranquilizá-la e assegurar que encontrariam uma maneira de sair, mas ela subiu as escadas para unir a eles.

—Separe de um lado — disse— É possível que eu possa penetrar por essa abertura.

Nem sequer esperou sua aprovação antes de rodeá-lo para acessar o oco. De abaixo chegavam palavras de fôlego.

—Não é muito grande. —Quando se uniu a eles, Luke a agarrou pelos quadris para segurá-la.

—Pode ser que ela caiba aí — disse Beaux e separou um pouco— Não faça mal, senhorita. Se não puder, não se preocupe, a ajuda chegará logo. Por todos os Santos, está aqui meia cidade! Sentirão falta de todos.

De abaixo chegou uma risada seca a que seguiram algumas brincadeiras.

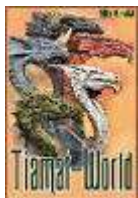
Os ânimos ainda estavam brandos. Luke sabia que todos esperavam que ela pudesse sair por aí. Os olhos espectadores de meia cidade fixaram nele enquanto deixava que suas mãos percorressem as costas de Susie quando ela ficou de quatro e procurou a maneira de introduzir no oco que havia entre a porta e o marco.

—Passei por buracos menores — disse em voz baixa olhando os olhos um momento.

Uma expressão angustiada que não viu nunca antes cruzou sua cara. Outra vez uma lembrança de seu tortuoso passado, de que ela estava fugindo de alguém, escondendo e assustada.

—Não tem que fazer se não quiser — disse desejando apagar essa expressão de seu rosto— Logo virão nos ajudar.

—Posso fazer — disse ela apertando a mandíbula e separando o olhar dele para dirigir para



o marco da porta.

Arrastou para o oco no extremo da porta e sua cabeça e seus ombros desapareceram.

—Aqui tudo está um desastre — disse.

Não podia ver a cara, mas inclinou sobre ela com as mãos em suas costas. Notava suas costelas e sua respiração dificultosa enquanto ela avançava um pouco mais.

—Se pudesse girar... —grunhiu ela.

Outra parte dela desapareceu de forma que as mãos de Luke ficaram sobre seus quadris e suas esbeltas pernas caíam entre eles. Em outras circunstâncias teria encantado estar nessa postura com ela; se inclinava um pouco mais, seu membro ficaria justo junto a seu traseiro.

—Acredito que estou entalada — resmungou ela. Custava ouvir sua voz porque seu corpo bloqueava completamente a abertura.

Luke agarrou seu traseiro; tinha suaves curva justo onde gostava que tivesse uma mulher. Empurrou e sentiu que seu corpo deslizava um pouco mais. Teve que fazer um esforço para não acariciar essas curvas nem deixar que suas mãos penetrassem entre suas pernas. Se fizesse isso, o mais seguro é que ela saísse disparada através da estreita abertura queixando a voz em grito.

O calor e a reclusão deviam estar afetando. Passou a língua pelos lábios onde ainda notava seu sabor e o sexo endureceu.

—Empurra mais forte. —Essa petição acendeu um fogo em seu interior. Seu membro estava desejando fazer o que pedia.

—Você manda carinho — murmurou ele e Luke juraria que Beaux, que seguia detrás dele, fez um comentário.

Menos mal que o corpo de Beaux tampava a vista os que estavam em baixo. O doce traseiro de Susie movia e retorcia enquanto esforçava para conseguir passar pela abertura.

Ela amaldiçoou e grunhiu tratando de girar para poder passar de lado. Luke de repente encontrou com uma mão em seu traseiro e a outra diante, sentindo o calor que surgia entre suas pernas. Quase deu uma patada na cara quando finalmente conseguiu passar e seus pés e suas pernas desapareceram rapidamente pela pequena abertura.

—Não posso mover o congelador — disse do outro lado da porta.

—Vá procurar ajuda. —Luke sabia perfeitamente que ela não podia mover esse congelador.

—Certo. Voltarei. Não vai a nenhuma parte.

Seu tom divertido o alegrou. Sentir impotente não era uma coisa que gostasse absolutamente.

Algo caiu sobre eles e todos no porão ficaram imóveis.

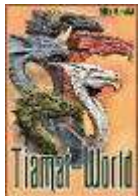
—Susie? —chamou Luke. Não gostou desse ruído. E o que mais odiava era não ter nem ideia do que causou.

—Sim? —Sua voz soava apagada, longínqua.

—O que aconteceu?

—Só me machuquei um pouco.

Uma das mulheres em baixo começou a chorar o que iniciou uma corrente de soluços enquanto as emoções se disparavam. Engoliu a vontade de gritar a todos que se calassem.



—O que aconteceu?

—Não sabia que havia algo em cima do congelador, mas caiu — Sua voz oscilou. Agora mesmo o que mais desejava no mundo era arrancar esse congelador do caminho.

—O que foi? —perguntou Beaux atrás.

—O que é que caiu? —perguntou Luke.

—Parece um velho forno ou algo assim. Caiu sobre a perna.

—Meu forno a lenha? —perguntou Betty em baixo— Deus tem que estar tudo destruído aí em cima.

—Estamos enterrados vivos — gemeu alguém.

Outra vez o pranto se estendeu pelo grupo abaixo.

Algo arranhou o chão por cima de suas cabeças. O ruído aumentou até converter em algo estridente e dilacerador que fez que todo mundo contivesse o fôlego. Chegaram aos ouvidos de Luke os juramentos apagados dela que fizeram que apertasse os punhos até que as unhas afundaram nas palmas. Susie deu um alarido e seu coração explodiu. Ele ignorou o silêncio que rodeava, temendo o pior. Permitiu separar dele e agora estava ferida, possivelmente tanto que não podia mover e não podia chegar até ela. A impotência atravessou como uma folha endiabrada.

—Susie! —bramou incapaz de suportar não saber o que acontecia.

—Estou bem — disse com tom forçado. Não soava como se estivesse— Já estou livre e vou procurar a alguém.

Esteve sentado nas escadas durante o que pareceu ao menos uma hora, perguntando onde demônio foi. As pessoas acomodaram no porão, aceitando seu estado no momento e tentando fazer a espera o mais cômoda possível. Alguns dos meninos maiores se entretinham incomodando às meninas enquanto os menores se revolviam inquietos junto a seus pais.

Todo mundo aí em baixo pareceu ouvi-la ao mesmo tempo. Luke quase caiu pelas escadas por causa do salto que deu ao reconhecer o som de sua voz.

—Aqui! —disse a alguém.

—Estão todos bem aí em baixo? —Era Dan Murphy.

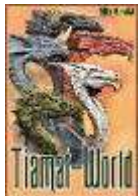
—Estamos bem — gritou Luke— Só precisamos ajuda para sair.

—Tiraremos em seguida — gritou Dan. Ouviam mais vozes do fundo.

Luke ficou de pé nas escadas, preparado para empurrar desde seu lado, mas os oficiais de polícia apartaram sozinho o congelador, grunhindo enquanto o deslizavam longe da entrada.

Ao arrastá-lo pelo chão, o congelador fez um ruído horripilante. Luke e Beaux foram os primeiros em sair. Apartaram rapidamente da entrada e Luke viu caminhando sobre partes do estuque que antes cobria as paredes do café e vidros quebrados. As cadeiras e as mesas estavam jogadas de qualquer maneira pela habitação. As vidraças dianteiras desapareceram quão mesmo a porta principal e toda a parede, de forma que o café se abria diretamente à rua, que mostrava o mesmo caos que o interior do local.

—A cidade está arrasada — disse Dan Murphy ao ver que seu olhar dirigia à destruição que reinava atrás deles.



Gritos e gemidos encheram o destruído café conforme ia saindo à gente do porão.

—Há vidros quebrados e restos afiados por todos os lados — avisava o oficial Bentley, um dos homens mais veteranos do corpo de polícia, às pessoas que tropeçava entre os escombros— Tomem cuidado onde pisam até que cheguem à rua.

Susie estava de pé no meio do café destruído, coberta de cinzas do velho forno de lenha.

—Estou bem — disse e passou uma mão pela bochecha, o que provocou que pulverizasse ainda mais sujeira por sua cara.

Várias pessoas pararam e agradeciam seu heroico esforço. Mais de uma vez teve que apresentar, contar que acabava de mudar, apertar algumas mãos e fazer alguma carícia aos meninos.

Saíram do café e ficaram na rua sob um céu coalhado de estrelas. Na escuridão era difícil determinar o alcance dos danos. Mas, por isso podia ver, Dan Murphy estava certo: a cidade estava arrasada.

—Vais ser a notícia de capa. —A voz ressonante do locutor Jack Wright atraiu a atenção do Luke— Ferida enquanto tentava salvar as vidas da metade dos habitantes da cidade.

O homem alto e fraco que ocupava o jornal e a rádio local estava nesse momento estreitando com energia a mão de Susie.

—Não encontrava a minha família. —A seu lado estava sua mulher e suas duas filhas; toda a pequena família rodeava a Susie— Asseguraremos de que contem que você é a mulher que ajudou a salvar a cidade. É uma verdadeira história humana. As pessoas adoram este tipo de coisas. Chegará a todos os noticiários. Certo que até as cadeias do cabo se interessarão por isso.

Luke viu que a cara de Susie se enchia de medo. Parecia um cervo paralisado por uns faróis que tenta recordar como correr.

Uniu ao pequeno grupo e liberou a mão de Susie da de Jack Wright.

—Por isso vejo, tem um montão de notícias que contar — disse.

Jack era um ano maior que Luke e tinha acabado o ensino médio antes que ele começasse. O homem estabeleceu na cidade e, começando de baixo, ao final conseguiu fazer com a maioria dos meios de comunicação do lugar.

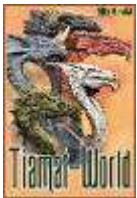
—A história de sua garota ajudará a levantar a moral — explicou Jack sorrindo enquanto os olhavam os dois. — Com toda esta devastação, as pessoas querem ouvir histórias de como trabalhamos todos juntos. Susie... Como disse que era seu sobrenome? Por que não me chama amanhã?

Em meio de todo o caos e a destruição, Jack Wright tirou um cartão de visita do bolso de sua camisa e a estendeu a Susie. Ela agarrou sem dizer uma palavra e olhou um dos sujos sapatos enquanto dedicava a brincar com uma pedra do chão.

Luke ajudou para separá-la da família, que rapidamente distraiu com a tarefa de confirmar que todo mundo estava bem.

—Há tantas notícias que cobrir que logo esquecerá que queria te entrevistar.

Susie deixou de caminhar e ficou olhando, examinando sua cara como se tentasse averiguar algo. Suas bochechas estavam cheias de manchas e o cabelo enredado e úmido. Sua roupa estava



suja e rasgada e tinha um corte ou um desagradável machucado que descia pelo braço. Não viu uma mulher mais bela em toda sua vida.

—Luke necessito que me dê uma mão aqui. —Alguém o chamou.

Ele voltou e viu Dan Murphy e a outros homens tentando endireitar um carro que estava de lado e metido em uma das lojas ao outro lado da rua. Foi correndo a ajudar. Uns minutos mais tarde, quando voltou para olhar, deram conta de que Susie não estava. Olhou por toda a rua, mas não a viu por nenhum lado.

Capítulo 7

Susie estava de pé ao lado de sua tia enquanto o condutor da grua carregava o que ficou de seu carro no reboque comprido e plano.

—Pelo menos estava assegurado. —Tia Lisa observava como trabalhava o condutor da grua.

Dois dias depois da tempestade a cidade de Windy Hills não melhorou muito. Retiraram os escombros do estacionamento da loja de comestíveis e um grande monte de entulhos, árvores arrancadas e postes da luz caídos foram afastados a uma esquina para que as pessoas pudessem voltar a utilizar o estacionamento da loja de forma segura.

Susie terminou de dar ao rapaz da grua os dados de seu seguro e logo contemplou como levava o que ficou de seu destruído carro. Com todo esse caos, o único serviço de táxi de Windy Hills disse uma e outra vez que não tinha suficientes condutores para ir até onde elas viviam, assim precisavam esperar dois dias até que um táxi pudesse ir até o lago Pearl buscá-las e trazer até a cidade.

—Menos mal que este lugar é pequeno — disse Susie caminhando em direção à rua— O escritório do seguro está aqui ao lado. Se tiver entendido bem a apólice, têm que nos dar um carro de aluguel até que chegue o dinheiro da reclamação.

No centro da cidade parecia que caiu uma bomba. Embora tivessem carro, teriam que ir andando, porque colocaram cercas nos dois extremos da quadra que antes esteve cheia de antigos e belos edifícios. Agora alguns deles desapareceram e os que ficavam tinham pôsteres nas portas que indicavam que estavam fechados.

O nome de Murphy Owen figurava em sua porta sobre as palavras "Lar, Vida, Automóvel". Era um dos poucos negócios abertos no centro. A primeira coisa que viu Susie ao entrar foi um pequeno pôster que anunciava que nenhuma reclamação seria tramitada em menos de trinta dias.

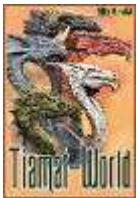
—Susie! —saudou a mulher do balcão com um sorriso— Não recordo seu sobrenome.

Susie devolveu o sorriso apesar de que não a reconheceu.

—Estivemos juntas no porão do café — explicou a mulher rindo— Sou Sheryl. Sheryl Brooks. Seguia sem reconhecer à mulher, mas estreitou a mão.

—Espero que não tenha tido muitos problemas — disse Susie.

—Perdi tudo — disse a mulher apoiando no respaldo da cadeira e encolhendo os ombros— Era uma casa alugada. Por sorte, graças a Murphy tinha um seguro de inquilino. Muita gente por aqui não teve tanta sorte. Mas o que posso fazer por você? É nova na cidade. Espero que sua casa



não tenha sofrido danos.

—Nossa casa está no lago Pearl e ali houve muito poucos danos. —Havia dois homens de pé na porta que dava a um escritório interior e voltaram a escutar para ouvir mencionar o condomínio Front Lake Estates.

—E por que não foi a Lincoln fazer sua reclamação? —O homem maior dos dois, que tinha os polegares metidos nos bolsos de sua calça, olhou-a com penetrantes olhos cinza. Parecia como se não tivesse sorrido em anos.

Susie tinha suas razões para querer se manter separada da cidade, mas nenhuma delas era assunto desse senhor. Ignorou e dirigiu a Sheryl Brooks.

—Há alguma maneira de que possa conseguir um carro de aluguel para substituir o meu até que a companhia me pague os danos? —perguntou enquanto tirava a apólice de seguros e a estendia à mulher.

Claramente o homem maior havia terminado com o que levou ali porque partiu sem dizer nada mais. O outro homem, que teria uns dez anos mais que Susie, rodeou o escritório de Sheryl para olhar a tela quando esta introduziu os dados de Susie.

—Não acredito que possa encontrar um carro de aluguel aqui em Windy Hills — disse sem olhá-la.

—Murphy, Susie tirou a metade da cidade do porão da Betty e Beaux depois do tornado. Estávamos presos ali em baixo, no porão dos Miller e ela penetrou por um oco para sair e ir procurar ajuda. Machucou, mas não desistiu até que encontrou alguém que nos tirou. —Sheryl olhou a seu chefe— Sei que vive no lago Pearl, mas nos ajudou.

Tia Lisa suspirou.

—Somos novas por aqui, assim terão que esclarecer algo. O que acontece os habitantes do lago Pearl?

Murphy olhou a Susie e a sua tia pela primeira vez. Tinha a cara redonda e papada. O traje que levava não sentava muito bem e parecia mais um vendedor de carros usados que um agente de seguros. Estendeu a mão e pareceu sinceramente preocupado por elas quando as saudou.

—Murphy Owen — apresentou e disse tão rápido que ambas as palavras quase mesclaram— Para responder a sua pergunta direi, senhora, que não passa nada aos habitantes do lago Pearl. É só que esse terreno pertencia a uns fazendeiros da zona que o vendeu faz uns vinte anos. Essa venda provocou alguns problemas porque aos fazendeiros que venderam suas propriedades pareceu que se enganaram com os preços que pagaram pelas terras. Depois vieram uns promotores de Lincoln que trouxeram empregados subcontratados de sua cidade para construir as casas e, embora alguns da cidade conseguir trabalho no condomínio foram muito poucos.

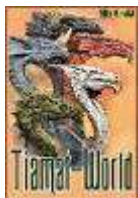
Sheryl assinalou com a cabeça à porta pela que acabava de sair o homem maior.

—Como as maiorias dos que vivem no lago Pearl fazem suas compras em Lincoln, muita gente da cidade sente que nos privaram que um negócio que podia ter beneficiado a nossa cidade.

—Mas acredito que devia fazer uma reclamação... —disse Owen trocando de tema.

Susie estendeu a parte policial dos destroços do carro e a fatura da grua.

—Bem, tramitaremos, mas não acredito que possa encontrar um carro de substituição. —



Owen arranhou a cabeça— O único concessionário no que poderia conseguir um carro ficou bastante mal.

—É incrível. A cidade parece ter sido arrasada. —Susie olhou pela vidraça surpreendida de que estivesse intacta tendo em conta que o edifício do outro lado da rua estava destruído.

—Muitos ficaram sem casa. —Sheryl sacudiu a cabeça sem deixar de teclar enquanto falava.— Estão usando o porão da igreja como refúgio e a maioria tampouco têm o que comer.

—E a metade deles não tinha seguro. —Murphy sacudiu a cabeça como se isso fosse um pecado em si mesmo.

Deixaram o escritório com poucas esperanças de conseguir um carro logo e Susie sumiu em seus pensamentos enquanto caminhavam através do que ficava do centro.

—Deveríamos estar contentes porque ainda temos um teto sobre nossas cabeças — disse Tia Lisa.

—Sim. Embora agora mesmo não saiba como vamos voltar ali. —Susie riu. Realmente não tinha muita pressa para voltar para aquela casa que viu obrigada a chamar lar.

Não viu Luke desde que foi da noite da tempestade. Começou a caminhar em direção a sua casa para afastar de toda essa gente que amontoava a seu redor, quando um fazendeiro ofereceu levá-la. Essa gente se esforçava por ajudar a qualquer que necessitasse. A maioria deles recebeu a ela e a sua tia sem muitas perguntas. Gostava de Windy Hills. Ou o que ficava dele.

—A casa de Luke está longe daqui? —perguntou sua tia.

Susie olhou a sua tia com cara amuada. Ter uma razão para ver outra vez parecia maravilhoso. Não sabia nada dele há uns dias e não queria ligar. Mas ao mesmo tempo assustava quanto desejava o ver. Quanto mais tempo passava, mais pensava nele e imaginava como seria o sexo. Havia muitos finais possíveis para o que fizeram no porão. Em sua cabeça havia fodido com ele de todas as maneiras possíveis e isso a estava deixando louca.

Ele tinha dado conta do medo que experimentou quando o jornalista disse que poderia convertê-la em notícia de capa. Dizia a si mesmo que um jornal local não atrairia a atenção nacional por muito entusiasmo que pusesse o repórter, mas isso não evitou o medo que Rick chegasse a inteirar-se.

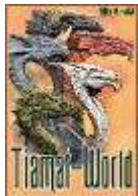
Seus pensamentos voltaram para Luke. Ele deu a entender que sabia coisas sobre ela. Morria por saber o que era o que sabia e como averiguou. Mas falar no assunto significaria que ela teria que dar algumas respostas. Sabia que Luke pediria a história completa. Mas não estava segura de que compartilhá-la com ele fosse uma boa ideia.

Já compartilhou seu corpo. Ela estava preparada para compartilhar também o que havia em sua mente?

—Vive fora, no campo — respondeu Susie— E a verdade é que chovia muito e não poderia dizer como chegar até ali embora quisesse.

Na intercessão, Susie olhou rua abaixo, ao campanário da igreja que brilhava ao sol. Podia retornar à loja de comestíveis e tentar encontrar um taxista que estivesse disposto a levar para casa. Mas rendeu a curiosidade.

—Vamos ver quantas pessoas estão na igreja.



Tia Lisa sorriu.

—Está bem. E talvez se oferecermos ajudar comprando comida, alguém que tenha carro nos leve para casa.

—Você acredita? —Susie olhou a sua tia.

Tia Lisa sacudiu a cabeça.

—Disse seu pai um milhão de vezes que deveria estar vinculado a alguma igreja. Dentro de uma comunidade, as pessoas se cuidam entre si. Vamos. Vejamos o que acontece.

Susie sorriu e seguiu a sua tia. Sabia perfeitamente que a mulher nunca ia à igreja. De todos os modos, não podia discutir sua teoria de comunidade. Já viu quanto unido estava essa cidade.

Quando chegou ao edifício de madeira branca com seu alto campanário e as palavras "Cristo Rei" na pequena marquise dianteira, Susie surpreendeu de que também parecesse intacto. Havia alguns homens com moto serras cortando uma grande árvore que caiu no pequeno estacionamento que havia junto à igreja. Pelo resto, não parecia haver ninguém mais por ali.

Encontraram uma porta na lateral do edifício que dizia "escritório" e entraram. O aroma das velas recém acesas as recebeu. Uma mulher mais velha dobrou uma esquina com ar cansado.

—Ouvimos que estão alojando às pessoas que perderam suas casas — disse Susie quando a mulher as olhou inquisitivamente.

—Estamos até os batentes — respondeu a mulher mais velha— Há uns poucos que ofereceram suas casas também, mas já temos lista de espera.

Susie assentiu. A situação não era nada boa.

—Nós gostaríamos de ajudar comprando comida para todos.

A expressão da mulher mudou completamente. Obviamente estava cansada de ter que rechaçar gente.

—Acredito que não as conheço.

Rapidamente Susie fez as apresentações e encontrou com a reação a que já estava acostumando quando disse que viviam no lago Pearl: o sorriso da mulher desvaneceu de repente.

—Bem, qualquer ajuda é bem-vinda. —A mulher disse que se chamava Joan Silverman.

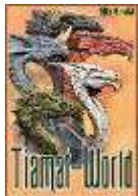
—Mas temos um problema. Meu carro ficou destruído no tornado. Se houvesse alguém que pudesse nos levar, estaríamos encantadas de encher a despensa de comida.

Joan teve que fazer várias chamadas para poder encontrar alguém. Susie passava a língua pelos lábios cada vez que ouvia mencionar seu nome e escutava tranquilamente como Joan explicava quem era Susie e o que se ofereceu a fazer.

Pegou as mãos e centrou sua atenção nelas enquanto dizia que não podia ser um engano oferecer ajudar às pessoas. Mas tinha um nó no estômago.

Um casal maior apareceu no final de meia hora e os quatro foram comprar provisões na loja de comestíveis. Susie teve que aguentar que a mulher, Majel Stone, contasse todos que encontravam que Susie era nova na cidade e que ofereceu para encher a despensa da igreja. Seu marido, Roy Stone, não disse uma palavra. Quando chegaram à caixa, o encarregado disse que a loja ia fazer dez por cento de desconto porque tudo aquilo era para a comunidade.

Quando voltaram para a igreja, soou seu celular enquanto descarregavam.



—Ouvi que está fazendo de boa samaritana — disse Luke quando respondeu.

— Sua casa esta em pé? —Preferiu não perguntar como inteirou tão rápido do que estava fazendo. Obviamente a rede de informação da cidade não viu afetada pelo tornado.

—Sim. E a tua?

—Sim. E seu alpendre dianteiro?

—Posso reconstruí-lo. —Sooou como se não fosse grande coisa— Onde está agora?

Disse e ele respondeu que chegaria logo e desligou antes que pudesse protestar.

—Parece que já encontramos alguém que nos leve — disse sua tia junto a Susie com um sorriso.

Susie sentiu um comichão pela antecipação enquanto ajudava a descarregar a comida na cozinha do porão da igreja. Ouvir a voz de Luke por telefone fez que suas vísceras despertassem. Só em pensar que estaria ali logo a converteu uma desajeitada. Felizmente, havia bastante gente alojada de forma provisória no porão e todos virtualmente se lançaram a ajudá-la com as bolsas. Apesar de que havia uma compra considerável, a comida não duraria muito com toda essa gente.

—Fez uma doação muito generosa hoje. —Um homem idoso falou com a ela na cozinha. Um colarinho branco indicava que era o padre da paróquia— Sou o padre Mike e não tenho palavras para expressar nosso agradecimento.

—Tenho que reconhecer que fiz em parte por egoísmo — admitiu Susie em voz baixa enquanto as pessoas trabalhavam em excesso a seu redor para ajudar com a comida— Parece que vai passar bastante tempo até que o seguro pague meu carro e me disseram que a concessionária da cidade perdeu a maioria de seus veículos, assim vamos necessitar que alguém nos leve para casa.

O padre trocou o peso de uma perna para outra com um sorriso brilhando em seus olhos verdes e aquosos.

—Luke Rogue ligou para o escritório e nos pediu que assegurássemos de que não fosse a nenhuma parte antes que ele chegasse. Estou seguro de que ele a levará.

A atmosfera da habitação mudou totalmente antes que Susie pudesse emitir uma resposta coerente. O padre Mike olhou além dela e ergueu como estivesse a ponto de entrar em uma audiência com alguém que respeitasse.

Algumas pessoas as suas costas saudaram Luke. Ela negou a dar a volta, segura de que todos esperavam que fizesse. O olhar de Luke queimava nas costas. Seus fortes passos ressonavam ao compasso do potente batimento de seu coração. Cada centímetro formigava de excitação. Tiveram uma ardente e louca experiência em seu porão e ela estava desejando voltar a ver. O calor estendeu por todo seu corpo, acendeu as bochechas e seguiu baixando pelo pescoço.

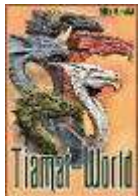
Deus. Esperava que o padre e Tia Lisa não dessem conta.

—Está aqui... —disse Luke. Aproximou muito e ficou de pé atrás dela, apoiando as mãos nos ombros— Vejo que já conhece Susie, padre.

O padre Mike sorriu com aprovação ao ver as mãos de Luke nos ombros de Susie.

—Fez uma doação muito generosa hoje. Como vai a reconstrução da cidade?

—Há muitos danos. —O comentário de Luke foi referendado imediatamente pelos que



estavam a seu redor, que ficaram a compartilhar uns com outros a destruição da que foram vítimas.

Seguiu falando, mas a manteve muito perto dele, sempre tocando com as mãos. Era terrivelmente desconcertante. De uma forma muito tranquila e sutil, estava dando a entender a todos que era um casal. Se Susie separasse de Luke, os sorrisos de aprovação dos que rodeavam desapareceriam. E o pior foi que Tia Lisa não pareceu importar que Luke as guiasse através da sala sem deixar de acariciar as costas ou o braço até que os três se despediram.

Pararam na porta que havia junto à secretaria da igreja.

—Sei que já foi muito generosa — disse Joan sorrindo a Susie e a sua tia— Mas tenho que pedir outro favor, se não importar.

—Qual? —Susie já não estava preocupada com sua falta de meio de transporte; Luke as levaria para casa. Assim que devolveu o sorriso à mulher— Se estiver a nosso alcance, faremos.

—Bem, obrigado. Disseram que os apartamentos Gaslight ainda seguem em pé, mas continuam sem eletricidade. Estou recrutando voluntários para levar comida quente. Há muitos anciões e famílias com meninos pequenos vivendo ali.

—Ajudaremos a cozinhar encantadas — ofereceu rapidamente Tia Lisa.

—Podem usar minha cozinha. —Luke captou o olhar de Susie antes que desse tempo de protestar— Mamãe estava acostumada a fazer todo tipo de doces. É perfeita e está mais perto da cidade que sua casa.

—Excelente. Feito então. Estou certa que encontrarei algumas mulheres que possam ir a sua casa e ajudar a preparar a comida. —Joan soava muito entusiasmada com a ideia e sorriu a Luke— Sua mãe estaria orgulhosa de ver que está ajudando à igreja de novo, Luke.

Luke assentiu e as conduziu fora onde estava estacionada sua caminhonete.

—Terá tudo isso organizado antes que caia a noite. O melhor será que vamos a sua casa para que peguem algumas coisas e depois ficarão na minha.

—Luke não acredito... — começou a dizer Susie, mas sua tia deu uma cotovelada.

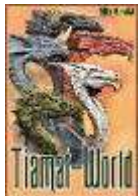
—Parece uma boa ideia. —Tia Lisa olhou fixamente a Susie como se tentasse dizer algo.

Susie franziu o cenho. Deu a sensação de que perdeu algo uma vez que a invadiu uma excitação nervosa, *iam ficar com Luke!*

Em uma hora, Susie e Tia Lisa colocaram um pouco de roupa em umas malas e as carregaram na parte traseira do Bronco de Luke. Não passou muito tempo desde que desfez essas mesmas malas e colocou suas coisas em seu novo dormitório. Invadiu a estranha sensação de que estava abandonando essa casa para não voltar.

Entrar na casa de Luke de novo, esta vez com o sol brilhando no exterior, também provocou uma sensação estranha. As emoções descontrolaram com essa força incrivelmente destrutiva ameaçando suas vidas e agora entrar na silenciosa casa era para ela como reviver um momento embaraçoso. Mas a pesar do nó do estômago, invadia uma incontrolável necessidade.

Ao entrar pela porta traseira viram como os raios de sol revelavam a acumulação de poeira da cozinha. Olhou para a porta do porão e uma onda de luxúria quebrou sobre ela tão forte que quase tropeça em seus próprios pés. As imagens que poderia ter acontecido se tivessem tido mais



tempo provocaram que a pressão de seu interior crescesse rapidamente e alagasse sua vagina. Possivelmente se tivessem tido sexo não estaria morrendo pelo que não chegou a fazer.

Apartou a vista rapidamente e concentrou na cozinha grande e espaçosa que quase não pode ver na outra ocasião. A estadia estava cheia de armários largos e altos. A bancada era espaçosa e imaginou todas as refeições familiares que teriam preparado ali durante anos. Os singelos azulejos brancos e cinzas, que mostravam sinais de não ter sido bem esfregados em bastante tempo, faziam que a habitação parecesse maior. Contra a parede havia uma grande mesa de madeira com algumas cadeiras a jogo ao redor dela. Viam jornais e o que pareciam alguns orçamentos e faturas pulverizados pela mesa, com uma vasilha de comida em cima. Na profunda pia de porcelana branca repousavam um par de xícaras de café e o pó descansava pesadamente sobre as cortinas desbotadas.

Uma mescla de emoções a invadiu. Essa cozinha criou uma família, mas agora via abandonada e esquecida. Entretanto, ela nunca teve uma cozinha familiar como aquela. Desde que sua mãe morreu, comia em uma bandeja diante do televisor ou em restaurantes quando seu pai tinha tempo para comer com ela.

—Eu uso o quarto que está ao final do corredor ao subir a escada. Vocês podem escolher: tenho quatro quartos vazios acima. —Deu de ombros e sorriu enquanto olhava às duas mulheres que acabavam de entrar em seu domínio— Me parece que não sou muito bom dono de casa.

—Tem uma casa preciosa — elogiou Tia Lisa enquanto seguia pela cozinha em direção ao corredor— Cresceu aqui?

Susie andava quando começaram a subir as escadas de madeira que levava ao segundo piso que ela ainda não viu. O corredor acima era amplo e culminava em uma janela em um extremo. A luz do sol podia atravessar os sujos vidros.

—Sim. Meus irmãos e eu nascemos e crescemos aqui. —Não disse nada mais. Abriu algumas maçanetas e assinalou o banheiro— Podem escolher dormitório e há outro banheiro em baixo. Eu usarei o de baixo e vocês podem ficar com este.

Abriu a última porta do corredor. Havia outra porta, ligeiramente entre aberta, que não mostrou. Susie supôs que era seu dormitório. Apesar de que sua mente dizia que escolhesse o quarto do outro lado do corredor, encontrou entrando em um que havia ao lado do seu. O corpo formigava por uma energia selvagem que a percorria como se tivesse vida própria.

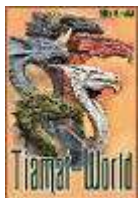
Luke agarrou a mala da mão e a colocou sobre a cama individual, deixando claro que queria que ficasse com este dormitório. Ao lado do dele, de onde ele dormia. Dormiria nu? Com cueca?

—Estes quartos são maiores que as de nossa casa — gritou tia Lisa do corredor.

Susie deu um salto pela surpresa. Odiava estar tão nervosa.

—Tenho que voltar para cidade para me ocupar de algumas coisas antes que anoiteça. — Luke pegou seu queixo antes que pudesse protestar e pôs seus lábios sobre os dela, marcando, deixando seu sabor na língua antes de separar e sussurrar— Está em sua casa. Voltarei em algumas horas.

Ele baixou as escadas deixando a ali parada com o coração martelando e sem nenhuma resposta na cabeça. Passou a língua pelos lábios. Desejava mais dele.



Caiu à noite e Susie finalmente sentiu o suficientemente cômoda para ajudar a sua tia com a limpeza da cozinha. Encontraram uns poucos produtos de limpeza e dedicou a esfregar os armários, a bancada e o chão. Ela e a tia Lisa encontraram um aspirador, vassouras e esfregões. Acenderam a televisão para ter ruído de fundo e foram de quarto em quarto, levantando capas de pó e fazendo que o lugar brilhasse.

Um boletim de notícias da televisão captou sua atenção enquanto varria o chão de madeira, juntando toneladas de pó procedentes da recente substituição da janela dianteira do salão.

—Tia Lisa! —chamou apoiando na vassoura enquanto olhava a televisão— Veem ver isto!

Sua tia saiu do banheiro de baixo com um pano de chão na mão.

—*O governador de Nebraska declarou o condado do Saline zona catastrófica. Trata-se de uma comunidade predominantemente fazendeira e a cidade maior do condado é Windy Hills. Quase todos seus habitantes perderam suas casas por culpa dos cinco tornados que assolaram a zona esta semana.*

Tia Lisa se colocou a seu lado.

—É a CNN — sussurrou Susie com os dedos apertando o cabo da vassoura tão forte que começaram a doer. Ficou com a boca seca e o pânico a invadiu enquanto a reportagem mostrava imagens do tornado e vistas da cidade e a devastação.

—*Os danos alcançam centenas de milhares de dólares* — estava dizendo o locutor— *O governador pediu ajuda ao Presidente para reconstruir várias cidades da zona.*

As imagens passavam detrás dele: imagens do centro e gente que reconheceu.

—*Estamos nos ajudando juntos. É o melhor que podemos fazer em uma situação como esta.*

—Era Jack Wright, o homem alto e fraco que havia dito que queria entrevistá-la. Concentrou no entrevistador da CNN que sustentava o microfone entre ambos.— *Temos um forte vínculo com a comunidade, o que é de grande ajuda em momentos como este. Mas inclusive gente de fora, como a recém chegada Susan Whittaker, envolveu-se e devotado toda a ajuda que pôde a aqueles que o perderam tudo.*

A bílis subiu até a garganta quando viu si mesmo e Tia Lisa ajudando a carregar bolsas de comida no exterior da loja de comestíveis. Isso ocorreu esse mesmo dia, só um pouco antes. Onde estava a câmara? Como não se deu conta?

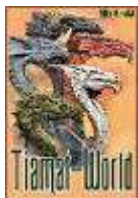
—OH, Deus — sussurrou.

De repente todos os músculos de seu corpo estremeceram. Por um segundo não esteve segura de que pudesse continuar de pé. Os olhos ardiam e não atrevia nem a piscar nem a apartar a vista da televisão. Via sua segurança converter em fumaça enquanto o repórter continuava mostrando vistas de Windy Hills, as casas destroçadas e os comentários das pessoas que viviam ali.

—*Não fica nada. Nada.* —Uma mulher maior soluçava a câmara— *Não há lugar na igreja para todos os que ficaram sem casa. E não há comida. Graças à generosa doação de Susie Whittaker, pelo menos meus filhos não passarão fome.*

—Tia Lisa — gemeu ao sentir que a sala girava em torno dela.

Sua tia disse algo, mas ela não ouviu. A mão fria de Tia Lisa agarrou por braço e a ajudou a chegar até o sofá. Susie deixou cair sem tirar as revistas abertas que estavam pulverizadas sobre o



assento. Não podia apartar os olhos da televisão.

Se a CNN estava na cidade agora, entrevistando a toda essa gente que obviamente ouviu falar de sua boa ação, o que ocorreria se tentassem encontrá-la? Que explicação poderia dar para não querer ser entrevistada?

Rick a encontraria. Ele via as notícias todos os dias. Inteiraria-se inclusive se perdia esta reportagem. Alguém a reconheceria e o diria. Seu disfarce desapareceu. Tinha que fugir outra vez.

De repente o telefone começou a soar em alguma parte da casa. Ela deu um salto e um grito e sentiu estúpida imediatamente. Não podia suportar que, inclusive do outro lado do país, Rick controlasse suas emoções.

—Quer te acalmar? —arreganhou sua tia.

Susie olhou como se a mulher tivesse perdido a cabeça.

—Olhe. Não estamos em casa. Acabamos de chegar aqui. Pensa Susie. —Sua tia a pegou pelos braços e a sacudiu— Ninguém nos encontrará aqui.

Susie explodiu.

—Sei que tenta ajudar. —Não havia nada pior que ser tratada como uma menina— Mas muitas pessoas sabem que viemos aqui. Merda, nesta cidade basta que saiba uma pessoa. Todos saberão antes que esses repórteres vão embora. Provavelmente tragam até aqui.

Como se tivessem ouvido, o ruído do cascalho da entrada rangendo sob pneus captou sua atenção. Susie amaldiçoou em voz baixa porque tirou todas as cortinas e as colocou na máquina de lavar roupa. O zumbido que fazia a máquina no outro quarto a tirou do sério.

Saiu disparada para o corredor, agarrando a porta com as mãos úmidas enquanto olhava pela enorme janela nova da sala de estar. Esperou ouvir ruído de passos, mas depois recordou que a porta principal estava inutilizada. Como o alpendre dianteiro estava destruído, Luke passou fita no local até que pudesse arrumá-lo.

—Acalme. —O tom de sua tia era firme— Pode negar que a entrevistem e as pessoas da cidade só pensarão que é humilde.

—Não importa. Já gravaram. —Susie assinalou a televisão.

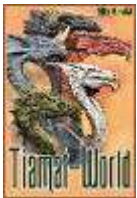
Odiava Rick pelo poder que tinha sobre ela. Mas era ela quem deu esse poder. De algum jeito teria que fazer frente ou seria esmagada e teria que estar o resto de sua vida guardando as costas. Não podia viver assim.

Outro carro estacionou em frente. Portas se abriram e fecharam. As grandes vidraças da casa pareceram olhá-la, observar cada um de seus movimentos, mas sem dar nenhuma indicação do que passava fora. Ouviam vozes apagadas. De onde estava podia olhar pela janela dianteira e da cozinha, mas não tinha nem ideia do que os de fora podiam ver do interior da casa.

Algo brilhou e por um momento temeu que fosse uma câmara, logo se deu conta de que eram faróis. Um dos carros ia. O coração quase sai do peito quando a porta traseira abriu e fechou.

Luke apareceu na cozinha e aproximou dela rapidamente.

—Ninguém vai incomodar você aqui — disse tão baixo que ela perguntou se de verdade ouviu.



—As notícias voam. —Tia Lisa sorriu quando Luke rodeou Susie com um braço e a separou da parede.

—Estava na loja de ferragens quando vi que os repórteres da CNN estavam na cidade — contou Luke— Pusemos a televisão e pensei que tinha que vir para casa.

Susie mordiscou o lábio lutando por concentrar-se. Uns músculos duros apertavam contra ela enquanto Luke acariciava o braço com os dedos. Ia conseguir que derretesse ali mesmo, diante de sua tia e com o mundo desmoronando a seu redor.

—Cheguei bem a tempo para proteger de Jack Wright. Parece que descobriu que estavam aqui. —Os olhos azuis examinaram a cara enquanto um de seus dedos acariciava o pescoço, causando estragos em seu sistema— Disse que não ajudou à comunidade para chamar a atenção e que ofenderia se o convertia em notícia. Ficou incomodado um pouco, mas se foi.

—Qualquer um diria que lê mentes... —disse ela surpreendida e em voz baixa; não queria soar ingrata.

Aterrorizava-a que ele soubesse algo de seu passado (e muito menos tudo). Ao mesmo tempo, uma luxúria desatada atacava seus sentidos. Ia ficar louca.

—Susie. Eu te disse. Sei quem é. —Suas suaves palavras sossegaram todos os ruídos da casa.

Capítulo 8

Essa noite, mais tarde, Susie sentou na borda da cama. A casa estava muito silenciosa. Tia Lisa foi para seu quarto fazia quase uma hora e provavelmente já estaria dormindo. Susie desejava poder fazer o mesmo. Olhou a porta do dormitório, que estava ligeiramente entre aberta. A única luz que havia no corredor vinha do quarto de Luke. Embora tentasse escutar, não ouviu absolutamente nada. Mas certamente ele não estaria dormindo com a luz acesa.

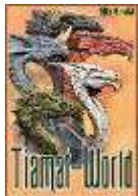
Tirou os sapatos, mas ainda com as calças curtas e a blusa que usou durante todo o dia. Na pequena mala que trouxe havia uma camisola. Levantou, fechou a porta e tirou a singela camisola branca que chegava quase até os joelhos.

Uma cortina azul claro, que ela havia tornado a colocar pouco antes, penduravam diante das duas janelas de seu quarto. Fechou antes de trocar-se. Saber que Luke estava no quarto do lado a distraía. Seus dedos tremeram ao tirar a camisa das calças e tirar pela cabeça. Depois tirou o sutiã e deixou cair no chão os short e a calcinha. Acariciou com os dedos o corpo nu antes de deslizar a camisola pela cabeça. Notava frio contra sua pele, que parecia arder com uma febre que estava segura que não poderia acalmar ela sozinha.

Era ridículo. Amanhã mesmo Rick poderia aparecer por ali. Ou pior, enviar alguém para que se desfizesse dela.

Luke Rogue teria que ser a última coisa que deveria ter na cabeça nesse momento. Mas não importava quanto tentasse centrar em outra coisa, as imagens dele e as lembranças de como a tocava e a beijava, de como conseguiu que tivesse o melhor orgasmo de sua vida, não a deixavam em paz.

Necessitava uma distração. Mas não ia encontrar nesse quarto que só continha uma cama e



uma cômoda... Abriu a porta com cuidado e olhou o corredor escuro com o coração martelando no peito. Era como se fosse uma menina que se atrevia a escapular escada abaixo depois de que a tivessem mandado para cama. Necessitava respostas. Morria por ter muito mais que isso, mas averiguava o que Luke sabia, ao menos poderia dormir. Perguntar algumas coisas não faria mal. depois de tudo, estava com a luz acesa e a porta estava entre aberta. Não era como se entrasse no seu quarto para meter na cama com ele.

Embora o certo seja que isso não soava nada mal.

As pernas tremiam enquanto caminhava pelo corredor. O chão estava frio sob seus pés descalços. Seus dedos também tremeram quando tocou a porta, coisa que não gostou, mas empurrou a dura madeira e a porta chiou, fazendo que seu coração estivesse a ponto de estalar.

Luke não estava em seu quarto.

Suspirou e tentou acalmar seu coração. Depois passou a língua pelos lábios ressecados e voltou para a escada. Tinha que estar em baixo.

Bom, já tomou uma atitude, assim agora precisava encontrá-lo. A porta do quarto de sua tia estava fechada, assim dirigiu às escadas e desceu na escuridão.

Todas as salas de abaixo estavam às escuras exceto uma. Ao final do corredor, passado o banheiro de abaixo, havia um quarto que albergava umas poucas estantes e um computador. Sabia por que passou o aspirador antes. Com algo mais que determinação e pensando que era mais seguro aproximar dele em outra habitação que não fosse seu dormitório, cruzou o curto corredor para a entrada do despacho.

Luke estava sentado dando as costas, olhando a tela do computador. Todo pensamento a respeito de estar a sós com ele desapareceu quando viu o que tinha no computador: um artigo de jornal de princípios desse ano (não recordava que data exatamente nesse momento), acompanhado por uma foto de Rick e ela.

Fez um nó na garganta. Luke estava investigando para averiguar mais coisas de seu passado. Não podia respirar nem quase ver, mas voltou e correu pelo corredor.

Um as mãos fortes a agarraram antes que alcançasse as escadas.

—Não fuja nunca de mim — sussurrou ao ouvido.

Ela recordou Rick dizendo isso mesmo no passado. O pânico a invadiu e ficou a lutar contra ele. Abriu a boca para gritar. Luke a girou e a envolveu com seus braços, apertando contra seu peito. Apagou seus gritos com seu corpo, segurando-a com força.

—Não sou seu inimigo. —Acariciava o cabelo com uma mão enquanto com a outra a mantinha pego a ele.

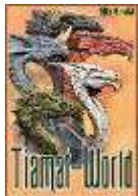
—Não o entende — murmurou ela inalando seu aroma, com a mente cheia de pensamentos desagradáveis. A fortaleza e a tranquilidade de seu abraço a envolveram.

Eram muitas coisas de uma vez. As lágrimas alagaram seus olhos.

—Então me explique isso— levou-a pelo corredor de volta ao escritório antes que pudesse negar.

—Deus — a disse dando as costas à tela assim que a viu— Tira essa foto, por favor.

—Está bem, está bem. Mas não vá. —Soltou. Ela rodeou o corpo com os braços e apertou as



pálpebras para deter a corrente de lágrimas enquanto ouvia mover para o computador— Já não está.

Tocou-a de novo para voltá-la para ele. Seus dedos seguraram o queixo para levantar a cara. Ela piscou algumas vezes enquanto observava sua expressão preocupada. Não podia ter medo desse homem. A compaixão e algo um pouco mais escuro endureciam sua expressão pensativa, mas não havia hostilidade nem nada oculto. *Merda*. A última vez que acreditou em sua intuição acabou casada com um canalha. Não, pior que um canalha: um perigoso e criminoso.

—Seu nome real é Susan Winestone. —Não era uma pergunta.

Passou a língua pelos lábios e assentiu lentamente com a cabeça.

—Por que veio para cá? —perguntou sem deixar de acariciar o queixo com o polegar.

—Porque não quero morrer. —Algo rompeu em seu interior, uma represa de emoções retidas. De repente desejava mais que nada no mundo acreditar que podia confiar nele, compartilhar com esse homem cada horrível detalhe de seu passado, apoiar nele e usar sua força para fortalecer e poder liberar a batalha que tinha diante dela.

—Deus bendito. —Luke a esmagou contra ele, apertando tanto que por um momento não pôde respirar— O que fez esse monstro?

Sentia tão bem em seus braços que moveu a cara para que sua bochecha descansasse em seu peito. Por um momento não respondeu. Falar de Rick era a última coisa que queria fazer agora. Luke não a pressionou para que respondesse, só a abraçou com a cara apoiada no alto de sua cabeça enquanto acariciava lentamente as costas com os dedos. Finalmente ela suspirou e relaxou contra ele.

—Vai me contar o que está acontecendo. —Não a soltou, mas sim falava junto a sua cabeça— Não é bom que viva com medo o resto de sua vida. Está segura aqui, mas tenho que saber tudo.

As palavras saíram mais facilmente do que ela esperava.

—Casei-me com um monstro. O divórcio está quase resolvido. Mas o que eu sei pode colocar na prisão ou algo pior. Rick Angsthworth não vai me deixar em paz até que me encontre.

Luke se separou dela, pegou pela mão e a levou com ele ao computador. Sentou e a colocou em seu colo de tal maneira que quase a balançava em seus braços.

—Deixa que venha. —O tom sanguíneo de sua voz fez que parasse o coração— eu adoraria falar umas palavras com ele.

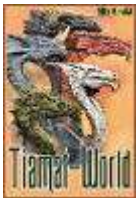
—Você não entende — respondeu ela.

Ele a agarrou pelo queixo elevou a cara e pressionou seus lábios contra os dela.

Fogo. Uma onda de calor a golpeou. Seu mundo girava a toda velocidade enquanto uma incontrolável necessidade, selvagem e impetuosa, consumia com uma fúria que não podia controlar. Melhor dizendo, não queria controlar. Tudo o que podia fazer era suportá-la.

Deixou escapar um gemido enquanto a pressão que pedia para ser liberada crescia em seu interior e seus dedos percorreram o peito dele.

—É você a que tem que entender, carinho — sussurrou ele contra sua boca para depois empreender um caminho ardente e úmido por seu pescoço.



Encontrou o ponto sensível que tinha sob a orelha e roçou a tenra carne com os dentes.

Susie ia morrer. Ali em seu colo. Esse homem provocava coisas que não sentiu com nenhum outro homem antes.

—Luke — gemeu aferrando-se a ele como se o fosse à vida nisso.

Com a mão livre a acariciou por cima da camisola, roçando os mamilos. Os peitos incharam e a pressão que sentia neles a voltava louca. Sem pensar, arqueou as costas, pedindo mais sem pronunciar palavra.

—Agora vais compreender que esta segura comigo — disse ele enquanto sua mão afundava mais abaixo, para o bordo da camisola.

—OH, Deus — gemeu ela quando seus dedos deslizaram sobre a sensível e torcida carne do meio das pernas.

Luke só usava cueca e o pelo de suas pernas nublava seus sentidos. A sensação de esfregação contra suas coxas se unia a lenta massagem de seus dedos centrada no ponto mais sensível de seu sexo.

Passou quase um ano da última vez que esteve com um homem e então não desfrutou. Trocou de postura em cima de Luke e moveu as pernas para ficar escarranchada sobre ele. Sua quente pele era suave ao tato quando passou os dedos pelos ombros para depois rodear o pescoço com os braços. A visão nublava pelo desejo ao contemplar esses brilhantes olhos azuis, olhos que refulgiam como raras safiras. Agora havia ficado mais escuros, penetrantes e decididos.

Seu membro se converteu em pedra debaixo dela. Comprido e duro, seu desejo fazia mais evidente a cada momento enquanto crescia e alargava, puxando cada vez mais do tecido de sua cueca. Ela umedeceu seus lábios e observou ao endurecido mastro que tentava escapar de sua roupa interior.

Os dedos dele seguiam entre suas pernas e sua própria mão pressionava sua ereção sem deixar de acariciá-la. Seu membro dançava com tal fúria que ela sabia que estava se voltando louco e só vê-lo fazia que ela estivesse a ponto de perder a cabeça de desejo.

—Não posso prometer nada — sussurrou ela. Necessitava que ele soubesse que fazer amor com ele (não, "foder" com ele) não os converteria em um casal.

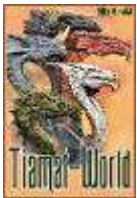
Seu coração estava de fato uma confusão agora mesmo. A oportunidade da liberação física era muito boa para deixá-la passar, mas ele precisava entender, que isso ia ser só sexo: prazer mútuo e mimado entre adultos.

Quando atreveu a olhar seu rosto deu conta de que estava com a frente enrugada e o cenho franzido. Não gostou de suas palavras. Ela desviou a vista rapidamente, fechou os olhos e concentrou no que seus dedos estavam fazendo entre as pernas.

—Está bem — concedeu-o. Disse muito rápido e soou como se o dissesse por dizer.

Em outro mundo, em outra vida, Luke Rogue seria o homem perfeito: forte, com valores morais, boas intenções e com melhor aspecto que qualquer homem no que ela teve visto em muito tempo. Dava voltas ao Rick em todos os aspectos. Luke era um homem de verdade, trabalhador, honesto e respeitado. Seria ideal para qualquer mulher.

Seus próprios enganos arruinaram esse momento perfeito. Algo no fundo de sua mente dizia



que separasse dele, ficasse de pé e partisse que desculpasse por ter causado tanta excitação e corresse a seu quarto. Ela podia parar isso se não quisesse ir mais longe. Mas não fazia ideia de onde tirar a força para fazê-lo.

Deixou seus ombros e percorreu com os dedos o duro peito, desfrutando das suaves mata de pelo que se enroscavam contra sua pele. Parou quando as gemas de seus dedos tocaram o bordo de sua cueca e acariciou a banda elástica que mantinha sua ereção sob o tecido.

—Podemos só desfrutar do momento? —Queria que dissesse algo, o que fora, que ajudasse a justificar o ato que estavam a ponto de cometer.

Nunca foi o tipo de mulher que andava procurando sexo ocasional. O que propunha era novo para ela. Luke teria que dizer algo que a fizesse sentir que o que estavam fazendo estava bem.

—Você tem o controle — disse ele. Seus dedos não detiveram essa carícia endemoninhada sobre sua empapada e hipersensível pele.

Ela suspirou e os dedos tremeram contra sua cueca. Isso não era o que queria ouvir. Não o estava pondo fácil.

Possivelmente se o expuser de outra maneira...

—Ainda estou legalmente casada — sussurrou ela tentando comprovar seu nível de moralidade.

—Sim. —Essa não era uma resposta que confirmasse que ele estava de acordo em que isso era só sexo e que não havia emoções envoltas nisso.

Merda.

Tinha que ter agora.

Ele não a estava obrigando, não a estava forçando a fazer algo que ela não quisesse. De fato, apesar de que seus dedos não deixavam de mover lentamente entre suas pernas, sua outra mão descansava tranquilamente no braço da cadeira. Ele pulverizava sua umidade sobre sua suave pele, gerando uma pressão que ela podia deixar que ele aliviasse ou ir para cima e tratar de aliviar por si mesmo.

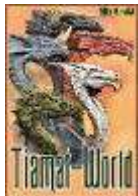
A irritação a invadiu. Esse homem tão sexy que estava sentado relaxado embaixo estava permitindo ter o controle. Não afastou nem disse que esperasse. Toda a vida desejou tomar suas próprias decisões e essa era exatamente à posição em que estava agora: levantar e partir ou tirar esse membro fora e montá-lo até que não pudesse mais. *Deus*. Não era tão forte.

Mordendo o lábio inferior, pegou sua cueca e liberou seu membro que cobrou vida imediatamente, preparada e impaciente, dura e forte, com a ponta torcida apontando para ela. Inclusive essa parte dele era perfeita.

Fechando os olhos, colocou-se sobre ele. Ele apartou a mão e a deixou descansar em seu quadril. Seus dedos úmidos queimavam a pele.

Deixou cair sobre seu membro e ela soltou uma exclamação ao mesmo tempo em que um grunhido escapava dele. Começou a mover-se sobre Luke lentamente e com as pernas trementes.

Ele moveu a outra mão e também a pôs no quadril. Agarrando-a, obrigou-a a manter seus movimentos lentos e começou a controlar a ação. Seu quadril movia debaixo dela entrando e



saindo. Atreveu a olhar aos olhos e encontrou com que a observava com um olhar intenso. Ficou apanhada nela, incapaz de escapar. Muitas emoções a invadiu.

Ele era bonito, compassivo e isto era definitivamente muito mais que só poder.

Se isto fosse só sexo deveria ser selvagem, descontrolado, ardente e louco. Mas por muito que tentasse, não podia fazer outra coisa que afundar nessa maneira tão sensual de olhá-la que ele tinha. Incapaz de deter aproximou a boca dele. Seu beijo foi tão longo e profundo que a encheu do sentimento de amor mais intenso que ela experimentou em toda sua vida.

O orgasmo a atravessou, e fez que queria chorar, pegar a ele, dizer todas aquelas coisas que não se permitia dizer. Quando ele ejaculou dentro dela com os braços rodeando e apertando muito forte e ela derrubou contra seu suarento peito. Rodeou o pescoço com os braços enquanto ele se liberava e derramava em seu interior.

Ficou sentada em cima dele durante um comprido instante enquanto ele seguia dentro dela, tremendo ocasionalmente, até que começou a relaxar. Sentia o corpo como de borracha e as pernas muito fracas para suportar seu peso. Se não tomava cuidado, dormiria em seus braços. Sentia mais segura do que esteve em sua vida.

E isso era o principal. Mentia a si mesma, mas de algum jeito isso o fazia bem, ajudava a manter o escudo em alto só um pouco mais. Era a segurança e a tranquilidade que Luke oferecia que a atraía. Precisava acreditar nisso. Se não fazia, se apaixonaria por ele.

Suspirou e ergueu incapaz de olhar nos olhos. Separou dele apesar de que os músculos das pernas tremiam ainda. Seu membro úmido descansava sobre sua cueca e captou sua atenção um momento antes que desviasse o olhar.

Ele não sorria. Não tirava os olhos de cima e a olhou como um falcão quando ela retirou um par de passos.

—Acredito que ambos precisávamos — disse ela preparada para dar a volta e sair correndo para seu quarto, onde provavelmente passaria a noite sem dormir.

Luke não disse nada. Lentamente ajustou a cueca sem baixar a vista; seguia olhando a ela.

De algum modo não parecia bem afastar dele sem dizer nada mais. Olhou a tela do computador e mordeu o lábio.

—Tem que entender. —Ela fez uma pausa.

Seu corpo via dura como uma pedra e parecia um perigoso depredador preparado para saltar sobre sua presa em qualquer momento. Ela queria raciocinar com ele, obrigar a entender seu ponto de vista.

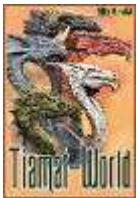
—Um delinquente anda solto e está bem considerado neste mundo. Eu sei coisas que o colocariam na prisão.

—Então conta. —Sua boca apenas moveu quando falou. Nem um só músculo de seu corpo moveu.

Ela riu. Sentia mais incômoda agora que falou do que quando estava calado.

—Como se isso fosse tão fácil. Rick não acata as regras.

—Está defendendo. Possivelmente ainda esteja apaixonada por ele. —Enquanto a olhava seus olhos azuis se tornaram frágeis, mais escuros e penetrantes. Era como se não necessitasse



que respondesse, como se soubesse a verdade com apenas olhá-la.

—Não. Deus. Merda, não. —Ela sacudiu a cabeça— Está claro que isso não é verdade.

Ele não disse nada. Esteve a ponto de recordar que não teria sido possível compartilhar o que acabavam de compartilhar se ela ainda estivesse apaixonada por outro homem.

Dar conta disso rompeu o escudo que lutava por manter ao redor de seu coração. Não. Ela não amava Rick. Nem sequer gostava. Essa não era a questão. Ela sentia algo por Luke e não era algo puramente físico. Foi algo mais que só sexo.

Luke ficou de pé e seu enorme corpo se abateu sobre ela quando se aproximou.

—Não sou o único que nega a verdade — disse simplesmente.

Ela conteve a respiração. Ele podia ler nela facilmente. Esses intensos olhos azuis não iam deixar em paz, seguiriam atravessando-a até ver sua alma. Ninguém chegou nunca tão dentro dela como Luke.

Apesar de que ela entendia que o que ele queria dizer era que estava negando seus sentimentos por ele, era um tema muito delicado para discuti-lo nesse momento. Colocou as mãos nos quadris decididas a levar a conversa por outro caminho.

—Um criminoso muito perigoso e com muito poder provavelmente já sabe exatamente onde estou graças às notícias. —Ela conteve o fôlego sem deixar de olhar aos olhos azuis— Virá atrás de mim, Luke.

Ele aproximou e ela deu um passo para trás. Ainda tremiam as pernas, assim teve que agarrar à porta para manter o equilíbrio.

Luke franziu o cenho seu corpo endureceu de fúria enquanto a olhava. Ela deu conta de que não dava medo. Não importava que fosse muito maior que ela, muito mais forte não havia nada nele que fizesse sentir que a atiraria ao outro lado do quarto ou que a golpearia.

Ele não era como Rick. O escudo que cobria seu coração começou a desmoronar de novo.

—Esse bode não vai pôr a mão em cima de você — disse com os dentes apertados— Estou seguro disso. E quando aprender a confiar em mim, você também estará.

E dito isto partiu, deixando-a só no escritório. Ela olhou ao chão. Muitas emoções a percorriam para poder identificar alguma. Ouviu subir a escada e depois a relaxante quietude da casa a rodeou.

Confiava nele. Sim, fazia.

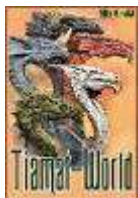
Capítulo 9

Todos os músculos de Luke protestaram. O suor empapava suas costas.

—No três. —Olhou aos homens que esperavam seu sinal com as caras cobertas de suor e sujeira— Um, dois e três!

Puxaram a corda, grunhindo ao unísono e caminharam para trás observando como o velho carvalho se elevava lentamente e deslizava para trás. Um pouco mais e poderiam separá-lo definitivamente da casa para depois convertê-lo em lenha.

Era quinta ou sexta árvore que retiravam de uma casa essa semana. Estava se sentindo



velho, ou assim se sentia então.

—Já está! —confirmou Billy Olson.

Soltou lentamente a corda e esfregou as mãos cobertas com luvas contra os jeans. A tempestade que esteve formando durante toda a manhã já podia ver no horizonte. A umidade aumentava e o sol brilhava por entre os claros das nuvens. Esfregou a frente sabendo que provavelmente estaria um desastre.

—Obrigado por sua ajuda — disse Freddy Wills ao grupo. Aproximou de Luke— Vais ter que me fazer um orçamento para a reconstrução desse muro.

Luke olhou a casa, a esquina derrubou pelo voltado dessa semana. Todos os dias estavam vendo casas da redondeza nas que teria que retirar árvores ou fazer reconstruções.

—Sabe que não vou cobrar por isso. —Seu pai nunca cobrou por arrumar os danos das tempestades da primavera. Preferia assumir o custo dos materiais a aproveitar-se de uma família com má sorte.

Freddy deu uma palmada nas costas.

—É igual a seu pai. Mas bom, a verdade é que minha mulher leva tempo me pedindo para que acrescentemos um alpendre traseiro em algum lugar. Para suas plantas.

Luke assentiu.

—Me avise.

Freddy assentiu.

—Me dê um mês ou assim. Chamarei para que me dê o preço.

Luke olhou para a estrada e fixou em dois carros grandes com pinta de veículos oficiais. Viu-os passar e notou que a matrícula era de fora do estado. Dirigiam a Windy Hills.

—Parece que alguém se perdeu — disse Freddy rindo.

Luke sorriu. Não gostou do aspecto dos carros. Esteve bastante atento desde princípios dessa semana, quando havia feito amor com Susie e a estava apoiando quando derrubou e confessou que fugiu de seu lunático ex.

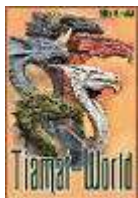
—Bom, vou. Não há descanso para os que não merecem. —despediu-se, subiu a seu Bronco e dirigiu a cidade, na mesma direção que tomou os dois carros.

Parecia que devia carregar o ar condicionado. Desligou e desceu o vidro na manivela. O Bronco serviu bem muitos anos. Precisava de tempo para fazer um pouco de manutenção que já ia fazendo falta.

Havia muitas coisas que necessitavam de seu tempo. Desde seu divórcio levantava todos os dias antes das cinco da manhã e não voltava para casa até que já era de noite.

Agora, quando chegava à casa de noite e a encontrava limpa e cheia de aromas deliciosos que saíam da cozinha, sua casa começava a recordar a aquela em que cresceu. Só havia algo que faltava. A tensão se apalpava no ambiente. Tia Lisa era um encanto e os dois se adaptaram um ao outro facilmente. Mas Susie o esteve evitando. Passava a maior parte do tempo em seu quarto e apenas a viu em toda a semana.

E morria por ela. Por toda ela, não só por seu corpo. Sempre estava assustada, olhando para as janelas e com uma expressão de preocupação na cara quando o telefone soava ou alguém batia



na porta. Era muito jovem e muito formosa para suportar isso.

Estava desejando pôr as mãos em cima do monstro que havia feito isso.

Diminuiu quando entrou na cidade e percorreu as ruas conduzindo. Dois carros grandes com matrícula de fora do estado não seriam difíceis de localizar em Windy Hills.

Ainda havia edifícios que necessitavam reparações, mas em uma semana já arrumaram a maior parte da cidade. O centro levaria mais trabalho. Seguiu havendo barreiras para fechar essas duas quadras. Um punhado de lojas estava aberto ao público e as pessoas da cidade estavam acostumadas a estacionar na loja de comestíveis e iam caminhando às lojas para que não baixasse o negócio dos comerciantes locais.

Depois de abandonar a rua principal, começou a pentear as ruas laterais. Não havia muitos lugares aonde podiam ter ido esses dois carros. Vinham pela estrada de Lincoln, mas apostaria que pararam no lago Pearl antes de ir a cidade.

Menos mal que não encontraram Susie ali. Luke sorriu ao imaginar quanto encheria o saco isso a seu ex.

Suas vísceras se endureceram e buliram de fúria enquanto girava de esquina de rua e mais rua. Sua frustração cresceu ao não encontrar esses dois carros por nenhum lado.

Ao fim os viu no limite da cidade, no posto de gasolina do Fry. Deixou a estrada para entrar no estacionamento de cascalho, estacionou pego ao edifício e simplesmente ficou observando os dois veículos. Os dois tinham matrícula de Nova Iorque. Dois veículos flamejantes com as janelas tão escuras que chegou a perguntar se isso seria legal. Os carros pareciam ter saído de um filme da máfia. É que esse bode pensava que podia ir ali e aterrorizar a essa pequena cidade, fazer o que desse a vontade e logo sair dali com Susie?

Se for isso o que tinha em mente esse idiota, ia ter que pensar melhor.

Um homem alto e magro saiu do posto de gasolina, colocou a jaqueta do traje enquanto rodeava um dos carros e entrou pelo lado do condutor. Luke estava seguro de que estava cozendo vivo com essa roupa por causa da umidade.

Desembarcou do Bronco e foi até o posto de gasolina sem tirar a vista de cima dos dois carros que ainda não se moveram.

—Vá, Luke Rogue. Faz tempo que não via por aqui. —Gary Fry trabalhou no posto de gasolina desde que Luke podia lembrar, enchendo os depósitos dos caminhões e vendendo óleo diesel (era o único lugar na cidade que possuía tal material).

—De quem são esses carros? —perguntou assinalando para os veículos de fora.

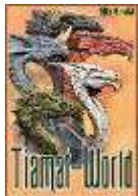
Gary Fry sacudiu a cabeça.

—É toda fachada. Em minha opinião, esses carros de agora são partes de merda. Não darão mais que dores de cabeça antes de chegar a ter oitenta mil quilômetros.

—Perguntou algo esse cara que entrou? —Luke observou como os carros começavam a abandonar o estacionamento.

—Deveria ter ouvido como fala, com esse tom nasal e estirado, como se fosse alguém importante.

Precisava ir atrás deles, mas antes queria informação e o velho Fry podia dar. A ansiedade



correu por suas veias. Desejou encarapitar no balcão e gritar ao velho que dissesse o que queria saber.

—Perguntaram algo?

O velho Gary Fry olhou os carros e não disse nada durante um minuto. Luke queria gritar.

—Que pusesse gasolina nessas coisas. Não têm os tanques tão grandes como acreditaria em um carro como esse. A gente diz que é bons em estrada, de condução suave e tudo isso, mas tem que parar e encher o depósito cada trezentos e cinquenta quilômetros. E ao preço que está à gasolina estes dias. —O velho sacudiu a cabeça.

—Assim não perguntaram por ninguém daqui? —disse encaminhando já para a porta.

—Parece que tem muita pressa, homem — arreganhou Gary Fry— Não. Só me perguntaram se vivem muitos forasteiros por aqui.

Luke já saía pela porta, despedindo com um gesto da mão, consciente de que o velho Fry provavelmente estaria murmurando que as pessoas mais jovens já não eram educadas.

Subiu ao Bronco, abandonou o estacionamento e agarrou seu celular. Supunha que os homens dos carros estavam procurando Susie. Não sabiam onde estava, mas se paravam em suficientes lugares, alguém diria.

Marcou o número enquanto conduzia. Tia Lisa respondeu ao telefone e seu tom alegre fez que Luke odiasse ter que causar preocupação.

—Tia Lisa — Ela insistiu em que a chamasse assim.

—Olá, querido. —Era como se pudesse vê-la sorrir enquanto falava.

—Tia Lisa — repetiu— há dois Lincoln⁴ com matrícula de Nova Iorque aqui perguntando por gente de fora da cidade.

Fez silêncio ao outro lado do telefone e Luke esperou. Quando ela voltou a falar, seu tom era tranquilo, mas sério. Uma coisa que aprendeu sobre a tia de Susie era que sua cabeça era bem plantada sobre os ombros. A mulher mais velha podia parecer despreocupada, mas era capaz de fazer frente a qualquer situação e demonstrou a Luke mais de uma vez na semana que levava em sua casa. Recordava a sua mãe.

—Olhe as matrículas de perto. Todos os carros têm matrículas personalizadas. São WINE um, WINE dois, WINE três, etcétera. Por isso eu sei, Rick não tem essas matrículas, mas seus carros serão do condado do King. Ele é do Brooklyn.

Luke não ocorreu que o pai de Susie podia ter ido até ali, mas a possibilidade não acalmou os nervos enquanto acelerava para baixar a rua e tentar alcançar aos dois Lincoln.

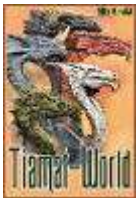
—Há alguém na casa agora mesmo? —perguntou.

—Só Susie e eu.

Luke mordeu o lábio e endureceram as vísceras pela determinação. Esses malditos carros tinham o desconcertante costume de desaparecer de sua vista.

—Quero que apague todas as luzes para que pareça que não há ninguém na casa. Fecha com chave as portas e as janelas. E não abra a porta para ninguém. Estarei ai logo que possa.

⁴ Marca de carro.



—Não se preocupe Luke. —Mas inclusive tia Lisa soava preocupada.

—Tia Lisa? —duvidou.

—Sim?

—Sabe onde está a escopeta, não é?

—Sim. Sei onde está.

—E sabe usá-la?

—Se tiver que fazê-lo, não duvidarei.

O coração do Luke encolheu até converter em uma dura pedra. Estava seguro de que era capaz de usá-la. A vida de Susie estava em jogo.

Luke os localizou de novo na loja de comestíveis. Os dois carros estacionados em bateria ocupavam duas praças do extremo mais afastado do estacionamento. Estacionou detrás dos dois carros iguais para poder ver bem as matrículas. Não estavam personalizadas.

Marcou um número no celular outra vez.

—Bentley — respondeu o velho oficial de polícia.

—Sou Luke Rogue. Necessito um favor.

—O que acontece?

—Recorda a Susie Whittaker, do lago Pearl? —começou sem deixar de vigiar os dois carros estacionados diante dele.

—Ouvi que agora está ficando em sua casa — foi o comentário do oficial.

Todo mundo ouviu; uma das desvantagens de viver em uma cidade pequena. A esse bode não custaria muito encontrá-la. Uma sensação de urgência embargou.

—Necessito um grande favor. Seu ex-marido a persegue, que é um verdadeiro filho de puta. Haverá problemas se não poder deter.

—O que necessita? —O tom do Bentley se fez mais profundo e mais sério de repente.

—Pode comprovar um par de matrículas? Há dois Lincoln novos que acabam de chegar a cidade.

—Onde estão?

—Na loja de comestíveis. —Deu ao policial os números das matrículas, repetindo devagar enquanto Bentley murmurava e os anotava.

—Me dê um momento e verei o que posso encontrar. —Bentley fez uma pausa e logo acrescentou— Luke, não faça nenhuma tolice.

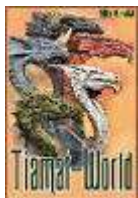
Não acreditava que fosse uma tolice dar uma surra ao cara, assim que disse que não faria.

A matrícula do carro era de Nova Iorque, do condado do King. Sabia que localizou o seu homem. Uma densa nuvem púrpura bloqueou o sol justo quando Luke saiu do carro, o que fez que a escuridão reinasse no lugar rapidamente e que não pudesse ver mais que seu reflexo quando olhou pelos vidros escuros de um dos Lincoln.

Bateu num dos vidros. Passou um momento até que este baixou rápido e silenciosamente.

Luke encontrou com a cara que viu na Internet. Cabelo e olhos escuros, facções duras e marcadas e lábios finos. *Que demônios podia ver Susie nesse idiota?*

—Posso fazer algo por você? —perguntou Luke com o corpo cheio de adrenalina.



—Não. Tudo vai bem. —Rick apenas tomou o tempo para responder antes de voltar a subir o vidro.

Luke golpeou o vidro outra vez. Espantou um mosquito; a irritação invadiu e a densa umidade que o envolvia não ajudava a acalmar.

Esta vez abriu a porta do acompanhante e saiu um homem grande de complexão grossa que fechou a porta ao sair e rodeou o carro por diante.

—Deixe em paz o carro — ameaçou o homem.

—Então diga a seu chefe que saia e fale comigo. —Luke olhou ao homem que deteve diante dele.

—Por que quer falar com ele?

—Por que não quer ele falar comigo? —Luke apoiou os punhos no quadril e olhou ao vidro pelo que estava seguro que o covarde estava olhando de dentro neste momento.

—Não tem tempo para isso. —O tipo olhou com uns brilhantes olhos escuros que destacavam entre o músculo e a gordura de sua cara.

—E porque esta aqui, em Windy Hills, Nebraska? —desafiou Luke e depois voltou a bater no vidro outra vez— Se queria falar com um lacaio, teria batido no outro vidro.

O celular de Luke vibrou e logo soou. Tirou de onde o colocou na cintura e olhou o número. Alguém chamava de sua casa. Olhou pelo vidro do Lincoln amaldiçoando em seu foro interno ao covarde que escondia atrás dele, pulsou o botão do móvel e o aproximou da orelha.

—Sim? —disse ignorando ao homem que seguia diante dele.

—Luke, é Susie. Onde está? —Soava preocupada, nervosa.

Quase não falava desde que deitaram e agora chamava quando estava a ponto de ter uma briga com seu ex!

Nesse mesmo momento abriu a porta traseira do Lincoln e Rick Angsthworth saiu do carro. Alto e magro, levava uns jeans que pareciam novos e uma polo amarelo claro. Examinou Luke de uma olhada e depois olhou por cima dele, em direção a seu Bronco.

—O que posso fazer por você?

—OH, Deus! —gemeu Susie junto a seu ouvido.

—Ligo depois — disse Luke a Susie e desligou antes que pudesse dizer nada mais.

—Isso é o mesmo que acabo de perguntar — disse Luke voltando a colocar o telefone no cinturão.

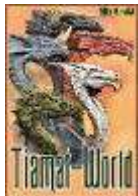
Rick olhou fixamente sem separar os profundos olhos escuros de Luke.

—Só estou de passagem — disse Rick com tom depravado e meteu os polegares nas presilhas do cinturão— vim buscar minha mulher. Contaram-me o dos tornados. Que pena para a cidade.

Rick concluiu, muito inconscientemente por sua parte, que estava falando com um idiota da cidade, um do que não tinha nada que temer.

Luke aproximou um pouco mais sem deixar de olhar ao bode enquanto formigavam as mãos diante da necessidade de nocautear a esse filho de puta.

—Você não vai buscar ninguém e se fosse preparado faria que sua vinda por aqui fosse



muito curta.

Rick arqueou uma sobrancelha. Possivelmente no lugar de onde ele vinha ninguém ameaçava, mas Luke não tinha medo de um covarde que escondia atrás de carros caros e valentões bem pagos.

Então Rick sorriu e a raiva ultrapassou a Luke.

—Acredito que não fomos devidamente apresentados — disse enquanto seguia olhando fixamente a Luke.

—Não necessitamos apresentações, Angsthworth. Sobe no seu carro e vai da cidade.

O sorriso de Rick desapareceu. Olhou por cima de seu ombro a seu bem treinado cão guardião, que também vigiava a Luke. Outros carros entravam e saíam do estacionamento; a atividade normal do negócio. Luke notou mais de um olhar curioso e estava seguro de que perguntariam por esse incidente mais tarde.

—Minha querida esposa não demorou muito em encontrar um protetor — disse Rick com desdém— Diga onde está ou traga ela e iremos da cidade.

—E uma merda — disse Luke quando Rick moveu para agarrar o ponteiro do relógio da porta.

Luke agarrou pelo ombro ao mesmo tempo em que ouvia um grunhido proveniente do enorme Neandertal. Um carro parou a seu lado e Luke viu o oficial Bentley ao volante. *Adeus ao prazer de nocautear a esse desgraçado.*

—O que passa aqui? —perguntou Bentley ao sair do carro enquanto ajustava as calças na cintura sem perder de vista a nenhum dos três homens.

Para ser um homem mais velho, via impressionante com seu uniforme. Olhou a Luke, depois a Rick e mostrou uma expressão preocupada ao ver o valentão.

Bentley voltou para Luke.

—Só estava indicando a estes homens como sair da cidade — disse Luke sem deixar de vigiar Rick, que deu a volta para olhar o oficial.

—O certo é que viemos buscar minha mulher, Susie Angsthworth.

—Esse nome não conheço. —Bentley arranhou o queixo com seus grossos dedos e olhou Rick— Não há muitos forasteiros por aqui. Por que não me descreve ela?

Rick colocou a mão em seu bolso traseiro, tirou uma carteira de pele e a abriu mostrando uma cascata de cartões de crédito. Extraiu uma foto e a estendeu ao oficial. Bentley a olhou e seguiu arranhando queixo.

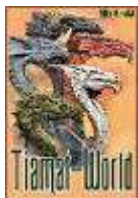
—Acredito que não a conheço — disse devolvendo.

Luke deu uma olhada à foto instantânea de Rick e Susie abraçados. Rick sustentou a foto frente à cara de Luke para que pudesse ver melhor ao sorridente casal que posava frente ao oceano em traje de banho. Susie estava incrível e na foto parecia feliz. Nada que ver com a mulher que tremia de medo em sua casa nesse momento.

—Não tem uma foto mais recente? —sugeriu Luke.

Rick olhou de canto.

—Ficaremos até que a encontremos.



—Será melhor que deixe de perseguir a sua mulher — murmurou Luke fazendo insistência na palavra "mulher".

—Sequestraram — comentou Rick ao oficial— Poderíamos pedir que o representante local da lei nos trouxesse ela.

Luke queria tirar esse olhar de superioridade da cara desse bode. Apertou os punhos porque não estava seguro de que pudesse evitar dar um murro.

—Siga a estrada até a pensão da Millie. Estou seguro de que ela poderá dar um quarto. — Bentley assinalou a única pensão que havia em Windy Hills.

—Faremos. —Rick voltou para Luke— Traga-a— disse isso entre dentes.

Luke estava seguro de que Bentley também ouviu. Rick não importou insultar o representante local da lei sugerindo que Bentley acabava de mentir ao dizer que não conhecia Susie. Isso fez que fervesse o sangue de Luke.

Muitas emoções invadiram de uma vez. Susie não ia voltar com um tipo desprezível como aquele. Pela primeira vez desde seu divórcio, Luke encontrou uma mulher que realmente queria suficiente para lutar por ela. Sem duvidá-lo pegou impulso e deu um soco em Rick no meio da cara.

Uma satisfação excitante alagou quando o bode girou sobre si mesmo e derrubou sobre o carro. O valentão lançou para ele disposto a defender seu chefe.

Bentley atuou com a mesma rapidez.

—Basta — rugiu com um gesto da mão.

Rick voltou lentamente. Luzia um nariz que ia inchando e uma desagradável expressão em sua cara.

—Vá procurar um quarto — ordenou Bentley.

Rick fez um gesto com a cabeça ao valentão, que voltou a entrar no carro. Dedicou um olhar desagradável a Luke e pareceu que ia dizer algo, mas simplesmente meteu no assento traseiro e se isolou do mundo que rodeava. Os dois Lincoln saíram lentamente do estacionamento em direção a casa de Millie.

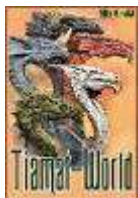
Bentley dirigiu um olhar a Luke, um que estava acostumado a assustar muito quando era mais jovem, mas que agora não sortiu o mesmo efeito. Ainda estava furioso.

—Vou acompanhar a sua casa e depois vai me contar que demônio está acontecendo. — Bentley não esperou resposta, mas sim girou sobre seus calcanhares e voltou para carro patrulha.

Capítulo 10

Os dedos do Susie tremiam enquanto marcava os números no telefone. O coração acelerou no peito para ouvir o silêncio que seguiu justo antes que começasse a soar no outro extremo.

Dois dias atrás enviou por fax os últimos papéis do divórcio assinados. Hoje chegaram por correio os documentos que anunciavam que já era definitivo. Agora os olhando nublava a vista ao tentar ler os termos legais que a declaravam oficialmente como mulher solteira e o coração pulsavam no peito tão forte que chegava a doer.



— Você ligou para Empresas Winestone. Se conhecer o ramal da pessoa a qual chama, marque-o, por favor — disse uma voz automática através do auricular.

Susie olhou o relógio de parede que pendurava na sala de jantar. Marcou o ramal da secretária de seu pai sem deixar de caminhar para cima e para baixo pela cozinha. Ligou esses mesmos números milhões de vezes sem pensar se queira, mas agora não parecia mais que outra tarefa irritante que devia fazer em um momento no que necessitava a seu pai imediatamente.

Eram passadas das quatro ali, que queria dizer que seriam mais de cinco neste costa. Franziu o cenho quando saltou a secretária eletrônica da secretária de seu pai. Marcou outro ramal que conhecia perfeitamente e esperou a que o complicado sistema do posto telefônico pusesse com seu contável.

—Holloway, fale? —disse uma voz com tom seco.

Susie suspirou de alívio.

—Olá, David. Sou Susie, a filha de Al. Como está tudo?

Houve um segundo de silêncio, como se o contador estivesse rapidamente separando seu trabalho da mente para dar toda sua atenção à filha do chefe.

—OH, olá Susie. Faz muito que não falava contigo. Custou um pouco se lembrar de você — disse rindo entre dentes— Seu pai não está no escritório.

—Isso suponha. —Ela imitou seu tom despreocupado, mas agarrou o telefone com força enquanto obrigava a acalmar— Sabe onde está? Preciso falar com ele e não responde ao celular.

—Está em Paris. —Fez uma breve pausa— Certamente estará dormindo. A diferença horária e tudo isso, já sabe. Está bem? Há algo que possa fazer por você?

Susie sacudiu a cabeça enquanto o mundo caía em cima.

—Deixei uma mensagem em sua secretária eletrônica. Suponho que o melhor será que espere que me ele chame. Obrigado, David.

Pendurou o telefone e fixou sua atenção nos papéis do divórcio que anunciavam sua liberdade. Sua assinatura destacava ali abaixo. Isso era o final. E ela deveria estar exultante. Mas o certo era que não se sentia livre absolutamente.

Tia Lisa desceu as escadas. As pranchas do chão a anunciaram antes que voltasse a esquina. Olhou Susie nos olhos. Seu olhar desviou para os papéis e depois voltou para ela com expressão preocupada.

—Está bem? —perguntou.

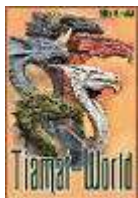
—Merda, não, não estou bem. —Não estava acostumada a utilizar palavras malsoantes diante de sua tia— Rick está na cidade e certo que não é para celebrar que nos divorciamos.

Sua tia não disse nada, mas apertou os lábios e ficou olhando Susie durante um momento.

—O que vai fazer? —perguntou ao fim.

—Estou cansada de fugir. Estou enojada de ter que olhar por cima do ombro sempre e de viver assustada. —Susie sacudiu a cabeça enquanto tentava livrar da sensação de pânico que tentava apoderar dela— Mas não tenho nem ideia do que vou fazer.

Tia Lisa apressou a dar um quente abraço. Estava muito bem em seus braços, mas esse consolo não ia resolver nada. Susie deu a sua tia uns tapinhas nas costas antes de soltar. Olhou-a



nos olhos cheios de preocupação e sacudiu a cabeça lentamente.

—Papai ou você cuidou que mim toda a vida, inclusive depois de me casar. Diante do mais mínimo problema, só precisava choramingar um pouco pedindo ajuda e um de vocês estava ali para solucioná-lo.

—Isso é o que faz a família, querida. —O sorriso de sua tia não casava com seu olhar de preocupação.

Susie assentiu.

—Com os meninos, mas eu já sou adulta. E olhe — disse fazendo um gesto que abrangia toda a pulcra cozinha— tornei a fazer.

Sua tia franziu o cenho ao não compreender.

—Não o vê, tia Lisa? Luke sairá em minha defesa para me cuidar.

Um sorriso apareceu na cara de sua tia mostrando algumas das rugas que já se viam em sua pele bronzeada. Passou a mão pelo curto cabelo cinza e depois colocou sobre o ombro de Susie.

—Esse menino se preocupa com você. —Sacudiu a cabeça e seu sorriso alargou— Sei que é possível que não esteja preparada para isso, mas não há nada de mal em que se importe o suficiente para que pretenda defender você.

—É um bom homem. —Muito bom, mas não ia ficar e pensar nisso agora. Separou de sua tia porque necessitava desesperadamente esclarecer a cabeça para pensar— Mas não está bem que sempre houvesse alguém para liberar de minhas próprias batalhas.

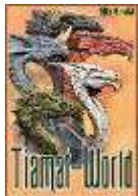
—Não há nada mau em que a família e os que querem cuidem de você. —Sua tia guardou silêncio por um momento e depois repetiu sua pergunta anterior— O que vais fazer?

Susie olhou pela janela da cozinha e observou o céu azul escuro e os ramos do grande carvalho que tampavam a vista. Havia uma paisagem preciosa aí fora, mas agora mesmo não podia vê-la. A espaçosa cozinha que a rodeava estava poda e um sutil aroma de limão que provinha do chão recém esfregado que enchia o ar.

Mas o entorno caseiro e depravado não conseguia acalmá-la.

Sua mente bulia com todas as possibilidades. Chamou Luke e ouviu Rick de fundo. Só Deus sabia o que esses dois haveriam dito. O estômago deu um tombo ao pensar no que Luke poderia fazer. Viu sua ira crescente quando contou sobre Rick a noite em que transaram. Algo se endureceu em seu interior. E ela não duvidava nem um segundo que Luke lutaria pelo que acreditava que era correto. Era forte, alto e estava muito em forma. E havia um forte componente de bondade correndo por suas veias. Luke era dos que protegia aos seus. O homem perfeito que toda mulher sonha encontrar. Ele a defenderia e se preocuparia de que ela estivesse protegida e segura. E não ia pedir permissão para fazê-lo. O medo a pegou ao pensar o que podia ter ocorrido entre Luke e Rick.

Rick não era nem a metade de homem do que era Luke. Não estava nem muito menos em forma, por isso sempre ia rodeado de seus valentões e ela estava segura de que se ele e Luke tinham um confronto, Rick faria que seu guarda-costas fizesse o trabalho sujo. Rick não valia o jogo limpo. Ele sempre jogava para ganhar. E a vitória em seu caso significava conquistar tudo o que rodeava e levar para diante o que fizesse falta para consegui-lo.



Deu vontade de vomitar de preocupação por Luke ao pensar que podiam ter dado uma surra e que podia estar ferido ou sangrando abandonado em algum lugar, ou pior, metido no portamalas de algum carro. *Deus*. Sua imaginação faria que acabasse vomitando no banheiro não conseguisse controlá-la.

Mas, outra vez e como foi toda sua vida, ia ter duas pessoas lutando por ela. Precisava liderar suas próprias batalhas. Só havia uma coisa que podia fazer.

—Tia Lisa — disse em voz baixa sem voltar — Vou à cidade. Já é hora de que tome as rédeas de tudo isto.

—Você não vai a nenhuma parte. —O tom de sua tia encerrava uma severidade que Susie não estava acostumada a ouvir frequentemente.

Girou lentamente e viu quão preocupada estava sua tia. Susie sorriu, embora o que menos sentia nesse momento era felicidade.

—Sim. Vou. —ia tomar rédea da situação pessoalmente, sem a ajuda de ninguém. Só então conseguiria ser totalmente livre.

—Vamos ver Susie... —começou sua tia Lisa e a seguiu enquanto subia as escadas em direção a seu dormitório— Sabe tão bem como eu que não pode ir ali e simplesmente plantar diante de Rick.

Susie ficou a rebuscar entre suas coisas; suas malas estavam abertas sobre uma mesinha de café que subiu até ali e colocou contra a parede. Pensou mais de uma vez em pendurar sua roupa no armário. Mas instalar assim na casa de Luke não parecia bem. Acabavam de conhecer e ela já tinha uma casa. Certo era que não pisou na casa do lago Pearl em mais de uma semana, mas não ia se permitir considerar essa preciosa casa antiga como seu lar.

—Tia Lisa — disse Susie com um suspiro enquanto tirava um par de meias três quartos cômodos e uma blusa recatada— quando chamei Luke e ouvi Rick de fundo, minha primeira reação foi chamar papai. E isso foi o que fiz.

Sua tia não disse nada. Susie necessitava que sua tia entendesse. Não queria chateá-la, mas podia sentir a dor da mulher. Tia Lisa ajudou a criá-la desde que sua mãe morreu e, a efeitos práticos, estava tão unida a ela como o estaria uma mãe.

—Papai está em Paris, provavelmente dormindo a esta hora. —Ainda ansiava falar com ele, mas tomou esse fato como um sinal de que ele não estava a seu alcance— E já sei que você está aqui por mim, assim não tente me enganar.

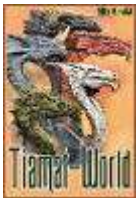
—Claro que estou aqui por ti. —Tia Lisa cruzou os braços e olhou como Susie trocava de roupa— E neste momento está fazendo uma loucura. Mas o que pensou em fazer?

Realmente não sabia.

—Sei o que não vou fazer, tia Lisa. Não vou ficar em casa sentada, aterrorizada, com medo de passar pela frente de qualquer janela e dando pulos ante o menor dos ruídos. Não posso seguir vivendo assim.

Sua tia suspirou e apartou uma mecha de cabelo da cara de Susie depois de que esta acabasse de trocar-se de roupa.

—Tudo isto passará, Susie. —Tia Lisa sempre mostrava compassiva ante a dor de Susie—



Mas se correr ao encontro de Rick, ele voltará a levar com ele. Ou algo pior.

—Não corro a seu encontro. —Susie olhou aos olhos a sua tia e deu um abraço— Acredite quão último pretendo é correr a seu encontro. Mas tampouco vou deixar que me persiga até os limites da terra.

Sua tia parecia algo mais que preocupada quando Susie saiu de casa. Deteve na cabana antes de ir à busca da velha caminhonete que Luke deixou ali se por acaso necessitavam um meio de transporte e se dirigiu para o armário onde este guardava as armas. Ensinou a ela e a sua tia pouco depois de que instalassem ali e havia dito a ambas onde guardava sempre a chave da cabana: sob um tijolo que havia juntado à porta. A mãe de Luke não permitiu nunca arma na casa, assim que seu pai as guardava todas ali, inclusive as que utilizavam habitualmente para praticar tiro ao alvo. Susie invejava os fortes laços familiares de Luke, inclusive embora já não tivesse família; seguia respeitando os desejos de sua mãe depois de sua morte.

Agarrou um pequeno revólver. Tinha as mãos úmidas quando o metal frio descansou sobre sua palma. Carregou a arma com dedos trementes e depois encaminhou para o carro.

Esperou até que alcançou a autoestrada e depois tirou o celular. Susie não era tola; sabia que ia para a boca do lobo. Encontrar com Rick não ia ser uma visita social. *Merda* deveria ter procurado o número da delegacia de polícia antes de sair de casa. Só havia uma alternativa. Marcou o 911 e esperou que alguém em Windy Hills respondesse ao telefone.

—Emergências. O que ocorre? —disse uma voz tranquila de mulher ao outro lado da linha.

Ela duvidou durante um momento. O que podia dizer?

—Olá. —Tinha os nervos à flor da pele e diminuiu a velocidade pela estrada; necessitava que toda sua energia para conduzir. As mãos que agarravam o volante estavam úmidas— Sou Susan... Whittaker. —Quase escapou "Winestone"— Necessito ajuda.

Tomou uma curva e umedeceu os lábios. Agarrava o telefone com uma mão e conduzia com a outra. Enormes árvores flanqueavam a estrada. Tudo parecia novo e fresco contra o céu de cor cobalto que via muito grande, embora, em seu interior, escuros pensamentos evitavam que pudesse desfrutar da beleza que a rodeava.

—Qual é a emergência? —inquiriu a mulher.

—Há um homem na cidade — começou. De repente não estava segura de como explicar o que necessitava.

Queria gritar: "me enviem amparo. Já o explicarei logo", mas com isso não ia conseguir nada e sabia.

—É muito perigoso e está me procurando. Tenho medo.

—Onde você se encontra agora mesmo? —Foi à seguinte pergunta da mulher.

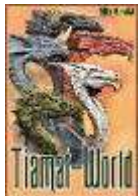
Estava de caminho para o lugar onde estava esse homem perigoso. Isso soava ridículo.

—Seria possível que fosse à delegacia de polícia e falasse com alguém? —perguntou Susie.

—Claro. Seu nome é Susan Whittaker?

—Sim. —Reduziu a velocidade quando a cidade apareceu diante sua vista.

Aproximava o anoitecer. As pessoas caminhavam a seu redor concentradas em suas atividades cotidianas, sem prestar atenção. Freou até os trinta quilômetros por hora e girou na



primeira esquina em direção à delegacia de polícia que sabia que estava no velho julgado.

Pendurou o telefone e prestou mais atenção aos carros que a rodeavam, às pessoas que caminhava pelas calçadas. Rick estava em algum lugar da cidade e Windy Hills não era tão grande. Podia aparecer por qualquer parte. Mas estivesse onde estivesse, destacaria, seria fácil de ver. A pessoa dessa cidade não conduzia carros extravagantes nem levava roupa de primeiras marcas europeias.

Os habitantes em Windy Hills eram gente trabalhadora, honesta e muitos deles moravam ali a maior parte de suas vidas. Andavam com seus carros a caminho de casa ou saíam para jantar fora com expressões serenas e satisfeitas nas caras. Invejava suas vidas. Susie não acreditava que todos os outros tivessem uma vida sem preocupações. Todo mundo tinha seus problemas. Mas preocupar só pelas faturas ou a subida de preço da gasolina e não ter que sentir uma ameaça constante em sua vida seria para ela uma mudança mais que agradável.

Estacionou em um lugar livre diante da delegacia de polícia e tomou um momento para desfrutar dos vívidas cores que a rodeavam e da grande arquitetura do antigo edifício.

Windy Hills era diferente de tudo que tivesse conhecido em sua vida: as pessoas da cidade se preocupavam com os outros, olhava e estabelecia verdadeiros vínculos. Essa era a vida que queria.

Precisava enfrentar a Rick e fechar a porta de sua vida passada para poder encaixar de tudo nessa comunidade. E isso era exatamente o que ia fazer.

Acelerou o coração quando tirou a arma de sua bolsa e a pôs no porta-luvas. Saiu do carro, fechou-o e colocou o celular na bolsa. O nervosismo fazia cócegas por todo o corpo como se uns dedos gelados acariciassem a pele. Fechou a bolsa e o pôs sob o braço. Olhou a um e outro lado da rua e, ao não ver nada que fizesse pensar que Rick a estava vigiando, apressou-se a subir os degraus do velho julgado.

—Susie? —chamou-a uma voz masculina a suas costas.

Susie tropeçou com os degraus ao voltar com rapidez de uma vez que uma exclamação escapava de seus lábios. Poderia ter sido um grito, mas ficou sem voz. O coração não deixou de pulsar com força inclusive quando se deu conta, com uma onda de alívio, que quem pronunciado seu nome era um oficial de polícia mais velho e fornido.

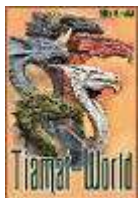
Sua placa o identificava como James Bentley e ela o reconheceram como o policial que viu falando com Luke.

O homem mais velho se aproximou dela lentamente, olhando-a com preocupação. Seus olhos deviam mostrar o terror que sentia ou possivelmente foi à expressão nervosa de sua cara o que fez que o policial enrugasse a frente e franzisse o cenho ao olhá-la.

—Eu... —disse e depois inspirou fundo— Preciso ajuda.

Ele só assentiu. Como se o compreendesse. Pôs a larga mão no meio das costas e a guiou para a entrada da delegacia de polícia. Seus passos ressonaram no grande vestíbulo de tetos altos enquanto cruzavam as portas de cristal para entrar.

—Tenho uma chamada 911 — disse à recepcionista que havia depois do balcão modo de saudação— De tal Susie Whittaker.



—Sou eu — disse Susie em voz baixa.

—Eu falarei com ela. —O oficial Bentley cruzou com ela umas portas de vaivém de madeira que separavam a zona de espera das mesas que havia depois do balcão.

Levou-a até uma mesa que havia em um canto da grande sala. Não havia nem portas nem paredes que os ocultassem das demais pessoas da sala, embora parecesse que a única pessoa que havia ali era a recepcionista. Susie perguntou quantos policiais haveria atualmente na delegacia de polícia de Windy Hills. Preferiu não perguntar.

—Você é a jovem que está na casa de Luke Rogue, não é assim? —perguntou enquanto sentava no escritório e fazia um gesto para que sentasse no outro lado.

Ela agarrou a bolsa e brincou com o fechamento enquanto sentava. Assentiu enquanto tentava articular as palavras para dizer o que necessitava.

—Minha tia e eu estamos ali, sim. —Sentiu que precisava recalcar esse detalhe— estivemos ajudando com as pessoas que perderam suas casas pelo tornado.

Ele assentiu para confirmar que já sabia.

—Mas essa não é a razão pela que estou aqui. —umedeceu os lábios enquanto olhava esses olhos azul pálido que estudavam pacientemente— Oficial, eu tenho um passado. Um passado que temo que esteja a ponto de sair da escuridão para vir e morder o traseiro.

A única forma em que esse homem poderia ajudá-la era se contasse tudo o que sabia. Como não acreditasse nunca em ninguém toda a merda que sabia sobre Rick, não resultava fácil tirar a luz agora. Seu silêncio durou um segundo mais do que necessário. O oficial pigarreou. Susie levantou a vista com rapidez.

—Deixe fazer algumas perguntas — disse.

O medo a embargou.

—Está bem — disse com um fio de voz.

—Utilizou outro nome alguma vez?

O estômago fez um doloroso nó. Olhou fixamente durante um momento. Não ia prender por utilizar um nome falso, não é?

Ela assentiu lentamente. Embora fosse Susie Winestone e não Whittaker, não mencionou.

—Meu nome de casada era Susan Angsthworth — esclareceu.

O oficial assentiu.

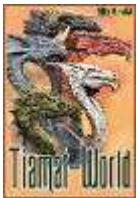
—Uma pergunta mais — disse tranquilamente enquanto tirava um caderninho de baixo de uma pilha de papéis que havia sobre seu escritório. Depois agarrou uma caneta— A sequestraram?

—Não — disse com rapidez e talvez muito alto.

Passeou o olhar pela tranquila delegacia de polícia.

—Oficial, me disseram que meu ex-marido está na cidade. É muito perigoso e quero que se afaste de mim.

Embora o que realmente queria mais que nada no mundo era que desaparecesse, não voltasse a vê-lo nunca mais. A ira a possuiu. Não deveria estar preocupada pelo que estava dizendo a esse homem. Até que deixou Rick, nunca infringiu a lei. Não tinha nenhum antecedente.



Agora vivia com um nome falso e papéis falsos para prová-lo. Não havia feito nada errado, mas teve que ir contra a lei para manter-se com vida. Apertou os dentes e lutou contra as desagradáveis sensações que a embargavam.

—Meu ex-marido é Rick Angsthworth. Chegou hoje à cidade. Sei. E sei que Luke falou com ele. Rick é um delinquente. Não sei o que dirão seus computadores, mas eu vivi com ele. E sei coisas. Não vai da cidade sem mim. E não penso ir com ele. —Não podia acreditar a velocidade com que havia dito tudo isso.

O oficial Bentley recostou na cadeira depois de tomar alguma nota.

—Já conheço seu marido.

As palavras caíram como uma bomba.

De repente soou sua celular e ela deu um salto e ficou olhando a bolsa como se acabasse de mordê-la. Tremiam os dedos quando colocou a mão em busca do telefone. Viu o número de Luke na tela.

—Olá — disse sabendo que sua tia o teria chamado assim que ela saiu da casa.

—Onde diabo está? —gritou.

Pela forma em que o oficial Bentley arqueou uma sobrancelha esteve segura de que ouviu Luke pelo auricular de onde estava.

—Estou na delegacia de polícia.

—Vou para aí. —E desligou antes que ela pudesse dizer nada mais.

—Parece que Luke vem para cá —disse ela— Oficial, a única forma que tenho de deixar para trás meu passado é falar com Rick.

O policial a olhou durante um momento como se estivesse digerindo tudo o que havia dito até o momento. Depois se inclinou para frente e ficou olhando as notas de seu caderno.

—Deixe fazer umas comprovações antes de fazer isso. Enviei-o à pensão. Luke sabe onde está. —O oficial Bentley dedicou um olhar ardiloso— importa esperar aqui enquanto procuro o nome de seu ex-marido em nossa base de dados?

Susie assentiu. De repente sua boca estava muito seca para poder falar.

Capítulo 11

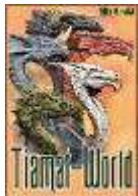
Voltar para casa agora não era com ele. Entretanto, seguir até a pensão e fazer uma visita mais pessoal Rick Angsthworth parecia uma grande ideia.

Em todos esses anos Luke cruzou com mais de um briguento. Um valentão não era mais que um valentão no fim do caso. Luke não tinha problemas em pôr em seu lugar, não importava tão alto acreditassem que chegassem. E este Rick não estava por cima dos outros que necessitam uma mudança de atitude forçosa em algum momento do passado.

Mas engoliram suas vontades de causar uns quantos machucados mais em Rick. Ver Susie e ter certeza que estava bem era mais importante.

Só estava a meio caminho de casa quando ligou Tia Lisa.

—Ela fez o que? —gritou pelo telefone dando um murro ao painel ao mesmo tempo.



Desculpou rapidamente com a tia de Susie. Ela manteve o tom e começou a soar de novo como sua mãe ao dizer que Susie saiu de casa. Luke assegurou que a encontraria e depois apressou a chamar o oficial Bentley para dizer que já não havia razão para que o acompanhasse até sua casa.

As rodas do Bronco chiaram quando fez uma mudança de sentido no meio da estrada. Disse para si uma oração de agradecimento quando Susie respondeu ao telefone e contou que estava na delegacia de polícia. Diminuindo até alcançar justo o limite de velocidade, não deixou que ninguém adiantasse enquanto trocava de lado em direção à delegacia de polícia.

Não tranquilizou ao ver sua velha caminhonete. Estacionou junto a ela tomou um minuto para relaxar e conseguir soltar o volante. A fúria cega o consumiria se não se controlava. Não estava zangado com a Susie (mais tarde daria a oportunidade de explicar por que foi a cidade sabendo que seu ex estava ali), a não ser com toda a puta situação. Rick Angsthworth teve o atrevimento de pôr o pé em Windy Hills e pensar que poderia sair dali com Susie sem mais.

Pois o inferno gelaria ante que ocorresse isso.

Subiu as escadas da delegacia de polícia de três em três e abriu a pesada porta de um puxão. Suas botas produziram um eco ao golpear o velho chão de mármore. Ao entrar no escritório, olhou a recepcionista que o observava como se estivesse louco.

Realmente se sentia assim. Nunca experimentou umas emoções tão fortes como as que agora corriam pelas veias como um potente narcótico. Susie tinha todas as qualidades que ele desejou sempre em uma mulher. Ela era o que ele queria que Peggy fosse o que ele acreditou que era Peggy. Alguém que se preocupava. Alguém que queria construir uma vida e um lar ali em Windy Hills. Alguém com escrúpulos, com fogo interior. Tudo o que sonhou encontrar em uma mulher estava reunido em Susie e inclusive um pouco mais. Sua forma de mover, a forma em que o fazia sentir. *Merda*. Não ia deixar que nada que ocorresse a afastasse dele. Lutaria com todos os homens do planeta se fosse preciso para mantê-la o seu lado.

—O que te ocorre? —perguntou Penny Abbey, a recepcionista, que levava um auricular sujeito sobre seu cabelo loiro tingido. Olhou-o de cima abaixo, vários quilogramas de rímel preso em suas pestanas— Tem pior pinta que a presa que trouxe meu gato ontem.

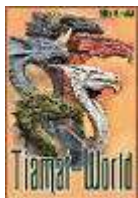
—Você também esta muito bem — murmurou. Não estava de humor para conversas civilizadas.

Arqueou uma sobrancelha. Penny também foi ao ensino médio com ele. Um pouco mais jovem, estava na classe de um de seus irmãos menores. Não se lembrava de qual, mas tampouco importava. Não frequentou os mesmos círculos, embora, por isso ouviu, abandonou um marido que a enganava anos atrás e estava criando a dois meninos sozinhos.

—Ouvi que ficou com o negócio de seu pai. —Ela tentava conversar um pouco. Obviamente decidiu que, fosse o que fosse o que queria, já o diria quando sentisse preparado.

Luke assentiu, mas olhou além dela e viu Susie sentada frente a uma das mesas do canto, dando as costas. Não havia ninguém mais na delegacia de polícia pelo que ele podia ver.

—Vim procurar ela — disse de repente e caminhou para a porta de vaivém que chegava à cintura.



Cruzou-a antes que Penny pudesse dizer uma palavra.

—Luke, não pode...

Ignorou a recepcionista e centrou em Susie, que se virou na cadeira. Obviamente ouviu. O ar preocupado de sua cara estendia também até seus grandes olhos verdes empanados; as lágrimas formavam redemoinhos aí, embora não caíam ainda. Prendeu o cabelo ao princípio do dia, mas agora, embora a maior parte seguisse bem presa, largas mechas caíam sobre a cara.

Susie começou a levantar. Ao chegar onde estava, pegou-a para acabar de levantá-la e a envolveu com os braços antes que pudesse falar.

—Em que demônio estava pensando? —sussurrou junto a seu cabelo de aroma doce.

Ela tremeu em seus braços e ele imediatamente arrependeu-se de seu tom duro.

—Não tenho intenção de viver o resto de minha vida aterrorizada por culpa dele — disse com a cara apertada contra seu peito.

Ela suspirou e soluçou, mas não tentou soltar de seu abraço.

—E o que pensava fazer? —perguntou com sincera curiosidade pelo que a motivou a abandonar a segurança de sua casa.

Conheceu a esse bode. Rick não assustava nem um ápice. Não importava o fato de que certamente ia armado, nem que seus valentões provavelmente tivessem matado a mais gente de que a ele conheceu em sua vida. Luke não tinha nenhuma dúvida de que encontraria a forma de convencer de ir da cidade ia ser o melhor para ele.

Mas, e Susie? Ela não tinha nenhuma possibilidade diante desse desgraçado. Seguia perguntando o que é o que ela podia ter visto nesse Rick Angsthworth.

—Estou cansada de me esconder, Luke. — esticou o corpo.

Separou lentamente dele, mas Luke não estava preparado ainda para deixá-la escapar de seus braços. Deu um pouco de espaço, mas não apartou as mãos dela e as deslizou por seus quentes e suaves braços. Sua expressão era angustiada quando levantou a vista para olhá-lo.

—Sei que custa entendê-lo. Não posso imaginar a ti fugindo de nada em sua vida.

—Muitas mulheres não fogem de seus maridos abusadores —disse em voz baixa— Você foi suficientemente valente para fazer isso. Não faça uma estupidez agora.

Ela revolveu e projetou para fora o lábio inferior, desafiante, com uma expressão teimosa na cara.

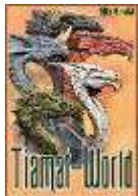
—Não estou fazendo nenhuma estupidez.

Ele quis sorrir, mas algo em seu interior disse que isso a ofenderia e ele não queria insultá-la. Mas bem estava orgulhoso de sua vontade de levantar. Mas a situação ultrapassava. E ele não ia permitir enfrentar a esse bode sem sua ajuda.

O chão rangeu a suas costas. Luke voltou para encontrar com o olhar de indecisão do oficial Bentley. Pigarreou com um papel na mão enquanto rodeava a mesa em direção a seu assento. Bentley fez a ambos um gesto com a cabeça para que se sentassem. Luke soltou Susie à contra gosto e se sentou em uma cadeira a seu lado.

—Luke — saudou o policial com um breve gesto.

Luke assentiu, preparado para tomá-la com o oficial se este tentava apartar do assunto de



alguma forma.

—Susie —O oficial voltou sua atenção para ela— procurei a seu ex-marido na base de dados e fiz algumas chamadas. Agradeço a espera.

Susie assentiu sem deixar de brincar com a bolsa nervosamente. Luke a observou enquanto Bentley seguia falando.

—Rick Angsthworth não tem nenhum antecedente criminal, nada no sistema. É tarde, mas deixei algumas mensagens a companheiros da polícia de Nova Iorque para comprovar se houver alguma investigação em curso.

Várias mechas de cabelo ocultaram seu perfil quando ela baixou a vista para olhar sua bolsa.

—Não encontrará nada. Estou certa — disse em voz tão baixa que a ambos custou ouvi-lo.

—E como pode estar certa disso? —perguntou Bentley.

—Simplesmente estou — respondeu algo mais alto e mais rápido.

Deixou escapar um suspiro afogado e separou a cadeira para levantar. Pareceu cambalear um momento, mas depois recuperou sua força interior. Quando olhou a Luke, a dor de seus olhos ainda não desapareceu, mas conseguiu formar algum tipo de escudo e sua expressão não demonstrava nenhuma emoção. Mas isso não conseguiu enganar nem por um momento.

—Sei que você não gosta da ideia, mas vou ver Rick. —Levantou a mão e deu um passo atrás quando Luke ficou de pé de um salto. Pôs sua cadeira entre os dois, olhou ao oficial e depois a Luke de novo— Luke, Rick me encontrou. Dirigiu até aqui de Nova Iorque. Não posso fugir de novo, voltar a mudar de identidade, começar uma nova vida; ele voltará a me encontrar. O mais inteligente que posso fazer é enfrentar ele e descobrir por que está aqui. E quanto antes, melhor.

—O que é isso de mudar de identidade? —perguntou Bentley antes que Luke explorasse.

Luke inspirou fundo e agarrou com tanta força à cadeira de Susie que os nódulos ficaram brancos. Rick ia destruí-la. Tinha grande admiração que Susie quisesse o enfrentar. Era uma mulher muito forte. Mas permitir que fosse ao encontro de Rick ficava fora de toda questão. Não apartou sua atenção dela quando viu olhar ao oficial. Ela demonstrou surpresa e depois baixou a vista para olhar a bolsa e umedeceu os lábios.

—Devia dizer antes. Sinto-o — explicou dedicando um sorriso ao oficial— Meu nome verdadeiro é Susan Winestone. Meu pai Alfred Winestone, das Empresas Winestone.

—Interessante. —Bentley assinalou as cadeiras—. Sentem. Os dois.

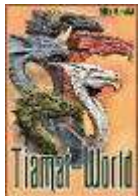
Susie esperou que Luke estivesse de novo acomodado em sua cadeira antes de sentar-se.

—Seu pai criou uma nova identidade para que pudesse fugir de seu marido? —perguntou Bentley anotando algo no caderno que tinha diante dele.

—Vai me prender por isso? —Tremiam os dedos quando os passou pelos lábios.

Bentley levantou a mão para que não seguisse por aí. Luke supôs que Bentley estava pensando em algo. Seu ex tinha que ser um verdadeiro maníaco para Susie fazer que fazer tudo isso para fugir dele.

—Acredito que necessito que faça uma declaração. —O olhar do Bentley era grave quando levantou a vista do caderno— Tem que me contar tudo o que sabe de seu ex-marido. Tudo o que acha que fez para que esteja tão assustada.



Ela abriu muito seus olhos verdes. Obviamente o que acabava de sugerir, ou, mas bem ordenar, assustava-a sobremaneira.

—Está bem... —disse ela vacilante.

—Bem —assentiu Bentley— Mas está ficando tarde. Faremos na primeira hora da manhã. Podem vir aqui ou eu posso ir à casa de Luke. O que achar mais conveniente.

—Virei aqui — disse Susie sem olhar Luke.

—Eu a trarei — ofereceu Luke.

Susie o olhou como se estivesse a ponto de dizer algo, mas não o fez. Tirou um pouco a língua entre os lábios e voltou a olhar a bolsa.

—Vou ver Rick — repetiu.

—E uma merda — gritou Luke agarrando o braço.

Olhou o lugar onde a estava agarrando, mas não separou.

—Sei o número de seu celular pessoal. Estou certa de que não o terá trocado. E se o tem feito, chamarei à pensão. —Falava com rapidez e seu olhar passava dele ao Bentley— Direi que encontre comigo a hora do jantar e que venha sozinho. Fará. Quero falar com ele. É melhor assim do que esperar descubra onde estou. Não vou poder suportar. E ambos sabem que me encontrará antes ou depois. Façamos que seja quanto antes.

Nenhum dos dois homens disse nada durante um momento. Susie seguiu olhando alternativamente a um e a outro e ao fim se fixou em Luke.

—Me... Eu gostaria de começar uma vida aqui — sussurrou. E essas lágrimas que seguiam formando redemoinhos em seus olhos finalmente caíram e criaram um atalho que cruzava sua bochecha— Mas não poderei fazer isso se não fazer as pazes com meu passado. Espero que compreenda.

—Merda. —Luke seguia de pé, segurando ela por seu braço.

Vê-la chorar enfurecia ainda mais. Mataria a esse filho de puta se punha uma mão em cima. Ouvi-la mais ou menos admitir que quisesse continuar com a relação, ficar ali com ele, era o melhor que ouviu em muito tempo. Rick Angsthworth teria uma morte horrível se fizesse algo para evitar que isso acontecesse.

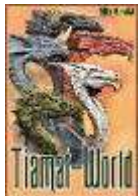
Bentley levantou na cadeira.

—Não há nada errado em ir vê-lo. Faça. Chame. Se quiser posso ficar para dar uma olhada no café enquanto vocês dois estão conversando.

—Eu também estarei ali — disse Luke.

Ela separou dele pela segunda vez em menos de dez minutos. Necessitou toda sua força de vontade para não voltar a empurrá-la para seus braços.

—Você não pode estar ali, Luke. —Ela sacudiu a cabeça e pôs sobre a boca os dedos, úmidos e salgados pelas lágrimas, quando tentou protestar— Não vê? Já o viu antes. Considerará uma ameaça e isso evitará que eu possa conseguir alguma coisa. Tenho que ir sozinha. Se você estiver ali, ele fará que venha seu guarda-costas, que estarão pertos. Tenho que convencer de que venha sozinho e eu estarei ali igualmente sozinha. Não quero que os Miller se preocupem com seu negócio. Depois do tornado, o último que precisa é uma briga em seu café. Se me vir com Rick a



sós em um lugar público, estou certa de que não vai chegar a isso.

—Pode ficar no carro patrulha comigo — sugeriu Bentley.

Luke sabia que o oficial estava sugerindo isso para poder controlar tanto Luke como Susie e não gostava. Não gostava de nada. Nada bom ia sair dessa reunião. Mas Susie estava decidida e ele tinha que deixá-la fazer as coisas a sua maneira.

—Vai e chama-o. —Luke odiava tudo isso, até o último detalhe.

Susie assentiu e agarrou seu telefone. Depois, quando ouviu falar com Rick, impressionou profundamente seu tom frio e autoritário. Pendurou e uma onda de emoções crispava sua expressão.

—Marquei com ele dentro de uma hora — disse a ambos.



Luke não estava com apetite e duvidava que Susie quisesse comer alguma coisa, mas tinham uma hora e não iria fazer que os minutos passassem mais rápido se ficassem a pensar em seu ex. Depois de escolher um lugar de reunião com Bentley, veio à cabeça um pequeno botequim que ele e seus irmãos estavam acostumados a ir.

The Pit Stop não mudou nada depois de todos esses anos e, além de alguns danos no telhado, suportou a tempestade bastante bem. Pouco iluminado e com aroma de fritura e a fumaça de tabaco, não era o lugar mais bonito que podia levar Susie. Depois de pedir uma cerveja para ele e um chá gelado para ela, ignorou as olhadas curiosas que dedicava todo mundo e pôs a mão na parte baixa de suas costas enquanto a guiava até um reservado em um canto do estabelecimento.

—Meus irmãos e eu estávamos acostumados vir aqui — murmurou enquanto a observava sentar sobre o plástico brilhante do assento de um lado da mesa. Ele se sentou a seu lado.

—Teve uma boa vida aqui — disse voltando para olhar de uma vez apoiava as costas contra a parede.

—Suponho que como a tua; há coisas boas e coisas más. —Deu um gole em sua cerveja olhando-a por cima do bordo da jarra de cristal.

—Sinto que esteja vendo a pior parte de minha vida. —Embora a blusa sem mangas e as calças curtas que levavam eram muito conservadores, seus ágeis ombros, a firme curva de seus peitos e sua cintura estreita faziam que ela oferecesse uma imagem realmente cativante.

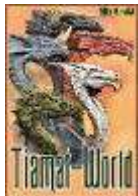
—Se tivesse aparecido faz um ano, teria encontrado em uma situação similar. O divórcio nunca é bonito.

—Ainda não estou oficialmente divorciada. —Olhou durante um momento, seus grandes olhos verdes brilhando na habitação tão tenuemente iluminada. Separou uma mecha acobreada da orelha e olhou além dele durante um momento— Eu gostaria de poder ter essa liberdade.

Ele deixou sua cerveja e pôs um dedo sobre os lábios.

—Tem essa liberdade. E ninguém vai tirar isso. Prometo isso. Pode ter o que quiser na vida.

—O que queira... —repetiu ela, as pestanas ocultando o olhar enquanto seus suaves lábios



se moviam sob o dedo dele.

Esse dedo riscou uma linha por seu pescoço até seu peito. O coração pulsou com força ao sentir seu contato, suave, mas decidido, embora nesse momento a expressão dela fosse vacilante.

—O que quer Susie? — fizeram um nó as vísceras, ansioso por ouvir sua resposta, embora temendo que não o incluísse. Lutaria com Rick por ela, mas a deixaria ir se isso era o que ela queria. Este último não fazia sentir muito bem, assim separou o desagradável pensamento de sua cabeça.

Ela arranhou o lábio com os dentes enquanto olhava a toda a parte exceto os olhos dele.

Luke rodeou com o dedo o botão de suas calças curtas atirando um pouco dele para recuperar sua atenção.

—Diga isso — pediu.

—Quero conhecer você melhor — sussurrou. Depois tragou saliva lentamente, atrevendo-se por fim a enfrentar seu olhar.

Seu pênis reagiu com uma sacudida dentro de seu jeans. Vários músculos endureceram em seu corpo e cada centímetro de seu ser explodiu com uma energia que logo não podia conter. Aproximou-a dele buscando a boca.

Quando as mãos agarraram os ombros, o nó de seu interior explodiu e liberou emoções muito intensas para deixar que ela as visse. Ele a necessitava desejava cada centímetro dela e não só de seu corpo. Queria sua mente, seu coração e sua alma, cada pedaço dela. Nunca mais ia aceitar somente uma parte de uma mulher.

—Tenha muito claro, Susie Winestone — sussurrou contra os lábios— que vai chegar a me conhecer muito, mas que muito bem.

Ela pestanejou e umedeceu os lábios antes de mover lentamente a cabeça e olhá-lo.

—Por que faz isto? — Olhava o rosto, examinando-o.

Esse olhar de desejo maravilhado e contido fazia que seus olhos brilhassem como esmeraldas.

—Porque você é o que eu quero.

Ela sorriu, quase rindo.

—Mas se for um desastre...

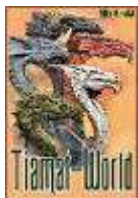
—Não —a corrigiu— Seu passado voltou para morder o traseiro. Mas você, carinho, é tudo menos um desastre.

Ele podia citar mais de um momento desde que a conheceu que podia provar sua afirmação. Mas agora mesmo ela o negaria tudo. Tudo o que tinha que fazer era ajudá-la a passar toda esta merda com seu ex e Luke sabia que depois não ia ser infeliz nunca mais.

—Eu gostaria que simplesmente acabasse — disse pondo distância entre eles e deslizando o dedo pelo cristal úmido do copo.

—Não pense nele. Agora não. —Precisava distraí-la. Seguia sentada ali, sua mente exploraria com todos seus medos, podia ver em sua expressão dilaceradora.

Ela assentiu em um movimento rápido e apertou os lábios. Odiava que ela se fechasse assim e guardasse toda a dor e o medo que via insinuados em sua cara.



—Vamos — decidiu e a pegou pelo braço. Ela o olhou atônito— Quero ensinar algo.

Voltar para seu passado era algo que sempre curvava. Mas depois de uns minutos de viagem no carro, seu humor mudou igual ao dela. A cara de Susie iluminou quando mostrou o lugar onde fora na escola primária e compartilhou com ela um par de histórias de sua infância. Depois mostrou o ensino médio e conduziram até o limite da cidade pelo caminho de terra por onde estava acostumado a andar anos atrás.

—Fizem minha primeira mamada detrás daquelas árvores. —Assinalou a um bosque de grandes álamos da Virginia.

Ela riu.

—Eu fiz a um menino no escritório de meu pai uma vez.

—Está de brincadeira.

—Não. Sentou na cadeira de meu pai, depois de seu escritório e ambos jogamos que eu era uma secretária travessa. —Nem sequer ruborizou ao dizer só sorriu e sua expressão iluminou pela lembrança.

—Um aspecto de você que eu não sabia. —Arqueou as sobrancelhas— E que mais fez você por aí, senhorita?

Ela agitou a mão no ar.

—Tampouco tive tantos namorados.

—Então talvez deversem começar a criar mais coisas que recordar. —Estacionou no caminho de terra e olhou seu relógio com um gesto rápido que tentou que não notasse.

Tinham meia hora antes de seu encontro com Rick. Faria algo para marcá-la como sua antes que fosse ao encontro desse bode. Estaria bem que chegasse a ver esse idiota radiante depois de ter uma boa sessão de sexo. Embora supusesse que Rick não saberia a aparência de Susie depois de um de sexo desenfreado.

—O que faz? —Ela ficou tensa no assento e olhou a todos os lados quando ele estacionou a um lado do estreito caminho— Não virá alguém?

Possivelmente, mas o mais provável é que a maior parte dos fazendeiros já estivesse em casa e a pessoa da cidade se recolhia logo.

—Esta hora não.

Ela o olhou cético.

—Ainda é de dia.

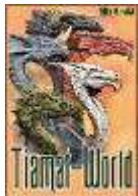
Mas Susie não disse que não. Seus olhos estavam muito abertos e observava com interesse como manobrava para tirar o Bronco da estrada e conduzia por terreno irregular até estacionar depois de um grupo de árvores. Ela agarrou a maçaneta da porta quando estacionou.

Luke saiu de um salto e deu a volta no carro para chegar a seu lado. Ela o olhou quando abriu a porta e pegou a mão para ajudá-la a sair.

—Este lugar não mudou nada.

—Vinha aqui frequentemente? —Ela olhou a seu redor com nervosismo.

—Do outro lado das árvores há um riacho. Estávamos acostumados a vir aqui com um grupo de meninos para passar um momento.



—Nunca me ocorreria vir até aqui, no campo, simplesmente para "passar o momento". —Ela tropeçou com uma rocha pequena e agarrou seu braço com mais força.

Luke aproveitou essa desculpa para abraçá-la.

—Aqui não temos todas as diversões que pode oferecer a cidade.

—OH! —exclamou boquiaberta quando chegaram aos serpenteiem riacho.

A água abria caminho entre grandes rochas. Parecia muito mais estreito do que ele recordava. Susie seguiu o curso da água com o olhar, admirando e olhando em ambas as direções.

—A grande cidade não tem coisas como esta. —Sua expressão relaxou. Amava a beleza e a paz do campo tanto como ele.

—Aí está. —Assinalou o lugar e a guiou pela borda da água até uma parte de terreno duro e plano onde não crescia nenhuma vegetação.

Ele deixou cair ao chão e estirou as pernas até que suas botas virtualmente tocaram a água. Ela o olhou inquisitivamente.

—Aqui está o que?

—Meu lugar — disse sorrindo.

A blusa não chegava à cintura das calças e a estreita franja de pele exposta excitava. Isso, acrescentado à forma em que o sol do entardecer fazia brilhar a cor acobreada de seu cabelo e acentuava suas curvas, fez pensar que estava olhando à criatura mais bela de toda a terra. Não tinham muito tempo, mas já desapareceu parte da tensão de sua expressão. Sabendo que havia feito o correto ao trazê-la a aquele lugar, estendeu a mão.

—Este é seu lugar? —Ela pareceu divertida e, apesar de que não pegou sua mão, sentou-se e recolheu as pernas de forma que ficou ligeiramente inclinada para ele— E por quê?

—Nada cresce aqui. Não me pergunte por que, simplesmente não cresce. E já sabe que as garotas odeiam as manchas de erva. Assim que este é um lugar perfeito para considerar de sua propriedade. —Soava ridículo: ele ali explicando por que queria precisamente essa parte de terra.

Mas ela sorriu quase sem olhá-lo antes de passar a observar o campo que os rodeava.

—Parece que é um cavalheiro bastante atento — murmurou.

—É uma boa desculpa. Embora o certo é que normalmente o que havia por aqui eram meninos de doze anos com uma dúzia de cervejas.

—Disse que aqui fizeram a primeira mamada.

Assentiu a suas costas.

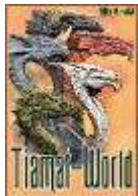
—Foi por ali.

—Onde?

Ele levantou, pegou ela para que se levantasse também e caminharam entre as árvores enquanto tentava recordar a localização exata.

—Meu irmão Mark era o esportista da família, eu não. Acredito que foi o verão anterior ao último ano. Um grupo de meninos veio aqui para jogar algo. Esta menina, Cindy, veio uma temporada com uns parentes. Acredito que sua família tinha a impressão de que se desencaminhou um pouco na cidade e que a vida do campo viria bem.

—E também deu essa impressão?



—Sim. Mas eu não tinha nenhum problema com que estivesse um pouco desencaminhada.

—Encontrou a árvore ao que faltavam várias partes de casca— Foi justo aqui — disse dando uns tapinhas à árvore como se fosse um velho amigo.

—Ummmm. — umedeceram-se os lábios, olhou para a estrada e depois a ele e se fixou em algum ponto por debaixo de seu peito.

Separou uma mecha de cabelo do rosto; adorava o suave e quente que era sua pele.

—Acredito que você deveria ser a última mulher que fizesse uma mamada junto a esta árvore.

A cor que alagou as bochechas confirmou seus pensamentos. Ela já pensara na ideia. Baixou a mão até seu cinturão e o desabotoou, baixando também a zíper dos jeans. Seu pênis já pulsava pela antecipação. A língua dela moveu sobre seus lábios, umedecendo e todo o sangue abandonou o corpo dele. Com uma mão liberou seu membro, que estava duro como uma rocha em um instante e acariciou a nuca dela com a outra.

—Deseja-me Susie? —E não se referia a só sexualmente.

Os olhos dela brilharam quando abriu a boca, mas não saiu nenhuma resposta. Ele ansiava saber o que queria dizer, mas se conteve. Acariciou o peito com as mãos, o que fez que calafrios percorressem todo seu corpo.

—Acredito que devo isto — sussurrou e se ajoelhou diante dele.

Não devia nada. Mas quando os dedos envolveram seu membro, tirou a língua e tocou com ela a ponta, os dedos dos pés curvaram dentro das botas. Responder nesse momento resultou ser uma tarefa mais que árdua. Luke a agarrou pelo cabelo, mantendo-a aí como se nisso o fosse à vida e ela o meteu na boca.

—Susie. Merda. —Quase gozou quando seus lábios se moveram por toda sua superfície.

Ela gemeu e a vibração do som criou mais pressão em seu interior. Com o tempo pisando os calcanhares, ele não quis tentar reter sua ejaculação. Se pudessem seguir assim uns minutos... A forma em que seu dente roçava o centro de seu membro fez que pusesse ainda mais duro. E depois seus lábios, que roçavam o lugar onde acabavam de estar seus dentes... *Deus!* Se tivessem todo o dia... Gostaria que ela estivesse horas assim.

Estirou os lábios ao redor de seu membro e nublou a vista. Obrigou a mantê-la enfocada; queria desfrutar de cada precioso minuto do que estava dando. Mas quando moveu a mão baixa e agarrou o testículo, todo seu corpo ficou tão duro que chegou a doer. As pontas de seus dedos logo que roçavam essa zona hipersensível, mas puseram um arrepio e um fogo envolveu suas vísceras.

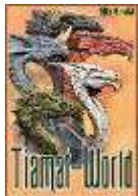
Ela lambeu e chupou, fazendo uns sons vibratórios adoráveis. A necessidade de gozar e a pressão que crescia até o ponto de explorar estavam consumindo cada centímetro de seu corpo.

—Não posso aguentar mais — conseguiu dizer quando algo no fundo de sua mente disse que devia advertir e deixar decidir se podia gozar em sua boca ou não.

A boca abandonou seu pênis durante um segundo que foi uma tortura.

—Goza então — sussurrou e voltou a rodear a ponta com os lábios.

E depois colocou seu membro na boca e se enterrou no calor úmido que empapava a carne,



que o devorava. Agarrou o cabelo, consumido pela urgência de enchê-la, de dar tudo o que tinha que oferecer.

O orgasmo explodiu em seu interior e liberou a pressão que ia destruir se não fazia. Um som de sinos encheu seus ouvidos. O coração pulsava acelerado. Luke a soltou, um pouco enjoado de repente, enquanto seguia derramando em sua boca.

Susie separou e seu cabelo escapou de entre os dedos enquanto separava dele. Lambeu os lábios e levantou devagar sem olhar aos olhos.

—Susie. —Agarrou-a do braço para que não separasse mais dele.

—Gostou? —disse ainda sem olhá-lo.

—Encantou-me — disse aproximando para si— Mas não se afaste de mim.

—Não sabemos o que vai acontecer.

—Nós controlamos o que acontece a nós. Ninguém mais. Só você e eu.

Ela o olhou ao fim e a poderosa onda de emoções que enchia seus olhos quase o fez cair de costas. Agarrou-a com mais força e a levou para si.

—E há algo entre nós — acrescentou.

—Sim. Sei — sussurrou e estirou contra seu corpo roçando os lábios com os seus. O sabor de seu sêmen em seus lábios pareceu selar essa afirmação.

Capítulo 12

Susie voltou a colocar a arma na bolsa. Agora pareceu que esta pesava incrivelmente. A mão tremeu ao abrir da porta para entrar no café. Quase acabou a hora do jantar e duas garçonetes trabalhavam em excesso limpando as mesas e tirando os pratos sujos. Betty Miller saiu da cozinha e foi para trás do balcão.

—Me alegre de te ver, juvenzinha. —Sorriu o que formou covinhas em suas bochechas gordinhas— Não diga que vai jantar sozinha esta noite...

Ainda havia algumas pessoas sentadas nas mesas. A maioria delas a ignoraram, embora notasse um par de olhares curiosos. Na cidade já viam como a garota de Luke. Já tinha um lugar ali. O germe de uma nova vida, uma vida que provavelmente adoraria e estava ao alcance da mão.

—Não. É que... Ummmm... —A voz ficou atravessada na garganta. Foi uma idiota ao pensar que poderia com tudo isso. Seus nervos estavam à flor da pele, que não podia nem formular uma frase— Vai vir um velho amigo para tomar algo comigo.

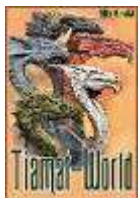
—Luke Rogue é um bom homem. —Betty fez uma careta— Embora o que faça não é meu assunto, é obvio.

—Sim. É um homem fantástico — assegurou Susie. Por alguma razão sentiu a necessidade de demonstrar a Betty que ela era boa para Luke— E já sabe que estou aqui. Falamos antes de vir.

Betty sorriu e relaxou grandemente. As palavras de Susie sortiram efeito.

—Não nos conhecemos muito ainda, mas da para ver que é boa gente. Nada que eu possa conhecer alguém e dizê-lo. E Luke merece o melhor. Sua ex-mulher não era boa. Estava claro.

Susie desejava ouvir mais coisas sobre ela. Se Rick não estivesse a ponto de cruzar a porta,



claro. Rick não precisava saber nada sobre sua incipiente relação com Luke.

—Obrigado. Talvez algum dia possamos nos sentar e conversar um momento —disse rezando para que seu sorriso parecesse sincero. Umedeceu os lábios, que ainda tinham o sabor de Luke. O estômago encheu de mariposas ao recordar suas palavras antes que voltassem para cidade. Rezou para que essa reunião fora bem e que todo acabasse logo— Mas agora fiquei com alguém para tratar... Uns assuntos familiares.

—Veem algum dia na hora de menor movimento do dia e contarei tudo o que sei sobre esse Luke — disse Betty com uma piscada. Fez um gesto com a mão assinalando as mesas— Sente-se onde queira.

Susie tremeu as pernas e de repente sentiu a boca muito seca. Simplesmente assentiu e depois ficou olhando as mesas. Agora inclusive escolher um lugar onde sentar parecia uma decisão muito difícil. Seria melhor que sentasse junto à porta? Ou na esquina? Não queria que ninguém pudesse ouvir sua conversa, mas sabia que o oficial Bentley e Luke estava fora, no carro do oficial.

Olhou pelas grandes janelas e deu conta de que não havia muitos carros estacionados aí. E não havia ninguém sentado em nenhum deles. Mas tampouco iriam estacionar diante do lugar para que todo mundo que passasse pudesse ver, porque primeiro, alguém poderia parar de falar com eles e segundo, Rick os veria imediatamente.

O estômago fez um nó. Estava muito assustada. Devia levá-lo escrito na cara. Não havia maneira de que pudesse lutar com tudo isso. Agora nem sequer podia escolher uma mesa...

Seu móvel soou dentro da bolsa. Os assobios breves e agudos fizeram dar um pulo e quase o deixou cair, mas o agarrou com um ímpeto desesperado enquanto o coração pulsava com tanta força que quase doía.

A garçonete que estava limpando uma mesa próxima a olhou de forma estranha e franziu o cenho.

—Sente-se. Atenderei em um momento — disse a mulher e deu as costas para voltar para sua tarefa.

Susie assentiu, pegou a cadeira mais próxima e quase deixou cair nela enquanto procurava na bolsa. Tinha sobre o colo e atenderam os músculos porque agarrava com tanta força que provocava câibras no braço.

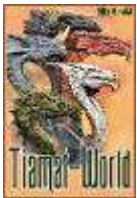
Várias pessoas voltaram para olhá-la enquanto ela seguia procurando na bolsa, esquivando a arma, até que conseguiu encontrar o telefone e responder ao quarto tom.

—Diga? —Sua voz negava a sair de sua garganta.

—Está bem? —Respirou fundo para ouvir a voz serena e dura de Luke.

Umedeceu os lábios. O sabor dele, que já ia desaparecendo, encheu a boca. Minutos antes ele esteve a ponto de pular sobre ela na porta da delegacia de polícia. Tinha beijado grosseiramente, deixando sua marca nos lábios e sem importar quem pudesse vê-los. Uma estranha quentura alagou seu interior ao pensá-lo. Inclinou sobre ela, sufocando com sua boca e rodeando-a com uns braços que pareciam cadeias.

E quando deixou para que pudesse respirar, com sua boca ainda a poucos centímetros da dela, suas palavras fizeram que suas vísceras explodissem de desejo.



—É minha — havia dito com o olhar ávido, quase selvagem.

Ela não podia dizer nada nem tampouco apartar o olhar. Tudo o que pôde fazer foi deixar afogar dentro desses profundos olhos azuis.

Agora fechou os olhos e deixou escapar um profundo suspiro, embora não conseguiu apartar de seus pensamentos.

—Estou bem — mentiu embora duvidasse que ele acreditasse.

Já começava a duvidar de se esse plano era realmente apropriado. Nesse momento não tinha nem a mais mínima ideia do que ia dizer a Rick. Como ele fosse escutar algo do que ela tivesse que dizer...

—Deixa o telefone aberto. Ponha perto e não desligue. Quero ouvir tudo o que falam.

Ela assentiu e esclareceu garganta.

—Está bem.

Ao tentar colocar o telefone no colo, a bolsa escorreu. Caiu no chão com um forte ruído metálico. O coração explodiu no peito e um grito quase saiu de sua garganta. Divulgou como se a arma disparou. Não moveu. Nem sequer respirou. O coração ia a mil por hora no peito. Rick não chegou ainda e já estava tão assustada que não podia comportar-se com normalidade. *Deus*. No que pensava quando tomou essa decisão?

Ficou olhando a bolsa que estava jogada de lado no chão sem que visse seu conteúdo. Finalmente encontrou forças para mover. Fechou com os dedos úmidos ao tocar a pele da que parecia e a colocou a seus pés. Pressionou contra sua pele; a arma a assustava, mas também proporcionava um pouco de segurança.

Tentou respirar devagar e tranquilamente enquanto colocava o telefone sobre as calças curtas.

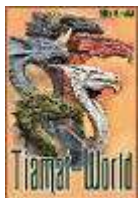
Quando ligou na pensão passaram para o quarto de Rick sem nenhum problema. Sua conversa foi breve. Ela não notou nenhuma emoção nele, embora não estava certa de que esperava: raiva, compaixão, súplicas... Rick nunca suplicava. Mas nada saiu dele; esteve de acordo em encontrar com ela, confirmou o lugar e isso foi tudo.

—Quer esperar que venha seu amigo para fazer o pedido? —Uma garota jovem que provavelmente ainda estava no ensino médio pôs diante um copo de água com gelo e colocou outro ao outro lado da mesa.

—Já estou aqui. —A voz que soou a suas costas fez dar um salto— nos traga dois cardápios.

Rick era toda eficiência quando sentou frente a ela e dedicou brevemente sua atenção à garçonete. Não era estranho que não precaveu de sua chegada. Ao olhá-lo, todo seu mundo parecia estar de cabeça para baixo. Era como um pesadelo: o homem de que fugiu, ao que temia mais que nada no mundo, estava sentado ao outro lado da mesa, dando instruções tranquilamente à garçonete.

Susie esperou que aparecessem as emoções que provocava. Estudou-o: seu cabelo escuro, sua cara bem barbeada com um toque de loção que aromatizava o ar a seu redor. Levava uma camiseta de manga curta e jeans azul escuro. Nada nele destacava. Tampouco provocou nada a ela.



Ao olhá-lo única sensação que provocou foi surpresa pelo fato de que ela não sentia nada. Seu interior tornou frio. Não havia medo, nem hostilidade, nem ira, nem arrependimento. Nada. Ela observou o homem que prometeu amar e respeitar até que a morte os separasse. Bom, era óbvio que como casal morreu. Seus votos já não faziam sentido. Não ficava nada.

—Esta bem — disse quando ao fim voltou para olhá-la.

Percorreu-a com o olhar. Seus olhos escuros eram profundos, sem brilho, quase negros. Nunca precaveu desse detalhe antes: seus olhos não tinham vida. Talvez essa fosse a primeira vez que via Rick como realmente era. Esse homem estava morto por dentro.

—Obrigado. —A força que teve bem escondida fazia um momento começou a sair à superfície.

Agarrou o copo de água e deu um longo gole. A frescura do líquido deu algo mais de força enquanto descia por sua garganta.

—Vai dizer o que é isso tudo? —perguntou apoiando no respaldo e cruzando os braços sobre o peito.

Ela deixou o copo. A mão só tremeu um pouco, mas ele não estava observando o movimento. Olhava a seu redor, não estava segura de fora ou às atividades que desenvolviam o seu redor.

Outro detalhe veio à cabeça naquele momento. Rick nunca fixou nela. Sempre a olhava, dava o que queria quando convinha, mas isso era tudo. Nunca significou nada para ele. Duvidava de que ninguém tivesse significado nada para ele.

E isso era muito triste. Mas ele escolheu seu caminho. Era um mau caminho, um perigoso e um com o que ela não queria ter nada que ver.

—Tenho que fazer uma pergunta. —ergueu ao recordar que Luke estava ouvindo tudo o que estava dizendo ali pelo telefone. Conseguiu relaxar sua expressão; sabia que deveria fazer. Ia enfrentar Rick, mas com suas regras, não com as dele. Não ia entrar em seu jogo— por que veio até aqui? O que quer?

—Já sabe as respostas a essas perguntas. —Ele pareceu exasperado.

Houve um tempo que ela teria obedecido a esse olhar e feito o que fora para aplacar o que ali via. Mas já não. Sacudiu a cabeça lentamente.

—Não, não sei. Diga-me por que está aqui.

—Divorciou-se de mim.

—Sim, isso fiz.

A garçonete aproximou, mas vacilou. Ou suspeitava o comprometido do tema da conversa ou notou que nem sequer olharam o cardápio. Ou ambos.

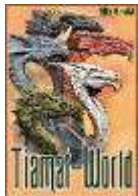
—Querem mais tempo para pensar? —perguntou.

—Não. Tomaremos dois hambúrgueres com queijo com toda a guarnição e batatas fritas— disse Rick sem dirigir o olhar que seguia tendo fixo em Susie.

Ela virou e sorriu para a menina.

—Não, eu não. Não tenho fome. Mas sim quero uma parte de bolo de maçã quente.

A garota sorriu pela primeira vez e anotou o pedido. Susie viu Beaux de pé na cozinha,



olhando pelo oco que passavam os pedidos. Não sorria. Betty não estava em nenhuma parte. Não surpreenderia que o oficial Bentley tivesse contado a Beaux a situação. Talvez estivesse imaginando ou via o que queria ver, mas juraria que notou preocupação na expressão de Beaux.

—Inteirei-me que tem uma bonita casa não muito longe daqui, mas que mudou para casa de um homem da cidade. Quer me explicar por quê? —perguntou e sua expressão começou a endurecer.

Não era estranho que inteirou de onde estava em tão pouco tempo. Fazer perguntas aos habitantes em Windy Hills não era nada difícil. Ela era uma estranha por ali. Todo mundo teria contado tudo o que sabia sobre ela.

—A cidade sofreu os efeitos de uma terrível tempestade. Vim mais perto para poder ajudar. —Não ia mencionar tia Lisa se não via obrigada a fazê-lo.

—E de passagem está fodendo a esse tal Luke — acrescentou com um tom que mostrava claramente sua desaprovação.

Susie olhou as mãos e deu conta da força com que as estava agarrando no colo. Sacudiu a cabeça embora não queria fazê-lo, mas era incapaz de manter controlados seus sentimentos. Assim funcionava Rick, dando a volta à conversação para pôr à defensiva, até que ela acabava pedindo desculpas e rogando que deixasse fazer tudo o que ele quisesse para poder ganhar sua aprovação.

—Isso não é teu assunto — disse sem levantar a vista, lutando com todas suas forças para não cair em seu jogo.

—Susan — disse com um suspiro e soou como se estivesse brigando com um menino pequeno— Você não é parte deste mundinho de classe média. Não nos movemos nos mesmos círculos nem seguimos as mesmas regras. Você sabe tão bem como eu que não pode simplesmente sair do mundo e começar a brincar de casinhas. Isso não é uma opção.

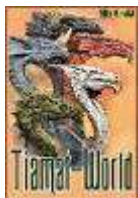
Ela levantou a vista rapidamente para encontrar com o desagradável fundo desses olhos escuros. A ira rondava. Viu nas comissuras de seus olhos, na forma de franzir o cenho, nas rugas que apareciam entre as sobrancelhas, na forma em que apertava os lábios e no ligeiro movimento de seu corpo.

—É minha vida. Não pode me dizer como vivê-la. Isso tampouco é uma opção. —Não sabia de onde tirou essa resposta.

Cravou as unhas na carne, mas não conseguiu separar as mãos. Acelerou o coração e a respiração. Começou a correr o suor entre os peitos, o que fez surgir um comichão muito incômodo. A força que tinha a princípio estava desaparecendo rapidamente. Enfrentar Rick significava utilizar uma quantidade de energia que ela possivelmente não possuía. Fugir teria sido mais fácil. Embora estivesse morta de medo e aterrorizada que ele a encontrasse e a matasse, fugir era tão difícil como isso. Provavelmente seria impossível raciocinar com ele, fazer ver sua forma de expor as coisas, convencer de que a deixasse em paz.

E então o que?

—Divorciar de mim não vai liberar você — disse em um sussurro aterrador— Sabia quando começou a relação comigo. Não somos gente normal.



—Pode ser que você não seja normal, mas eu sim — respondeu ela com rapidez.

—Agora mesmo nem sequer está sendo racional. Nada disto tem nenhum sentido — disse levantando as mãos e fazendo um gesto que abrangia todo o café— De verdade acredita, embora só fora por um momento, que fosse converte-se de repente em uma garota de cidade? Você? A filha de um milionário? Esta gente nem sequer imagina quem é. Está sendo uma estúpida, Susan. E quanto mais dedique a jogar isto, mais difícil será voltar para nosso mundo.

—Bom, então deveria se alegrar de que não seja seu problema. —A fúria podia mais que o medo. Talvez antes ficasse sentada e quieta e deixasse que ele a menosprezasse, que a insultasse até que sentisse que não era nada, mas isso acabou— Embora esteja equivocado, Rick. Está totalmente equivocado. Posso fazer o que quiser com minha vida e você não pode me deter.

Ele arqueou uma sobrancelha.

A garçonete escolheu esse momento para trazer a comida. Colocou os pratos diante deles e desapareceu sem sequer perguntar se precisavam de algo mais. Susie notou que eram os únicos clientes que ficavam no café. Não fazia nem ideia se isso era normal essa hora. Tampouco via por nenhum lado nem Beaux nem Betty.

De repente se sentiu sozinha. Era como se o que Rick acabava de dizer fosse certo. Saber quem era ela em realidade, a bagagem que levava consigo, era suficiente para fazer que as pessoas dessa cidade sásse correndo. Suas vidas eram simples, além disso, quem ia querer ter alguma coisa com alguém cuja vida estava tão fodida como a sua?

Rick ficou de pé ignorando o hambúrguer com queijo e a porção de batatas frita que estava em sua frente. Tirou a carteira do bolso de atrás e atirou uma nota de cinquenta dólares na mesa.

—É patética, Susan. Mas é meu problema, não desta cidade. Já sabe onde estou. E eu sei onde está você. Se este cidade significar algo para você, estou seguro de que não quererá que a vida desta gente se altere. Pegue suas coisas. Vamos amanhã. Não vai ficar aqui.

Ela também teria levantado, mas tremiam muito as pernas, assim envolveu os joelhos com as mãos e o olhou tentando com todas suas forças manter um tom de voz baixo e não atrair a atenção.

—Rick, estamos divorciados. Já não sou seu problema.

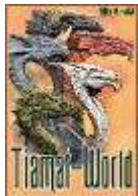
—Esse divórcio significa para mim tanto como nosso matrimônio — disse entre dentes, golpeando a mesa com o punho e inclinando para ela— Essas coisas que sabe selaram seu destino. Deveria ter sido uma boa esposa e ter mantido o nariz fora de meus assuntos.

—Isso era bastante difícil de fazer porque você foi gritando coisas sobre seus assuntos por toda a casa. É um canalha, Rick.

Durante um segundo acreditou que ia agarrar pelo pescoço. Seus olhos estavam em chamas e sua expressão voltou horrível. Ela separou da cadeira para afastar dele. Sua tentativa de criar distância entre eles agradou. Sorriu e ergueu.

—Por isso é que segue sendo meu problema. Não pode manter sua puta boca fechada. —E dizendo isso, foi.

Deveria ter levantado para gritar e dizer que ia congelar o inferno antes que ela aceitasse ir a alguma parte com ele. A ira e a frustração rasgavam por dentro. Odiava-o, desprezava-o com todo



seu ser. Mas não pôde levantar nem girar para vê-lo ir por muito que tentou. Simplesmente ficou ali sentada, com uma única lágrima já correndo pela bochecha ante que pudesse dar conta de que estava chorando.

Deu um salto quando uns braços a rodearam.

—Está bem, querida? —perguntou Betty.

Susie levantou a vista e Beaux passou a seu lado em direção à porta com uma expressão de determinação na cara. Voltou para olhá-las, mas não aproximou.

Betty acariciou o cabelo de Susie e sorriu de forma tranquilizadora.

—Luke é muito mais bonito — sussurrou.

Susie riu e assentiu.

—Tem razão.

—Disse o que tinha que dizer? Irá?

Susie recordou que o telefone seguia ligado e que Luke estava do outro lado. Tirou de suas calças curtas e ficou olhando a tela morta. Luke desligou.

—Quer que vá com ele. Mas eu não irei. —levantou e olhou pelas janelas em busca de Luke— Chamou alguém?

As mãos de Betty estavam ásperas de tanto esfregar, mas eram agradavelmente quentes.

—Beaux disse que fosse encontrar aqui com seu ex. Ambos estamos orgulhosos de que considere nosso local como um refúgio seguro.

Susie ficou olhando a curtida cara da mulher. Seu coração estava a ponto de estalar com tantas emoções.

—Preocupava que me odiasse se inteirava de que havia trazido esse monstro aqui — sussurrou.

—OH, carinho. —Betty deu um abraço de urso— Todos os ex são uns monstros durante um tempo. Confiar em mim, isso vai melhorar e você veio ao lugar correto. Tem que esforçar um pouco, mas depois poderá ter uma vida maravilhosa aqui. Sei.

Betty não imaginava o tipo de monstro que era Rick. Mas acreditava que Susie pertencia a aquele lugar e sentir que já aceitou como parte de sua pequena e fechada comunidade dava uma sensação de pertencer que não experimentou nunca antes. Sentia-se bem, muito bem. E as coisas com Luke não custavam nenhum esforço. Mas bem parecia que acabava de encontrar seu lar.



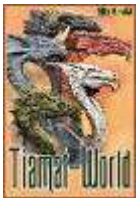
No mesmo segundo em que esse idiota afastou de Susie, Luke fechou seu telefone com um golpe seco e lançou para a porta do carro.

—Luke! —gritou Bentley quando saiu disparado do carro.

Estavam estacionados na rua, a uma quadra do café. Muito longe em opinião de Luke. Antes que tivesse tempo de cruzar meia quadra, Rick subiu a seu carro e afastou.

Merda.

O carro de Susie estava estacionado fora do café. Seu estava na delegacia de polícia, a cinco



quadras. Dirigiu ao café.

—Tudo vai bem? —Beaux estava na porta para recebê-lo.

—Obrigado por cuidar dela por mim. —Luke sabia que o homem mais velho sabia o que estava ocorrendo algo. Algum dia teria que contar toda a verdade do assunto.

Beaux disse que não era nada e que não aconteceu nada a Susie enquanto falava com seu ex. Nem sequer perguntou nada quando Luke chamou e explicou brevemente o encontro que ia realizar ali.

—Que tal está? —perguntou Susie. Estava desejando poder tê-la entre seus braços. Betty a rodeava com os seus de forma que parecia que ia asfixiá-la. Susie respondeu algo, Luke não pôde ouvi-lo.

—Dê suas chaves — disse quando Betty a liberou o fim.

—Minhas o que? —Susie não tinha boa aparência. Suas bochechas estavam manchadas de lágrimas.

Ele fervia de fúria. Mataria o homem que causou toda essa dor.

—As chaves do carro — disse estendendo a mão— Dê isso.

Ela procurou na bolsa e tirou um grande chaveiro com muitas chaves.

—Mas, por quê?

Pegou as chaves.

—Cuidem — disse por cima do ombro. Tinha que dar caça a um bode.

—Luke! Espera! —A tensão na voz de Susie alertou o coração.

Que um homem fizesse isso, que a fizesse sentir desta maneira, provocava que fervesse o sangue. Rick Angsthworth pagaria pela dor que estava fazendo passar Susie. Pagaria com acréscimo. Era inaceitável para ele deixar ficar outro minuto na cidade pensando que obteve uma vitória ao intimidar e aterrorizar Susie.

O estreito oco do assento do condutor obrigava a ter as pernas encolhidas. Enquanto o manipulava para afastá-lo, levantou a vista para olhar Susie, que saiu do café atrás dele. Abriu a porta do acompanhante.

—Deixe entrar — gritou.

—Você fica aqui — disse depois de abrir a porta.

Susie subiu no carro. Acomodou no assento do acompanhante e apertou a bolsa contra o peito. Ele não podia suportar ver suas bochechas úmidas de lágrimas, a forma em que apertava os lábios para parecer mais forte.

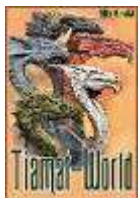
—Aonde vai? —perguntou quando conseguiu colocar o cinturão por cima da bolsa.

—Vou me encarregar de algumas coisas. —Não queria levá-la com ele. Mas convencer de que ficasse com Beaux e Betty levaria muito tempo.

Não queria que esse bode tirasse muita vantagem. Saiu do estacionamento e acelerou como um louco em direção à pensão. Seu telefone celular tocou e ele soltou uma maldição.

—Aonde demônio acredita que vai? —gritou pelo alto-falante o oficial Bentley.

—Só quero ter um bate-papo com ele. Algo amistoso. —A menos se esse idiota decidisse fazer uma cena. Mas, claro, isso não ia ser culpa de Luke...



Deus, oxalá queria montar um bom espetáculo!

—Sabe que vou ter que pedir reforços para enfrentar isto, verdade? —Bentley suspirou. Soava muito irritado.

—Faz o que tenha que fazer — disse Luke.

Quando estacionou diante da pensão, Susie saltou do carro antes que tivesse apagado o motor. Com ela ali, faria que as coisas fossem ainda mais complicadas. Se pudesse prendê-la para mantê-la segura à margem de tudo isso, faria.

—Não quero que esteja aqui. —Agarrou por braço antes que encaminhasse para a porta.

A expressão de seus olhos estava devorando as vísceras.

Ela separou o olhar e a fixou nos dois carros que estavam estacionados junto ao dele: o de Rick e o de seu guarda-costas.

—Esta guerra é minha — murmurou.

—Mas não é só tua. —Agarrou o braço com mais força e viro-a para que voltasse a olhá-lo— Rick vai deixar a cidade. E vai fazer sem você.

Tremeu o lábio inferior só durante um segundo, mas em seguida fechou a mandíbula com determinação. Seus grandes olhos verdes o olharam sem pestanejar. Já não havia lágrimas. Era tão formosa e desejava tanto ser feliz que merecia a pena para lutar dessa forma por ela. Não ia permitir por nada do mundo que entrasse nessa pensão diante dele. Tinha que assegurar de que estivesse segura.

Soltou o braço e roçou a bochecha com os nódulos. Ela mordeu o lábio inferior. Susie era uma lutadora. Vir para Windy Hills parecia fugir esconder, e isso para ela era uma covardia, embora não era assim absolutamente. Era uma mulher incrível e não ia deixar escapar.

Notou a suavidade de seus lábios quando passou o dedo sobre eles.

—Fique atrás de mim e não diga nada — disse. Precisava beijá-la, estar dentro dela. Tirar desse pesadelo e enterrar em seu interior, resultava muito mais tentador que o que ficaria se não podia conseguir. Precisava fazê-lo. Por Susie. Por eles. E quando terminasse tudo isto, a vida seria melhor para ela.

Entraram na pensão.

—Como esta Millie? —Custou bastante esforço para não parecer a ponto de saltar a qualquer momento ao sorrir para Millie Cartwright, a proprietária da pensão de Windy.

—Muito bem, Luke Rogue. Que surpresa. —Millie sorriu. Seu comprido cabelo negro tinha mexas cinzas que não estavam ali na última vez que a viu. Ela olhou por cima do ombro para ver Susie e seu sorriso desapareceu— O que traz você por aqui?

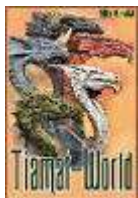
O sorriso dele voltou sincero quando deu conta que estava pensando ela; certo era que não estavam ali para alugar um quarto, mas a verdade é que não teria sido uma má ideia.

Pôs uma mão protetora em Susie no ombro.

—Já conhece Susie, verdade?

Millie sacudiu a cabeça e olhou Susie de cima abaixo enquanto esta erguia, obviamente sentindo que estavam julgando. Apertou um pouco o ombro para tranquiliza-la.

—Acredito que não — disse Millie.



—Susie e sua tia mudaram para cá recentemente. É boa gente. Esforçaram muito para ajudar às pessoas depois do tornado.

—OH, sim. Que tempestade mais terrível! Aqui também sofremos alguns danos no telhado. De fato pode ser que tenhamos que cortar essa velha árvore daí de trás. Ainda não estamos certos. A tempestade esteve a ponto de arrancar as raízes. —Millie teria seguido contando todos os problemas da casa, mas não havia tempo para isso. Ele conseguiu interrompê-la quando deteve para tomar ar.

—Millie, Rick Angsthworth esta hospedado aqui. Poderia nos dizer em que quarto?

—Claro. —Millie assinalou as escadas que havia no fundo do vestibulo— Ao subir as escadas, a segunda porta à direita. Embora o certo seja que alugou todos os quartos. Por isso me preocupei quando vi entrar e pensei que queriam um quarto. Porque não querem, não é mesmo?

Deu um tapinha no braço que fez que seu sorriso ampliasse.

—Não, não necessitamos um quarto. Só estamos de visita. Chame se necessitar algo.

—Alegra-me ver você, Luke — disse quando ambos voltaram para as escadas— E também me alegro de conhecê-la, senhorita.

Susie murmurou umas palavras de agradecimento por cima do ombro, mas Luke já pegou a mão e puxava ela enquanto subia as escadas.

Chamaram com força uma só vez e a porta abriu. Um dos homens de Rick tampou o oco da porta. Susie pareceu encolher atrás das costas de Luke, que limitou a olhar o tipo.

—Chefe, é sua mulher. E o puxa saco está com ela.

Luke tentou dizer algo, mas ouviu a voz de Rick que chegava do interior.

—Deixa-a passar. Ele que vá.

Luke a agarrou com força para que permanecesse atrás dele, segurando-a pelo braço para que não pudesse passar adiante.

—É que tem medo? —gritou por cima do guarda-costas.

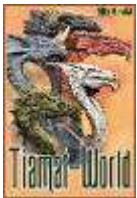
O guarda costas sorriu mostrando alguns dentes de ouro que certamente pôs porque acreditava que acrescentavam certa ferocidade. Mas Luke pensou que o único que conseguia é que parecesse mais feio.

Não ouviu o que disse Rick, mas o homem separou da soleira e deixou que ambos entrassem.

—Que tipo de idiotas vive nesta cidade? —Rick estava sentado em uma cadeira de respaldo alto frente ao escritório, com um computador portátil negro diante dele. Nem sequer dirigiu a Luke seu olhar de aborrecimento intencionado. Confiava que o guarda-costas estivesse alerta e preparado para defendê-lo. Como se isso fosse servir de algo...

O tipo fechou a porta a suas costas e ficou ali de pé. Luke teve que permitir que Susie situasse a seu lado para que não ficasse apanhada entre suas costas e o cão guardião de Rick.

Havia outro homem de pé junto à cama com expressão impenetrável. Mas o que surpreendeu Luke foi à moça de cabelo escuro que levava um Top amarrado no pescoço que mostrava muito decote e umas calças curtas que cobriam uns quadris tão estreitos que deixavam claro que não podia ter mais de vinte anos. A mulher levantou a vista de sua palavra cruzada com



curiosidade. Entreabriu os olhos ao ver Susie.

Ele ignorou o olhar da garota e o insulto de Rick e foi direto ao ponto.

—Não há razão para que espere a manhã para ir. Susie não vai contigo. E você não vai ficar aqui.

Rick apoiou no respaldo da cadeira, cruzou os braços sobre o peito e dedicou um leve sorriso.

—Nada disso é teu assunto. —Olhou a Susie— Já está pronta para ir?

—Não vou contigo Rick. Foi um idiota vindo até aqui e acreditando que o faria. —ficou diante de Luke.

Não gostou que estivesse tão perto de Rick e pegou ela para apertá-la contra ele.

—Reconheço isso. —Rick ficou de pé lentamente, deixando só uns poucos centímetros entre eles. Olhou a Susie com uma expressão que roçava o asco— Vale à pena lutar por ela.

A mulher que estava sobre a cama fechou seu livro de palavras cruzadas com um golpe seco, mas obviamente tinha suficiente sentido comum para permanecer calada.

—Mas não pelo que você acredita. —Sorriu à mulher sentada com as pernas cruzadas sobre a enorme cama e mostrou brevemente seus brancos dentes. Devolveu o sorriso— Os floreiros bonitos vendem muito baratos por dúzias —acrescentou. A garota não entendeu o bordado do insulto— Mas Susie gosta de jogar e algumas vezes não sabe como terminar o jogo. Por isso estou aqui. Já é hora que volte para lugar ao que pertence.

—A dois metros embaixo da terra? —perguntou Susie subindo rapidamente a voz e estremeando pela emoção.

—Cuidado com essa boca. —Um olhar que Luke não viu antes cruzou a cara de Rick: era sinistra, malvada e ia dirigida só e exclusivamente a Susie.

—Não fale assim. —Luke colocou em sua linha de visão— Perdeu esse direito. De fato, nunca teve.

Luke deu um passo para aproximar sabendo que era vários centímetros mais alto que o idiota e que, como mínimo, duplicava em massa muscular. Embora não é que fosse necessitar nem a metade dessa força para livrar-se desse rato.

—É o último aviso: vai agora mesmo ou sofrerá as consequências. —A desagradável expressão de Rick não desapareceu— Sai por essa porta como um menino bom e esqueça que a conheceu.

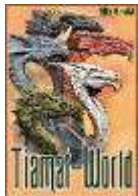
—Nem sonhe. —Luke esticou. Precisava dar um murro naquele cara muito mais que respirar.

Os dois valentões moveram para aproximar-se.

—Deixem já! —Pareceu que Susie gritava de uma grande distancia.

—Cale! —Rick assinalou com o dedo e fez como Luke não estivesse de pé à só um centímetro dele.

Já era hora de pôr aquele cara em seu lugar. Não custaria muito derrubar o bode do pedestal no que acreditava estar, jogar no chão a dos valentões e enganchar com o outro. O quarto era muito pequeno para que ninguém tivesse uma verdadeira vantagem e os móveis bloqueavam o



caminho do segundo guarda-costas.

Seus nódulos golpearam o duro osso e o rastro apareceu imediatamente na cara de Rick. O tipo recuou. Alguém equilibrou sobre as costas de Luke, submetendo a mais peso de que podiam suportar suas pernas.

Luke rugiu ao lançar o guarda-costas sobre o ombro.

Susie separou de Luke rapidamente e ele não pôde agarrá-la, mas tampouco aproximou de Rick; foi a um lado. Tirou uma arma da bolsa que estava a apertando contra o peito todo esse tempo, apanhado desprevenidos.

—Não vai ganhar. Esta vez não — gritou e disparou em Rick.



Os olhos de Rick estavam fixos em Susie. Ficou boquiaberta e deixou de respirar quando pareceu que ele deixava de mover. O resto do mundo parou também. O quarto devolveu o eco do som explosivo da arma.

—Por quê? — sussurrou com o dedo ainda no gatilho — Por que tem que ser assim?

Ele moveu a boca e tentou pronunciar palavras, como se pudesse responder a isso com uma só frase, explicar o inferno que havia feito passar com um simples raciocínio. Ou talvez desculpar-se, dar-se conta do equívoco de suas formas e arrumar tudo com umas poucas palavras.

Se assim fosse, teria gostado de poder tirar essa bala de seu corpo e devolvê-la à arma.

—Porra — vaiou e afrouxou os músculos.

A mulher que estava na cama começou a emitir chiados fortes e agudos. O som atravessou Susie e perfurou os tímpanos. Não deixava de gritar. *Deus!* Susie queria golpeá-la.

A arma seguia unida a sua mão, como se tivesse fundido com ela. Deixou cair o braço. Os movimentos que produziam a seu redor pareciam surrealistas. Rick inclinou para frente e agarrou o ventre. O sangue escuro empapou sua roupa em segundos e encheu o espaço reduzido com um aroma nauseante.

Surgiu um pensamento do mais estranho: o sangue deveria ser vermelho. Mas o líquido que estendia por seu torso e que começava a gotejar lentamente no tapete a seus pés enquanto o olhava parecia muito escuro. Seu interior também era negro, malvado e cheio de ódio.

—Deus. Merda. — Luke lançou para ela e a aproximou de si com seus braços musculosos.

Ela não possuía força nem nenhum controle muscular sobre seu corpo. Luke a agarrou como fosse uma boneca de pano. Tremiam os braços e as pernas. E, embora o corpo de Luke a envolvia, não bloqueava a visão de Rick.

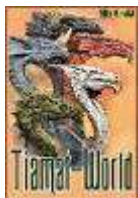
Suava muito a palma e o metal da arma fazia que ardesse a mão. A imagem da realidade a golpeou como um maço. Os gritos somavam ao violento pulsar que ameaçava estalar a cabeça.

Acabava de disparar a um homem.

Não, a um homem não. A Rick, Rick Angsthworth. Disparou-o.

"Deveria ter feito anos atrás."

Que fácil foi, só apertar esse gatilho. Rick caiu de joelhos diante dela, desabou e apartou a



mão do estômago (ou era no peito?). Havia sangue por toda parte. *Deus*. Por toda parte.

Levantou a vista para olhá-la. Sua boca moveu, mas não ouviu nenhuma palavra. Nem acusações, nem insultos, nem ameaças. Ela o silenciou. Derrubou-o. Deveria sentir remorso, arrependimento, tristeza. *Deus Santo* acabava de disparar a um homem. Onde estavam seus sentimentos? Onde estava a dor que deveria estar embargando-a? Nunca em sua vida acreditou capaz de fazer tal coisa.

Susie ficou de pé (ou possivelmente Luke a estava segurando? Não estava certa). Mas não deixou de olhar Rick. Estava indefeso, só olhando fixamente. Foi tão fácil. Só um movimento do dedo. Já não poderia voltar a gritar que estúpida era, nem acusar de não querê-lo, nem ameaçá-la quando não fazia o que ele queria. Não haveria mais surras, nem teria que presenciar mais crimes, nem saltar de medo cada vez que alguém batesse na porta. Não voltaria a intimidá-la, a enganá-la, a passar pela cara outras mulheres. Acabou o fugir, o olhar por cima do ombro, o viver assustada de sua própria sombra. Era livre. Ao fim. Verdadeiramente livre.

Havia muita gente no quarto. Era muito esforço voltar à cabeça para olhá-la. Tudo parecia mover muito rápido. Só seguiu Rick enquanto se arrastava de quatro e esqueceu-se do resto do mundo que formava redemoinhos a seu redor. Ignorou a sensação de claustrofobia que parecia cair sobre ela.

—Não tapem minha visão. —Não havia dito em voz alta. Ou ao menos isso acreditava...

Tudo o que queria era ver Rick cair. Ver derrubar até converter-se em nada. Se não o via, depois acreditaria que ia levantar para ir atrás dela. Precisava olhar até que estivesse no chão, sem mover, sem respirar... Até então seguiria sendo uma ameaça.

Conteve a respiração. Olhando. Esperando. A arma começou a pesar na mão. Não havia forma de soltá-la. Rodeava com a mão e a segurava tão forte como podia. Não ia soltar. Lhe salvou. Tinha salvado de Rick.

Os gritos continuaram, fazendo que a loucura crescesse até ameaçar sua sanidade. Mas tinha que manter a cabeça clara. Precisava ver Rick cair, tinha que saber que não ia fazer mal outra vez.

—Susie... —chamou alguém que estava justo a seu lado.

Não podia se incomodar com isso. Não respondeu.

—Susie, solta a arma. —A voz de Luke soava dentro de sua cabeça.

Separou a vista de Rick pela primeira vez. Tudo o que girava a seu redor parou de forma rápida e repentina, como se acabasse de sair de um carrossel de feira. Necessitou um momento para voltar a localizar-se.

A expressão preocupada de Luke partiu o coração.

—Não passa nada — disse e sorriu com sinceridade.

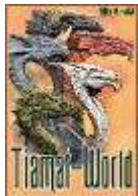
—Dê a arma — sussurrou.

Tinha sua mão cobrindo a dela. Quando pôs aí?

Ela olhou as mãos. Seus dedos seguravam com força o revólver.

—OH, Deus — disse com um soluço.

As náuseas a embargaram. Revolveu o estômago e tampou a boca com a mão livre.



Disparou em um homem!

O que mais desejava nesse momento era atrasar o relógio voltar para a situação que viveu um momento antes; queria o mundo em paz no que Rick jazia indefeso. Tentou voltar a olhá-lo, mas agora havia gente por toda parte.

O quarto não era o suficientemente grande para todos.

De onde saíram?

Não tinha espaço para respirar.

—Preciso sair daqui — disse.

—Dê a arma — repetiu ele.

Os dedos não queriam obedecê-la.

—Não posso — balbuciou.

Luke liberou a arma de sua mão. Sua palma estava suada, não podia mover os dedos.

—Não acredito que precise algemá-la. Tirarei-a daqui. —A voz de Luke soava dura, o que fez que ela desse um pulo.

Olhou a seu redor, confusa. Homens e mulheres que não conhecia estavam abrindo caminho entre toda aquela gente. Luke conseguiu guiá-la através do quarto, desceu as escadas a seu lado e tirou fora.

A luz brilhante do carro patrulha a assustou. Estavam por todos os lados. E também havia uma ambulância.

Todos estavam ali por ela. Acabava de disparar a um homem. Iria prendê-la.

—Luke? —Levantou a vista para olhá-lo enquanto a realidade começava a chegar ao fundo da mente.

O oficial Bentley uniu junto com outro par de policiais. Ela olhou.

—Está em choque, Bentley. Fico com ela. —Luke não deixou de abraçá-la enquanto falava com os policiais.

—Sabe que tenho que levá-la — disse Bentley olhando Susie como lamentasse ter que fazê-lo.

—Está bem. —Ela ergueu enquanto ia compreendendo— Disparei. Sei que tenho que ir para prisão.

—Não terá que fazer. —Luke a agarrou com mais força.

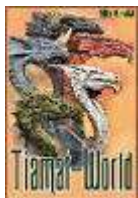
—Luke — sussurrou olhando e vendo que a determinação ia convertendo em gotas de suor que molhavam sua frente— disparei.

Pôs um dedo sobre os lábios. O cabelo castanho formava redemoinhos ao redor de sua expressão dura. Nunca viu sentimentos tão profundos em seus olhos azuis: tristeza, frustração, ira. Se pudessem separar todas essas emoções dele.

—Não diga nenhuma palavra, carinho — disse— Conseguirá um advogado. Mas não diga nada até que o tenha contigo.

—Vamos, Susie. —O oficial Bentley a agarrou pelo braço e a separou de Luke com cuidado. Lentamente leu seus direitos.

Outro oficial abriu a porta detrás do carro para que pudesse entrar. Ela deteve ao ver que



tiravam uma maca da pensão. Dois homens com batas brancas manobravam com cuidado para baixá-la pelo pequeno lance de escadas que levava a rua. O corpo que havia nela estava coberto com um lençol coberto de sangue e preso à maca com duas correias. A figura que havia debaixo do lençol não movia.

A figura era Rick. Rick não movia.

Atrás deles estava Millie, a mulher que acabava de dizer a Susie que se alegrava de conhecê-la. Tinha os braços cruzados e entreabria os olhos por causa da luz do sol do entardecer enquanto observava a cena que estava acontecendo diante de seu negócio. Dois homens estavam falando com ela e tomavam nota do que dizia.

Susie era a culpada de tudo isso. Trouxe sua existência disfuncional a esse mundo pacífico. *Que egoísta foi!* Nenhuma dessas pessoas presenciou nunca algo como isso, resultava óbvio ao ver suas expressões assombradas e seus movimentos lentos e vacilantes. Era como se nenhum soubesse exatamente o que fazer. Inclusive os policiais que havia ali duvidaram quando ela deteve e tomou um minuto para ver o que ocorria a seu redor.

—Verei na delegacia de polícia. —Luke roçou a bochecha com os nódulos— Irei justo atrás de você, certo? Pode olhar pela janela e verá o carro justo atrás de você. Não vou deixar você.

Ela assentiu e deixou de olhar Rick para olhá-lo. O mundo afundou pesadamente a seu redor quando sentou na parte de trás do carro patrulha. Nunca antes se viu nesta situação. O aroma acre de suor corporal graxa de motor e algum outro aroma não muito agradável deram bem vinda quando fechou a porta do carro. Esse era o lugar para os delinquentes. Então golpeou a triste verdade: ela era um deles agora. Disparou a um homem.

Deus matou-o?

Era uma assassina?

Os assassinos iam para prisão. Cadeia perpétua.

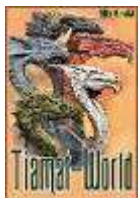
De repente tudo começou a girar a seu redor a muita velocidade. O sol do entardecer a cegou. Não podia respirar por muito que tentasse. Cravou as unhas nos joelhos e olhou as mãos.

Sua vida foi de mal a pior. E tudo porque pensou que poderia fazer que Rick a deixasse em paz. Agora ia persegui-la durante o resto de sua vida, que ela teria que ficar atrás das grades. Justo onde deveria ter estado ele.

Capítulo 13

Susie mataria por tomar uma ducha. Seu estômago estava completamente feito um nó e doíam todos os músculos do corpo quando seguiu o policial pelo estreito corredor para poder falar com seu advogado. Tremiam as pernas. E tudo porque disparou a um homem que arruinou sua vida. A amargura a embargou. O que havia feito estava errado. Mas seu engano de julgamento, seu crime, aproximava do que Rick havia feito a ela?

Ele não disparou. Não a matou. E isso era tudo o que importava agora. Ela era a criminosa. As provas eram contra ela. Não havia provas contra Rick. Talvez ele fosse melhor criminoso que ela. A bílis subiu até a garganta. Ardia a cabeça. Seu cabelo parecia estar muito gordurento e caía



sobre a cara. Tudo parecia estar fora do lugar.

—Por aqui, senhorita Winestone. —O policial jovem parecia ter saído do ensino médio.

Não sorriu quando abriu a porta. Susie cruzou a soleira com cautela. Não estava certa do que esperava.

Disparar a um homem era um delito. Leu historia assim nas notícias e ouviu e viu entrevistas em televisão. Não importava as surras que recebeu uma mulher, se disparava ou matava seu marido, condenou-se. Os jurados não pareciam ficar do lado de uma mulher que sofreu maus tratos quando esta cometia um assassinato, não importava quão justificado estivesse.

Marcia Bread, a advogada de Susie, era tudo o que estava acostumada a esperar de um advogado. Com menos de trinta, tinha o entusiasmo de que todos os advogados desejam com toda sua alma fazer um nome ao defender um caso famoso. E isso acreditava que era Susie. Marcia, que insistia em que a chamassem Marcy, começou a citar precedentes como se levasse memorizando da creche e logo converteu na melhor amiga de Susie.

—Susie tem uns documentos que necessito que assine. — Marcy levantou quando entrou Susie. Olhou de acima a abaixo com um ar eficiente e depois voltou seu olhar profissional à polícia— importaria tirar as algemas durante esta reunião?

O oficial Bentley sentou à mesa junto com outros dois homens que não conhecia e fez um gesto de assentimento ao policial jovem para que fizesse o que Marcy pedia. Os pulsos ardiam e formigavam. Esfregou enquanto sentava. O jovem oficial ficou na porta, mas Susie o ignorou. Observou os grossos arquivos que havia sobre a mesa e a equipe de gravação (de vídeo e de áudio).

—O que ocorre? —Susie invejava a aparência pulcra e profissional de Marcy. Em comparação ela sentia a pior aparência de sua vida.

Marcy sorriu e inclinou para ela. O cabelo curto e negro caía reto ao redor de sua cara de forma ovalada.

—Disseram-me desta reunião faz menos de uma hora — sussurrou em voz baixa— Quando o FBI quer intervir com esta rapidez, é melhor para todos que colaboremos.

Susie assentiu e olhou fixamente os olhos negros de Marcy que examinavam sua expressão.

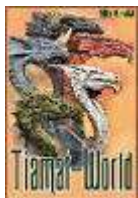
—Vai ter que dar informação — acrescentou Marcy sem pestanejar enquanto esperava sua reação.

Tudo aquilo foi impregnando em Susie. Olhou os dois homens que estavam sentados frente a ela e depois ao oficial Bentley.

—Tenho aqui o informe policial. Susan Winestone é acusada de tentativa de homicídio, agressão com arma mortal, posse ilegal de arma de fogo, danos a uma propriedade municipal e alteração da ordem — começou o oficial Bentley. Depois fez uma pausa, inspirou fundo e a olhou de esguelha.

A bÍlis voltou a alcançar a garganta de Susie igual ocorreu quando o juiz apresentou durante a leitura das provas. Colocou no peito um peso doentio que produziu náuseas. Estava aterrada. Lutou para evitar as lágrimas e desejou por enésima vez poder encontrar uma saída.

—Minha cliente conhece as acusações que imputam — interrompeu Marcy. Voltou na



cadeira para olhar Susie e pôs uma mão no joelho— Eu gostaria que respondesse a algumas pergunta, se não importar.

—Claro.

—Seu ex-marido é um delinquente. Aceitaria dizer isso em um depoimento?

—Sim.

—Presenciou algum fato ilegal que ele tenha cometido?

—Sim — O coração ficou atravessado na garganta. Estavam pisando em terreno perigoso— E Rick sabia —acrescentou com voz tranquila.

—De modo que se acusa de algo, atestaria em seu contrário.

Deus, o último que desejaria no mundo seria isso.

—Sim — reafirmou.

—Susie, estes são os agentes especiais John Torcey e Al Filonzo. —Marcy apontou os homens que sentavam frente a elas, primeiro a um e logo o outro, para fazer as apresentações— São do FBI e querem falar contigo.

—De acordo. —Voltou sua atenção aos dois homens que a olhavam fixamente.

—Susie agradeço que aceite falar conosco. —falou Al Filonzo que estava sentado justo frente à Susie— vamos gravar a conversa, se ninguém tiver nada contra isso.

Enquanto falava, seu companheiro ficou a mexer no gravador que conectou um microfone. Depois colocou no centro da mesa. Então aproximou da câmara de vídeo que estava apoiada em um tripé olhou à tela e ajustou.

—Somente a mim entregara uma cópia — acessou Marcy olhando Susie e assentindo.

Susie também assentiu, agarrou as mãos e as colocou entre as pernas. Como havia feito tantas vezes durante o horrível pesadelo, deixou que seus pensamentos vagassem até que centraram em Luke. Falou com ele por telefone enquanto estava na prisão e sua voz de barítono chegou agora até sua mente.

"Vou ser a primeira pessoa que veja assim que saia da prisão" prometeu-lhe.

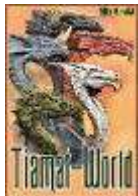
Isso se alguma vez saísse da prisão. Havia muitas provas contra ela. E havia um delinquente que caminhava tranquilamente por aí em liberdade simplesmente porque ela se comportou como uma idiota. Suas breves conversações com Luke eram o único que a mantinha sã: ouvir sua voz, deixar que seu som acariciasse a pele enquanto via só paredes de cimento e uma bonita cela. Ele não a culpava de nada; havia dito que toda a cidade estava com ela e depois, em voz baixa, compartilhou com ela o que queria fazer quando voltasse para ele no final.

Imaginar essas coisas e inventar algumas situações era seu principal passatempo para ocupar as horas que passava sentada em sua cela. A forma em que ele desejava fazer amor, as diferentes posturas, os diversos lugares, todas suas fantasias privadas a ajudavam a não cair na loucura de uma vez que há mantinham todo tempo muito brincalhona.

Piscou, umedeceu os lábios ressecados e tragou saliva.

Por Deus! Tinha uma equipe de gravação do FBI diante e o único que podia pensar era em foder com Luke...!

Ao fim os agentes separaram sua atenção de Luke ao começar com o procedimento de



gravar os nomes e os endereços de todos que estavam na sala para depois confirmar que a equipe funcionava corretamente. Al aproximou mais o microfone e ficou olhando-a com seus tranquilos olhos cinza. Eram da mesma cor que seu cabelo. Não sorria, mas sim dedicou um pouco parecido a um sorriso nervoso.

— Você esteve casada com o Richard Angsthworth III? — Perguntou.

— Sim.

— Durante quanto tempo?

— Estivemos sete anos casados, mas agora o divórcio já é definitivo.

— E conviveu com ele durante todo esse tempo? — inquiriu Al.

O outro agente, John, inclinou para observar o gravador assentiu em silêncio em direção a seu companheiro.

— Não. Não durante todo o tempo. O último ano de casamento me mandou embora e enviou para viver com minha tia.

— E isso por quê?

— Estávamos... ummmm... tendo problemas.

— Preciso que seja mais específica.

— Está bem. — umedeceu os lábios e deixou que as lembranças que desejava esquecer voltassem para sua mente. Suspirou. Cada vez que surgia uma enchia de ódio de novo, mas seguiu adiante.

— Durante o tempo que estivemos juntos, ficou claro que ele estava fazendo negócios que não eram o que pareciam. Quando perguntei por isso, ficou furioso.

— Pode nos dizer que tipo de negócios se refere?

— Ao princípio, saía de casa depois da meia-noite para ir a reuniões. Isso encaixava. Quando levávamos um tempo casados, começou a fazer essas reuniões de negócios em casa. Pude ouvir o que falava em alguma delas e dava conta de que o que nelas tratava eram envios de droga por todo mundo e tráfico de armas roubadas.

As imagens de sua cabeça, o que viu, o que presenciou, fariam que Rick acabasse preso. Ele sabia e ela também. Necessitava que o prendesse que o encerrassem e atirassem a chave fora. Rick conseguiu manter longe da linha de fogo da lei durante todos estes anos e ela era a única que podia chamar o pelotão de fuzilamento.

Al voltou para sua advogada.

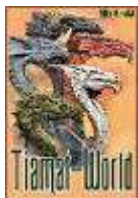
— Senhorita Bread, há nos dito que sua cliente teme por sua vida ao falar destes assuntos. Se for certo que presenciou esses feitos e aceita cooperar, é possível que possamos convencer o promotor que retire algumas das provas.

Marcy apertou o ombro de Susie.

— Poderia dar aos agentes nomes e datas em que presenciou essas reuniões?

— Houve muitas reuniões durante todos esses anos com diferentes pessoas. — Susie acelerou o coração "Alguma das provas"? — Estou segura de que algumas das coisas que ouvi já aconteceram. Mas sei que ainda tem coisas entre mãos. É a forma que tem de ganhar dinheiro.

— Por que não começamos nos contando os detalhes dessas reuniões? Diga-nos o que ouviu



e algo que viu — sugeriu Al.

—Um dos homens que estava sempre com Rick. Seu nome é Frank Mustachio. Foi o padrinho de nossas bodas, assim que o conheço bem.

Os agentes não deram nenhum sinal de que essa informação ajudasse em algo. Rebuscou em sua mente. Tinha que haver algo. Viu tantas coisas...

—Acredito que em uma dessas reuniões, uma que me provocava muita curiosidade e por isso fui às pontas dos pés até a porta do escritório de Rick e pus a orelha na porta para escutar, eles falavam de um trato com alguém na Colômbia. Falavam de horários de voo. Recordo porque esperava que significasse que Rick iria da cidade uns dias. Já nesse momento nosso matrimônio não ia muito bem. —Fechou os olhos e apertou a ponte do nariz enquanto esforçava em recordar o que levava tanto tempo lutando por esquecer— Estava chovendo —disse em voz alta reproduzindo em sua mente todas as lembranças daquela noite.

Podia ouvir a voz de Rick em sua cabeça, seu chiado autoritário discutindo com os outros homens da sala.

—Algo não ia bem — acrescentou. Sentia estúpida, mas esperava que isso fosse o que queriam— Os voos se atrasaram ou algo assim.

Toda aquela noite horrível veio à mente e voltou a fechar os olhos e tocar a ponte do nariz enquanto sacudia a cabeça. Todos os olhos estavam fixos nela enquanto as lembranças aterradoras e esquecidas voltavam para a superfície.

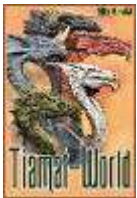
—Rick estava gritando com os outros, por isso não era difícil ouvir. Tinham um prazo e não ia deixar que algo que estava interferindo danificasse a operação. Lembro que dizia que a entrega prosseguiria como estava previsto, passasse o que acontecesse. Os outros que diziam que ele estava ficando muito ambicioso e ele ria deles. Disse que o que queriam era um jogo de meninos, podiam ir por aonde vieram.

—Sabe onde realizavam as entregas? —perguntou Al.

—Frank tinha um restaurante. Herdou de seu pai: chama-se Mustachios e está em Manhattan. Quando Rick e eu jantávamos ali, eu sempre passava a metade do tempo comendo sozinha. Rick desaparecia. —Suspirou ao sentir de novo a solidão que a embargava quando deixava que essas lembranças saíssem à luz— A última vez que fui ali com ele fartei de estar sozinha e decidi me unir a eles. Tinham uma sala privada e uns de seus homens estavam na porta. Tentaram me deter, mas disse que Rick acabava de me chamar ao celular e dizer que entrasse ali. Abri a porta antes que pudessem me fazer nenhuma pergunta. Lembro que fiquei surpreendida de como era grande a sala, como um salão de baile ou algo assim e tinha sofás e mesas de bilhar. Parecia um apartamento privado, o que era bastante estranho tendo em conta que estava justo ao lado da cozinha e pela porta que levava até ela todo mundo teria pensado que se tratava de um frigorífico.

—Quando ocorreu isso? —voltou a intervir Al.

—Foi em algum momento do último ano, quando já estava vivendo com minha tia. Voltava para casa ocasionalmente. Rick estava sentado em uma mesa rodeado de tijolos brancos envoltos em plástico de cor clara. Estava falando de sua seguinte viagem a Colômbia e sobre quem ia



pilotar o avião. O que mais recordo eram as caixas, uma espécie de caixas de papelão, cheias de dinheiro. Nunca vi nada como aquilo.

—E isso foi no Mustachios em Manhattan? —Al escreveu o nome do restaurante em um caderno em grandes letras negras.

—Sim. E quando pedi o divórcio, Rick mandou me buscar. Converti em sua prisioneira porque seu guarda-costas me vigiava cada um de meus movimentos. Dizia sem cessar que divorciar não era uma opção. Eu acredito que vi o que vi por acidente. —Levantou a vista e olhou aos dois agentes— Recordo que quando entrei na sala, ele estava dizendo algo sobre uns AR-15. Enviavam fora e traziam cocaína ao país.

—Os AR são rifles de assalto, não é assim? —perguntou Marcy.

—Certo — assentiu Al.

Pela primeira vez ambos os agentes sorriram. Olharam e então o sorriso se fez mais amplo ao olhá-la. Não gostou nada desse sorriso; pareciam mais amáveis quando estavam sérios.

—Até agora não tínhamos tido nenhuma testemunha dos delitos que suspeitávamos que estivessem cometendo Angsthworth.

—Se quiserem que minha cliente ateste, necessito que me assegurem que vai reduzir o número de acusações antes que sigamos com isto. Podem falar dos detalhes com o promotor.

O olhar de Susie passou de Marcy a Al. Estavam negociando o que podia fazer e o que não. De repente a sala começou a girar a seu redor. Os dois agentes olharam em um diálogo silencioso que a fez conter a respiração.

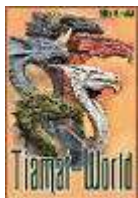
—Veremos o que podemos fazer — disse Al à advogada. Depois fez um gesto em direção a Susie— Diga tudo o que viu essa noite.

—O restaurante é uma cobertura para ocultar o quartel geral de Rick e seus homens se ocupam de vigiar os envios e as recepções de armas militares. Compram e as vendem ao melhor pagador. A maioria delas sai de contrabando para Oriente Meio. Sei o que fazem envios de drogas também, mas só ouvi discutir sobre armas. Sei que as enviam a homens que depois as utilizam contra nossos soldados e isso me parecia desprezível. Só queria fugir dele. Não podia suportar não poder dizer a ninguém e temia por minha vida, embora possa parecer frívolo tendo em conta todas as vidas que perdem cada dia nesses lugares por meu silêncio.

—Mas então está dizendo —a animou Marcy— sabe datas específicas? E lugares e horas?

—Rick tem um terreno no norte do estado de Nova Iorque. Há uma pista de aterrissagem privada ali; não é um aeroporto de verdade, mas os aviões podem aterrissar nela. Tenho a direção, mas está com o resto de meus pertences — Odiava não ter nem ideia de onde estavam suas coisas, mas queixar disso quando todo mundo que havia na mesa a escutava com tanta atenção não a ia servir de ajuda nesse momento. Ergueu e sentiu que liberava de um peso terrível, como se compartilhar toda essa informação fosse como confessar seus próprios pecados— Os carregamentos entregavam ali. Normalmente um ao mês mais ou menos. Há computadores na sala que há no Mustachios com os que controlam os números de envio. Utilizam códigos que fazem que os arquivos pareçam faturas de fornecimentos do restaurante. Mas não são.

—Teremos que verificar tudo isso. —Al olhou Susie— Quando documentarmos e provarmos



tudo o que nos disse e possamos prender Rick Angsthworth, necessitaremos que testemunhe no julgamento.

—Farei.

Um brilho de esperança iluminou seu futuro. Ficou de pé, estreitou a mão aos agentes e detestou o momento em que o jovem policial aproximou por trás.

—Há alguma maneira de que possa sair da prisão? —perguntou a Marcy.

—Estou nisso. —Sua advogada a abraçou e dedicou um sorriso a Susie que não a convenceu de que isso fosse ocorrer logo.



Luke acabava de entrar na cidade e as pessoas já começaram a saudar e a levantar a vista do que estavam fazendo quando ele passava com o carro para fazer algum gesto com a cabeça. Suas ações e expressões não eram a habitual saudação casual.

Havia gente que gritava quando ele passava. Um par deles lançou à estrada e correram atrás do Bronco. Todo mundo estava revolucionado pelo sucesso mais incrível que ocorreu na cidade nos últimos anos.

Quando ligaram para casa da delegacia de polícia para dizer que o pai de Susie estava ali, pondo tudo para cima, ele grunhiu. Agarrou roupa limpa para ela e alguns objetos pessoais que reuniu sua tia e os colocou no assento do acompanhante.

Deus, não podia esperar para vê-la. Saber que passou todo esse tempo na prisão fazia que ardessem as vísceras. Nunca experimentou tanta fúria. Se não tivesse falado das armas de seu pai, se não tivesse ensinado a Susie nem dissesse onde estava à chave, nada disso teria acontecido. Ela estava assustada e não pensava com clareza. E falhou ao não ver o que ia acontecer. O olhar espantado e nublado de sua cara quando a prenderam queimava na memória. Faria o que fosse para apagar toda essa experiência.

Mas isso não ia acontecer. Ainda pior, o drama acabava de começar. Não conhecia bem a Rick Angsthworth, mas sim sabia que seguia vivo; levaram ao hospital da localidade, onde, aparentemente, pediu aos guarda-costas que fossem. Esse pequeno alvoroço estava criando mais comentários na cidade.

E todo mundo olhava a ele em busca de respostas.

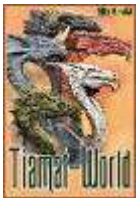
Girou a esquina e encaminhou à delegacia de polícia. Já tinha um par de carros seguindo e mais de um curioso cruzava a rua, esperando que estacionasse para poder contar a exclusiva.

Não tinha tempo para essa merda.

Mas parecia que ninguém intencionava deixá-lo estar. Acabava de desligar o motor do carro quando Jack Wright estacionou no espaço que junto ao dele. Parecia tão iludido como um menino que fosse receber o melhor presente de aniversário de sua vida.

—Luke! —Seu grito excitado fez que as pessoas que estavam ao redor se aproximassem ainda mais— Homem parece que te peguei bem a tempo.

Jimmy Wilson quase atropelou com seu patinete.



—Acredita que a vão tirar da prisão hoje, Luke?

O entusiasmo do adolescente se aproximava do de Jack Wright.

Outro carro voltou à esquina e parou depois do Bronco de Luke. Em poucos minutos havia tanta gente rodeando-o, que Luke não podia separar do lado do carro e muito menos dirigir à delegacia de polícia. Olhou para as portas desta e perguntou quanto tempo passaria antes que alguém saísse e desse conta do alvoroço que se estava criando.

—Amigos, não saberei nada até depois da visita. Voltem todos para suas ocupações e me deixe levar estas coisas a Susie. —Dedicou seu melhor sorriso tranquilizador e agarrou as coisas de Susie sob o braço. Quando aparecesse diante do juiz precisava estar radiante... e para isso tinha que chegar até ela antes que tivesse que apresentar-se no tribunal.

—Luke — disse Jack abrindo passo entre a pequena multidão enquanto agitava um microfone unido a um gravador— me responda a umas perguntas para acalmar a preocupação das pessoas da cidade. Só queremos saber, com suas palavras, o que é exatamente o que vai acontecer hoje.

E aproximou o microfone da cara de Luke.

—Tira essa coisa antes que quebre — grunhiu Luke.

Jack pareceu afetado e o microfone vacilou um pouco.

—Tem que nos contar as últimas notícias sobre Susie — disse alguém atrás.

—Sim. Essa garota não vai para prisão, verdade? —Era Jimmy Wilson que perguntava.

—Não posso acreditar que machucou ninguém — Maudine olhou a Jack Wright da loja de comestíveis como se ela estivesse disposta a dar uma entrevista— Eu a vi na loja. É uma mulher das mais amáveis. Comprou a metade da loja no dia do tornado. Queria assegurar de que todo mundo tivesse algo de comer.

—Levou comida a minha avó.

—Sim. O que aconteceu para que fizesse algo tão terrível?

—Provavelmente um pouco verdadeiramente horrível.

As pessoas que o rodeava continuou com a fofoca. Isso deu a Luke uma ideia que acontecia às cabeças de todos desde que ocorreu o incidente.

—Luke, Susie ira para casa hoje? —Jack Wright apartou um pouco o microfone para proteger seu adorado equipamento de qualquer dano potencial— vão apresentar provas contra seu ex-marido?

—Não tenho nada que contar — disse Luke.

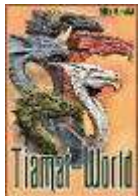
—Li sua coluna, Jack. Eu também teria disparado. —Maudine pôs a mão na boca— É um calhorda.

Desprezível não era nem a metade do que era, mas Luke conseguiu manter a boca fechada.

—Vai entrar aí para levar isso? —perguntou Jimmy empurrando às pessoas até que acabou ao lado de Luke. Parecia que estava disposto a entrar com ele.

—Vou tentar filho. —Luke olhou ao grupo crescente de pessoas que estava congregando a seu redor.

A fofoca era algo mais que bem-vindo em meio da rotina de suas vidas. Todos eles estavam



emocionados diante da repentina agitação que envolvia a cidade. Mas era mais que isso. Podia ver em suas caras: importava. No pouco tempo que Susie levava ali, chegou até os corações de todos eles. E essas pessoas se preocupavam em cuidar dos seus.

—O que ouviu é certo — disse— Ocorreu algo terrível. Mas não é culpa de Susie.

Isso era tudo o que podia dizer. Seguro que Millie Cartwright encheu os ouvidos com sua versão que ocorreu em sua pensão. Não se admiraria mais para que os falatórios corressem como a pólvora. Mas pôde ver suas expressões preocupadas; a todos chegou à beleza interior de Susie.

Todo mundo levantou a vista quando abriram as portas da delegacia de polícia e o oficial Bentley baixou as escadas em direção ao grupo.

—Todos sabem que não podem formar redemoinhos diante da delegacia de polícia desta forma. —Olhou-os com o cenho franzido e logo centrou no Luke— Leva dentro essas coisas. Seu pai já está aqui e Susie se apresentará diante do juiz logo.

Estava claro que Bentley sabia que Luke ia querer vê-la. *Merda*, toda a cidade já supunha que ele e Susie eram mais que amigos. Sua expressão obscureceu e todo mundo ficou calado.

—Tem que me deixar vê-la.

Bentley não disse nada e voltou sua atenção para o grupo que o rodeava.

—Dispersem amigos. Não podemos dizer nada.

—É certo que ela está colaborando com o FBI? —perguntou Jack.

—Não posso falar de nada neste momento — repetiu Bentley.

Luke deixou atrás às pessoas, que seguia comentando o assunto e ignorando a ordem de afastar que acabavam de dar. Examinou a impassível expressão de Bentley.

—Disseram que Rick segue vivo. —Ligou ao hospital várias vezes durante a estadia de Rick; conhecia várias das enfermeiras. E elas estavam mais que dispostas a contar coisas sobre o rebelde paciente que estavam sob responsabilidade— Parece que ele e seus bufões se converteram no quebra cabeça do hospital.

—Sim. Tive que mandar alguns homens ali para poder tirar seu guarda-costas. —Bentley abriu a porta e a fechou a suas costas.

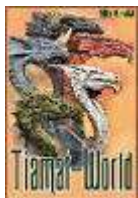
Penny Abbey levantou a vista da mesa de recepção. Parecia mais atenta que a última vez que ele esteve ali. Esse incidente pôs todos alerta na cidade.

—Que possibilidades têm de poder tirá-la da prisão sob fiança? —Luke agarrou por braço Bentley para evitar que seguisse caminhando para o interior.

Precisava saber algumas coisas antes de conhecer o pai de Susie. Ter respostas, parecer informado ajudaria a enfrentar à presença do homem. Por tudo o que lido Luke sobre ele na Internet, Alfred Winestone parecia mais fácil de dirigir se Luke demonstrava poder fazer encarregado da situação.

—Direi isso, Luke. Se a soltarem e date conta de que esse "se" é uma grande incógnita, a fiança vai ser exorbitante. —Bentley olhou a Luke com atenção esfregando a frente com sua grande mão— Deus sabe que essa cela não é lugar para uma dama como Susie, mas já fugiu uma vez e conseguido uma nova identidade. Isso não vai ajudar agora.

—Não voltará a sair fugindo.



Bentley apertou os lábios até formar uma fina linha e assentiu lentamente.

—Acredito filho. Fugiu pelo terror e vai contribuir com provas contra Rick que fazem que sua vida corra um grande perigo enquanto ele esteja livre.

—E quanto tempo acredita que durará sua liberdade? —perguntou Luke.

—Pelo que ouvi, já está planejando voltar para Nova Iorque. Aparentemente tem que fazer alguns ajustes para que seu avião privado possa aterrissar no aeroporto mais próximo. —Bentley apoiou em seu escritório. Não parecia nada contente com o que estava ocorrendo— O juiz já sabe tudo. O único que podemos fazer agora é esperar sua decisão. Inclusive der fiança, as provas contra ela são suficientes para mandá-la a prisão durante um longo do tempo.

—Não merece ir à prisão. —Só de pensá-lo já sentia como se cravassem uma faca afiada nas vísceras. A vida deu um golpe cruel ao cruzar em seu caminho uma mulher tão formidável e depois arrebatá-la por culpa da dureza misericordiosa de seu sistema judicial.

—Sei, sei. —Bentley agarrou as coisas que Luke havia trazido para Susie— Vamos dar isto à senhorita para que possa preparar-se para o tribunal. Pode aproximar da sala.

Desejava vê-la. Tia Lisa pareceu compreendê-lo e preparou as coisas para que ele as levasse. Esforçou por apartar a necessidade de arrancá-la dali e afastar daquele embrulho o mais longe que pudessem chegar. Passou a roupa e os objetos a Bentley e guardou seus pensamentos para si, sabendo que compartilhá-los faria que as coisas ficassem mais difíceis para Susie.

Giraram e cruzaram o curto corredor até a única sala de julgamentos do edifício. Luke reconheceu Alfred Winestone assim que o viu. Parecia fora do lugar naquela pequena sala. Levava um traje que provavelmente custava mais do que Luke ganhava em um mês. Parecia em boa forma para um homem de sessenta e tantos. Tia Lisa estava a um lado e um homem que não conhecia outro.

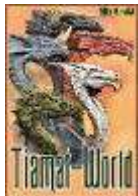
Alfred e o homem que estava com ele voltaram e encaminharam à sala de julgamentos, mas Tia Lisa entreteve, estendeu a mão, colocou-a sobre o braço de Luke e entrou com ele na sala.

Fez um nó no estômago quando Susie entrou. Esforçou por mostrar um sorriso relaxado e tranquilizador quando seus olhares encontraram. Estava muito magra e cansada. Dois oficiais a escoltavam, um a cada lado e a levaram até a mesa onde Marcy Bread preparou uma cadeira para ela.

Levantaram a entrada do juiz e voltaram a sentar-se. Luke não podia apartar a vista de Susie. Estava muito bonita com esse traje ajustado. O cabelo acobreado caía sobre as costas e parecia quase castanho de baixo essa luz artificial. Mas voltaria a brilhar a luz do sol, igual fazia o dia que ele a tirou da cidade e ela ajoelhou diante dele.

Os advogados falaram com o juiz e fizeram perguntas. Quase tudo o que disseram fez que Luke assustasse cada vez mais. Susie não se moveu, com as costas reta e a cabeça alta enquanto escutava e olhava como uns estranhos falavam e discutiam seu futuro. Umas meias de nylon cobriam a esbelta curva das panturrilha e os singelos sapatos negros de salto baixo davam um toque elegante.

Não importava o que dissessem os advogados; só olhando Susie nenhum homem em seu salão julgamento poderia acreditar que ela estaria melhor atrás das grades. Ou que a sociedade poderia



beneficiar de alguma forma se ela permanecia na prisão. Voltou a reproduzir as conversas que teve por telefone e ouviu sua suave voz dentro de sua cabeça. Ao vê-la agora sua tranquila elegância que não vacilava enquanto os advogados faziam insistência na gravidade das provas e as possibilidades de fuga, surpreendeu que uma mulher como ela tivesse interesse em um humilde tipo de cidade como ele.

—Senhorita Winestone. —O juiz esperou que Susie levantasse— Você esta diante de mim neste momento porque cruzou meio país para esconder-se e poder começar uma nova vida.

—Assim é — respondeu ela com calma enquanto um murmúrio enchia a sala.

—A vida de fuga parecia horrível e estou seguro de que ainda hoje segue parecendo.

Não disse nada desta vez. Luke olhou o homem mais velho que sentava no estrado. Bentley disse que o velho juiz veio de Lincoln expressamente para ouvir a acusação e decidir se determinava uma fiança ou não.

—O julgamento será dentro de três meses, a contar da data de hoje. Tendo em conta as acusações que apresentaram aqui hoje, fixa uma fiança de dezessete mil dólares. Até o julgamento terá que permanecer em prisão domiciliar.

Capítulo 14

Tia Lisa voltou louca assim que Susie pisou em casa, preparou café na cozinha e disse a Luke que fizesse de anfitrião enquanto ela rodeava Susie com um braço e a tirava do salão. Minutos mais tarde ouviu a água da ducha e voltou para atender as necessidades de seu pai e sua advogada. Alfred insistiu em acompanhar para casa.

Como ambos estavam ao telefone e Tia Lisa já servia o café não havia muito que fazer. Voltou para a cozinha e lembrou pela primeira vez em mais de um ano o pensamento de que sentia falta de sua mãe. Esse foi seu lugar preferido. Pegou a bancada para olhar através da janela da cozinha para a garagem e os campos que estendiam mais à frente e sentiu como se ela estivesse de pé justo atrás dele.

—Lutou para protegê-la. —Luke juraria que era a voz de sua mãe a que falava— Nós sempre cuidamos dos nossos.

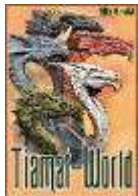
Apertou as pálpebras e assentiu em silêncio. Os olhos queimavam. *Deus*, odiava não ter nem ideia do que podia fazer para ajudá-la.

—Está bem? —disse Susie atrás dele.

Voltou para olhá-la e o deixou sem fôlego. O cabelo úmido caía sobre os ombros até a cintura. Era da cor escura e profunda de mel. Se tivesse havido mais luz, teriam visto brilhar mechas acobreadas. Uns singelos jeans desgastados envolviam suas sensuais curva e uma camiseta sem mangas que levava sem sutiã rematava a bela visão que tinha diante dele. Sem maquiagem, com a pele ainda brilhando depois da ducha, excitava sobre maneira.

— Muito melhor agora — admitiu e sorriu quando ela fez uma careta e baixou o olhar rapidamente para seus pés nus.

—Sei que deveria entrar aí e falar com papai. —Não olhou. Uma mecha acobreada deslizou e



cobriu parcialmente a cara.

Que seu pai fosse à merda. Compartilharia Susie com ele mais tarde. Agora mesmo para ele não existia família, nem advogados, nem polícia.

—Veem comigo — disse agarrando a mão.

—Não posso sair da propriedade — recordou-a.

—Esta propriedade tem muito terreno. —Tirou-a pela porta traseira e depois a segurou para que não soasse ao fechar.

Sua mão encaixava perfeitamente na dele, suave e quente com seus dedos pequenos entrelaçados com nos dele. Caminhava com cuidado; obviamente não tinha os pés suficientemente curtidos para percorrer o pátio traseiro descalça.

—O que parece se levo você no ombros? —perguntou decidindo nesse mesmo momento que ambos necessitavam alto de dispersão.

—Nos ombros?

Ele agachou e ofereceu as costas.

—Sobe.

Susie riu um som muito belo e saltou sobre suas costas. Não fez isso com uma garota desde os primeiros cursos do ensino médio. As pernas de rodeavam a cintura e seus braços penduravam sobre os ombros enquanto seus generosos peitos apertavam contra suas costas. Levar assim a uma mulher era muito mais agradável que quando levava as meninas.

Durante um momento o membro endureceu de tal maneira que não pôde mover. Acomodou-a melhor enquanto tentava dominar. O aroma de limpo do sabão e o aroma de seu xampu eram uma tentação para seus sentidos. Queria sair correndo com ela sobre as costas, levá-la longe onde só estivessem eles dois e ninguém pudesse encontrá-los.

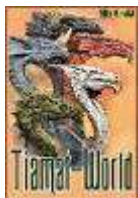
Mas deu sua palavra de mantê-la ali. Quando encontrassem um lugar tranquilo onde pudessem ficar algum tempo a sós com ela, teria que ligar para casa para que sua família não preocupasse e pensasse que fugiu do estado com ela ou algo assim.

Ambos permaneceram em silêncio até que chegaram a um pequeno riacho que ele sabia que corria depois de umas colinas baixas. Ao mesmo tempo havia criação de gado na área e o chão ainda era irregular. Caminhando com cuidado para não torcer o tornozelo e fazer que ambos caíssem, seguiu o som da água até que encontraram. O riacho era muito mais estreito do que recordava de quando era menino.

—OH, que bonito! — Susie obviamente não importava o fato de que a água apenas fosse à suficiente para cobrir as rochas do leito do riacho.

Era muito provável que esse riacho tivesse estado seco antes das tempestades da primavera. Deslizou por suas costas para baixar e seus peitos fizeram um número de equilíbrio enquanto desciam por suas costas. Voltou com rapidez e a envolveu com seus braços antes que pudesse afastar dele. Tinha a vantagem de que levava sapatos; ela não podia mover muito rápido descalça.

Seus grandes olhos verdes brilhavam ao sol quando o olhou. Mas foi sua boca carnuda, seu rosto sem maquiagem e seu cabelo secando ao ar o que o envolveu e deixou sem fôlego. Cada centímetro dele endureceu possessivamente. Tudo o que faria para manter essa mulher a seu lado



para sempre!

Apanhou sua boca e separou os lábios com a língua. O sabor da pasta de dente deu bem-vinda. Era tão quente, úmida e dócil... Os dedos dela subiram pouco a pouco por seus braços até que deixou descansar as mãos em seus ombros. Ele não a deixava escapar do abraço, trazendo ela para si e aprofundando o beijo. Quando ela suspirou e relaxou ao fim contra seu corpo, tudo o que havia a seu redor desapareceu.

Precisava tê-la, estar dentro dela, enchê-la antes de explodir. Pode que sua necessidade fizesse algo brusco, mas ela não se queixou. A camiseta deslizou com facilidade sobre seus peitos e deixou exposta sua carne abundante e cheia. Cobriu um com uma mão, apertou e massageou sua carne enquanto atacava o outro com a boca. Não tinha suficiente.

—Deus, Luke... —disse entre suspiros cravando os dedos nos ombros.

Tinha a vista nublada quando abriu os olhos para ver a cara. Ela deixou cair à cabeça e seu cabelo esparramava formando um leque enquanto suas espessas pestanas batiam as asas em seus olhos. Roçou o mamilo com os dentes e viu que formava arrepios em sua carne cremosa. Cravou as unhas ainda mais e todo seu corpo esticou enquanto ele jogava com seus peitos.

O terreno era irregular e ele não queria que estivesse incômoda, mas se não entrava nela logo ia voltar louco. Com uma mão soltou os jeans, atirou deles para baixar pelos estreitos quadris e colocou a mão na umidade que tinha entre suas pernas.

O calor que emanava de seu corpo transpassou à mão e envolveu todos seus sentidos. Durante um momento acreditou que venceriam as pernas e cairia; o aroma de seu sexo e o calor úmido que surgia entre suas pernas estavam afetando como uma droga.

Baixou os jeans pelas pernas, negou-se aprestar atenção ao bracelete metálico que tinha no tornozelo e depois ocupou de seu próprios jeans.

— Deixe ajudar — sussurrou pondo as mãos junto ao elástico da cueca.

Luke não podia mover, logo não podia formar palavras. Tinha o corpo tão duro como uma pedra. Os dedos acariciavam o ventre e moviam com destreza por cima dos jeans enquanto os desabotoava e baixava o zíper. Não os baixou, mas liberou seu sexo. Quando o colheu com a mão, todo seu corpo deu um pulo.

—Tire a camisa e sente sobre ela para que a erva não incomode sob o traseiro.

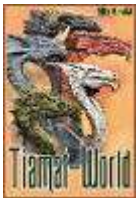
Deus, ela pensava com bastante mais clareza que ele. Queria dar algo especial e de repente trocaram as voltas e era ela que atendia a suas necessidades e se preocupava com ele.

Seguiu torturando-o com os dedos enquanto ajudava a tirar a camisa. Em vez de deixar que atirasse ao chão, agarrou ela e pressionou sua outra mão contra seu peito, estendeu os dedos e finalmente passou a língua sobre um de seus bicos do peito.

—Deus bendito... — agarrou o cabelo na parte de atrás da cabeça, aferrando a ela com toda sua alma.

O mundo que os rodeava não era mais que uma mancha imprecisa.

Seus dedos e sua língua eram mágicos. E tinha a pele tão suave... Uma mescla de seu xampu e do aroma de seu sexo acariciou os sentidos. Ela não duvidava, mas tomou seu tempo. Nenhum dos dois queria que acabasse esse momento. Agora mesmo só existiam eles dois, seus corpos que



tocavam suas mãos e sua boca que com suas carícias o levavam a céu.

Seu membro dançava entre os dois. Duro e inchado, pulsava pela necessidade. Todo o sangue de seu corpo reuniu nesse órgão e já não podia esperar mais.

—Veem aqui — grunhiu e quase tropeçou e caiu de costas quando tirou a camisa das mãos e a estendeu no chão.

Logo que conseguiu sentar nela; o lugar era muito pequeno e seu corpo muito grande quando caiu no chão, mas não é que importasse muito nesse momento o lugar em que sentar. O comprido cabelo dela rodeava seu corpo nu. *Que visão*: uma deusa, uma visão de perfeição.

Quando sentou escarranchado sobre ele, pressionou seu calor contra seu corpo e ao fim enterrou seu membro profundamente em seu interior, seus músculos tensos e empapados quase sugaram a vida pelo lugar de sua união. Agarrou os braços enquanto chupava um peito.

Ela uivou enquanto cavalgava sobre ele lentamente. O mundo de Luke se reduzia ao calor e a intoxicante presença dela que enchia tudo.

Acomodou para ficar convexo sobre terreno sólido. Algumas pedras pequenas cravavam nas costas enquanto segurava os quadris, mas agora mesmo poderia estar convexo sobre uma cama de pregos e não notaria nem importaria o mínimo.

—Quero ver você — disse sem soltar os quadris e ela ergueu para que ele pudesse ter a melhor vista de sua vida.

Arqueou sobre ele. O cabelo rodeava os peitos, seus mamilos úmidos por sua saliva, sua carne tão dura e enrugada que ele não podia apartar a vista deles. E seu sexo profundamente enterrado nela, nunca havia sentido tão cômodo em nenhum lugar. Ela moveu sobre ele, subindo e baixando, aumentando a velocidade enquanto alcançava seu próprio prazer.

Colocou as mãos a ambos os lados da cabeça e passou os dedos pelo cabelo enquanto olhava o céu. Era a visão mais embriagadora que viu em sua vida. Então começou a imprimir força ao movimento e gritou enquanto sacudia sobre ele, tomando tudo o que tinha e sem render até que ele derramou até a última gota do que tinha a oferecer.

Durante um segundo não esteve seguro de que pudesse voltar a mover. Ela caiu sobre ele e pôde notar o batimento acelerado de seu coração. Então deu conta de que estava soando o móvel que tinha no bolso.

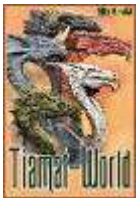
—Onde está? — perguntou Susie com a voz rouca enquanto retorcia ainda sobre ele, tentando alcançar as calças que estava em seus tornozelos.

Para quando conseguiram recuperá-lo, já desligou.

—Estou certo que não é nada importante — disse ele ao ver que era de sua casa de onde ligaram— Só é a polícia que já nos pôs em busca e captura.

Ela riu e relaxou contra seu corpo. O coração derreteu com o som de sua risada. Enfrentaria a toda a polícia do país ou a qualquer um para mantê-la justo aí, a seu lado... no lugar ao que pertencia.

Capítulo 15



Susie pareceu que os dois dias seguintes duraram uma semana. Muita gente da cidade aproximou até ali para trazer guisados ou sobremesas, como se alguém tivesse morrido. Todos tinham curiosidade, queriam confirmar alguns dos rumores que circulavam pela cidade.

Tudo o que podia fazer era dizer a verdade.

—É incrível, sabia? —Luke conseguiu que ela dormisse em sua cama duas noites seguidas. Ele nunca parecia estar longe dela, nem sequer quando estava na ducha. Seguiu à cozinha depois que o segundo visitante do dia foi e agarrou o apetitoso bolo banhado em chocolate das mãos e o pôs sobre a bancada— Toda esta cidade esta encantada contigo.

O orgulho e algo mais fizeram que seus olhos azuis brilhassem. Ela o estudou enquanto, pensando o que responder. Ele aproximou dela, o que acendeu outra faísca diferente em seus olhos: propriedade. Sua mandíbula firme e suas facções mostravam relaxadas e confiadas. Os ombros quadrados e a postura, erguida e orgulhosa, fizeram que a compreensão abrisse caminho em sua mente: Luke Rogue a converteu em sua garota.

—Não sabia. —Olhou o bolo e depois a ele ao mesmo tempo em que ele voltava à cara para olhá-la.

—Eu sim. E também sei por que — disse com ternura e sua voz de barítono fez que pusesse arrepiada.

Suas fortes mãos de dedos calosos tomaram as suas e as levaram aos lábios. Brilhavam os olhos e a olhava de uma forma que fazia impossível que ela pudesse apartar seu olhar. E embora soubesse que não era sua prisioneira, a forma em que agarrou seu coração fazia que não estivesse segura de poder respirar se afastasse dele.

Era uma sensação muito estranha.

—Fiz algo terrível. —perguntou se alguma vez deixaria de reviver esse momento terrível em que apertou o gatilho.

—Têm feito coisas terríveis a você durante anos. E eu só posso imaginar carinho. Uma pessoa que sofreu sempre acaba devolvendo algo.

—Mas há leis por alguma razão. Disparei a uma pessoa. Não tente me fazer acreditar que há exceções à lei. O que fiz esteve errado.

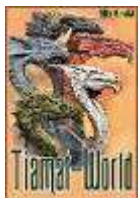
—Certo. —Agarrou as mãos com mais força— Mas esse bode merecia muito mais do que você fez. E acredite se não tivesse disparado você, provavelmente o teria matado eu.

Acreditou. E o saber que ele mataria provocou uma sensação desconcertante, uma que não acabava de compreender. Adulava, mas assustava também. Luke Rogue era um homem diferente a todos os que conheceram até então.

Mas havia algo que não podia negar: estava apaixonada por ele. A forma em que a tocava em que divertia com seu corpo, em que o fazia amor ou a abraçava. A forma em que estava sustentando as mãos nesse mesmo momento. Havia paixão nele, em tudo o que fazia. Quando Luke se preocupava com algo, notava sempre.

Como podia uma mulher não apaixonar-se cegamente por esse homem?

Além disso, chegou ao momento justo. Dom Perfeito entrou em sua vida com tal força, tantas ânsia de viver, que deu um giro de cento e oitenta graus em sua vida. Sacudiu a cabeça



lutando com a entristecedora tristeza que parecia tentar embargá-la ultimamente. Tudo o que havia feito para tirar Rick de sua vida, o esforço que havia feito e ele conseguiram seguir tendo de alguma forma encadeada a seu lado.

Não, isso não era certo. Ela arrumou para seguir atada a ele.

Mas em que demônio estava pensando?

Pela enésima vez desejou poder voltar atrás no tempo, apagar suas ações e separar todo aquele horrível pesadelo. Mas negar o que fez não ia funcionar. Fez o que fez e teria de viver com isso, responder por isso.

—Tia Lisa disse que faria as compras para que seu dia de liberdade fora de casa não fosse atrapalhado por nenhuma tarefa.

—Não me importa as tarefas. —depois de estar em casa vários dias, fazer algo fora parecia fantástico. O tribunal aprovou uma saída de uma hora— Não posso sair de casa para ir e não fazer nada. Estes formulários que tenho que preencher requer inclusive que documento a quilometragem que percorro desde onde até as localizações aprovadas.

—Vai a uma localização aprovada. —Estendeu os braços para agarrá-la e suas mãos grandes acariciaram os braços nus quando ela voltou para a porta.

—Sabe algo novo sobre Rick? —Teve medo de puxar conversa desde que saiu da prisão. Passar um tempo com Luke a fazia tão feliz que não queria tentar o destino puxando o tema comprometido.

—Uma das enfermeiras me disse que abandonou o hospital transgredindo as ordens do médico — disse Luke enquanto colocava a mão no bolso das calças e tirava as chaves— E Millie Cartwright me confirmou que já não está na pensão. Esse bode deixou a cidade.

—Não me surpreenderia que se escondesse. —E rezou para que tivesse ido ocultar do outro lado do mundo para o resto da vida.

Rick era a última coisa com que queria lutar justo agora.

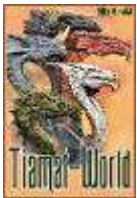
Adorava a forma que o sol fazia que o cabelo de Luke parecesse ainda mais suave. E a forma em que seu jeans desgastados pegava nos músculos das pernas. Era um homem feito para estar no exterior e ela adorava vê-lo em seu elemento. Moveu com facilidade caminhando para uma velha caminhonete de trabalho que ela não viu desde que veio ficar com ele.

—Pensava que esta coisa já não funciona — disse ela estudando a porta do acompanhante que chiou quando abriu.

—Era a caminhonete de meu pai. Ele jurava que nunca deixaria de funcionar. —Luke parecia encaixar a perfeição atrás do enorme volante.

Gostaria de saber como ia à investigação do FBI. Mas por agora, durante sua saída permitida, não queria pensar nesse momento nas ações de outras pessoas que controlavam seu futuro. E de toda as formas, sentada na velha caminhonete com Luke enquanto desciam pela estrada, oferecia uma situação perfeita para escapar de sua própria vida.

—Onde estamos? —Susie olhou pela janela da caminhonete ao lago brilhante junto que



levavam vários minutos conduzindo.

—Estava acostumado a vir aqui com meus irmãos quando éramos pequenos. —Luke olhou a nuca de Susie que olhava o lago Diamond.

Voltou a olhar à estrada que conhecia como a palma de sua mão, reduziu a velocidade para fazer uma curva pronunciada e depois saiu do caminho de terra que levava até o lugar que tinha em mente. Esse lugar em particular era uma zona isolada em que estiveram todos os irmãos (embora não uns com outros). A última vez que esteve ali foi com sua ex-mulher. E ela odiou do primeiro momento: muitos mosquitos, terreno irregular, o sol queimando... a lista de inconvenientes era infinita.

—Quantos irmãos tem? —Ela girou no assento para voltar sua atenção para ele.

—Três: Mark, John e Matt. —Tirou a caminhonete da estrada e recordou que estava acostumado a esconder o carro ali quando estava no ensino médio. Parou depois de uma árvore, estacionou e assegurou de que ninguém que passasse por ali pudesse vê-los.

—Tudo muito bíblico. —Olhou a seu redor, mas para Luke não ficou claro qual era sua primeira reação diante desse lugar isolado.

—Minha mãe provavelmente poderia citar qualquer versículo da Bíblia.

—Eu não tenho nem irmãos nem irmãs.

—Deveu sentir sozinha.

Não respondeu e saiu da caminhonete. Ele saltou de seu assento, passou diante do carro e aproximou dela para oferecer a mão. O terreno era irregular e a terra estava branda, mas ela não pareceu notá-lo. Embora estendesse a mão, ela cruzou os braços sobre o peito e caminhou diante dele para o lago.

—Não acredito que tenha visto nada mais bonito em minha vida — sussurrou olhando a água fixamente. A luz do sol refletia nela como um espelho e irradiava uma luminosidade que cegava.

—Nem eu — disse ele com o olhar baixo e fixo no suave rebolado de seu traseiro.

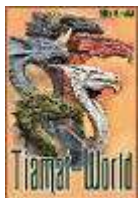
Levava uma saia rodeada e uma blusa sem mangas. O tecido deixava intuir a curva de seu traseiro e levava a blusa colocada por dentro da saia de forma que mostrava claramente a silhueta de seu bonito corpo. Calçava sandálias planas e ele supôs que duvidaria antes de pisar em erva alta. Mas encaminhou para o lago. Seu cabelo acobreado estava recolhido em um curioso nó na parte traseira da cabeça sujeito com uma fivela de madeira comprido e estreito que provavelmente era algum tipo de pinça para o cabelo. Estava desejando tirar e deixar que suas preciosas ondas caíssem pelas costas.

—Veio nadar aqui alguma vez? —perguntou.

—Quando era pequeno.

—Eu nunca nadei em um lago. —Olhou-o por cima do ombro.

A tensão de tudo o que viveu ainda notava em sua expressão. Foi tão forte até então que hoje, sua primeira ocasião de sair de casa juntos, queria oferecer o paraíso. Talvez fosse produto de seus desejos, mas juraria que ela estava mais relaxada agora que quando saíram de casa. Vir aqui foi uma boa ideia.



—Normalmente íamos nadar no lago Pearl. —Encontrou uma mecha solta em sua nuca e envolveu os dedos com ele.

—E o que faziam aqui? —voltou dedicando toda sua atenção.

Baixou as mãos por esses braços tão esbeltos, quase delicados, embora já visse quão forte era ela. Valente e decidida a lançar ao desconhecido. *Deus*. Nunca imaginou que uma só mulher pudesse ter tudo o que ele queria: beleza, classe, inteligência e desejo de aventuras. Susie tinha tudo, e ele queria tudo dela.

—Isto — sussurrou aproximando-a para si.

Ela ia responder algo, mas apanhou a boca e colocou a língua em seu interior. Ela ficou tensa um momento, mas depois relaxou, estirou contra seu corpo e devolveu o beijo com mais energia do que esperava. Seus pequenos dedos acariciaram os ombros, o que provocou calafrios. Tudo endureceu em seu interior e seu membro cobrou vida.

Tinha a boca suave e os lábios dela moviam sobre os seus.

—E vinha frequentemente fazer isto? —perguntou com um tom travesso na voz.

Desceu por seus braços acariciando com as unhas e voltou a subir.

—Tão frequentemente como podia. —O que não era muito. Em sua juventude tinha tudo que deseja ter.

Ela riu entre dentes e depois rodeou o pescoço com os braços, apoiando contra ele e oferecendo a boca. Tomando tanto como dando, sua língua enredou com a dele, explorando com uma necessidade tão urgente como a sua.

O sangue ferveu nas veias. Desde que viu pela manhã com essa saia ajustada e suas torneadas pernas no ar já teve que lutar contra uma leve ereção. Mas agora ardia a virilha, incapaz de conter durante mais tempo. A pressão que crescia nesse lugar era como uma besta exigindo que a liberassem.

—Veem aqui — grunhiu junto a sua boca embora não podia havê-la aproximado mais a ele embora quisesse.

Levantou antes que pudesse responder e seu membro gritou de dor quando agarrou em seus braços. Caminhar resulta mais difícil que nunca. Mas conseguiu chegar até a caminhonete sem deixá-la cair.

—O que está fazendo? —Ela girou em seus braços e olhou para baixo, o que dificultou muito a tarefa de não deixá-la cair no chão.

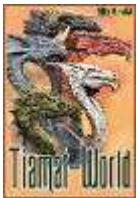
Subiu por um lado da caminhonete.

—Sobe. —Não ia colocá-la sobre a grama alta para arriscar a deixar manchas em sua bonita roupa— É o melhor que posso oferecer no momento.

Ela riu e ele não pôde acreditar. Brilhava o rosto toda a preocupação e tensão ficou substituída pelo entusiasmo. Estava desfrutando do momento. Levantou as pernas de uma maneira muito pouco feminina, voltou e subiu à parte traseira da caminhonete, sentou e o olhou. Seu olhar era inconfundível.

—Acredita que alguém nos vera?

—É difícil de dizer — disse ele saltando dentro e unindo-se a ela. Ficou de joelhos— Se



aparecer alguém, não ficará muito tempo.

Disso ele se ocuparia.

Estendeu a mão para tocar o cabelo. Necessitava que caísse para rodear seu corpo, mas a pinça estava mais bem presa do que ele acreditou.

Ela voltou a rir.

—Deixe para mim.

Surpreendeu a facilidade com que conseguiu soltá-lo. Deixou a pinça do lado e sacudiu a cabeça de um lado a outro. Suas ondas largas e espessas a rodearam, definidas e grossas, caindo sobre os ombros e pelos braços.

Encantador. Absolutamente sensacional. Olhando sua beleza esqueceu-se de respirar.

—Merda, mulher. —Ele não era nenhum poeta. Não tinha palavras para expressar o que o fazia sentir.

Mas mostraria. A prosa que faltava, podia supri-la com seus atos.

—Sabe? —disse ela mordendo o lábio inferior— Gosto muito de fazer sexo contigo no exterior. Você é o primeiro homem com que faço fora de um dormitório.

Ruborizou muito e baixou o olhar, possivelmente para acabar vendo a tremenda ereção que já ameaçava explodir as calças.

—E tenho intenção de ser o último. —ficou olhando-a esperando uma reação.

Rasgava por dentro que visse obrigada a tirar para fora seu passado diante de todo mundo. E doía ainda mais como foi terrível sua vida com esse bode do Rick. Mas agora mesmo ela brilhava. Não respondeu nada, mas olhou nos olhos. Ele não esperava uma resposta e não deu nenhuma. Com tudo o que passou ultimamente, obrigá-la a estabelecer uma relação formal provavelmente era muito mais do que ela podia assumir agora mesmo.

Mas ela já conhecia seus sentimentos. Já chegaria a sua reação no seu tempo.

Envolveu a mão em várias de suas largas ondas e brincou com elas brandamente para aproximar dela antes que pudesse recostar sobre ele. Suas bochechas ainda estavam coloridas pelo rubor. Seus lábios vermelhos e úmidos pelo contato com sua boca. Separou sem deixar de olhá-lo. A luxúria, a curiosidade e a vacilação mesclavam em seu olhar.

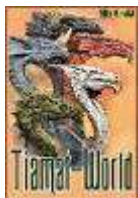
Mostrar era mais fácil que dizer.

Tudo o que havia na parte de atrás da caminhonete era uma grande lona azul. Seu pai repetiu milhões de vezes que era importante cuidar bem das ferramentas. Felizmente estavam todas na garagem e havia muito espaço na parte de trás da caminhonete. Inclinou sobre ela e mordeu o lóbulo da orelha enquanto alargava a mão para aproximar a lona. Desdobrou um pouco e a converteu em um largo travesseiro. Não era o melhor do mundo, mas era melhor que ter debaixo o metal quente.

Ela baixou os dedos por seu peito e agarrou a sua camisa. Vá. Ela o desejava com tanto desespero como ele a ela.

—Tire a camisa, carinho. —Ele ergueu um pouco para permitir um melhor acesso.

Tremiam os dedos. Estava ocupada com os botões, soltando-os tão lentamente que ele esteve a ponto de gritar e arrancar o tecido do corpo, mas conseguiu deixá-la terminar de



desabotoá-los e fechou os olhos quando ela apertou as mãos contra sua pele nua.

—Tem um corpo perfeito. —Estava mais ruborizada que nunca hoje. Mordeu o lábio de novo— Nunca antes havia feito algo como isso.

—Como o que?

—Explorar o corpo de um homem como faço com o teu. Eu gosto. —Havia um estranho brilho em seus olhos verdes quando olhou— Rick não era como você.

Ele não queria saber como era Rick.

—Tomarei isso como um elogio.

Arranhou. Ele nublou a vista e retorceram os dedos dos pés. Seu pênis estava tão duro que explodiria se não metia em seu interior logo. E supunha que nem assim ia conseguir que aguentasse muito. Inspirou fundo e lutou para reduzir a velocidade de seu coração e para evitar que mais sangue dirigisse para seu membro.

—Tire os jeans. —Tinha a voz profunda, rouca.

Susie apressou a aproximar as mãos dos jeans, mas ficaram junto ao botão. Roçou o pênis com os nódulos e ele não pôde respirar durante um momento. Tudo começou a girar a seu redor. Necessitava tanto...

Tirou a blusa da saia. Sua pele queimava nas gemas dos dedos. Temeu ser muito brusco enquanto manipulava a saia, fazendo o maior esforço de sua vida para não arrancar os botões.

Em vez de soltar os jeans, ela dedicou a tirar a saia e o sutiã de renda. Convexo junto a ela a viu levantar a vista, sorrir com o cabelo emoldurando a cara e caindo sobre os peitos. As mechas separavam para rodear suas curvas e anulavam sua capacidade de pensamento. Cobriu com suas mãos.

—Tire as calças — disse e ela moveu para terminar o que começou.

—Vai ter que tirar isso você — disse quando desabotoou.

Não precisou dizer mais. Ele apressou a sentar sobre o traseiro enquanto brigava com seus sapatos e depois tirava os jeans. O sol esquentou as costas quando arrancou a camisa e a lançou atrás dele, na parte traseira da caminhonete.

Ela havia feito o mesmo e estirou sobre a lona só com sua calcinha a jogo com o sutiã. *Deus* o que havia feito para merecer tal perfeição?

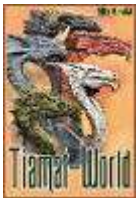
Tinha a pele quente e suave, quase sedosa. Tirou o que ficava da roupa interior, deslizando pelas pernas e tirando pelos pés. Ela levantou e depois as separou. A umidade brilhava entre suas coxas. Passou um dedo sobre ela e abriu os suaves lábios.

Ela gritou e agitou com seu contato.

—Vou tomar meu tempo e desfrutar de cada centímetro de você. —Pode que levasse toda a hora que tinham, mas queria proporcionar um prazer incrível.

Susie gozaria para ele mais vezes das que gozou alguma vez. Levaria a lugares que nunca sonhou. Ela merecia a melhor experiência que pudesse dar. Fazê-la feliz, agradá-la, separar todas as preocupações e medos que viu antes em seu rosto importava mais que nenhuma outra coisa no mundo.

Queria fazê-la feliz. Queria que o quisesse.



Deus.

E isso fez. Exatamente o que queria. Com o dedo rodeado por sua umidade, acariciou-a enquanto ela ficava sem fôlego e o olhava com seus olhos verdes brilhantes.

—Está-me matando — gemeu ela.

—Não — disse ele sacudindo a cabeça. Esteve a ponto de dizer que a estava amando, mas conteve.

Mas por que se conteve? Era certo. Era o que queria, o que queria dar a ela e o que queria que desse a ele. Mas as palavras não saíram.

De novo disse que seria mais fácil mostrar. Deitou-a sobre a caminhonete, baixou a boca até seu sexo, inalou seu profundo aroma e finalmente pôs sua boca em contato com a carne úmida.

—OH, Deus — gritou ela enterrando os dedos no ombro.

Os músculos das pernas endureceram. Ela esticou e apertou os tornozelos contra seu pescoço. Luke a agarrou para que mantivesse as pernas abertas.

—Abra para mim, neném — sussurrou e voltou a passar a língua entre suas dobras empapadas.

—Sim, está bem. —A voz tremia tanto como o resto de seu corpo.

Isso era o que ela queria. Precaveu do esforço que teve que fazer para abrir as pernas. Mas quando introduziu a língua em seu interior, suas pernas voltaram a tentar fechar; esta vez ele estava preparado e as manteve abertas aplicando suficiente força para evitar que envolvesse com elas e sufocasse. *Embora melhor maneira de morrer fosse essa!*

Ela saltou quando ele a chupou e depois enterrou a língua em seu interior. Passou pela cabeça que provavelmente não tinha experimentado esse tipo de prazer íntimo muitas vezes em sua vida. Agora tinha intenção de compensar a falta de consideração de outros homens, assim dispôs a desfrutar do momento.

O pênis pesava uma tonelada, mas decidiram atrasar seu prazer uns minutos mais. Os suaves gemidos que saíam dela eram suficientes para fazer saber que estava a ponto de explodir. Levantou a vista para olhá-la com visão imprecisa, afogando em sua espessa cremosidade e vendo passar as mãos pelo rosto. Pegou seu cabelo com os olhos fortemente fechados. Seus rosto brilhava incrivelmente quando ele se separou dela.

—Luke. Deus. Por favor — disse com um suspiro.

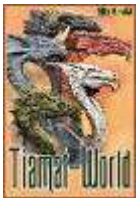
Ele sorriu sem separar o rosto.

—Quer que faça algo? —disse provocando-a. Se ela soubesse que também provocada desesperadamente...

—Sim. Merda, sim.

Já estava movendo, antes queria poder pensar nisso. Colocou-se sobre ela e aproximou de seu fogo. Só tocando-a já se queimava vivo. Quando afundou nela e notou que sua pele aveludada tremia contra ele, esteve a ponto de gozar.

Ficou de joelhos, levantou as pernas e deslizou no interior dela para logo sair. Queria dar horas de prazer. Susie merecia. Sua respiração acelerou de uma vez junto com a sua. Seu movimento foi mais rápido, mais profundo. Uma luz explodiu e todas as cores do espectro



apareceram diante dele enquanto a enchia. Seu calor tenso e empapado o acariciava até levar a um estado de loucura.

E quando ejaculou algo mais que seu sêmen derramou dentro dela. Levou parte dele também. Uma parte dele que não ia devolver nunca.

Susie tinha seu coração, seu amor. E nesse momento se deu conta de que nunca amou a uma mulher antes.

Capítulo 16

Os seguintes dias pareceram passar voando. Susie via as notícias com medo porque o homem do tempo predizia mais tempestades em Nebraska. Era difícil de acreditar que as pessoas estabelecesse e morasse toda uma vida em um lugar com um tempo tão destrutivo. Mas quando passeava pelos diferentes lugares da extensa fazenda de Luke ou estendia lençóis no exterior com sua tia, só tinha que dar uma olhada ao paraíso que a rodeava e então entendia.

—Pronta? —Luke descia as escadas com o cabelo ainda úmido da ducha.

Pôs a cesta de vime sobre a mesa da cozinha e esforçou por não deixar que seu olhar percorresse lentamente como tivesse gostado porque sua tia entrava pela porta do pátio atrás dela.

— Contem outra vez o que é o que vai fazer. —Tia Lisa passou a mão pelo cabelo grisalho e aproximou da porta do forno onde franziu o cenho diante de um grande pão cozido— O que são esses papéis que a advogada quer que assine?

Tia Lisa deixou claro que não estava convencida de que Marcy Bread, uma advogada quase sem experiência, fosse à pessoa mais adequada para ajudar a Susie. Mas Marcy tinha um entusiasmo que Susie gostava. Por muito complicado que fosse o assunto, Marcy não fazia sentir como se fosse uma delinquente.

Obrigou a recordar de novo que ela havia feito algo errado. Não importa se foi terrível, disparar a alguém ia contra a lei.

—Há uns papéis que tenho que ler e assinar. E também tem as cópias das declarações que apresentarão no julgamento como prova. —Tentava recordar as palavras exatas de Marcy e quase conseguiu.

—Supõe que temos que estar em seu escritório as dez — disse Luke olhando o relógio e estendendo a mão— Será melhor que vamos. Depois tenho que parar na cidade. Se o tempo for voltar contra nós de novo ainda temos que cortar algumas árvores.

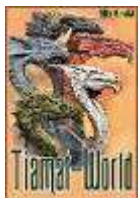
Deu a sua tia um beijo na bochecha tentando fazer desaparecer a expressão preocupada da cara de sua tia Lisa.

—Chame se precisar de algo — disse sorrindo.

—Já sei que morre por sair da casa. —Tia Lisa dirigiu um olhar minucioso e mordeu o lábio inferior— Farei guisado para acompanhar o pão caseiro para o jantar. Não comam nada por aí.

Pareceu muito pesado para Susie, mas sorriu.

—Vai fazer que eu engorde — sussurrou e abraçou sua tia antes de dirigir para a porta de



trás. Seguiu Luke passando pela frente da velha caminhonete de seu pai até seu Bronco.

O ambiente estava muito abafado para ser tão cedo. O ligeiro vestido que Susie colocou essa manhã pegava nas costas que apoiou no assento e ligou o ar condicionado do Bronco.

Marcy estava tão alegre e profissional como sempre e acompanhou a ambos a um escritório que não era mais que uma escrivaninha, um computador e toneladas de arquivos e formulários empilhados por toda parte. Possivelmente Marcy acabasse de estabelecer ali, no escritório dos advogados de seu pai e ainda não teve tempo para personalizar o diminuto escritório. Não havia nada pendurando nas paredes e além das canetas, os cadernos e um formulário que havia na tela do computador, não havia nada que indicasse que alguém estivesse utilizando esse lugar. Tudo o que tinha de Marcy era seu trabalho. Susie perguntou se teria alguma vida social.

Luke desculpou duas vezes quando tocou o telefone e Susie sentou frente ao escritório. Fez tudo o que pôde para concentrar em tudo o que explicava Marcy a respeito da investigação sobre Rick que estava levando a cabo.

—Basicamente estamos à espera que o FBI encontre alguma prova. —Marcy apoiou as costas na cadeira e cruzou os braços— O que é bom. Quanto mais tempo tenham, mais informação que você deu irá provando como certa.

Levava uma blusa branca metida nas calças escuras o cabelo negro afastado da cara e sujeito com dois singelos passadores e sua pele cremosa e branca sem nenhuma maquiagem. Parecia uma boneca de porcelana esquecida: preciosa, mas aparentemente alheia a isso. Seus olhos escuros eram impenetráveis, mas Susie supôs que dedicou toda sua vida a seu trabalho e não a sua aparência.

Essa ideia pôs um pouco triste. Se as coisas fossem de outra maneira não teria importado conhecer melhor Marcy, mas o papel que tinha para Susie não permitia isso. Sua relação era profissional e Marcy estava demonstrando que trabalhava a toque de caixa para ajudar Susie. Depois de tudo, já não estava na prisão graças a ela.

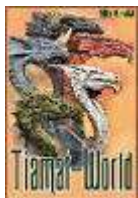
—Assim ainda não sabemos se vai retirar algum das provas, não é? —perguntou Susie quando Luke voltou a entrar no escritório.

—Estou trabalhando com o FBI e o promotor para conseguir chegar a um acordo, possivelmente reduzir as acusações que imputam a agressão com agravantes se cooperar com eles e comparece como testemunha em seu caso. Seguirão pedindo um tempo de prisão, mas não tem nada a ver com uma sentença por tentativa de assassinato.

Susie assentiu, mas fez um nó nas vísceras. Sua vida pela de Rick. Não era uma decisão difícil.

Umas escuras nuvens púrpuras e azuis abatiam sobre suas cabeças quando saíram do escritório. O contraste entre o forte ar condicionado e a pesada umidade foi suficiente para deixá-la sem fôlego. O suor corria pelas costas já antes de chegar ao carro de Luke. Parecia como se as fragrâncias das árvores em flor e da grama recém cortada estivessem mais acentuadas do que o normal, como se tudo o que a rodeava estivesse muito atento aos fenômenos climáticos intensos que vinham em cima.

—Muitas das pessoas estão se reunindo no centro para assegurar de que tudo está limpo. — Luke olhou o vestido que levava ela e que pegava pelo calor— Posso te deixar no café enquanto



vou dar uma olhada. Voltaremos para casa antes que acabe o tempo que tem.

Ela separou o cabelo do pescoço e subiu no seu lugar enquanto Luke segurava a porta. A roupa que levava não era adequada para fazer nenhum trabalho no exterior. Se tivesse pensado antes de sair, teria vestido mais apropriadamente para que ele não tivesse que deixá-la em nenhum lugar enquanto ia ocupar de outras coisas. Preferia passar o tempo com ele.

A camiseta pegava nos músculos protuberantes enquanto caminhava pela frente do Bronco. Tinha o cabelo castanho e suavemente úmido e grudado na cabeça, o que fazia que parecesse mais escuro. A intensa expressão de sua cara dava um aspecto de determinação.

Conforme ia passando mais tempo com esse homem, seus estranhos olhares começavam a mostrar como um livro aberto. Luke planejava cada coisa que fazia com todo detalhe. Isso e seu grande corpo musculoso eram o que mais excitava nele. Inclusive com esse calor só podia pensar em deslizar sobre ele e enredar seus corpos alagados de suor enquanto fodiam até acabar gritando. Acelerou o coração só de pensar. Ia ficar acalorada ali sentada se não tomava cuidado com seus pensamentos.

Talvez pudessem tomar um banho fresco juntos mais tarde. Podia sugerir quando acabasse de cortar árvores estaria sufocada e precisaria refrescar. Antes de poder deter-se já estava imaginando a água deslizando por seus músculos tensos. Seu sexo inchou e fez que corresse por seu interior um calor que não tinha nada que invejar ao que fazia fora.

Eram dois adultos com a vida cheia de problemas e horários apertados. Não viu Luke muito nos últimos dias porque esteve trabalhando muito. Sempre ia antes que ela despertasse e não voltava até que já era quase de noite, sujo e cansado e deitava logo. Trabalhava muito mais que qualquer outro homem que conheceu.

Escapar do trabalho, dos advogados e das provas da vida embora só fosse por um momento, justo o tempo suficiente para estar a sós com ele, fazia que tudo fosse muito mais fácil para ambos. Isso já ficou demonstrado.

Luke conduziu pelas tranquilas quadras da vizinhança onde estava o escritório da advogada em direção a cidade. Quando chegaram às lojas teve que acender os faróis embora ainda não fosse meio-dia. Parecia escurecer por minutos.

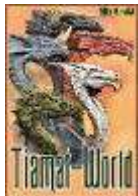
Nas lojas que havia tornado a abrir depois que o tornado devastasse o lugar tudo parecia normal. Luke estacionou em um lugar na rua do centro comercial que acabava de voltar a abrir. Em quando saiu do carro, a brisa quente a envolveu.

—Parece que vamos ter problemas. —Beaux Miller aproximou deles entreabrindo os olhos por uma repentina rajada de vento— Teremos que trabalhar rápido para fazer todo o necessário antes que chegue a tempestade.

Luke estudou o céu.

—Vamos então — foi tudo o que disse.

Susie entrou no estabelecimento e sentou em uma banquetta junto ao balcão mordiscando um canudo com ar ausente. O bracelete do tornozelo fazia que ardesse a pele. Juraria que incomodava mais cada vez que alguém passava junto a ela e ficava olhando. Betty estava do outro lado do balcão preenchendo os guardanapos e olhando às vezes para a rua.



—Assim quando Willy, o pequeno, foi a Oklahoma City, tivemos que aceitar o fato de que nenhum de nossos filhos nos ajudarem a levar o negócio. —Tinha decidido contar sua vida a Susie.

—Meu pai também tentou durante um tempo que eu entrasse no negócio. Mas deixou quando deu conta de não me importava muito fazer dinheiro. —Susie agradeceu que Betty não perguntasse pelo caso nem pelo julgamento pendente.

—Não tem nada de errado ter dinheiro — disse Betty com uma risada profunda e rouca que fez que parecesse a papada.

A garçonete que atendeu o dia que encontrou com Rick ali passou rapidamente a seu lado com uma bandeja carregada de pratos sujos. A hora do almoço estava em pleno apogeu e Susie rodeava o murmúrio de conversações amistosas. Era um som reconfortante. Às vezes alguma pessoa que passava a seu lado a saudava. As caras resultavam familiares e recordou alguns nomes, o que ajudou a sentir como se pertencesse de alguma forma a esse lugar porque essa gente chegou a aceitá-la como um deles.

—Desculpe querida. —Betty fez um gesto em direção a quatro homens que acabavam de cruzar a porta e arranhar o chão com as cadeiras enquanto ficavam cômodos em uma mesa— O dever me chama.

Susie limitou a assentir e desejou que Luke fosse rápido. Talvez devesse chamá-lo e perguntar quanto ia demorar.

—Susie Winestone? —Um homem que não reconheceu estava de pé junto dela.

Estava tão perto que ela separou em seu assento enquanto ele a olhava.

—Sim?

—Eu gostaria de fazer umas perguntas. Importaria sair lá fora comigo?

Instantaneamente o suor começou a correr entre os peitos. Uma energia nervosa percorreu as costas ao olhar esses olhos azuis e frios.

—Quem é você? —perguntou.

—Sou Brian Watt da agência de detetives Flim. Só roubarei uns minutos.

Olhou por cima dele para Betty que dava as costas. Estava falando com várias pessoas que sentaram em uma mesa. A maior parte das mesas do café estava ocupadas e duas garçonetes atendiam os clientes tomando os pedidos e ignorando-a. De fato, pela primeira vez desde que disparou em Rick, pareceu que ninguém estava prestando atenção. O homem seguia olhando-a e esperando uma resposta em silêncio.

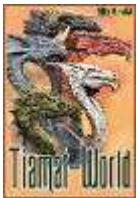
Não incomodou em dar, mas pegou a bolsa e desceu da banqueta. O último queria era que alguém perguntasse coisas sobre Rick diante de todo mundo. Ninguém tinha que ouvir suas respostas. Segurou a porta e ela saiu diante dele à calçada que havia diante do restaurante.

De repente ele a rodeou e agarrou o braço. Algo duro pressionou as costelas.

—Não faça uma cena e suba ao carro.

—O que? —Ela voltou pensando que não ouviu bem.

O homem apertou mais o braço beliscando a pele levando-a para um carro que estacionou perto. A porta traseira se abriu quando aproximaram. Ele a lançou no assento de trás e a empurrou para sentar a seu lado. Tudo o que pôde fazer foi mover para o outro lado para que não



sentasse sobre ela. No instante seguinte agarrou o tornozelo e, com um movimento tão rápido que ela quase não pôde acreditar, tirou o bracelete e atirou fora do carro. Ela olhou para a outra porta, mas nesse momento a tranca baixou. O motorista a prendeu e não parecia ter maneira de soltar a tranca manualmente.

—Quem é você? —Ela olhou o cabelo cinza da parte de atrás da cabeça do condutor e depois o homem que havia dito que era detetive— O que estão fazendo?

—Desfazendo de algumas provas — disse Brian Watt ou quem quer que fosse e riu.

Levantou o braço e mostrou uma arma. Que coisa mais espantosa. Sua formato longo feito de frio e duro metal... Odiava as armas. Odiava mais a cada dia que passava. Uma pequena arma arruinou sua vida. Agora os dois homens riam e este levantou a arma para apontara sua cara. Seu canhão pequeno e redondo, como um olho frio e escuro, ficou olhando-a.

Morte. Final da vida. Adeus a sua felicidade!

—Não, por favor — sussurrou e imediatamente as lágrimas começaram a correr rapidamente pelo rosto.

Já não estavam na cidade. Tudo o que via pelo vidro era o campo, uma mancha imprecisa de verdes e azuis que passava a toda velocidade. O interior cinza azulado do carro, o respaldo do assento que tinha diante dela, o teto... tudo parecia fechar sobre ela. Tudo isso não era mais que uma jaula em movimento que a levava longe do mundo, de tudo o que conhecia e queria.

Ele seguia mantendo a arma apontada para sue rosto. Não separou a vista dela nenhuma só vez. Agarrou com força a bolsa desejando que soasse seu celular que ocorresse algo que produzisse uma distração. Era impossível pensar com essa maldita arma apontando para ela.

E sabendo que ele pretendia utilizá-la.

Eram homens de Rick; não os conhecia, nunca os viu antes, mas sabia que eram seus comparsas e que os contratou para matá-la.

—Este parece um bom lugar — disse o motorista. Reduziu a velocidade e entrou em um caminho de cascalho.

Susie separou a vista da arma pela primeira vez e olhou pelo vidro. Estavam em meio do campo, em um caminho de cascalho rodeado por árvores altas. Não havia casas nem sinais de que houvesse ninguém por ali. E não tinha nem ideia de onde estavam.

O carro parou.

O homem a agarrou e a arrastou pelo assento.

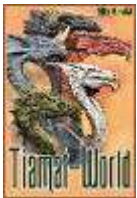
—Pare! Tire as mãos de cima! —Essa era sua última oportunidade de lutar por sua vida.

Iria matá-la de toda as formas, assim não perdia nada em lutar. E tinha muitas coisas pelas quais lutarem.

Nos filmes de assassinatos sempre pegavam ao criminoso graças às provas que encontravam na vítima. Algo sob as unhas... algo. Pulou contra o homem no mesmo segundo em que pôs os pés fora do carro tentando arranhar, dar um chute, lutar com todas suas forças. Alcançou a cara e cravou as unhas na pele. Tinha que levar alguma pista dele.

Um ruído seco explodiu em sua cabeça.

—Maldita puta! —gritou o homem.



Puxaram o cabelo. E não tinha a bolsa. *Deus*. Onde estava sua bolsa? De repente deixou de ver com clareza e uma dor que ela não sentiu nunca percorreu seu interior. Olhou e viu todo esse sangue.

Onde demônio estava sua bolsa?

Se encontrasse a bolsa, viveria. Essa estranha lógica era que cruzava sua cabeça quando caiu de joelhos, apoiou as mãos no chão e afundou na grama e a terra.

Não!

Não encontrariam a pele do homem sob suas unhas se tinha as mãos cheias de terra. Se conseguissem identificar quem disparou, isso levaria até Rick.

—Deus. OH, Deus — choramingou ao dar conta o ridículo que eram seus pensamentos enquanto sua cabeça golpeava contra a terra— vou morrer.

Algo explodiu em seu redor. A água cobriu o rosto, a roupa, o chão que tinha sob as mãos.

—Não podemos ficar muito tempo ou não poderemos sair daqui.

O vento atacou sua roupa. Frio. Tinha muito frio.

—Eu não gosto de deixar uma cena sem fazer primeiro a limpeza.

—Não podemos fazer nada desta vez. Além disso, o aguaceiro fará o trabalho sujo. Saíamos daqui antes que fiquemos presos com ela.

Os pneus chiaram sobre o chão. Iria deixá-la ali. Deixá-la morrer. Ouviu como afastava o carro.

As árvores que havia sobre ela desapareceram. Já não sentia a terra debaixo. A dor era tão terrível que todo o resto desvaneceu e voltou negro.

—Luke. Amo você— sussurrou, mas não pôde ouvir suas próprias palavras.



A escuridão fazia virtualmente impossível ver alguma coisa. Luke tropeçava continuamente enquanto escutava uivar aos guaxinins. Os homens que o rodeavam não eram nada mais que sombras.

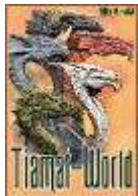
Onde demônio estava Susie?

Doía à cabeça por culpa da pior das dores que teve em sua vida. Nada podia parar os "e se" que aconteciam em sua cabeça. E se a tivesse levado com ele? E se tivesse chegado ao café mais cedo? E se algum dos que estavam ali tivesse visto com quem saiu?

—Susie... Deus. —Doía cada centímetro de seu corpo.

A última vez que a viram no café era à hora do almoço. Após passou mais de oito horas. Betty chorava ao telefone a última vez que falou com ela, culpando-se de tudo isto tanto como ele.

Recordou a expressão na cara de Beaux mais tarde, quando foi falar com Betty em pessoa. Pôs a chorar repetindo uma e outra vez quanto sentia não ter visto Susie sair de seu estabelecimento. Foi na hora do almoço. Estava ocupada. O rosto de Beaux foi endurecendo ao ver a dor de sua mulher. Rodeou-a com um braço e disse que não se culpasse por isso. Isso era



amor. O carinho e a dor compartilhadas quando qualquer dos dois está sofrendo.

Quando a busca pela cidade não produziu nenhum resultado e passou mais ou menos uma hora sem vê-la, o pânico embargou Luke. Não sabia quantas vezes chamou o celular de Susie. Sempre caía na secretária eletrônica, como se estivesse desligado.

Por que demônios a deixou sozinha no café?

Seu telefone vibrou e depois soou como havia feito cada dez minutos durante as últimas horas. Agarrou tão rápido como o havia feito todas as vezes que soou e seu coração voltou a quebrar ao ver a tela iluminada onde não aparecia o nome de Susie.

—Sim? —respondeu sabendo que soava com o saco cheio, embora não importava nada.

—Luke, consegui falar com o Alfred. Vem no avião para cá e chegará à meia-noite. —A voz de Tia Lisa era áspera.

Estava em sua casa atuando de recepcionista para todas as partidas de busca que estavam penteando o campo. O oficial Bentley fazia que todos os policiais do corpo ficassem a procurá-la e meia cidade se apresentou voluntário para engrossar as partidas.

—Ninguém a encontrou? —Era uma pergunta estúpida. Luke sabia que alguém chamaria no mesmo segundo em que encontrassem algo. E não ligaram ainda.

—Encontrarão. —Tia Lisa foi firme— Segue procurando.

—Faço isso. —E não tinha intenção de dormir até que a tivesse de volta com ele.

Desligou voltou a colocar o celular no bolso e continuou caminhando pelo campo. Varreu o terreno que tinha diante com o feixe da lanterna desejando desesperadamente encontrar algum sinal dela, algo.

"Deus, Susie. O que aconteceu?"

Passou outra hora e seguiu sem saber nada dela. Luke soube que o pior aconteceu. Chamou à polícia, sua advogada, ao FBI... a tudo o que lhe ocorreu. A tristeza e a frustração na voz de todo mundo rasgavam por dentro tanto como tudo o que estava sentindo falta. Luke odiava sentir-se impotente. E enchia o saco ainda mais ter tido que pedir ajuda. Quando se deu conta de que a levaram, raptada, arrancada dele justo sob seu nariz, uma raiva cega encheu e não tinha nada com que descarregá-la. Mas permitir que dominasse não ia devolver Susie.

Assim ficou a fazer chamadas; não deixou de marcar números no celular enquanto procurava por toda a cidade conduzindo de cima a baixo. E respondeu todas as perguntas absurdas que fizeram.

"Não, não fugiu". "Não, não foi por vontade própria". "Merda, não, não iria sem me dizer aonde ia".

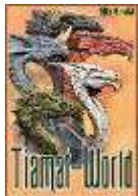
Não conheciam Susie. Sua Susie, isso é o que era. Sua mulher. Pertencia-lhe.

—Amo você, Susie — sussurrou lutando por tragar o nó que ia subindo pela garganta.

Por que não havia dito?

Seu celular voltou a soar e ele deteve na escuridão olhando às outras pessoas de sua equipe que cruzavam os campos varrendo o terreno com suas lanternas. Não reconheceu o número da tela de seu telefone.

—Diga? —respondeu.



—Luke, sou Dan Murphy. Encontramos.



As enfermeiras olharam Luke como se estivesse louco quando entrou no hospital como uma tromba trinta minutos depois. Embora não importava nada o que parecesse naquele momento.

—Onde está? —perguntou a Melanie Tucker, uma enfermeira conhecida de sua mãe e que recordava de quando era mais jovem.

—Não pode vê-la agora mesmo. —Melanie não precisava perguntar de quem estava falando. Sacudiu a cabeça e assinalou a sala de espera— A levaram diretamente à sala de cirurgia assim que a trouxeram.

Luke passou os dedos pelo cabelo e deixou escapar um comprido e lento suspiro. Durante um segundo nublou a vista. Olhou ao vestíbulo que rodeava com seu comprido balcão e umas cadeiras que pareciam incômodas alinhando-se junto às paredes. Havia umas portas de vaivém duplas a sua esquerda com umas janelas pequenas e redondas em cada uma das folhas simplesmente para fazer acreditar falsamente às pessoas que estava ali que realmente podiam saber o que ocorria ao outro lado.

—Está aí dentro? —Todo seu corpo esticou. Ninguém ia ser capaz de pará-lo se cruzava essas portas à força. Ninguém no mundo.

—Luke — disse Melanie com calma— Sente-se. Assim que saiba algo que possa te dizer...

Ele levantou bruscamente a cabeça e a examinou.

—O que significa isso de "algo que possa te dizer"?

Melanie só sacudiu a cabeça ligeiramente.

—É certo isso que ouvi que um parente seu está ficando em sua casa também? —inquiriu.

—Não vais dizer o que aconteceu com Susie porque não sou um parente? —Não queria gritar.

Melanie ergueu e outra enfermeira que não conhecia saiu do escritório. A outra enfermeira, com o cabelo escuro recolhido em um coque, colocou-se junto a ela e olhou para depois fixar-se em Luke.

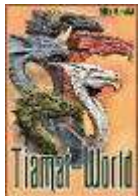
Ele deu as costas a ambas e ficou a andar de cima a baixo pela pequena sala de espera. Provavelmente tia Lisa estava já a caminho, mas de toda forma marcou o número em seu telefone celular e esperou impaciente enquanto soavam vários tons.

—Olá, Luke. —Tia Lisa soava excitada— Já sabe? Dizem que a encontraram. Vou a caminho do hospital.

—Eu já estou aqui. —Voltou para olhar às duas enfermeiras que o olhavam com certa cautela— Não querem me dizer nada de Susie porque não sou parente.

—Chegarei em uns minutos.

Era a primeira vez que Tia Lisa se perdia em Windy Hills. Beaux e Betty Miller chegaram. Bentley apareceu com Billy Olson, que aparentemente era quem encontrou Susie. Marcy Bread entrou correndo e tentou com as enfermeiras. Tudo o que conseguiu foi que um dos médicos do



hospital se unisse ao grupo crescente que se formava redemoinhos depois do balcão da sala de espera.

Seguiam sem ter respostas. Luke queria gritar e bater em algo. E tinha que ver seus olhos.

—Bem. Consegui dar o endereço correto a Lisa —anunciou Betty— A pobre senhora estava tão preocupada que não podia dizer nem em que rua estava e além tudo estava escuro.

Uns minutos depois (que pareceram horas) Tia Lisa entrou pelas portas, a cara manchada de lágrimas e o resto igual de úmido. Levava chovendo com força toda a tarde.

Deixou-se cair em seus braços ou possivelmente foi ele que a atraiu para eles. Não importava. Envolveu-a com os braços rodeando seu fornido corpo e a abraçou, descansando a cara sobre seu cocuruto de cabelo grosso e grisalho. Estranhamente durante um momento recordou a sua mãe, assim, sempre forte, mas de uma vez com facilidade para mostrar suas emoções. Um aroma mescla de café e produto de limpeza encheu o nariz junto com outros aromas do exterior. A umidade penetrou pelas portas antes que chegassem a fechar-se. A chuva limparia qualquer prova que tivesse ficado no lugar onde a encontraram. Muitos pensamentos buliam no interior: Encontrar ao bode que havia feito isso a Susie, saber como estava, vê-la. *Deus*. Precisava vê-la.

—Não querem me dizer nada, tia Lisa. —Não queria soar como um menino pequeno. Suas emoções iriam acabar cedendo se não se controlava. E agora Susie precisava dele— Temos que nos inteirar do que está acontecendo — acrescentou esforçando para parecer forte.

Tia Lisa assentiu. *Merda*. Ela também necessitava sua força e aí estava ele, pendurado nela como um menino patético que também necessitava a alguém.

Luke ergueu e roçou com os nódulos essa cara com algumas rugas. Obrigou a sorrir. Ela limpou as lágrimas rapidamente e separou dele, olhou ao grupo que se congregava ao redor e depois ao balcão.

—Suponho que você é parente de Susie Winestone... —Melanie parecia ansiosa por conseguir que todos eles relaxassem e fixou seu olhar na tia Lisa em busca de confirmação de que já podia dizer o que estava passando.

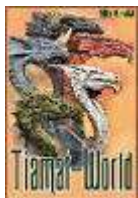
—Sou sua tia — disse Tia Lisa, aproximou-se do balcão e apoiou os cotovelos nele— Eu gostaria de ver minha sobrinha.

Melanie sacudiu a cabeça afligida.

—Está no sala de cirurgia agora mesmo. Mas vou tentar que algum médico venha falar com você. Voltarei em uns minutos.

Melanie assinalou a cafeteira e desapareceu. Todo o grupo ficou cômodo (ou ao menos o tentou). Luke não podia sentar, de pé ficava cada vez mais nervoso e não tinha lugar para caminhar. Marcy Bread falou com os policiais e a tia Lisa fez alguns comentários. Os Miller e Billy Olson falavam dos acontecimentos da jornada e todo mundo estava de acordo em que essa era a experiência mais horrível que passaram em suas vidas.

Luke ficou de pé dando as costas a todos e com as mãos agarradas. Olhou através das janelas manchadas de chuva para a escuridão e as vozes preocupadas que se ouviam detrás dele se converteram em ruído de fundo. A imagem dos grandes olhos verdes de Susie fixos nos seu e o



cabelo acobreado caindo sobre os ombros enchia sua mente e ele se aferrou a essa imagem. Amava sua energia e sua vontade de viver. Vivia cada minuto do dia como se fosse uma aventura. Não importou fazer amor na parte de atrás da caminhonete nem caminhar descalça e subir a suas costas, havia rido. Uma mulher da cidade que vinha de uma vida muito diferente a tudo o que ele conheceu e que caminhava a seu lado como se tivesse nascido ali.

Custava acreditar que só a conhecia fazia muito pouco tempo. Faziam cócegas os dedos ao recordar a suavidade de sua pele e agarrou as mãos com tanta força que beliscou a pele. Se fechasse os olhos podia recordar cada centímetro de seu corpo. Podia ouvi-la rir. Susie era uma pessoa feliz, que desejava com todas suas forças viver a vida que queria.

E esse odioso monstro não queria deixá-la em paz.

—Por favor, cuide dela — disse. A garganta fechou com rapidez e notou os olhos repentinamente cheios de lágrimas.

Sairia para caminhar sob a chuva para que ninguém visse chorar, mas não queria ir se por acaso vinha o médico. Uma só lágrima correu pela bochecha e ele apertou os lábios, abriu muito os olhos e obrigou a fixar sua atenção na escuridão exterior.

Ainda não tinha nenhuma informação e preocupar antes de conhecer todos os detalhes era estúpido. Inspirou fundo e umedeceu os lábios. Voltou para olhar o escritório vazio das enfermeiras e depois às portas duplas com o sinal que dizia: "Só pessoal autorizado". Por muito que desejara cruzar essas portas e exigir respostas isso não ia levar a nenhuma parte. Susie estava no sala de cirurgia.

Deus, o que estariam fazendo?

Enquanto olhava abriram as portas e um homem que não conhecia olhou ao grupo. Mais à frente Luke só pôde vislumbrar um comprido e amplo corredor antes que estas se fechassem e a vista desaparecesse.

—Lisa Belington? —O homem olhou de uma mulher a outra espectadora.

—Sou eu. —Tia Lisa deu um passo adiante.

Luke aproximou de seu lado. Nunca antes ouviu seu sobrenome. Para ele foi sempre à tia Lisa. De repente se deu conta de que havia muitas coisas que não sabia de Susie e isso provocou que fizesse um nó no estômago que foi crescendo quando o médico se aproximou deles.

—Susie Winestone é sua sobrinha?

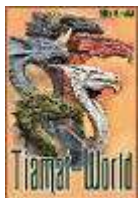
—Sim. Por favor, queremos saber como está ela. —Cruzou os braços sobre o peito, abraçando-se enquanto todas as pessoas da sala se congregavam a seu redor.

—Sou o doutor Young. Estive ajudando ao doutor Reynolds a estabilizar sua sobrinha — começou dizendo.

—Estabilizá-la? — Luke não gostava de como soava isso — O que quer dizer?

O médico suspirou.

—Não temos aqui as instalações adequadas para fazer muito mais por ela. Inclusive estivemos a ponto de perdê-la duas vezes. Não vou dizer que as coisas são melhor do que são. Sinto não poder dar melhores notícias. Agora mesmo estamos lutando para mantê-la com vida enquanto fazemos aos acertos para enviá-la a um hospital com mais meios.



—OH, Deus. —Tia Lisa quase caiu diante dele.

Luke a rodeou com seus braços e fez tudo o que pôde para tragá-lo que se atravessava em sua garganta e poder falar sem cair.

—Não vai morrer — anunciou e dedicou um olhar rápido ao médico para que soubesse que fazia pessoalmente responsável por isso.

O médico pigarreou.

—Estamos esperando que nos confirmem que podem enviar um helicóptero aqui esta noite para levar Susie a Lincoln. Também estamos em contato com o escritório do promotor, já que por agora segue em prisão domiciliar.



Durante a seguinte hora, as portas de vaivém se abriram e se fecharam várias vezes enquanto Tia Lisa falava por telefone com o pai de Susie e assinava papéis para que pudessem transladá-la a umas instalações privadas em algum lugar de Lincoln. As enfermeiras não paravam no escritório, enviando faxes e respondendo chamadas. O silêncio que teve que suportar Luke quando chegou, converteu em um louco fracasso enquanto a família Winestone foi tomando as rédeas da situação e encontrando especialistas desejosos de se ocupar de Susie em meio da noite. Quando Alfred Winestone cruzou as portas, pareceu a Luke que iam tirar Susie de suas mãos para sempre.

Estava de pé no corredor junto à tia Lisa e a Alfred, quando a figura inerte de Susie saiu de maca da sala e cruzou o vestibulo até a porta que a levava ao exterior, ao helicóptero que esperava. Quando passou junto a ele, Luke ficou olhando a pálida cara de Susie e todos os aparelhos que estavam ligados à ela. Seu cabelo acobreado se via sem vida, sujeito atrás de seus ombros. Levava também várias bolsas de medicação intravenosa a ambos os lados da maca, além de uma equipe de monitorização que não deixava de apitar, o único sinal de que ainda seguia obstinada à vida.

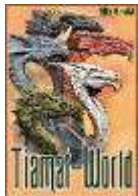
Se pudesse tocá-la, passar os dedos pelo cabelo rodeá-la com seus braços uma vez mais... Os técnicos e as enfermeiras empurraram a maca de Susie rapidamente pelo vestibulo e em um segundo se foi. O que atravessou na garganta e o nó de seu estômago não iriam tão facilmente.

—Você pega suas coisas? —perguntou Alfred à tia Lisa dando as costas a Luke como se não existisse.

Tia Lisa assentiu.

—Bem. Quando voltar ao meu hotel reservarei um voo pela manhã para você. Culpo-me por tudo isso — disse Alfred em voz baixa— Nunca devia ter enviado vocês tão longe. Não pude protegê-la e olhe o que aconteceu.

Alfred se afastou de ambos e seguiu a sua filha. Luke queria gritar com esse homem que ele protegeu Susie. Mas o certo é que ele era o que a deixou sozinha. Era sua culpa que ela estivesse estirada naquela maca com todos esses tubos nela, lutando por sua vida. Era bastante provável que Alfred jogasse parte da culpa a Luke, mas certo que nem a metade que se culpava ele mesmo.



Havia fodido tudo. Susie podia morrer. Mas embora conseguisse sobreviver, a perdeu.

Luke ficou de pé no exterior no meio do ar úmido da noite enquanto abria a porta do carro à tia Lisa.

—Se assegurarão de que tenha o melhor tratamento — disse Tia Lisa apertando o braço. Sua expressão de dor comunicou que ela entendia o vazio que ia estendendo com rapidez por seu interior.

—Verei em casa. —ia ser a última noite que haveria alguém com ele sob o mesmo teto.

Tia Lisa pegou um avião na manhã seguinte. Luke a ajudou com a bagagem e a levou ao aeroporto. Ficou olhando a folha de papel que pôs na mão depois de abraçá-lo para despedir-se e subir no avião. Nele estava o nome do hospital que a levaram. Debaixo dessa informação, Tia Lisa escreveu o endereço e o número de telefone da casa do pai de Susie.

Sua Susie se foi.

Capítulo 17

Susie tomou seu tempo para acomodar sobre os travesseiros. Já tiraram quase todos os tubos, do qual estava muito agradecida. Ainda doía um pouco ao respirar e a garganta queimava terrivelmente.

—Esta bem. —Marcy Bread sorriu do extremo da cama.— Está disposta para que dê as notícias?

—Tão disposta que posso estar.

Susie não lembrava como chegou até ali. E nem sequer agora tinha muito claro quanto tempo levava nesse quarto privado que chegou a ver como uma prisão.

—O estado tirou as acusações de agressão com agravantes. Isso é uma boa notícia. —Marcy sorriu e estendeu a mão em busca de uma cadeira para aproximá-la da cama e poder sentar ao lado de Susie— Tem muita sorte de estar viva. Se essa tempestade não tivesse caído sobre o lugar justo quando dispararam, esses homens teriam feito muito mais coisas e teriam sido mais conscienciosos.

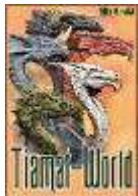
—Pegaram-nos? —Tudo estava impreciso. Sua última lembrança clara era estar fazendo amor com Luke na parte traseira da caminhonete— E Luke? Não o vi.

—Posso ligar e dizer que perguntou por ele — ofereceu Marcy— E não, não encontraram os que dispararam. Sem testemunhas e com tão poucas provas, provavelmente nunca o façam.

Susie olhou o tubo de cor clara que vertia líquido diretamente em seu braço. O último dos tubos. Respirar era toda uma façanha e sua mente ainda se movia entre a neblina, mas ao menos estava viva.

Queria saber mais de Luke. Tentou visitá-la? Marcy o viu pela cidade? Sua advogada parecia ansiosa para comunicar mais notícias sobre o caso e Susie sabia que isso deveria ser o que mais importasse: pôr ordem em sua vida teria que ter preferência sobre sua vida amorosa. Mas estar apaixonada parecia ser o que mais ordem punha em sua vida.

—O que é o que aconteceu para que o estado decidisse tirar as acusações? —perguntou.



Entrou uma enfermeira que interrompeu enquanto comprovava os sinais de Susie e a bolsa de medicação intravenosa. Perguntou a Susie por seu nível de dor e ajustou o conta-gotas enquanto Marcy a observava.

—A informação que deu ao FBI permitiu reunir provas contra Rick. Vai acusá-lo de vários delitos. —Marcy colocou a maleta sobre a mesa que havia junto à cama de Susie e abriu— Aqui está. A Polícia o prenderam no princípio da semana. O acusam de várias coisas como de posse de armas de fogo e tentativa de tráfico de armas, posse de cocaína e tentativa de tráfico e evasão de impostos. Também há outras acusações contra ele por terrorismo e estabelecimento comerciais com conhecidas organizações terroristas.

—Vá. Então vai a prisão, é isso? —A boca de Susie já não pronunciava as palavras com a mesma facilidade com que o havia feito um minuto antes. Voltou a acomodar contra os travesseiros. O corpo pesava tanto que custava mover-se.

Marcy sorriu, ordenou os papéis dentro da maleta e o fechou.

—Ainda têm que fixar a data do julgamento, mas esperam poder o prender durante muito tempo.

—Importaria pedir a Luke que venha para me ver? —perguntou Susie enquanto a neblina ia fechando mais e mais.

—Descansa — disse Marcy dando uns tapinha na mão— Falarei com Luke.

Susie chegou a odiar o verbo descansar. O tribunal permitiu que o tempo que passasse no hospital se considerasse prisão domiciliar. Apesar de saber que Rick estava entre as grades, ela ainda tinha que enfrentar seu próprio julgamento. Foi deixando sumir no sonho desejando que Luke estivesse com ela. Não entendia por que não foi visitá-la de fato, muito pouca gente, além da família, passou por ali. E as outras visitas foram todas profissionais sobre o julgamento que a esperava.

—Como se encontra hoje? — perguntou o doutor White uma manhã quando entrou enquanto tirava seu histórico do suporte que fixou na porta— Vejo que está levantada e caminhando. Isso é bom.

Susie separou a vista da janela onde esteve sonhando acordada.

—Estou mortalmente aborrecida — disse encolhendo os ombros e tentando sorrir.

—Esse é um bom sintoma. —O doutor White colocou o histórico na mesa junto a sua cama e ajustou o estetoscópio— Deixe escutá-la. Dado o estado que chegou aqui, estou muito impressionado.

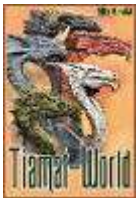
—Não lembro como cheguei aqui. —Caminhou até a cama e sentou na borda para que o médico pudesse realizar seu exame.

—A bala não alcançou o coração por pouco. Tinha um pulmão afetado e perdeu muito sangue. —manteve calado enquanto a examinava. Depois fez algumas notas no histórico e cruzou os braços— Está comendo bem?

—Mataria por conseguir um pouco de comida de verdade — confessou.

O doutor White sorriu. Seus amáveis olhos cinza a avaliaram.

—Não me culpe pela qualidade da comida. Eu só trabalho aqui.



Tinha que admitir que teve sorte com o doutor White. Seu senso de humor e sua franqueza fizeram que tudo fosse muito mais fácil.

—Poderei ir para casa logo? —perguntou embora não fazia nem ideia de onde estava sua casa agora.

O doutor White agarrou uma cadeira, aproximou e se sentou frente a ela olhando-a nos olhos.

—Em uma situação como a sua, em que, se não estivesse aqui, estaria na prisão, vou tomar a liberdade de tomar meu tempo antes de dar alta.

—Na prisão? —Ela sacudiu a cabeça— antes de vir aqui estava em prisão domiciliar, não na prisão.

Abriu o expediente e olhou várias páginas.

— Aqui diz que o lugar em que estava já não está disponível, assim, quando eu determine que você possa sair, tenho ordens de falar com a polícia. Eles virão recolhê-la.

—O que quer dizer com que "já não está disponível"? Quem disse isso? —inclinou-se para frente desejando poder ver esses papéis.

—Acreditei que sabia. As ordens chegaram quando você ainda estava sedada — murmurou agarrando um dos documentos e olhando ambas as caras— Mas aqui está sua assinatura. Isto credita que o tempo que passe aqui conta como prisão domiciliar. Seu julgamento será a semana que vem e se der a alta antes dessa data, devo falar com a polícia.

Passou a folha de papel e assinalou uma casinha marcada junto à frase "Sem direção na localidade". A frase que vinha mais abaixo, onde ela assinou, dizia que não podia abandonar o estado.

—E o que passou com a casa de Luke?

—Luke?

—Luke Rogue.

—Não conheço esse nome.

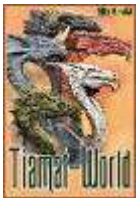
—Estava na casa dele quando dispararam em mim. —Nada disso tinha sentido. Não sabia como, mas algo apagou Luke do mapa. Uma sensação perturbadora começou a formar em seu interior— Doutor, por que não posso fazer chamadas com meu telefone?

—É parte das condições da detenção domiciliar. Não permitem comunicações com o exterior.

—Mas posso ter visitas — argumentou ela.

—Temos uma lista de pessoas autorizadas no escritório das enfermeiras onde estão os nomes de todos os que podem vir vê-la. Sua advogada e os familiares diretos têm um direito de visitas limitado. —O doutor White deu uns tapinhas no joelho. Obviamente interpretou mal sua expressão de inquietação— Sua tia veio vê-la várias vezes. Não rechaçamos a nenhum familiar. Mas, disse isso a sua tia antes de voltar de avião a sua casa, você é de Nova Iorque. Acredito que ela tem intenção de voltar antes que demos alta. Se quiser, posso fazer uma solicitude em seu nome para que a permitam ligar para casa.

—Eu gostaria de ligar para minha tia. —Tia Lisa ajudaria a entrar em contato com Luke.



Duvidava que seu pai ajudasse. Mas Tia Lisa gostava de Luke, Susie estava certa.

—Verei o que posso fazer. Enquanto, vejo que está ficando nervosa. Que tal se sair e dar um passeio? Uma das enfermeiras a acompanhará. O ar fresco fará bem.

Susie assentiu. Possivelmente as enfermeiras pudessem dizer se Luke tentou visitá-la e não deixaram.

—E quanto tempo vou ficar aqui até que me dê alta?

—Acredito que o melhor será que fique aqui até o julgamento.

Voltou a assentir. Aparentemente não tinha nenhum lugar aonde ir se saía do hospital. Isso a desconcertava, mas não podia obter mais respostas do doutor. Duvidava que o médico soubesse por que a casa de Luke deixou de ser uma opção.

Quanto mais pensava nisso, mais claro ficava tudo. Todas essas decisões eram a marca de seu pai. Ele moveu os fios para que seu tempo na prisão ficasse reduzido ao papel estampado com flores do quarto privado do hospital. As enfermeiras se ocupavam de cobrir todas suas necessidades e de que ninguém a incomodasse. Ninguém a via e tudo o que ocorria estava documentado.

Seu pai tirou Luke de todo aquilo.

Como a semana passou antes de seu julgamento, ele não veio vê-la. No entanto, enquanto subia as escadas do tribunal de Lincoln, Nebraska, o procurou entre as pessoas que a rodeava.

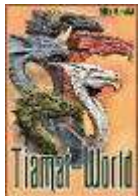
—Vamos querida. Este calor não vai te fazer bem — disse seu pai pondo a mão nas costas e a apressando para que entrasse no edifício.

De repente não importava o que acontecesse na sala de julgamento. Seu casamento terminou da pior maneira que pudesse imaginar, fazendo que possivelmente ambos ficassem um tempo na prisão. Marcy não deixava de dizer que o melhor para ela era mostrar remorso e deixar que o juiz visse como estava arrependida de suas ações.

Susie suspirou saboreando o ar fresco que a rodeava antes de entrar no tribunal. Um vazio a encheu e uma sensação de desamparo e solidão a envolveu. Já não importava o que opinasse o juiz. Se Luke, pela razão que fosse não estava ali fora esperando que a liberassem, não importava ir à prisão.

Sentou-se junto a sua advogada escutando enquanto falavam todo seu passado para que todo mundo ouvisse. Apresentou uma crônica detalhada de seu matrimônio, as atrocidades que viveu e foram debulhando uma por uma. Seu medo, seu desejo de ser livre e a negativa de Rick a deixá-la ir só porque estava preocupado porque ela poderia delatá-lo diante das autoridades. Tudo ficou claro. Marcy apresentou diante de todos um drama dilacerador sobre como Susie se esforçou por ser uma cidadã respeitosa com a lei enquanto lutava por manter-se com vida. Falou da lealdade de Susie para seu país, sua preocupação pelas tropas que lutavam do outro lado do mundo e sua vontade de colaborar com o FBI para que os horríveis crimes de Rick Angsthworth acabassem de uma vez por todas.

Como conclusão, Marcy tirou a importância que disparasse em Rick e se apressou a recordar e deixar patente que estava sendo imputado em várias causas. Quando ambos os advogados tiveram exposto seus argumentos, Susie se sentou e estudou ao jurado. Percorreu-a uma sensação



rara: esses estranhos, pessoas que não a conhecia de nada, estavam com futuro em suas mãos. Tomassem a decisão que tomassem, ia marcar o curso de sua vida a partir de então. As horas pareceram dias enquanto esperava o veredicto do jurado. Finalmente esses homens e mulheres voltaram para a sala e Susie foi escoltada até seu assento. Levantaram-se quando entrou o juiz, que falou brevemente com os jurados. Olhou o papel que passaram antes de olhá-la durante um longo momento.

—Susan Winestone — disse o juiz dirigindo-se a ela e olhando-a por cima de seus óculos de ler com um olhar inteligente.

Susie ficou de pé a igual à Marcy que estava a seu lado.

—Sim, senhor — respondeu.

—As acusações que imputam hoje são graves.

Susie assentiu.

—À luz de tudo o que ouvi por parte da defesa e a acusação, espero que tenha ficado claro qual teria sido a maneira adequada de tratar estes acontecimentos.

Ela voltou a assentir enquanto o estômago começava a fazer um nó lentamente.

—O jurado a declarou culpada de tentativa de assassinato. —Não ouviu o que dizia sobre a data em que comunicaria a condenação. Sua vida acabava de terminar.

Já não havia razão para levantar nem para deitar. Odiou ao sistema judicial por havê-la feito esperar para ouvir sua sentença. Sentia as pernas como espaguetes cozidos quando entrou no tribunal, uma vez mais, para ouvir quanto tempo teria que estar na prisão.

Tudo acabou nisso: o juiz sentenciando-a, destruindo uma vida que ela mesma já transformou em um desastre. Estudou a pequena sala, o brilho escuro do balcão que a separava do juiz. Quando levantou a vista para olhá-la, dedicou toda sua atenção e enfrentou seu olhar especulativo.

—Aproxime-se, por favor — disse.

—Sim, senhor. —Se não tropeçava e caía, poderia suportar isso — Como não tem nenhum endereço em Nebraska, sentenciou-a a seis meses de prisão domiciliar no endereço de Nova Iorque que consta no formulário. Isto fica pendente de aprovação por parte do estado de Nova Iorque. Viola-se qualquer das condições da detenção domiciliar a enviará a prisão.

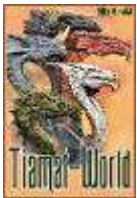
—Sim, senhor — sussurrou enquanto esperava que suas palavras a golpeassem.

—Como já cumpriu três meses, os outros três começarão a contar desde hoje mesmo. — Golpeou a mesa com o martelo e levantou.

Todas as pessoas do tribunal se apressaram a ficar em pé.

Esperou sentir o alívio, a compreensão de que tudo terminou. Marcy a abraçou, seu pai a envolveu com seus braços e Tia Lisa chorou lágrimas de alegria quando chegou seu turno de tomar Susie nos seus.

Ela olhou à sala, aos estranhos que se sentavam atrás dela. Talvez imaginasse ou possivelmente sua mente desejava tanto que estivesse ali que deu uma passada, mas quando Susie olhou para a parte traseira da sala, juraria que pôde ver Luke saindo dali.



Capítulo 18

Susie saiu ao sol da tarde. Foi um verão excepcionalmente quente e o calor parecia afetar mais do que estava acostumado a fazê-lo.

—Consegui! —Marcy estava exultante quando baixou as escadas do tribunal junto com Susie.

—Estou muito orgulhoso de você, juvenzinha — Alfred dedicou um sorriso sincero e relaxado. Adiantou e deteve para olhar até que chegaram ao pé das escadas. O céu azul brilhante destacava seus pálidos olhos. Mas tudo parecia mais luminoso e mais vívido essa tarde, como um bonito dia depois de uma terrível tempestade.

Um grande peso desapareceu dos ombros de Susie enquanto sorria a seu pai e a Marcy.

—Quinze anos sem liberdade condicional é uma sentença muito boa. Esse monstro ao fim saiu de sua vida — seguiu dizendo enquanto ignorava a todo o resto das pessoas que desciam pelas escadas do tribunal a seu redor— Marcy, passe pelo escritório de meu advogado mais tarde. Tenho o pressentimento que mostrassem muito receptivos a contratar você para seu escritório.

Marcy olhou ao pai de Susie sem pestanejar com seus agudos olhos negros. Vestida para matar com uma saia malva e uma blusa sem mangas, tirou a jaqueta a jogo que usou enquanto acompanhava Susie e a seu pai pra escutar a sentença de Rick e a dobrou para pendurar no braço. Inclusive com saltos não era mais que uns centímetros mais alta que Susie. Sua aparência sexy, mas profissional junto com sua imagem tranquila, mas exigente chamaram a atenção de mais de um homem que passava por ali. Marcy nunca parecia notar nada. A nova amiga de Susie, que manteve em contato com ela durante esses três meses, nunca se cansava de falar de leis. Susie supôs que ela era a filha que seu pai sempre quis ter.

—Sua oferta é muito adúladora... —Estava a ponto de dizer "mas". Via que o tinha na ponta da língua.

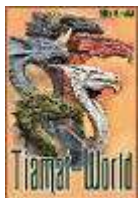
Susie esperou para ouvir sua negativa quando seu pai a interrompeu.

—Tenho que admitir que quando Susie insistiu que seguisse com o caso, não acreditei que pudesse com isso. Consenti-o porquê estava preocupado por sua saúde. —Seu pai nunca andava com rodeios e esta ocasião não era uma exceção. Sua expressão relaxada não trocou e sorriu enquanto olhava alternativamente a Marcy e a Susie— Meus advogados comentaram mais de uma vez que sempre esteve muito metida no caso, pondo a prova uma e outra vez. Foi boa amiga de minha filha e a ambos agradam suas visitas a nossa casa. Agora ela já está livre... e eu gosto das pessoas empreendedoras. Acredito que vão oferecer um salário inicial que não poderá recusar.

Marcy deixou escapar um curto suspiro. Susie não duvidava de que nos últimos meses chegou a entender que Alfred Winestone sempre conseguia o que queria. Marcy não precisou pensar muito. Era tão teimosa como o pai de Susie.

—Meu pai tem um pequeno escritório de advogados ali em Nebraska. Nada comparado com o que está oferecendo, mas vai se aposentar e quer que eu fique com ele. Não posso me negar. — Estendeu a mão— Obrigado pela oferta, senhor Winestone, mas vou voltar para casa.

Só a menção do nome do estado fez que Susie desse um tombo no estômago. Passou muitos



meses da última vez que viu Luke. E nenhuma palavra de sua parte chegou até sua casa. Isso doía mais que o tempo que passou sem vê-lo. Mas nunca haviam dito "amo você". Nunca compartilharam seus sentimentos. Susie juraria que ele havia dito que ela era sua mulher. Estava certa de que não imaginou. E também estava a forma em que a olhava; era o olhar de um homem que dedicava à mulher que amava. Ou ao menos isso acreditava.

Mas durante todo o tempo que passou no hospital e o que esteve depois na casa de seu pai, não fez chegar nenhuma só palavra. Luke sabia onde vivia seu pai.

O endereço não era secreto. E sabia quem era ela. Pode que fosse um homem de cidade pequena, mas não era nenhum idiota. Algo ocorreu para que ele a deixasse sozinha.

Fosse qual fosse à razão, ainda não conseguiu averiguá-la. E não era porque não o tivesse perguntado infinitas vezes. Apesar da irritação de seu pai cada vez que mencionava o nome de Luke, mais de uma vez falou e compartilhou com seu pai e com Tia Lisa a grande dor que produzia que Luke não entrou em contato com ela.

Marcy estreitou a mão a Alfred e depois voltou para Susie.

—Não quero pensar que não vamos voltar a nos ver.

Seu pai rodeou Susie com um braço e a girou para o carro que esperava. Havia jornalistas de pé na rua e quando olhou em sua direção, imediatamente dispararam os flashes das câmaras. Veria Luke alguma dessas fotos? Importaria algo?

—Sempre será bem-vinda em nossa casa — assegurou Alfred a Marcy apartando convenientemente a conversação do tema de Nebraska— Susie está planejando fazer uma viagem há Europa o mês que vem. É uma maneira excelente para esclarecer a memória. Se não tiver que voltar para o escritório de seu pai imediatamente, pode ser que fosse uma perfeita companheira de viagem para ela.

Susie deu uma cotovelada em seu pai.

—E você estaria encantado de aproveitar o tempo para tentar convencer Marcy de que aceite o trabalho que você quer para ela.

A viagem a Europa foi ideia de seu pai e ela ainda não aceitou. Não era raro que seu pai dedicasse a decidir por ela. E não necessitava que ela acessasse a suas proposições. Oxalá seu pai perguntasse, embora só fosse uma vez, o que é o que queria fazer. Mas seu pai não ia mudar. Queria-o como era e por isso não comentou que a Europa era o último lugar que ela tinha vontade de ir justo agora.

Alfred deu de ombros e não saiu nada bem a expressão de reprovação.

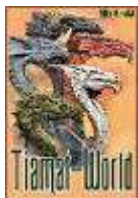
—Reconheço o bom assim que o vejo e eu não gosto de nada deixá-lo escapar, se quer saber.

—Sinto-me muito adulada. E ambas as ofertas são mais que tentadoras. —Marcy soube declinar a oferta com muita graça e um sorriso genuíno— Susie, por que não ficamos mais tarde para jantar ou beber algo? Tenho o resto do dia livre; meu avião sai na primeira hora da manhã.

—Isso estaria bem. —Susie apartou do lado de seu pai e abraçou com carinho à advogada.

Como a gostaria de ir para o oeste nesse avião com o Marcy...

Susie acabou sendo levada para casa de seu pai, mas sem ele. Tinha negócios que atender.



Mas, por que ia ser diferente? Nada ia mudar. Parecia muito satisfeito quando abraçou a sua filha e prometeu que jantaria com ela e com Marcy mais tarde.

A enorme mansão em que cresceu era como um mausoléu. Seus passos produziam eco no amplo vestibulo. Imaculada e silenciosa, naquela casa não existia nenhuma pinga da calidez de um lar. Não se parecia em nada com a casa de Luke. Embora essa casa necessitasse uma boa limpeza quando ela e sua tia chegaram, havia tanto amor e felicidade enchendo as paredes que por muito que se esfregassem, nunca desapareceria. Era exatamente o tipo de lar que ela queria.

Observou seu reflexo em um porta retrato espelhado que havia na parede. Não havia nenhuma bolinha de pó nenhuma só mancha em nenhuma parte. Havia todo um regimento de pessoas cuidando da casa e Maria, a governanta de seu pai, saudou-a no corredor antes que Susie chegasse às escadas.

—Maria — começou a dizer Susie sabendo que ela sentia uma funda lealdade para seu pai. Conseguia expressar a pergunta corretamente, era possível que Maria a respondesse com honestidade sem sentir que estava traindo a seu chefe—, é possível que chegasse alguma carta para mim que meu pai preferiu me ocultar para meu bem, dado meu estado. Não recuperei minhas forças até recentemente e sempre me esquece de perguntar onde as pôs.

—Toda a correspondência sempre vai ao escritório pequeno de seu pai, senhorita. O que seu pai faz com ela depois, eu não sei. —Maria dedicou um olhar estranho (ou talvez fosse à imaginação de Susie?)— pergunte a seu pai. Já sabe que é mais organizado e sempre sabe onde está tudo.

—Sim, é certo. —Inclusive quando oculta as coisas.

Sorriu a Maria e começou a subir as escadas. Se seu pai havia dito a Maria que não dissesse algo, ela não ia dizer nada. Agora que se sentia livre porque Rick ficou fora de sua vida, ainda seguia sendo uma prisioneira, já que ainda era incapaz de fazer o que queria fazer. Seguia estando sob o controle de seu pai.

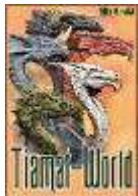
E a única forma de trocar isso era que ela fizesse algo para conseguir sua liberdade. Susie era uma mulher adulta. Sua vida era sua para fazer o que quisesse com ela. Agora tinha que convencer seu pai disso.

Seguiu subindo as escadas. Ela queria Luke. Seu pai não acreditava que fosse adequado para ela. Teria chegado até o extremo de ocultar informação para controlá-la?

Embora possivelmente ela quisesse a um homem que não a queria. Talvez fosse que não havia nada que ocultar.

Maria desapareceu em direção à cozinha e Susie voltou nas escadas; acabava de decidir fazer uma visita ao escritório de seu pai. Abriu a grande porta dupla e imediatamente notou o suave aroma da cachimbo que seu pai fumava em alguma ocasião só na intimidade de seu escritório privado e o maravilhoso aroma dos livros velhos.

Quando era pequena se perdia frequentemente entre a multidão de fileiras de estantes que abarrotavam o escritório de seu pai. Estava muito calada, seu pai deixava tirar alguns e lê-los ali enquanto ele trabalhava. E ela lia muitos dos clássicos naquele escritório amplo e senhorial. O amante de Lady Chatterley era um de seus favoritos. O que uma vez acreditou que era tempo de



qualidade passado com seu pai agora pareciam lembranças solitárias de uma filha que fazia tudo o que podia para aproximar a um pai que estava muito ocupado ganhando milhões para deixar de fazer o que estava fazendo e passar tempo com ela.

Susie sacudiu a cabeça. Estava sendo uma ingrata. Seu pai a criou sozinho da adolescência e o fez o melhor que sabia. Queria-a. Sabia. Alfred Winestone simplesmente não sabia como tratar um assunto até que controlava todos os ângulos do mesmo. Isso incluía a vida de sua filha. E Luke era um homem que seu pai nunca poderia controlar.

Outro pensamento a golpeou. Luke tampouco era o tipo de homem que queria controlá-la. Somente queria que fosse feliz escolhesse o caminho na vida que escolhesse. Não iria atrás dela obsessivamente da forma em que o havia feito Rick.

OH, Deus. Como o havia feito Rick... Não estaria Luke mantendo afastado dela para que não pensasse que era como Rick?

Merda.

Afundou os calcanhares no espesso tapete enquanto seu coração recuperava seu ritmo. Caminhou lentamente até a grande escrivaninha e olhou os papéis que estavam ali empilhados ordenadamente. Nada destacava nem parecia outra coisa que não fossem papéis do trabalho. Seus dedos estavam úmidos quando os passou sobre a superfície fresca, lisa e bem polida da madeira. Rodeou a mesa e olhou a tela escura do computador.

A parte de atrás de seu vestido pegou instantaneamente ao assento de couro assim que sentou. Ficou olhando as portas abertas do escritório, escutando o silêncio da casa durante um segundo antes de voltar a olhar sua atenção ao que a rodeava.

Maldita seja já não era uma menina. A prisão domiciliar terminou. Já não tinha as chamadas limitadas e vigiadas. Não havia computador em seu dormitório e queria conectar-se a Internet, não ia permitir que ninguém a repreendesse por sentar ali e utilizar o computador, não importava que nunca o houvesse feito antes. Queria conectar-se. E essa também era sua casa. Ou ao menos era antes.

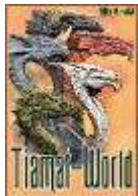
Ultimamente parecia que não tinha casa. Era uma estranha em sua própria família. Alguém terá que atender, mas que ninguém tem muito claro como. Bom, isso não era culpa dela. Apoiou a bolsa no escritório de seu pai e o abriu para procurar seu telefone celular. Se fossem repreender ali, seria sincera sobre o que estava fazendo.

E o que ia fazer era inteirar-se de Luke a queria ou não. O caso terminou. Já não tinha que dedicar cada minuto do dia a reuniões, declarações e advogados que sempre a estavam perseguindo com perguntas. Do único que tinha que ocupar-se agora era do resto de sua vida.

A primeira vez que perguntou, quando ainda estava no hospital, seu pai havia dito que Luke se negou a ir à Nova Iorque para vê-la.

—Carinho, esse homem já teve suficientes problemas em sua vida. Não pode o culpar. —As palavras de seu pai ainda queimavam as vísceras cada vez que as recordava— passou isso bem com ele. Já está. Não vai cruzar meio país para vir te ver. Esse é o tipo de homem que é.

Não havia dito por que Luke não veio à Nova Iorque vê-la. Talvez Luke simplesmente estivesse esperando a que ela desse o primeiro passo.



Marcou o número do celular de Luke. Imediatamente uma voz gravada disse que esse número já não estava em funcionamento. Pendurou e marcou o telefone de sua casa. Ocorreu o mesmo.

Moveu o mouse para despertar ao computador, pulsou o ícone que dava acesso a Internet e encontrou uma página da Web que podia proporcionar números locais de Nebraska. Windy Hills não estava no catálogo. Ficou brava e isso fez que sua determinação crescesse. Voltou a agarrar o celular. A operadora da telefônica respondeu ao primeiro timbre.

—Que lugar, por favor?

—Windy Hills, Nebraska. Necessito o número de Luke Rogue.

Ouviu um par de assobios.

—Anote o número, por favor.

Outra gravação ditou o número, que ela anotou com rapidez e depois perguntou se queria que a pusessem com esse número. Pulsou o botão para que o serviço fizesse a chamada.

O coração pulsava com tanta força no peito enquanto soava o telefone que não podia pensar. O que ia dizer se atendia?

Ao terceiro timbre alguém o atendeu. O coração ficou atravessado na garganta.

— Pois não? —disse uma mulher.

Susie ficou sem palavras.

—Pois não? —repetiu a voz. Soava jovem, bonita e com um tom alegre e depravado.

— Luke esta? —A voz quebrou. Queria perguntar quem demônios era essa mulher.

—Não, ainda demorará umas horas em voltar do trabalho. Quer deixar alguma mensagem?

—A mulher soava risonha.

—Não. Não, obrigado. —Susie pendurou rapidamente sem despedir-se.

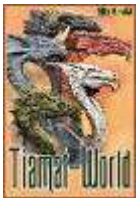
Sentiu uma dor no peito, justo no lugar onde estava a ferida de bala. Pôs a mão sobre a cicatriz desejando que seu coração se tranquilizasse enquanto os olhos ardiam. Negava-se a acreditar que Luke tivesse encontrado outra mulher. Ele não era assim. A quem importava que só tivessem estado juntos umas semanas? Susie conhecia Luke melhor que ninguém. Não foi uma coisa passageira. Isso não era próprio de Luke. Nem dela.

Mas não importava quanto se esforçasse por acreditar que a mulher que respondeu ao telefone não era nada parecido a uma namorada, seu coração seguiu inchando e pulsando dolorosamente, fazendo que a ferida doesse cada vez mais.

Centrou sua atenção na página da Web que esteve olhando.

—Não há forma de que siga com minha vida até que não saiba.

Até então não pode ficar nem um momento a sós. No hospital sempre havia enfermeiras. Depois, o primeiro mês que passou ali, os empregados da casa se ocuparam de suas necessidades todas as horas. Marcy passou muito tempo como ela, aconselhando enquanto os advogados de Rick e a acusação a acorçoavam. Sua sentença proibia chamadas sociais e as visitas. Não pode sair de casa sem ter que preencher antes toneladas de papeladas. Mas agora que essa parte de sua vida terminou para sempre, tinha tempo para si mesmo, para pensar, para dar conta de que necessitava respostas.



—Tenho que saber por que não tentou contatar comigo. —Fez clique com o mouse e escreveu no motor de busca. Voltou a abrir a tela e tirou a carteira. Em um impulso, agarrou o celular e chamou Marcy.

—Quer que alguém acompanhe nesse voo para casa?

—Está de brincadeira. —Marcy soava mais que emocionada— O que disse a seu pai para convencer o de que vai voltar?

—Não disse nada.

—OH, merda.

—Sim. —Susie ria incontrolavelmente. Quase nenhuma vez em sua vida desafiou seu pai. Nunca sobre nada importante. Mas fazer isto soava muito bem e a fazia sentir ainda melhor— Qual é seu voo?

Marcy disse e Susie reservou a passagem. Tremiam os dedos ao confirmar o número do cartão de crédito para pagar o voo em sua própria conta, uma que ela controlava. Seu pai não ia gostar de tudo isso.

Isso era pouco dizer. Essa noite, quando inteirou, viu como a cara de seu pai ficava vermelha.

—Não vai voltar para lá — gritou batendo o copo contra a mesa com suficiente força para derramar a água.

—Não estou pedindo permissão. —Nunca antes falou assim com seu pai. Fazer em um restaurante, em público, pareceu o melhor. Mas agora não estava segura. Inspirou fundo para acalmar, decidida a não começar a hiper ventilar enquanto seu pai, sentado na sua frente, parecia que ia explodir em qualquer momento— Papai, para mim não tem sentido que Luke não tentou entrar em contato comigo. Ele não é assim.

—Tão bem conhece esse homem depois de passar somente umas semanas com ele? Por Deus, Susie. É ridículo.

—Sim. Depois de só umas semanas conheço assim bem. Sei que passaram seis meses da última vez que o vi, mas algo tem que ter acontecido. Talvez algum mal-entendido. Não sei. Mas não posso seguir com minha vida sem saber. Vou pegar um voo amanhã, com Marcy.

—Ela convenceu você para que faça isto. Por isso ela não veio jantar conosco.

—Não, foi minha ideia. Eu disse que iria enfurecer você e insisti que era melhor que não estivesse aqui. —Susie não acrescentou que Marcy agradecia não estar implicada em tudo isso— Pode ser algo tão simples quanto Luke esteja esperando que eu dê o primeiro passo. Que não queira fazer o mesmo que Rick e andar me perseguindo por todo o país.

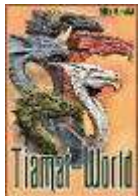
Alfred a olhou com dureza e seus lábios formaram essa fina linha que sempre aparecia quando estava enfurecido.

—Susie — disse com uma frustração total— esse homem é um carpinteiro de província. Não ganha dinheiro. Tem uma vida que não conhece nem entende. Não fará você feliz.

—Papai — disse ela tranquilamente— não sou feliz sem ele. Não vê que o dinheiro não importa? Estar com Luke é tudo o que importa.

—E se ele não quiser estar contigo?

A ideia fez que revolvesse o estômago e teve que separar o prato.



—Então suponho que ao menos preciso saber — disse quase afogando com essa possibilidade— Mas se não for procurá-lo, nunca saberei. Papai, amo ele.

Produziu um comprido silêncio. O coração pulsava com força, a ferida de bala que não atingiu os órgãos vitais por muito pouco estava pulsando agora. Finalmente ela apoiou as costas na cadeira e deixou escapar um suspiro.

—Amo Luke. E não pude dizer a ele. Tenho que ir e perguntar se sente o mesmo.

—Se quiser você? Claro que quer. Quem não quereria? —Seu pai tirou o guardanapo do colo e a atirou sobre seu jantar a meio comido.

Ao menos ela não era a única que perdeu o apetite. Não era nada agradável falar de sua vida amorosa abertamente com seu pai, algo tão perturbador para os dois. Mas não queria ir da cidade sem dizer a seu pai. Gostava dele e respeitava. Isso não ia mudar. O que ia mudar é que não ia deixar controlar sua vida.

—Como sabe que me ama, papai? Falou com ele? —Não era a primeira vez que fazia seu pai pergunta. Ficou olhando ao ver que não respondia imediatamente— Falou com ele, não é?

—Sim. —Seu pai deixou escapar um suspiro de exasperação— Falei com ele. —Levantou a mão rapidamente quando a viu abrir a boca— Passaram muitos meses, Susie. Logo que estava consciente. Ligou para perguntar se estava viva. E umas semanas depois para ver como evoluía.

OH, Deus. OH, Deus. Sim importava. De verdade importava. A emoção bulia em seu interior fazendo impossível a tarefa de permanecer quieta na cadeira. Sentia como uma menina pequena desejando saltar da mesa antes de pedir permissão.

—Ligou? —Estava sorrindo como uma idiota.

—Susie, esse homem é exigente. Faz as coisas a sua maneira e se nega a entrar em razão. — a expressão de Alfred estava contorcida, como se acabasse de provar algo que não gostasse — Fez que as enfermeiras dessem informação sem meu consentimento. Se não tivesse posto fim a aquilo, ele teria tentado tomar o controle das coisas do outro lado do país inclusive depois de vir para cá.

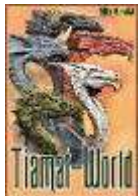
Não podia suportar um minuto mais. Pulou da cadeira, rodeou a mesa rapidamente e abraçou seu pai.

—OH, papai — disse e se surpreendeu a si mesma ao chamá-lo como quando era uma menina— é igual a outro homem ao qual também amo.

Não podia parar de sorrir enquanto se apressava a sair do restaurante deixando seu pai ali sentado, provavelmente perguntando-se de que demônio estava falando.



O termômetro do banco marcava trinta e oito graus. Susie não se admirava. Nunca experimentou um calor tão úmido e abrasador. *Vá.* Tornados na primavera e um calor insuportável durante todo o verão. As pessoas estavam loucas por viver ali. Girou o botão para ligar o ar condicionado. O carro compacto de final dos anos noventa havia custado seis mil dólares



(menos do que pagou pelo primeiro carro que teve quando estava ali, que acabou completamente destruído) e deixou só outros quatro mil em sua conta pessoal.

—Se quer cruzar o país para perseguir esse carpinteiro, não vai fazer sem dinheiro. —Seu pai foi mais que generoso com um presente de despedida de dez mil dólares, que ela depositou em outra conta que decidiu não tocar a menos que surgisse uma emergência.

Seu pai estava certo de que voltaria quando acabasse o dinheiro. Por agora viraria com isso. Dado sua bênção da única forma que sabia: com dinheiro. Não queria deixar Nova Iorque zangada com ele e o cheque de dez mil era sua forma de fazer as pazes.

As lembranças de Nova Iorque foram desaparecendo enquanto conduzia pela estrada regional que ia a Windy Hills. Os campos de grama ondulante, as árvores incrivelmente altas, o céu de um azul profundo infinito... Tudo trazia lembranças boas... e também ruins.

Flexionou os dedos sobre o volante agarrando-o com firmeza na posição das dez e dez e recordou o dia em que ela e Tia Lisa conduziram pela mesma estrada a caminho da sua nova casa. Naquele momento estava aterrorizada. Ironicamente agora encontrava exatamente igual. Sua mente bulia com todas as possibilidades que podiam surgir a sua volta em Windy Hills. Recordou Luke quando o conheceu, vendo-o como se agachava e estirava para tomar medidas para o terraço de madeira. Uma terraço que nunca chegou a construir. E venderam a casa. Acabava de cair na conta. De todas as formas o lago Pearl não era para ela. Não queria viver em um condomínio no meio do campo. Queria ser parte do lugar, parte do mundo de Luke. Queria ser seu mundo.

O limite de velocidade mudou e ela diminuiu. Desligou o ar condicionado quando notou que o indicador de temperatura passava da marca da metade. Já não queria carros novos e reluzentes. Seu pai disse que não ia passar sem comodidades, mas que formassem gotas de suor nas costas e que o brilhante sol caísse a chumbo sobre os vidros não a afetou em comparação com a dúvida sobre como iriam vê-la na cidade agora.

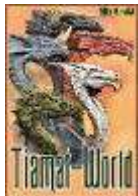
Talvez devesse ter ligado para alguém antes, avisar de alguma forma. Passou seis meses. Para alguns isso era uma eternidade. Mas a eternidade que ela tinha na memória era Luke e duravam muito mais. Mas o que aconteceria se já havia outra mulher em sua vida?

Já enfrentaria isso quando chegasse. Por isso estava ali. Voltou a diminuir até os trinta quilômetros por hora e sorriu quando viu os edifícios que eram familiares à entrada de Windy Hills. Um carro de polícia vinha na direção contrária e ela se esforçou para poder ver o condutor.

—OH, Meu deus — gritou enquanto saudava com a mão como uma idiota ao surpreso oficial Bentley assim que a reconheceu. O primeiro homem com o quem compartilhou a verdade sobre seu passado... O oficial Bentley custou reagir. Ela pôde ver pelo retrovisor como girava para ficar atrás dela.

Bom, podia averiguar algumas das notícias da cidade antes de ir mais longe. O oficial Bentley a seguiu quando estacionou em um lugar diante do café. Desligou o motor e saiu no calor abrasador do verão.

—Sou bem-vinda em sua cidade? —perguntou ao policial. Era incapaz de evitar o sorriso que enchia a cara.



O velho policial enxugou a frente e sacudiu a cabeça enquanto surgia um sorriso preguiçoso.

—Vá. Não posso acreditar — disse arrastando as palavras— Olhe senhorita.

Ela conteve a respiração enquanto esfregava as palmas na camiseta e nas calças curtas e esperava para ouvir o que ele tivesse que dizer.

—Escapamos deste calor. —O oficial pôs a mão nas costas e a guiou para o café. Não esperou que alguém saísse da cozinha para anunciar a notícia— Beaux! Betty! Vejam o que encontrei por aí!

O casal apareceu cruzando a porta da cozinha, ambos limpando as mãos com uns panos. Suas expressões cansadas desapareceram no momento e ambos ficaram paralisados no lugar ao ver Susie.

—OH, santo Deus. —Betty falou primeiro e ao segundo seguinte correu para rodear a balcão e quase derrubou Susie ao dar um abraço de urso.

Não pôde evitar rir e lutou para evitar as lágrimas diante da cálida bem-vinda. De repente as três pessoas que a rodeavam começaram a falar de uma vez.

—Mas no que estamos pensando? —Betty interrompeu a conversa e separou um pouco Susie para olhá-la— Céu está bem? Tem que sentar? Machuquei você?

—Estou bem. —Susie olhou os rostos exultantes que a olhavam ela com uma mescla de preocupação e entusiasmo— Foi uma recuperação lenta e comprida e depois passei muitos dias no tribunal para me liberar da prisão. Mas tudo já acabou. E... —Conteve a respiração ao ver as mudanças nos rostos quando deduziram o motivo de sua volta— E, bom, pensei que poderia ver se havia uma vida para mim aqui.

—OH, menina. —Betty se esqueceu de sua preocupação e voltou a abraçar — Beaux, rápido. Chama Luke. Querida, vai se alegrar tanto de ver... Parece outro desde que foi.

Capítulo 19

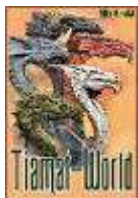
Mark e Matt Rogue pareciam uns meninos indefesos e muito crescido ali de pé em meio do salão. Durante um momento Luke viu seus irmãos menores da mesma forma que quando eram pequenos e olhavam ele em busca de respostas.

—Não acredito que possamos fazer que o lugar brilhe mais do que faz agora. —Matt encolheu os ombros enquanto olhava a seu redor.

—Tia Lisa deixou este lugar tão limpo como estava acostumada a deixar mamãe. —Luke franziu o cenho, ignorou o tendão esmigalhado de sua perna e inclinou sobre a muleta que odiava ter que usar.

—Bom nenhuma das duas está aqui — assinalou Mark encolhendo os ombros igual a Matt.

Não eram gêmeos idênticos e Matt era dez minutos mais velho. Em sua infância tinham confundido a mais de um professor e interessado a alguma garota antes que esclarecesse a confusão. E Luke supunha que, como ocorria com a maioria dos gêmeos, divertiram fazendo alguma travessura em que confundiam intencionalmente às pessoas com suas identidades. Mas para Luke eram tão diferentes como o dia e a noite.



—E o lugar demonstra claramente, não duvide — grunhiu Luke.

—Está menosprezando nossas habilidades domésticas?—Matt arqueou ambas as sobancelhas e tentou parecer ofendido.

—É obvio que sim. —Foi coxeando até o sofá e pegou o jornal para depois bater com ele no estomago de Matt— E se esta perna se comportasse como e devido, eu poderia pôr as coisas como deveriam estar.

—Tranquilo homem — disse Matt saltando a um lado quando Luke apontou com a muleta— Às mulheres gostam de saber que não poderia fazê-lo sem ela. Assim que chegue sua Susie, ela fará que tudo esteja brilhando e porá um pouco de comida caseira no fogão.

—Assim que ela chegue vocês desaparecerão. —Nunca mandou embora seus irmãos; depois de tudo, a casa e a terra pertenciam a todos por igual. Mas já estava farto de que eles fizessem de enfermeira.

Desde que chegaram depois do acidente, tudo o que conseguiram era dar mais trabalho. Justo depois de que Luke caísse do telhado da garagem de Jack Milke e machucasse a perna, Matt chegou à cidade. Mark apareceu no dia seguinte e deixaram claro que os dois iriam destroçar o lugar se ele não estivesse ali para vigiá-los. John, o menor dos Rogue, ligou algumas vezes, mas ainda estava por aí semeando aveia silvestre e voltar para casa não entrava em seus planos.

— Nada disso — disse Matt— Ninguém vai a nenhuma parte até que aproveemos a essa mulher misteriosa.

—Isso. —Mark pegou o jornal que seu irmão deixou cair no sofá e o dobrou antes de dirigir à cozinha— Qualquer mulher que possa pôr a vida de um Rogue de cabeça para cima em só umas semanas tem que ser cuidadosamente examinada —acrescentou.

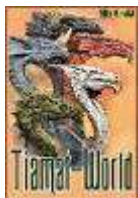
Luke seguia amaldiçoando o dia, quase um mês atrás, no que cometeu a estupidez de tentar ficar de pé sobre um velho telhado com madeira podre. Não pensava com clareza então. Desde que Susie se foi, não podia separar seus pensamentos dela nem um dia. E seu trabalho viu afetado por isso. E não era culpa de ninguém, só dela. Desde que ocorreu aquilo seguir com sua vida foi muito complicado, isso sem contar à dificuldade que tinha agora para mover com a perna assim. Pegou a muleta no sofá e seguiu seu irmão. Deu uma pontada de dor na coxa e agarrou ao marco da porta; depois franziu o cenho pela dor e a frustração diante da sua incapacidade para mover com rapidez para responder à provocação de seu irmão.

—Quero que os dois se comportem o melhor que saibam quando Susie chegar e que depois desapareçam como se fossem meninos pequenos ou chutarei o traseiro dos dois. E acreditem, não vou precisar ter a perna boa para fazê-lo. —Não gostava da ideia de que os Miller e possivelmente também o oficial Bentley acompanhassem a Susie até ali. Incomodava muito que montasse tal espetáculo por sua volta a cidade.

Mas, *merda*, estava ali. Havia voltado.

Perdeu a conta do número de vezes que discutiu com seu pai por telefone. Assim cruzou o país para pedir que devolvessem Susie, mas disseram que saiu em umas férias longas.

Não entendia por que tinha que cumprimentar todo mundo, antes de aparecer por ali, mas encontrariam tempo para falar de tudo quando acabasse esse circo de três pistas. Porque isso era



o que ia ser essa casa assim que ela aparecesse por ali.

Todo mundo em Windy Hills acreditava que ela era sua incumbência. Que a tivessem disparado e depois arrancado do lugar doeu tanto como a ele. Embora fizesse de tudo o que pôde para ocultar a dor, este cresceu até converter em algo muito mais que pesado quando todo mundo perguntava se estava bem.

Não estava bem desde o dia em que ela foi.

— Fique tranquilo — disse Matt atrás dele e passou a muleta sob o braço de seu irmão mais velho— Essa mulher cruzou o país por você. Não o foda tudo estando resmungão quando ela chegue. Às mulheres gostam que as seduzam. Não gostam dos idiotas.

—E desde quando você é um perito em mulheres? —Luke pegou a muleta negando a admitir que a necessitasse para poder girar com rapidez, mas apoiando-se nela para estabilizar enquanto olhava os olhos azuis de seu irmão.

Uns olhos que brilharam até adquirir a cor de uma forte tempestade enquanto Luke os olhava. Tinha pressionado muito Matt. No pouco tempo que passou ali Robin, sua esposa, deixou óbvio que ambos tinham problemas matrimoniais. Se a dor da perna e os nervos que acumulavam no estômago não fizessem sentir-se tão mal, teria se desculpado pelo comentário.

—Vocês dois! Parem já! —disse Mark atrás de ambos— Ninguém é perfeito. E querem que recebamos esta garota enquanto vocês dois brigam no salão?

O que mais desejava Luke era que ambos desaparecessem por um momento. Já era suficientemente ruim que não pudessem fazer que a casa parecesse apresentável. Susie ia chegar ali para encontrá-lo prostrado, a metade do homem que deixou e teria que enfrentar aos dois irmãos fofoqueiros que era óbvio que não iriam a nenhuma parte. *Não*. Não queria que chegasse e o encontrasse de saco cheio.

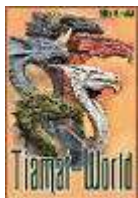
O cascalho da entrada rangeu e Mark voltou de uma vez quando Luke tentava empurrá-lo para passar. Outra pontada de dor na perna fez amaldiçoar. Seus irmãos o flanquearam em um segundo, o que irritou ainda mais.

Oxalá desaparecessem os dois. Susie estava ali! Sem sequer olhar pela janela dianteira já sabia que era ela. Necessitava tempo para estar a sós com Susie. Tinham tanto de que falar... *E Deus*, o que mais queria era abraçá-la.

—Separem de mim os dois — grunhiu empurrando e utilizando a muleta para chegar à janela antes que eles.

Três carros estacionaram diante. Um deles era um carro de polícia. Os Miller foram ao outro e havia um terceiro que não reconheceu. Esqueceu de gritar a Matt quando este abriu a porta e saiu ao alpendre, um alpendre que não poderia terminar sem sua ajuda. Mas nada disso importava nesse momento.

Susie saiu do carro que não reconheceu. Estava ali de pé com calças curtas e uma camiseta. Possivelmente era a mulher mais bonita que viu em sua vida. Levava o cabelo solto e brilhava com um brilho acobreado sob o sol. Perdeu um pouco de peso e a via um pouco pálida, mas suas suaves curvas e sua postura demonstravam determinação. Sua Susie era uma lutadora e já conseguiu superar, com sorte, foi à pior tempestade de sua vida.



Outro carro aproximou da estrada para entrar no caminho de cascalho Luke grunhiu.

—Vá! —exclamou Mark— Pequena festa!

Jack Wright se apressou a deter o veículo e sair do carro enquanto quase tropeçava com a equipe de vídeo que estava tentando tirar o mesmo tempo.

Susie olhou em sua direção, depois de novo a casa e de repente pareceu preocupada. Fazia tanta graça como a ele que toda essa gente estivesse ali. Mordeu o lábio e olhou Matt. Logo deu um passo para ele. Deteve quando outro carro entrou na estrada. *Merda*. Billy Olson fez voar o cascalho quando derrapou para estacionar seu Suv.

—Você deve ser Susie Winestone. —Matt pôs voz profunda de barítono, como se assim pudesse impressioná-la— Sou Matt Rogue. Prazer em conhecê-la.

Luke precisava sair dali. Matt baixou os degraus do alpendre dianteiro como se fosse um vaqueiro de um velho filme do oeste. Esticou a mão a Susie enquanto outros os rodeavam e todo mundo começava a falar de uma vez. Quando sorriu, suas bochechas se ruborizaram. *Deus*. Luke ficou congelado junto à janela olhando como era preciosa, muito mais que acreditava em sonhos. Mas isto não era um sonho. Estava ali. Veio até ali, por ele.

Mark cruzou a porta e deixou que a mosqueteiro desse uma portada atrás dele.

—Montou uma festa aqui ou o que? —disse.

Susie olhou primeiro a Matt e logo a Mark e depois de novo a Matt enquanto um coro de risadas a rodeava. Então todo mundo voltou o olhar com curiosidade para a casa. Era seu momento de entrar em cena. Não podia seguir ali de pé como um idiota quando sua garota veio buscá-lo.

Nunca odiou tanto a maldita muleta como nesse momento enquanto se apoiava nela para aproximar da porta principal.

—OH, Meu deus! —gritou Susie correu para o alpendre no mesmo momento em que ele pôs o pé nele— O que aconteceu? Está bem?

Subiu apressadamente os degraus do alpendre com a mão sobre o peito, embora ela parecesse não notá-lo. Imediatamente tinha as mãos sobre ele, esfregando os braços e o peito enquanto o olhava dos pés à cabeça.

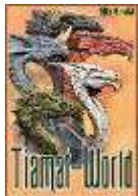
—Luke, Deus. Diga que está bem. —Ao fim o olhou o rosto e seus olhares se fixaram um no outro. Ela conteve a respiração e suas mãos detiveram sobre seu peito— Luke — disse com um suspiro.

O comitê de bem-vinda os rodeou, todos sorrindo de orelha a orelha.

—Deveria ser eu que perguntasse se estava bem. —Não era assim como queria começar a conversa.

—Estou bem. Quero dizer, estarei se... É que... —travaram as palavras e se ruborizou.

Todos os que rodeavam ficaram calados. Isso ou talvez desaparecessem. Luke só a via a forma em que seu cabelo comprido curvava ao redor do rosto e depois caía sobre seus peitos, sua tez branca e cremosa que mostrava que não esteve exposta ao sol do verão durante um tempo, embora se visse saudável. Mordeu o lábio inferior e inspirou fundo sem separar a vista dele enquanto parecia reunir força necessária para dizer o que tinha em mente. Não queria causar dor



obrigando a declarar seus sentimentos por ele. Agora não. Nunca, na verdade.

—Diga que veio para casa. —Precisava saber que foi até ali para sempre.

—OH, Luke! —Susie lançou para ele ou, mas bem deu um salto. Algo que era uma mescla de uma risada e um grito saiu de sua boca e envolveu o pescoço com os braços. Esteve a ponto de fazer perder o equilíbrio.

Ele a puxou ela para si e conseguiu firmar o peso de sua perna boa antes que os dois caíssem rodando pelas escadas do alpendre. Soaram gritos a seu redor e viram os flashes de uma maldita câmara. Aparentemente Susie não importou. Ficou nas pontas dos pés e apoiou contra ele enquanto pressionava a nuca com os dedos. Não podia negar nem sequer porque houvesse público.

Tinha sabor de hortelã e seus lábios eram suaves e úmidos. Roçou seus lábios com os dela, saboreando-a, recordando a forma de sua boca e o fácil e desejosa que abria para ele.

Acariciou as costelas com os dedos e notou quão magra estava. O ódio e a ira que o consumiram nos últimos meses se dissiparam quando ela abriu a boca e tocou os lábios com a língua. Enredou os dedos em seu cabelo e acariciou a cabeça. Um formigamento percorreu todo o corpo. Ele suportou uma grande angústia quando a arrancaram de sua vida, mas Susie aguentou tanto sofrimento como ele, se não mais. Muito mais. Esteve lutando por sua vida de mais de uma maneira. E saiu vencedora. E agora devia reclamar seu prêmio, ele era o filho de puta com mais sorte de todo o planeta.

Ele considerou devorar a boca e levá-la nos braços para cruzar a soleira (e depois diretamente à cama), mas o bate-papo que desenvolvia a seu redor finalmente chegou ao interior de seu cérebro nublado.

—Olhem. O padre Mike está aqui. —A voz de Betty fez que o mundo que rodeava voltasse a ter um espaço em seu cérebro.

Susie virtualmente ofegou quando ele interrompeu o beijo e durante um momento apoiou a cabeça relaxadamente contra seu peito. Olhou por cima dela para o caminho de entrada e à velha rancheira que havia atrás de outros carros. Jack Wright tomou outra foto. O flash alagou o rosto. Uns momentos antes teria feito que Jack comesse a câmara como almoço, mas a tensão que acumulou durante tanto tempo de repente desapareceu.

—Por que não deixa já as fotos? —disse com um sorriso ameaçador nos lábios. Sentia tão leve como o ar com Susie abraçada a ele.

Ela se mexeu, mas ele não queria deixá-la ir ainda. Deixou-a voltar-se, mas a manteve perto rodeando os ombros com o braço.

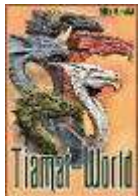
—Não posso acreditar que vai publicar essas fotos. —Susie pronunciou as palavras quando todos eles mostraram seu desacordo com ela.

—Brinca? —riu Jack.

—Não pode imaginar a confusão que Luke fez depois que você foi — contou Billy Olson.

—Sabe que é a primeira vez que vemos sorrir desde que foi? —Betty Miller sorria provavelmente muito mais que ele.

—Susie, alegre em ver você. —O padre Mike uniu ao grupo ao pé das escadas e a



concorrência se dividiu para fazer lugar— Acabam de dizer que tinha voltado e vinha pelo caminho. Sua ausência conseguiu que Luke voltasse para a igreja.

Luke não queria nem pensar quem teria chamado o padre. Susie o olhou arqueando uma sobrancelha.

—Foi à igreja? —disse em voz baixa.

Ele sacudiu a cabeça e passou um dedo sobre seu cabelo um pouco alvoroçado.

—Parece que minhas preces foram escutadas — admitiu.

—Aí tem uma história, Jack — disse Betty juntando as mãos.

—Qualquer mulher que faça meu irmão voltar para a igreja está boa para mim — disse Mark e apertou o braço.

—Tudo isto é muito... — respondeu Susie.

Luke não podia estar mais de acordo com ela. Olhou os rostos felizes que rodeavam.

—Sinto-me muito adulado por que todos estejam tão contentes que ela esteja aqui, mas se nos desculparem... —E sem esperar resposta a agarrou pela mão e baixou as escadas com ela.

Quase não incomodava a perna quando a levou até o Bronco, mas a dor voltou e subiu pela coxa ao chegar à porta do acompanhante. Pegou com força à muleta e trocou o peso antes de abrir a porta.

—Voltaremos dentro de um momento — anunciou.

Todo mundo soltou exclamações de alegria e Betty gritou que insistia em que todo mundo fosse para jantar no café para dar a boas vindas a casa para Susie como é devido.

—O que aconteceu a sua perna? —perguntou Susie assim que ele acomodou no volante.

—Estávamos arrumando um telhado e eu não estava prestando atenção ao que fazia. Rasguei alguns ligamentos e quebrei o tornozelo. Mas curará. —E deveria acrescentar que teria curado mais rápido se tivesse ficado em repouso, mas a raiva por tê-la perdido provocou que houvesse feito muitos movimentos tolos com a perna ruim nos últimos tempos— Mas me diga como está você. Não deixavam falar contigo.

—Não descobri de que o tentou até uns dias atrás — disse examinando sua cara.

Esquivou os outros carros e recolheu a perna para utilizar a muleta.

—Sim, fiz. Muitas vezes. Estive a ponto de ir te buscar, mas não queria que sentisse que tinha outro homem te perseguindo. Sobre tudo se não me queria. —Acréscitou a última parte entre dentes. Esse foi seu pior medo e o que finalmente o levou para a igreja, para o único poder que podia acalmar seus pensamentos assustados.

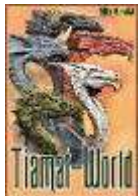
—Eu, ao ver que não me chamava, ou ao menos eu acreditava que não o fez, pensei que foi você quem não me queria.

—Deus, Susie. —Chegaram à estrada e desceram por ela. Ele trocava continuamente de posição cada vez que precisava usar a muleta em vez de sua perna— O que é o que te fez voltar então?

Olhou as mãos no colo.

—No fim liguei para informação telefônica e consegui seu novo número.

—Tive que trocá-lo porque os jornalistas não deixavam de ligar para perguntar por você.



Sinto muito, Susie. Dei a seu pai meu novo número.

Ela assentiu.

—Quando liguei, respondeu uma mulher. E eu tinha que saber se encontrou uma substituta ou não.

—Uma mulher? —Pensou durante um momento e então caiu— Certo que era Robin, a mulher de Matt. Esteve aqui uns dias e partiu ontem.

O suspiro de Susie demonstrou o alívio que sentia.

—Necessito que saiba algo — disse tocando o braço— Não tenho trabalho e tudo o que tenho em meu nome são uns poucos milhares de dólares. Meu pai acrescentou alguns. Estou certa que acredita que voltarei correndo assim que fique sem dinheiro.

Deus, é que acreditava que isso importava?

—E o fará?

—Nem pensar.

—Devolva o que te deu. Eu só quero você.

—De verdade? —Ela pareceu surpreendida.

Luke saiu da estrada e estacionou o Bronco no lugar onde deixou à velha caminhonete a última vez que a levou ali. Desligou o motor e agarrou a mão.

—De verdade, Susie. Seis meses sem você é tudo o que posso suportar estar separado de você. Agora está aqui. Quero que fique.

Ela mordeu o lábio e o olhou fixamente enquanto suas bochechas voltavam a tingir-se de rosa.

—O que é que me está dizendo, Luke? —sussurrou.

O coração deu um salto no peito. Esforçou muito nos últimos meses por acalmar uma ira que seguia crescendo em seu interior. Cada vez que ligava para seu pai, a fúria que havia dentro dele crescia um pouco mais. Esteve comendo vivo, consumindo-o de forma que não podia trabalhar nem pensar com clareza e ao final o levou até o ponto de que era incapaz de cuidar de si mesmo e de sua propriedade.

—Saia do carro — disse e abriu a porta. Moveu um pouco mais lento do que queria que ela visse.

Susie se apressou a sair e já estava em seu lado do Bronco antes que pudesse ficar em pé. Inclinou para ele com o cenho franzido pela preocupação.

—Talvez devesse eu dirigir de volta para casa — sugeriu.

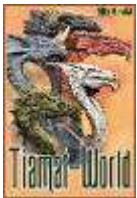
— Para casa. —Ele repetiu suas palavras. Ela o olhou de esguelha quando levantou e abriu os lábios para replicar, mas os fechou de novo— Isso é o que estou dizendo, Susie. É esta sua casa agora?

—Não sei. É?

—Deus, mulher. Essa velha fazenda não é uma casa sem você nela. Diga que vai ficar.

—Tanto quanto você queira. —Passou a mão pelo peito, estendeu os dedos sobre seu coração e notou que pulsava com força contra suas costelas.

—Que tal até que a morte nos separe?



A forma em que a olhou, com a boca aberta enquanto o sol refletia em seus olhos verdes, fez que seu membro ficasse duro como uma rocha pela primeira vez em meses.

—Luke. —mordeu o lábio e esfregou contra ele, apertando contra sua virilha— Está pedindo que me case contigo?

—Vieste correndo para me buscar assim que pensante que havia outra mulher em minha casa. Eu passei os últimos meses odiando ao mundo até que todo esse ódio quase me come vivo. Necessita mais que uma penitência ditada por um padre para imaginar a vida sem você. E a verdade é que não posso. —Passou os dedos pelo cabelo. Ela deixou cair à cabeça e fechou os olhos. Sua expressão de paz roubou o coração— Susie será minha esposa?

—Sim — respondeu sem duvidar. As pestanas se agitaram sobre seus olhos, que converteram em profundos lagos de um verde sedutor — tive que brigar muito com meu pai para vir aqui. Não é o único que aprendeu a perdoar antes que a fúria o coma. Mas se minha penitência é passar o resto de minha vida contigo, então sou a mulher mais afortunada do mundo.

Levantou a cabeça e fixou em sua camisa enquanto a tirava das calças. O sangue ferveu dentro, mas, pela primeira vez em meses, não era de fúria. Não havia nem pingo de loucura nele. Uma sensação de paz corria pelas veias. Levantou a camiseta, subiu-a por seu peito e depois a tirou com sua ajuda para deixá-la cair no chão. Depois se dedicou a seu cinturão. Os dedos roçavam a pele e torturavam com seu contato.

—Deus, preciso estar dentro de ti — grunhiu pedindo em silêncio a sua perna que se comportasse e não cedesse para que ele pudesse desfrutar de Susie da forma que ela merecia depois de todo esse tempo.

—Sim — disse entre ofegos— Mas talvez seja melhor que se sente. Prometo tomar cuidado.

Não podia acreditar nessa mulher; depois de tudo o que passou, preocupava em não machucá-lo.

—E você o que? —Tinha que ver o dano que esse bode fez a seu corpo.

Tirou a camiseta das calças curtas e ela levantou os braços para que ele pudesse tirar seu sutiã branco de renda deixou sem fôlego. Os suaves montículos de carne ficaram livres quando baixou os tirantes pelos ombros. Ela mordeu o lábio e olhou abaixo para ajustar o cabelo de forma que tampasse a cicatriz embaixo de um dos peitos.

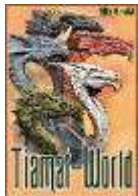
—Não, não o faça. —Ele deteve porque ela queria esconder dele— É preciosa, Susie. Não esconda de mim.

—Isto não é precioso. É uma marca para vida toda.

Ele passou os dedos sobre a cicatriz sob o peito.

—Isto não é para nós mais que um aviso do que sofremos na vida um sem o outro. Mas já não voltaremos a estar separados.

As lágrimas formavam redemoinhos em seus olhos quando levantou a vista para olhá-lo. Faziam que seus olhos verdes brilhassem, mostrando-a ainda mais sexy. Rodeou-a com os braços, capturou sua boca e inalou seu aroma enquanto a beijava. Ela gemeu enquanto seus peitos se apertavam contra seu torso nu voltando-o louco de desejo de uma vez que devolvia o beijo. Tomou seu tempo, beijando-a lentamente e saboreando cada centímetro dela. Passou a língua



brandamente sobre a cicatriz e logo roçou o ventre com os lábios.

Ela estremeceu e agarrou a seus ombros de uma vez que deixava escapar um delicioso som ronronado. As unhas arranharam a pele e voltaram louco pela necessidade. Era o desejo o que ocultou o que negou a aceitar enquanto ela estava longe. E agora, com ela estirada diante dele, a comporta se rompeu em seu interior. Todos os muros que construiu para manter a salvo seu coração romperam em pedaços com seu grito de paixão.

Custou um pouco situar no chão e ela teve que ajudar a tirar os jeans. Depois parou a examinar o hematoma de seu tornozelo.

—Dói? —perguntou em um sussurro.

—Não. —Não sentia nada exceto a necessidade de tê-la montada sobre ele como um vulcão a ponto de explodir.

—Ummmm — respondeu ela olhando à cara antes de voltar sua atenção de novo para seu corpo.

Com as unhas riscou umas linhas por sua perna até chegar a seu membro. Quando o agarrou em suas mãos, ele teve que apertar os dentes e lutar para controlar enquanto tudo se rabiscava a seu redor.

Não havia dor nem desconforto, nada mais que puro prazer e gozo quando ela subiu escarranchada sobre ele com cuidado e o deslizou em seu interior. Ele se enterrou nela, o calor de seu interior quase sufocando. Os músculos suaves e empapados pulsavam contra seu sexo enquanto agarrava os ombros e começava a montá-lo lentamente.

—Está tão bem assim... —Agarrou o rosto entre as mãos e puxou para ele para aproximar a boca. Mordeu o lábio.

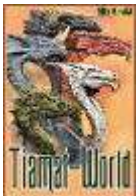
—É perfeito — disse ela com um suspiro fechando os olhos e levantando e separando um pouco, o que proporcionou a ele uma vista insuperável.

Suas pernas estiraram sobre suas coxas de uma vez que seus braços ficavam rígidos. Adorava como o cabelo caía ao redor, fazendo cócegas cada vez que se movia. Seu corpo esticou no momento em que já não pôde suportá-lo mais. A expressão de puro prazer fez que avermelhassem as bochechas.

Gritou e seus músculos o apertaram enquanto seu corpo se esticava sem que ela deixasse de montar em meio do orgasmo. Queria tocá-la em todas as partes, voltar a memorizar cada centímetro de seu adorável corpo que não abandonou nem um minuto em seus sonhos.

—Deus, Luke. Passou tanto tempo. —arqueou contra ele. Seus peitos duros se incharam enquanto movia acima e abaixo, tomando-o tudo dele e dando a mesma em troca.

Cobriu os peitos com as mãos brincando com seus mamilos até que ela relaxou um pouco e começou a mover de novo. Se pudesse voltá-la sobre as costas e tomar a de todas as formas que imaginou... Pela energia que mostrava, ele duvidava de que sua ferida incomodasse muito nesse momento, mas ele não queria pressioná-la. Por agora, o poder era dela. Ela tinha a ele e controlava o sexo, foderia forte e rápido enquanto deixava cair à cabeça. Largas mechas de cabelo acobreado caíram sobre os ombros e balançaram sobre suas costas enquanto se movia mais rápido e não deixava de gritar com os dedos enterrados em seus ombros.



Luke quase gritou ao gozar. Nenhuma só vez em sua vida o prazer o golpeou com tanta força.

—Amo você, Susie — disse desejando ter compartilhado isso com ela meses atrás— Deus. Amo você tanto.

Agarrou os quadris para mantê-la em seu lugar enquanto a penetrava. Ela ficou com cada centímetro dele e ele não queria deixar esse maravilhoso lugar onde ela o enterrou.

—Eu também te amo, Luke. —Ela relaxou contra ele e ele deixou cair para trás, puxando-a para que também caísse.

Susie estirou sobre seu corpo e ele ficou olhando o profundo céu azul infinito que havia sobre eles. A vida nunca foi melhor que nesse momento. Passaram pelo inferno juntos, mas tinham o resto de suas vidas para desfrutar de do céu. Juntos, como tinham que estar.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>